

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

Francimário Vito dos Santos

**A ECONOMIA DAS FESTAS DE REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA:
um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG)**

Belo Horizonte
2020

Francimário Vito dos Santos

**A ECONOMIA DAS FESTAS DE REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA:
um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Candice Vidal e Souza

Belo Horizonte

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S234e Santos, Francimário Vito dos
A economia das festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia: um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG) / Francimário Vito dos Santos. Belo Horizonte, 2020.
344 f. : il.

Orientadora: Candice Vidal e Souza
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Benedito, Santo, 1525-1584. 2. Efigênia, Santa. 3. Rosário, Nossa Senhora do, Festa de. 4. Festas religiosas - Santo Antônio do Monte (MG). 5. Festas religiosas - Araújos (MG). 6. Congadas. 7. Santos cristãos protetores. 8. Economia - Aspectos econômicos. 9. Economia - Aspectos religiosos. I. Souza, Candice Vidal e. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.165

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Iara Miranda Lima - CRB 6/3320

Francimário Vito dos Santos

**A ECONOMIA DAS FESTAS DE REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA:
um estudo comparativo em Santo Antônio do Monte e Araújos (MG)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Profa. Dra. Candice Vidal e Souza - PPGCS/PUC Minas (Orientadora)

Amauri Carlos Ferreira - PUC Minas (Banca examinadora)

Léa Guimarães Souki - PUC Minas (Banca examinadora)

Luciana de Oliveira Chianca – UFPB (Banca examinadora)

Patrícia Silva Osório – UFMT (Banca examinadora)

Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2020.

DEDICATÓRIA

Àqueles que vieram primeiro, meus ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, as duas instituições que possibilitaram a realização desta tese através da concessão de bolsa de estudos: a Coordenação de Apoio de Pessoal Nível Superior (CAPES) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas).

À minha orientadora, professora Candice Vidal e Souza, pela dedicação, paciência e conexão amorosa com que conduziu todo o processo de orientação. Suas ponderações, sempre assertivas e objetivas, foram o combustível necessário para me manter entusiasmado ao término de cada capítulo.

Agradeço às professoras Lea Guimarães Souki (PUC Minas) e Patrícia Silva Osório (UFMT), pelas contribuições dadas, no exame de qualificação, ao desenvolvimento da pesquisa, e também aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pelo acolhimento e abertura de espaço propício ao pensamento crítico.

Agradeço às bibliotecárias da PUC Minas pela atenção e paciência quando buscava orientação sobre o processo de normatização.

Aos meus colegas de turma Jair, Solange, Marcelo, Hernani e Antonio pelas trocas e diálogos profícuos.

Agradeço também às amigas de vida, Andreia Mendes, que além de ler meus escritos torcia com cada capítulo fechado; e Ana Oliveira, amiga que o Iphan/MT me deu, que não mediu esforços no acolhimento.

Agradeço à amiga Corina Moreira, inicialmente por ter me apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, e depois, quando fui aprovado no curso de doutorado, pelo acolhimento juntamente com Rodrigo, seu esposo, em Belo Horizonte. Como se costuma dizer em Cruzeta (RN), minha terra, eles me deram “arrancho” durante todo o período que cursei as disciplinas. Sem o apoio de vocês tudo teria sido mais difícil.

Agradeço à minha família, que mesmo distante fisicamente, sempre esteve presente: minha mãe, Maria Letícia, eterna professora, pelo apoio incondicional e fonte de incentivo; a melhor irmã e musicista que tenho, Fernanda, pelo cuidado com que realizou as transcrições das entrevistas utilizadas na tese; aos irmãos Flávio e Fábio, pela torcida e compreensão; às sobrinhas Clara e Letícia, flores que alegram nossas vidas; e ao companheiro Yves, primeiramente pela presença amorosa e paciente, e também por ter contribuído com as transcrições das entrevistas, tudo isso, tornou a jornada mais leve e florida.

Aos amigos e amigas santo-antonienses por quem nutro afeto e carinho: Leila Santos, Cinara, Roberta, Cristiane, Viviane, Moises, Alexandre, Magna e Dona Regina

(rezadeira). Direta e indiretamente cada um, mesmo sem saber, em momentos distintos relatava suas vivências sobre o reinado, aguçando meu interesse em conhecer mais sobre a festa. Ainda agradeço à amiga Eloisa Borges pesquisadora e defensora da festa de reinado pelos diálogos e insights regados a vinho vinho e boa prosa.

Agradeço imensamente à comunidade reinadeira em Santo Antônio do Monte pelas trocas, ensinamentos e acolhimento, especialmente ao ex presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Fernandinho, ao atual presidente Dinho, e à vice, Nena, que acreditaram na seriedade do trabalho e abriram as portas do “salão do reinado”, local onde reina a festa mais esperada da cidade; aos membros da diretoria, aos voluntários e voluntárias da cozinha do reinado, com quem aprendi o verdadeiro sentido das comidas reinadeiras: amor em forma de alimento; a todos os capitães e capitãs das cangadas que empenham para a manutenção dos festejos; aos congadeiros e congadeiras; aos membros da corte real; e aos reis e rainhas festeiros.

Agradeço especialmente aos irmãos congadeiros Geraldo, Fíim e Otaviano pelas horas de conversas sobre as festas de reinados do passado. Suas lembranças são inspiradoras e as levarei comigo por onde for.

Igualmente agradeço aos representantes da irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Araújos: o ex-presidente Eduardo, que não mediu esforços para contribuir com a pesquisa; o atual presidente Orlando, que mesmo à distância fornecia via WhatsApp as informações que necessitava; Bila, o rei congo; a festeira Milene pela atenção e carinho, e os capitães e congadeiros araujenses.

Por último, agradeço aos reinadeiros que dedicaram parte de suas vidas às festas de reinado: Seu Luiz do Tutu, Dona Fátima e Seu Toen Bem (in memoriam).

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo a investigação das festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que acontecem nas cidades de Santo Antônio do Monte e Araújós, localizadas na região do centro-oeste de Minas Gerais, tendo como foco os processos de elaboração, reprodução, circulação e trocas de bens simbólicos e materiais entre seus atores e as transformações aí ocorridas, sob uma perspectiva comparada e relacional. O objetivo do estudo é compreender as associações e interconexões que contribuem para a permanência da festa de reinado nas duas cidades, orientando-se pela dimensão da *economia da festa*, categoria analítica que ultrapassa o sentido econômico, incluindo a pluralidade de trocas e significados que se dão entre os grupos nos contextos festivos. Para atingir os objetivos propostos, inspirei-me no método comparativo sugerido por Giovanni Sartori (1981), associado à observação participante e à etnografia. Seguir os caminhos das festas permitiu participar das feitura das *comidas reinadeiras* e observar os ritos de coroação dos reis e rainhas, os cortejos reais e as obrigações de alguns ternos de congadas durante as visitas aos devotos dos santos reinadeiros. Com essa pesquisa foi possível concluir que há um intenso fluxo de trocas relacionadas às festas de reinado nos dois contextos empíricos que remete a tempos passados e que se renova a cada ano, quando as congadas de Santo Antônio do Monte participam dos festejos em Araújós. Por último, apesar do dinheiro ser fundamental enquanto recurso material para a realização das festas de reinado, ele não é o único recurso. Há outras estratégias engendradas pelas irmandades e pelos reis festeiros patrocinadores que permitem *fazer a festa*. As ajudas, ofertadas por familiares, e o acionamento das redes de amizades são frequentes e possibilitam que devotos com poucos recursos financeiros possam também participar ativamente do reinado.

Palavras-chave: Festas de reinado. Congadas. Economia da festa. Santo Antônio do Monte (MG). Araújós (MG).

ABSTRACT

This research has as objective the investigation of Nossa Senhora do Rosário, São Benedito and Santa Efigênia *Reinado* feasts that happen in the cities Santo Antônio do Monte e Araújos, mid-west of Minas Gerais state. The focus is on the processes of elaboration, reproduction, circulation and trades of symbolic and material cultural assets among its social actors and their transformations, under a comparative and relational perspective. The purpose of this study is the comprehension of associations and interconnections that contribute to the continuity of the feast in both cities, guided by the *economy of the feast*, an analytical category that goes beyond the economic sense and that includes a diversity of trades and significance among groups in festive contexts. To achieve such goals, I took as inspiration the comparative method suggested by Giovanni Sartori (1981) associated with participant observation and ethnography. By following the feasts routes, I was allowed to participate in the making of *reinadeiras* foods and to observe kings and queens crowning rites, royal processions and ritual duties of some *terno de Congadas* (Congada groups) during their visits to the *reinadeiro* saints devouts. This research leads to the conclusion that there is an intense trade flow related to *Reinado* feasts in both empirical contexts that goes back to ancient times and that is renewed every year when Santo Antônio do Monte *congadas* participate in the celebrations in Araújos. At last, although money is an essential material resource for the *Reinado* feasts, it is not the only resource. There are other strategies produced by brotherhoods and by supporter feast kings that enable the feast to take place. The support offered by relatives and mobilization of friendship networks are frequent and provide active participation of impoverished devouts in *Reinado* feasts.

Keywords: Reinado feasts. Congadas. Economy of the feast. Santo Antônio do Monte (MG). Araújos (MG).

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 –	Festeiros Dirceia e seu irmão.....	56
Fotografia 02 –	Pé de lágrima de nossa senhora ou capim-rosário.....	75
Fotografia 03 –	Termo de Moçambique Otaviano Piriá.....	80
Fotografia 04 –	Congada do Vilão de Varinha.....	81
Fotografia 05 –	Terno Congo do Peão.....	82
Fotografia 06 –	Congada Congadeiros de Maria ou Congada do Tostão.....	83
Fotografia 07 –	Reis Perpétuos (lado direito) e Congos (lado esquerdo).....	85
Fotografia 08 –	Grupo de folia de reis Mensageiros da Paz.....	88
Fotografia 09 –	Presépio na sala de jantar da casa do devoto.....	89
Fotografia 10 –	Banquete de santos reis na roça.....	90
Fotografia 11 –	Congadeiros mais antigos em atividade no reinado em Santo Antônio do Monte.....	99
Fotografia 12 –	Reinício do Reinado em Santo Antônio do Monte.....	106
Fotografia 13 –	O bandeireiro Geraldo e o capitão da Congada do Pedrinho.....	110
Fotografia 14 –	Congadeiro Seu Otaviano.....	113
Fotografia 15 –	Congadeiro Fiím ao lado do altar e sua residência.....	118
Fotografia 16 –	Garrafas de pinga abertas.....	124
Fotografia 17 –	Capitão mor do reinado em Araújo – Toen Bem.....	138
Fotografia 18 –	Lembrança do Reinado de Araújo.....	147
Fotografia 19 –	Diretoria da irmandade e a comissão organizadora.....	164
Fotografia 20 –	Reunião da diretoria da irmandade.....	171
Fotografia 21 –	Reunião de pré-evento (almoço beneficente).....	172
Fotografia 22 –	Equipe de voluntárias/os da cozinha durante o reinado.....	173
Fotografia 23 –	Especialistas em comida reinadeira.....	174
Fotografia 24 –	Preparativos para o almoço beneficente de 2019.....	175
Fotografia 25 –	Preparo, cozimento e armazenamento das carnes.....	176
Fotografia 26 –	Vista panorâmica da cozinha.....	176
Fotografia 27 –	Início da preparação do tutu de feijão.....	177
Fotografia 28 –	Processo de escolha e cozimento do feijão.....	177
Fotografia 29 –	O uso de liquidificador para bater o feijão.....	178
Fotografia 30 –	Mexida do tutu de feijão.....	178
Fotografia 31 –	O <i>canalzinho</i> – acerto do ponto do tutu.....	179

Fotografia 32 –	Colocação das comidas no elevador para repor as mesas do salão	180
Fotografia 33 –	Detalhes do salão do reinado durante o almoço beneficente.....	180
Fotografia 34 –	Animação do evento.....	181
Fotografia 35 –	Montagem, entrega e comercialização das marmitas.....	182
Fotografia 36 –	Limpeza dos equipamentos e piso da cozinha.....	182
Fotografia 37 –	Desfazimento do altar e organização do salão.....	183
Fotografia 38 –	Salão da irmandade e as duplas de jogadores.....	185
Fotografia 39 –	Objetos usados no jogo de truco.....	185
Fotografia 40 –	Duplas concorrentes.....	186
Fotografia 41 –	Divulgação do torneio de truco 2019.....	187
Fotografia 42 –	Pratos comercializados durante o festival.....	187
Fotografia 43 –	Mastros do Reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos.....	190
Fotografia 44 –	Mordomos com suas bandeiras antes da cerimônia de levantamento dos mastros.....	190
Fotografia 45 –	Os mastros antes do levantamento.....	191
Fotografia 46 –	Preparativos para a anunciação do reinado.....	192
Fotografia 47 –	Detalhes do levantamento das bandeiras.....	192
Fotografia 48 –	Articulação com o poder público.....	195
Fotografia 49 –	Dirigentes da Congada São Benedito (mãe e filha).....	196
Fotografia 50 –	Mastros hasteados.....	197
Fotografia 51 –	Mordoma Dora.....	197
Fotografia 52 –	Estruturas usadas pelos ternos para agradecer aos festeiros e reza das missas.....	202
Fotografia 53 –	Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja Matriz de São Sebastião em Araújos.....	203
Fotografia 54 –	Congada do Pedrinho.....	205
Fotografia 55 –	Os irmãos congadeiros Pedrinho e Tostão.....	205
Fotografia 56 –	Concentração dos ternos de congadas antes do cortejo.....	212
Fotografia 57 –	O cortejo de reinado pelas ruas de Santo Antônio do Monte.....	213
Fotografia 58 –	Cortejo reinado e o moçambique.....	214
Fotografia 59 –	Membros da corte real.....	215
Fotografia 60 –	Batismo da Congada São Benedito.....	217
Fotografia 61 –	Objetos do reinado.....	218
Fotografia 62 –	Ritual de saída da congada.....	220
Fotografia 63 –	Chegada da congada à residência dos devotos.....	220

Fotografia 64 –	Congadeiros em volta à mesa de café da manhã.....	221
Fotografia 65 –	Os irmãos Fiím e Otaviano.....	221
Fotografia 66 –	Almoço no salão do reinado.....	222
Fotografia 67 –	Agradecimentos à rainha festeira no palco.....	223
Fotografia 68 –	Uso do transporte de passageiros.....	225
Fotografia 69 –	Chegada da congada ao bairro.....	227
Fotografia 70 –	Mesa posta para os congadeiros.....	228
Fotografia 71 –	Moçambique São Benedito e o Capitão mor.....	230
Fotografia 72 –	Reis e rainhas festeiros entregando suas coroas.....	231
Fotografia 73 –	Mulheres dando os últimos retoques na bandeira.....	234
Fotografia 74 –	Moçambiqueiros no ônibus para uma visita de café da manhã.....	235
Fotografia 75 –	Família do ex-congadeiro Joaquim do Zé Ernesto recepcionando o terno.....	235
Fotografia 76 –	Mesa de café da manhã.....	236
Fotografia 77 –	Devota beijando a bandeira durante a passagem do terno.....	236
Fotografia 78 –	Agradecimentos dos capitães do moçambique aos reis festeiros.	237
Fotografia 79 –	Visita a devoto na rua em frente ao prédio.....	237
Fotografia 80 –	Visita do Moçambique aos reis festeiros de 2019.....	238
Fotografia 81 –	Café da tarde na casa da família do ex-capitão Pedrinho.....	239
Fotografia 82 –	Concentração das congadas e formação do cortejo.....	239
Fotografia 83 –	Detalhes do rito de coração dos reis e rainhas.....	241
Fotografia 84 –	Coroas de rainha festeira do reinado em Santo Antônio do Monte	242
Fotografia 85 –	Coroa de festeira vitalícia do reinado em Araújo.....	242
Fotografia 86 –	Criança recebendo a coroa de rei festeiro.....	243
Fotografia 87 –	Máquina de sorvete tipo casquinha.....	244
Fotografia 88 –	Rito de coroação dos reis e rainhas em Araújo.....	246
Fotografia 89 –	Missa campal do domingo de reinado.....	247
Fotografia 90 –	Café da manhã comunitário em frente à Igreja do Rosário.....	248
Fotografia 91 –	Banquete de café da manhã comunitário.....	249
Fotografia 92 –	Apresentação da Congada Soldados de Maria durante o café comunitário.....	249
Fotografia 93 –	Ornamentação das casas dos reis e rainhas festeiros durante do reinado.....	250
Fotografia 94 –	Mesa de café da manhã em casa de devoto	250
Fotografia 95 –	Movimentação de congadas em frente ao portão do salão.....	252

Fotografia 96 – Trabalho das equipas de voluntários no salão durante as refeições.....	253
Fotografia 97 – Comércio de rua durante as festas de reinado.....	254
Fotografia 98 – Cortejo de encerramento do reinado.....	255
Fotografia 99 – Congada do Peão puxando a corte real.....	256
Fotografia 100 – Cortejo de encerramento de reinado ao longo da Avenida Manoel Borges.....	256
Fotografia 101 – Descimento dos mastros e entrega das bandeiras aos mordomos.....	257
Fotografia 102 – Encerramento da procissão e bênção final no pátio da Igreja Matriz.....	258
Fotografia 103 – Antiga Congada Luís Carolina.....	263
Fotografia 104 – Antiga Congada do Dote.....	264
Fotografia 105 – Congada do Osvaldo do Dote no Reinado de 2018.....	265
Fotografia 106 – Descendentes do capitão Dote.....	266
Fotografia 107 – Congadeiros Jésus e Ramon.....	267
Fotografia 108 – Mantenedores da Congada Chico de Paula.....	269
Fotografia 109 – Congada de João Antônio – primeira e segunda gerações.....	275
Fotografia 110 – Ternos de Congadas de Santo Antônio do Monte.....	279
Fotografia 111 – Ternos de Congadas de Araújo.....	282
Fotografia 112 – Capitão João Paulo segurando o bastão.....	285
Fotografia 113 – Coroação da Rainha Perpétua em 2016.....	288
Fotografia 114 – Membros antigos da corte real do reinado.....	290
Fotografia 115 – Rainha conga recebendo visita do terno.....	291
Fotografia 116 – Membros de cargos vitalícios do reinado.....	292
Fotografia 117 – Presidente da irmandade e o rei congo.....	294
Fotografia 118 – Ex-reis morenos Vantuir e Lourdes.....	295
Fotografia 119 – Atuais reis morenos – Miguel e Solange.....	296
Fotografia 120 – Rainha perpétua do reinado de Araújo.....	297
Fotografia 121 – Aviso de interesse dos congadeiros.....	299

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Caracterização dos colaboradores da pesquisa entrevistados em Santo Antônio do Monte.....	46
Quadro 2 –	Caracterização dos colaboradores da pesquisa entrevistados em Araújo.....	48
Quadro 3 –	Fatos históricos e mudanças ocorridos no Reinado de Santo Antônio do Monte.....	102
Quadro 4 –	Fatos históricos e mudanças ocorridos no Reinado de Araújo.....	104

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 –	Localização do contexto da pesquisa.....	27
Mapa 2 –	Cortejo de transladação de Nossa Senhora do Rosário até à Matriz de São Sebastião.....	204
Mapa 3 –	Cortejo do primeiro dia de reinado.....	213
Mapa 4 –	Espacialidade da festa de reinado em Santo Antônio do Monte.....	224
Mapa 5 –	Cortejo do segundo dia de reinado.....	229
Mapa 6 –	Cortejo do terceiro dia de reinado.....	240
Mapa 7 –	Cortejo e espacialidade da festa de reinado em Araújos.....	246
Mapa 8 –	Cortejo do último dia de reinado.....	255

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
FIEMG	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
IEPHA/MG	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
Conhecendo os contextos da pesquisa.....	31
Seguindo os caminhos da festa: aspectos metodológicos.....	33
1 AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS E RELIGIOSAS: NARRATIVAS E ETNOGRAFIAS SOBRE OS REINADOS.....	51
1.1 As festas e suas múltiplas possibilidades de existência.....	51
1.2 As narrativas míticas em torno das festas de reinado.....	69
1.3 A força da ancestralidade e o reinado.....	85
2 AS FESTAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO REVIVIDAS PELOS REINADEIROS.....	98
2.1 As lembranças dos reinados antigos.....	98
2.2 Vivências dos devotos e histórias sobre os reinados.....	110
2.3 As <i>porcarias</i> no reinado.....	119
2.4 A comensalidade, respeito aos congadeiros e as relações familiares.....	126
2.5 Os ritos de preparação: os trajetos e os sacrifícios.....	129
2.6 A retomada do Reinado em Santo Antônio do Monte: arranjos, mobilizações e empenho da comunidade.....	132
2.7 O início dos festejos em Araújos e suas relações com o reinado em Santo Antônio do Monte.....	137
2.8 A institucionalização dos reinados e as esferas políticas.....	141
2.9 Transformações, ajustes e adaptações nos reinados.....	143
3 PREPARATIVOS E ORGANIZAÇÃO DA FESTA DE REINADO.....	159
3.1 As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e suas funções.....	159
3.2 Os preparativos para o reinado: os ritos que antecedem a festa.....	165
3.2.1 <i>As reuniões ordinárias no salão da irmandade.....</i>	<i>165</i>
3.2.2 <i>O almoço beneficente com comidas reinadeiras.....</i>	<i>172</i>
3.2.3 <i>O torneio de truco no salão da irmandade.....</i>	<i>183</i>
3.2.4 <i>A levantação dos mastros: as bandeiras anunciam a proximidade da festa de reinado.....</i>	<i>189</i>
4 SEGUINDO OS CAMINHOS DAS FESTAS DE REINADOS E SEUS RITUAIS.....	199
4.1 Pelos caminhos da festa de reinado na companhia das congadas.....	200
4.1.1 <i>Primeiro ato – a quinta-feira de reinado.....</i>	<i>200</i>
4.1.2 <i>Segundo ato – a sexta-feira de reinado.....</i>	<i>219</i>

4.1.3	<i>Terceiro ato – o sábado de reinado.....</i>	232
4.1.4	<i>Quarto ato – o domingo de encerramento do reinado.....</i>	247
5	FORMAÇÃO DOS GRUPOS NOS REINADOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: INCERTEZA, CONEXÃO, VÍNCULOS DE PARENTESCO E DESFAZIMENTOS	260
5.1	Passado e presente: a fotografia como instrumento de atualização das congadas.....	260
5.2	Diálogos possíveis: rompimentos e interconexões entre os capitães e capitãs de congadas	271
5.3	As congadas, a realeza do reinado e outros grupos.....	286
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	302
	REFERÊNCIAS.....	310
	ANEXOS.....	320

INTRODUÇÃO

O reinado ou congado é uma manifestação religiosa que possui característica afro-brasileira, cuja introdução no Brasil se deu através dos negros escravizados vindos do continente africano, no período colonial. A festa de reinado, tem como ícone católico a figura da Virgem Maria, mais conhecida com Nossa Senhora do Rosário, e reencena sua coroação e, ao mesmo tempo, o coroamento dos reis e rainhas congos, perpétuos e festeiros. Nas cidades de Santo Antônio do Monte e Araújos, na região centro-oeste do Estado de Minas Gerais o reinado é a maior festa religiosa. Ao contrário de suas festas de padroeiros, respectivamente, Santo Antônio e São Sebastião, as festas de reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia mobilizam uma grande quantidade de devotos, fiéis e simpatizantes, que se envolvem direta e indiretamente na sua preparação, organização e realização. Geralmente, as festas de padroeiros, por homenagearem os “protetores” ou patronos das cidades, são a maior expressão de fé e devoção, por parte dos moradores que se afirmam como católicos praticantes ou não praticantes. No entanto, elas assumem o lugar de coadjuvantes em relação às festas de reinados.

Apesar de em Santo Antônio do Monte, no mês de junho, comemorar-se festivamente o padroeiro Santo Antônio, e em Araújos, no mês de janeiro, prestar-se homenagens ao patrono São Sebastião, as festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia são as que mais movimentam as cidades.

Os festejos em homenagem aos santos reinadeiros são o principal evento religioso nas localidades pesquisadas. Fato que não há como ser ignorado, já que o reinado é a festa mais grandiosa em vários sentidos, tanto em número de participantes como em relação à movimentação da economia local. Esse tipo de evento religioso-popular, segundo os dirigentes das diretorias das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, responsáveis pela organização, permite que o dinheiro que circula no comércio de bares, restaurantes, hotéis, padarias, supermercados e vendedores ambulantes etc., permaneça no município.

As homenagens festivas religiosas a Nossa Senhora do Rosário existem em várias partes do Brasil, de Norte a Sul, porém em Minas Gerais, São Paulo e Goiás as manifestações de louvor e devoção são mais expressivas e acontecem praticamente o ano inteiro. Em Minas Gerais ocorrem praticamente em todo o ano. Iniciam-se no mês de janeiro, com as homenagens a Chico Rei, considerado por alguns historiadores como responsável por introduzir na antiga Vila Rica do Ouro Preto, no final do século XVIII, a

tradição do culto aos santos pretos. Depois, há um breve intervalo no período da Quaresma e durante a Semana Santa. Após esse período, no mês de abril, os grupos reiniciam as homenagens e continuam até o mês de novembro, início de dezembro. Dar-se início a outro ciclo festivo que homenageia os três Reis Magos, conhecida como *Folias de reis*. Geralmente começa com as comemorações natalinas e finda no dia 6 (seis) de janeiro, no dia dedicado aos santos.

Na estrutura da festa de reinado algumas personagens são fixas, outras são móveis. Os cargos de rei e rainha perpétuos e congos são fixos e permanecem com eles até sua morte, quando são repassados para outros integrantes preferencialmente pela via do parentesco consanguíneo. Já os *reis e rainhas festeiros* que, geralmente, são pagantes de promessas e também patrocinadores das comidas servidas aos dançadores de ternos de congadas, são cambiáveis. Isto é, mudam ano a ano, obedecendo uma “lista de espera”, que é controlada pela diretoria da irmandade. O devoto ou simpatizante interessado em participar procura a entidade e se inscreve. A cada edição da festa são escolhidos quinze festeiros/as inscritos (três mordomos de bandeiras e doze para coroas), segundo a ordem de inscrição. Em 2019, quando entrevistei o presidente da Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antônio do Monte, a informação passada foi que havia na lista setenta e dois inscritos. Para o representante isso garante a sustentabilidade da festa pelos próximos cinco anos.

No reinado de Araújo, a dinâmica é um pouco diferente. Há um rei congo e uma rainha perpétua e um casal composto por um rei e uma rainha morenos, que compõem a realeza coroada. Os pagantes de promessas ou patrocinadores são denominados apenas por *festeiros e festeiras*, não recebendo o título de rei ou rainha. Os cargos são vitalícios, mas apresentam especificidades. Alguns festeiros e festeiras são fixos, pois há mais de trinta anos, ou desde que o reinado acontece, oferecem comida para os ternos de congadas da cidade e dos municípios vizinhos que prestigiam o evento. Nas últimas edições da festa a quantidade de festeiro beirou os sessenta. Mas, segundo o que consegui averiguar por lá, a diretoria também já adotou o mecanismo da lista de espera, devido à grande procura de pessoas interessadas em *fazer as festas* (assim falam as pessoas que dão comida no reinado). Outros personagens essenciais que integram as festividades são os grupos de dançadores ou brincadores, conhecidos nas cidades de Santo Antônio do Monte e Araújo como *ternos, guardas ou córtés*.

Apesar de apresentarem semelhanças estéticas e musicais, há diversas modalidades de grupos que podem ser congo, moçambique, catupé, vilão, marujo etc.

Usarei a terminologia *ternos de congadas*, pelo fato de os participantes e simpatizantes das localidades pesquisadas assim se referirem aos grupos de dançadores. O sentido usual do termo congada parece se alargar ainda mais quando se percebe que algumas pessoas utilizam, também, para nomear o próprio evento: *feira de congada ou feira de reinado*. Porém, oficialmente para a diretoria da irmandade, entidade responsável pela realização dos festejos, o mais usual é Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Portanto, a Congada ou Reinado de Santo Antônio do Monte e de Araújo constitui-se de vários ternos de congada, congo, moçambiques, vilão e catupé. Essas são modalidades de grupos que aparecem com mais frequência nos dois contextos de pesquisa.

Ternos de congadas, com seus bailados, cânticos e batuques são encarregados de fazer as homenagens aos santos reinadeiros. Em algumas regiões podem ser conhecidos como guardas, bandas, dentre outros. Os grupos, com seus brincadores trajando fardas (uniformes) padronizadas seja apenas na cor branca, como é o caso dos grupos de moçambiques, ou coloridas e adornadas com brilhos, no caso dos ternos de congos, congadas e vilão, também conduzem em procissão pelas principais ruas da cidade a *côrte coroada*, composta por reis e rainhas congos, reis e rainhas perpétuos, reis e rainhas festeiros, príncipes, princesas e mordomos. Essas personagens integram o reinado de Nossa Senhora do Rosário. Esse pequeno grupo, por sua vez, segue expondo seu poder simbólico materializado nos trajes de pompas e indumentárias, que remetem ao imaginário do cotidiano da realeza. Cada rei e rainha segue a procissão com suas capas de veludo adornadas de dourado, segurando suas coroas pelas principais ruas e avenidas, todos os dias de reinado, no final da tarde.

No reinado, os dançantes prestam homenagem à Nossa Senhora do Rosário, aos santos de sua devoção e, principalmente, aos santos negros São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora Aparecida. Mas também é comum prestarem homenagens a São Domingos, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora d'Abadia, Nossa Senhora das Mercês etc. Cada terno de congada se diferencia do outro nas cores das roupas e dos acessórios, nos ritmos das músicas, nos instrumentos e na forma de dançar.

Geralmente, as cidades que costumam homenagear os santos reinadeiros possuem uma data definida no calendário festivo local. Em Santo Antônio do Monte e Araújo, os períodos festivos são bem próximos um do outro, porém não chegam a coincidir. No início ou meados do mês de julho os santo-antonienses realizam o Levamento dos Mastros ou Bandeiras, rito de anunciação da festa. Porém, a festa mesmo só ocorrerá de

fato um mês depois, em meados e final de agosto. Em Araújos, a abertura da festa se dá com o hasteamento da bandeira que ocorre na primeira semana de julho, e sua realização é fixa, sempre no último final de semana do mês de setembro. Optei pelo uso do termo *festa de reinado* por ser assim conhecida nas duas localidades. A diferença é que enquanto no reinado da primeira localidade os santos homenageados são apenas três (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia), na outra, além desses, também se homenageia Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora Aparecida.

Ao acompanhar de perto as dinâmicas de sociabilidades das duas festas de reinado observei que, além das trocas simbólicas e afetivas, que as tangenciam como cortejos, missas, trocas das coroas, as visitas das congadas aos reis e rainhas festeiros e aos membros da corte real, os pagamentos de promessas, os agradecimentos pelas comidas, outros intercâmbios, mais amplos, no sentido mais alargado das interações, também, estão presentes e atuantes. Foi justamente a partir dessas percepções que surgiu a necessidade de investir na *economia da festa* como um conceito que se mostrou próspero por ser capaz de ajudar na compreensão dos processos e das trocas que se estabelecem nas festividades religiosas das duas cidades. Ao mencionar que se trata de um conceito mais expandido, que abarca outras práticas e ações, realizadas pelos diversos grupos que participam dos festejos, a intenção é me afastar da lógica binária, ou seja, do utilitarismo e do simbolismo puro e simples. A partir desse exercício reflexivo é possível perceber os sentidos práticos, não apenas aqueles que são intangíveis, nas vidas das pessoas que vivenciam os festejos do reinado, para além da fé.

O desafio do meu estudo e, portanto, minha contribuição para a antropologia, reside justamente no fato de refletir criticamente sobre a dimensão mais prática das festas, por isso utilizo a ideia de uma economia das festas como norte. Bastou-me acompanhar os bastidores das festas de reinado para observar a quantidade de recursos financeiros e humanos, em especial de mão de obra, que elas mobilizam. No entanto, o discurso que mais sobressai é o de que a *fé na santa* é o que faz a festa acontecer. Sem dúvida, esse elemento é central, ainda mais por se tratar de celebrações nas quais a intenção e os esforços são destinados a reverenciar a entidade mor dos festejos, a Virgem Maria, símbolo maior no catolicismo. No entanto, em termos práticos, é como se a materialidade, as coisas e os objetos não tivessem um papel primordial na concretização do reinado. Eles poucos são ressaltados, apesar de serem imprescindíveis. Nesse sentido, o desafio não é somente refletir sobre as festas de santos no que se refere às trocas simbólicas como as rezas, as cantigas, as danças, os afetos, os desafetos mas, também, pensar sobre a

circulação do dinheiro, a força de trabalho despendida nos afazeres da festa e o diversão. Nesse sentido, a pesquisa prima pela adição de perspectiva, e não como competição entre modos de ver a festa antropológicamente.

Normalmente, o trabalho aparece nas festas de santo revestido de *sacrifício*, e dessa maneira seu sentido prático e, conseqüentemente, desgastante acaba não sendo evidenciado. A ideia é mostrar os dois lados, que o trabalho dedicado aos santos é feito em retribuição a algo valioso recebido pelo fiel voluntário, ou seja, o restabelecimento da saúde, mas, também perceber que há um trabalho árduo e desgastante, que sem ele as festas não aconteceriam. Ainda busco perceber os sentidos do dinheiro, elemento fundante que permite a realização das festas, para além da monetarização e do lucro pelo lucro.

O contexto de economia da festa engloba todas as atividades que acontecem na época que os santos reinadeiros são louvados, e que Da Matta (1997) chama de tempo extra cotidiano. Trata-se de uma série de eventos que vão desde o momento em que ternos de congadas saem às ruas bailando e batendo as caixas em homenagem aos santos, da preparação das *comidas reinadeiras* até a formação dos estados, que é o cortejo ou procissão. Neste rito, que acontece todos os dias das festas, ao final da tarde, as imagens dos santos, os personagens da realeza e os devotos, são conduzidos pelas principais ruas em direção à igreja. Apesar de ser um rito, portanto, um ato simbólico executado por sujeitos sociais, para os devotos a procissão elimina a distância física entre a terra e o céu, o que se caracteriza como uma experiência viva. É a festa posta na rua no que há de mais pleno.

Durante todo o ano várias pequenas etapas da festa de reinado acontecem, na maioria das vezes, longe dos olhares dos devotos e simpatizantes, apenas com a participação daqueles que fazem parte das comissões criadas pelas diretorias das irmandades. Apesar de ter pouca visibilidade, elas são fundamentais como meio para se chegar ao fim, que é o abrilhantamento da festa. Na verdade, são processos complementares que podem acontecer separados ou simultâneos, que denominarei de elaboração, produção e realização da festa.

A primeira etapa tem a ver com as ações de planejamento e avaliação como reuniões ordinárias e extraordinárias com a participação dos congadeiros/as, diretoria, dirigentes de órgãos públicos, reunião pós festa, formação de equipes de trabalho, definição do material publicitário, realização de bingos e almoços beneficentes, para arrecadação de fundos e outros, ensaios dos grupos etc. Já a fase de produção está

relacionada com o que os congadeiros e integrantes da diretoria chamam “correr atrás dos papéis”, referindo-se às licenças e alvarás emitidos pelos órgãos públicos, dos materiais publicitários como camisetas, folders, cartazes e panfletos de divulgação da festa, dos patrocínios etc. A realização ou o acontecer da festa congrega e amalgama as etapas anteriores, que exigiram a concretização de tarefas, dedicação, trabalho, recursos financeiros, tempo e tantos outros.

É importante constatar que, durante os festejos, os esforços são redobrados, principalmente no que diz respeito à força de trabalho oferecida pelos vários voluntários que se dedicam às atividades de fiscalização nas ruas, de preparação das comidas, da limpeza dos espaços, entre outras. Em Santo Antônio do Monte, a diretoria da irmandade criou várias comissões para justamente dar conta das demandas que a festa exige. Sem o somatório de esforços é praticamente impossível realizar uma festa que dura quatro dias e acontece nos espaços públicos.

É importante destacar ainda que no momento de realização da festa atual, a edição seguinte já está sendo planejada e produzida. Essa especificidade mostra o quanto as festas de reinado se constituem num complexo sistema de relações, redes e trocas, e que está em constante e frenético movimento. No terceiro dia de reinado, no sábado à noite, ocorre a cerimônia de coroamento dos reis e rainhas festeiros, que oferecerão as comidas aos congadeiros, no ano seguinte. Na ocasião, encontram-se presentes na igreja os doze festeiros, que através de um sorteio saberão em qual dia de reinado darão comida, e se será almoço ou jantar. A partir daí compreendi que “a festa acontece dentro da festa”, isto é, que os preparativos da festa do ano vindouro começaram com a festa atual ainda em andamento. Ao contrário da grande maioria dos participantes das festas de reinado, que após o cortejo de encerramento, dirigem-se às suas casas, e as têm como finalizadas, para os integrantes da diretoria da irmandade e alguns capitães de congadas, foi apenas um ciclo que se fechou. Pois a próxima festa já começou. Sem mencionar que, logo em seguida, é preciso desfazer a festa: limpar o galpão, organizar a cozinha, prestar contas, retirar os enfeites das ruas e fachadas das casas dos reis e rainhas, realizar reunião de prestação de contas etc.

No reinado de Araújo, as trocas de coroas acontecem no segundo dia de festa, domingo, após a missa campal. Os atuais festeiros e festeiras, com exceção daqueles que são vitalícios, entregam as coroas para os que farão a festa do ano seguinte. Lá, ao invés de falarem *dar almoço* ou *jantar*, como se diz em Santo Antônio do Monte, dizem *fazer a festa*. Talvez por duas razões. A primeira, porque eles são as pessoas que tornam

possível a realização dos banquetes, essencial nesse tipo de festa, para alimentar os dançantes dos ternos de congadas. A segunda talvez porque remete à ideia de festa popular, que todos podem participar ou, pelo menos, é esse o sentido das festividades públicas que acontecem na rua. Pois, apesar da existência da diretoria da irmandade, que organiza ou “correm atrás das coisas”, como costumam falar seus integrantes, a comunidade acaba de alguma forma se envolvendo nas atividades.

Portanto, tendo como fio condutor a economia das festas, o foco desse estudo é comparar e compreender as associações e interconexões existentes entre os diversos grupos que se relacionam com o processo de elaboração, produção e realização da festa de reinado que, conseqüentemente, contribuem para a permanência dos festejos, seja no tocante ao micro contexto das dinâmicas festivas, seja no macro contexto, isto é, nas ligações e intercâmbios que se estabelecem entre os diversos grupos e entre as duas cidades.

Em outras palavras, trata-se de uma pesquisa antropológica, que tem como objetivo principal investigar as festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, com foco nos processos de elaboração, reprodução, circulação e trocas de bens simbólicos e materiais entre seus atores e nas transformações aí ocorridas, sob uma perspectiva comparada e relacional, nas cidades de Santo Antônio do Monte e Araújos, localizadas na região do centro-oeste de Minas Gerais. A esse processo chamarei de *economia da festa*, que não inclui apenas o sentido restrito de valor *econômico*, mas a apreensão de uma infinidade de trocas e significados que se dão entre os atores e grupos nos contextos festivos. Visa ainda investigar quais são os significados do dinheiro no contexto das festas, seja a partir das quantias gastas pelos reis e rainhas festeiros no reinado para patrocinar as comidas oferecidas aos congadeiros, seja no que tange às estratégias e arranjos utilizados para obtenção de recursos financeiros necessário à realização dos festejos.

As primeiras indagações a respeito do objeto de estudo surgiram quando observei a existência de intercâmbios e agenciamentos que se dão entre os diversos grupos que compõem os festejos de reinados nas duas cidades. Nesse sentido, a problemática do estudo partiu do seguinte questionamento: como se organiza a economia das festas de reinado ou congados?

Uma das hipóteses que norteiam o estudo, e que dialoga com a lógica da economia da festa, é que o pagamento de promessa nos dias atuais não é o único foco de reis e rainhas festeiros, como constatou Borges (1997), ao realizar pesquisa sobre o reinado de

Santo Antônio do Monte há cerca de vinte anos. Seus interesses ultrapassam o simples ato de cumprimento de uma penitência. Isto é, as pessoas, devotas ou não, buscam o lugar de rei festeiro para lembrar à comunidade em geral que elas exercem determinadas relações de poder no cotidiano da cidade, seja no campo político, seja no campo econômico, na perpetuação de um tipo de poder tradicional familiar e até mesmo no plano religioso.

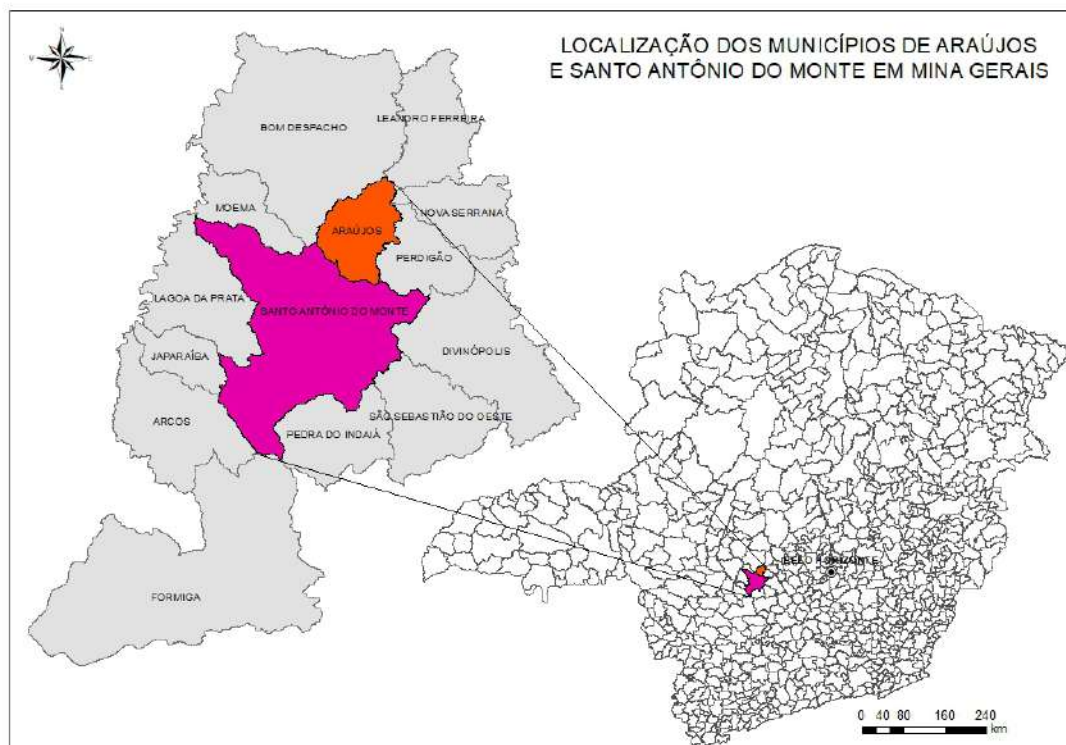
A outra hipótese é que o dinheiro, embora seja reconhecido como um elemento essencial para a realização da festa, precisa ser metamorfoseado em aura sagrada. Isto é, carece de ser doado de coração pelo devoto aos santos reinadeiros. Algo semelhante também ocorre com o trabalho doado à santa, durante a festa. Apesar de ser desgastante, como é toda atividade humana dessa natureza, quando passa a ser realizado no reinado, é prazeroso, conforme afirmam os devotos. Apesar disso, defendo que o trabalho voluntário no reinado é tão desgastante como outro qualquer, mesmo que a justificativa por trás dos discursos seja a fé nos santos reinadeiros e as retribuições pelas graças alcançadas. Passei a defender tal hipótese quando, em 2017, trabalhei na cozinha do galpão do reinado em Santo Antônio do Monte, durante os três dias de festas, e que, ao final de cada dia, a sensação era de ter capinado vários alqueires de mato, tamanho era o cansaço físico.

A fase de levantamento preliminar, que consistiu na busca de informações escritas sobre os municípios pesquisados e suas festas de reinado, foi difícil. Especialmente pela ausência de produção de conhecimento acerca de dados históricos e socioculturais que ajudassem na caracterização do contexto empírico da pesquisa. Em Santo Antônio do Monte, há uma razoável produção de conhecimento sobre a história e a cultura local como uma dissertação de mestrado sobre as promessas na festa de reinado (BORGES, 1997) e um livro sobre a história da cidade (MORAES, 1983), que serviram de referências. Porém, em Araújos, logo na minha primeira visita à biblioteca municipal constatei que não havia informações escritas sobre a história da cidade nem sobre a festa de reinado. Os dados que consegui foram coletados através de fontes orais, sites da internet como a página da Prefeitura Municipal; inclusive alguns com divergências entre si. Mesmo com poucas informações foi possível caracterizar de forma breve meus contextos de pesquisa, conforme apresento a seguir.

As duas cidades estão distantes uma da outra cerca de trinta e cinco quilômetros. Parte do trajeto é realizado pela estrada MG 164, que liga os municípios de Santo Antônio do Monte e Bom Despacho distantes quarenta quilômetros, aproximadamente. Na metade

desse percurso encontra-se a entrada de acesso a Araújos, cujo trajeto é percorrido por uma estrada vicinal de terra batida, com vinte e cinco quilômetros de extensão.

Mapa 1: Localização do contexto da pesquisa



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

Localizada no centro-oeste mineiro e na microrregião do Vale do Itapecerica, a cento e noventa quilômetros da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Santo Antônio do Monte conta com uma população de 25.975 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010. A população santo-antoniense está distribuída da seguinte forma: 14,56% na zona rural e 85,44% na zona urbana. Ainda de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 a população do município era 28.243 habitantes.

A origem da cidade, conforme relatado por Moraes (1983), remonta ao ano de 1782, quando foi legalizada a escritura de doação da sesmaria “Alta Serra” para a formação de um povoado. No ano de 1832, o povoado contava com uma população de 3.594 habitantes, sendo a maior parte de negros escravizados. O povoado foi elevado à categoria de cidade em 1875.

De acordo com Nunes (1994), a primeira capela construída sob a invocação de Santo Antônio remonta ao final do século XVIII. A edificação foi demolida várias vezes, a mais recente aconteceu em 1964. O município recebeu o nome de Santo Antônio em sinal de devoção ao santo padroeiro, que é festejado no mês de junho.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, hoje conhecida pelo nome de Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, foi construída na cidade no princípio do século XX. No entanto, foi na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1860, que a festa de reinado teve seu início no município, o que significa que já existia uma capela primitiva.

Com base nos diálogos com congadeiros, devotos e integrantes da diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, entre os anos de 1948 a 1960 a festa de reinado foi interrompida na cidade¹. O feito é atribuído a um padre, de origem alemã, que não simpatizava com reinado, alegando a existência de práticas de feitiçaria e desordem. Tomando com referência a data de reinício dos festejos, 1961, em agosto de 2020 a festa de reinado completa 59 anos de existência. Porém, de acordo com relatos orais, é uma festa que acontece na cidade há quase dois séculos.

No tocante aos aspectos socioeconômicos da cidade, assim como muitos municípios da região, a economia local inicialmente baseava-se na produção de café, açúcar e criação de gado. Desses produtos, atualmente, apenas a produção do gado para o abate e a produção de leite ainda têm expressividade. O plantio de milho destinado a produção de silagem é forte, assim como a cultura de eucalipto.

O município conta também com outra atividade econômica, a produção de fogos de artifício, talvez a mais importante fonte de renda e emprego local. Tal atividade, conforme sublinhado por Elisângela Maria Melo Santos (2007), dá a Santo Antônio do Monte o título de “terra dos fogos”. Segundo Moraes (1983), a indústria pirotécnica teve seu início no município pelos idos de 1920, quando foi introduzida primeiramente pelo senhor Conrado José do Nascimento. A autora ainda destacou que a atividade continuou em crescimento exponencial, chegando, em 1972, a possuir vinte e duas indústrias de

¹ Há controvérsia quanto ao início da proibição. Alguns falam que foi em 1945, porém, preferi seguir os registros escritos, como é o caso da dissertação de mestrado de Borges (1997). A autora não descarta a possibilidade de a proibição do reinado ter sido imposta pelo padre Pedro Paulo Michla, haja vista que o período de sua permanência na cidade (1943 a 1960) coincide, mais ou menos, com o tempo que a festa ficou paralisada. No entanto, por determinação ao decreto do Papa Pio XI, a Igreja Católica passou a adotar, a partir da década de 1920, proibições e restrições, informando aos seus párocos, as formas aceitáveis da festa. Nos idos de 1924 quando foi criada a Arquidiocese de Belo Horizonte, “Dom Cabral, nomeado Arcebispo, investiria suas forças na luta contra as danças do Congado/Reinado em todo o oeste de Minas, nas cidades pertencentes à sua circunscrição” (LEONEL, 2009, p. 70).

produção de fogos de artifícios. Número este que deu ao município o título de maior produtor de fogos de artifício da América Latina.

Atualmente mesmo com as crises e concorrências provocadas pela economia globalizada, Santo Antônio do Monte ainda é o segundo maior polo mundial de produção de foguetes – ficando atrás apenas da China –, e o maior do Brasil. De acordo com FIEMG – Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (2019), a produção do polo pirotécnico mineiro, formado por Santo Antônio do Monte e região² é de, aproximadamente, 30 mil toneladas ao ano.

Outro ramo que movimenta economicamente a cidade é a *rifa*. As pessoas que realizam a atividade são conhecidas localmente como *rifeiros*. A rifa é um tipo de negócio que consiste na comercialização de mercadorias que são escoadas na cidade, mas seu maior destino são outras cidades e outros Estados. São considerados *rifeiros* tanto aquelas pessoas que possuem lojas de rifas, como aquelas que compram produtos desses centros de distribuição e viajam para outros lugares fora do município para comercializá-los. As mercadorias são bijuterias, roupas de cama, peças íntimas, cosméticos, vestuários, utensílios domésticos entre outros.

Em relação às festividades, há em Santo Antônio do Monte três eventos consolidados, que compõem o calendário festivo do município. São eles: a festa do padroeiro Santo Antônio, que ocorre no mês de junho; a festa agropecuária (Expo Samonte), em julho; e a Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Bendito e Santa Efigênia, que acontece em agosto. Praticamente, por três meses consecutivos a comunidade vivencia o que Da Matta (1997) denominou de “eventos fora do dia a dia” ou “extraordinários”.

De acordo com a organização da Igreja Católica em Minas Gerais, o paroquiano de Santo Antônio do Monte está hierarquicamente ligado à Forania de Bom Despacho e esta, por sua vez, à Diocese de Luz. Atualmente, há no município três paróquias cujas sedes encontram-se localizadas na zona urbana: Paróquia Igreja Matriz de Santo Antônio, Paróquia São José e Paróquia São João Bosco. Há outras quatro capelas na área urbana, incluindo o Santuário de Nossa Senhora do Rosário e Fátima, a capela do Alto do Monte, a capela do Senhor dos Passos e a capela Divino Espírito Santo. Também há, aproximadamente, dez capelas localizadas nos bairros rurais.

² Lagoa da Prata, Moema, Japaraíba, Pedra do Indaiá e Itapeçerica.

A cidade de Araújós, por seu turno, como dito anteriormente não apenas está próxima a Santo Antônio do Monte, com possui similitudes em relação à festa de reinado. Localizada a 158 quilômetros de Belo Horizonte, o município conta com uma população de 7.883 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2010. Sua população está distribuída da seguinte forma: 13,59 % na zona rural e 86,41 % na zona urbana.

Segundo a Diocese de Divinópolis (MG), o município começou a ser povoado no início do século XIX, quando a família Alves de Araújós, proveniente de Santo Antônio do Monte, fixou moradia às margens do rio Lambari, num local conhecido por “Mata dos Araújós”. Em 1938 foi elevado a distrito, integrando-se ao município de Bom Despacho. Em 1953, o povoado emancipa-se e passa a se chamar Araújós.

Mesquita (1996) acrescentou que o terreno para a construção da primeira igreja de Araújós, atual Igreja Matriz de São Sebastião, foi doado por Chiquinha Pereira, casada com Joaquim Pereira. A família era proprietária de uma grande fazenda na “Mata dos Araújós”. A autora diz também que, na primeira metade do século XX, havia na cidade um templo dedicado à Nossa Senhora do Rosário. No entanto, não precisa sua localização nem informa se acontecia alguma manifestação festiva no espaço. Apenas afirma que “a igreja do Rosário foi demolida e, naquele lugar construído um prédio de dois andares para reuniões sociais e festas” (MESQUITA, 1996, p. 133). No entanto, durante as entrevistas com os congadeiros mais antigos não consegui obter informações sobre a capela primitiva, apenas referências sobre a construção da nova igreja dedicada à santa.

Segundo relatos de populares, a atual Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construída no final da década de 1980, por iniciativa dos devotos e moradores. O templo foi entregue à comunidade em 1989 e está localizado no bairro Santo Antônio, distante da zona central. Porém a festa de reinado acontece ao redor da Igreja Matriz, inclusive onde os mastros são hasteados.

Em conversa com Seu Toen Bem³, 89 anos, viúvo, moçambiqueiro, rezador/curador, capitão mor do reinado e residente no bairro onde está localizada a capela, ele contou que os festejos de reinado não se realizavam na “casa da santa”. Segundo os dirigentes da Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Bila e Orlando, já foi realizada uma edição da festa de reinado nas dependências da Capela do Rosário, em 2011, porém não houve aprovação por parte da população.

³ Antônio Vieira de Souza, conhecido por Toen Bem, faleceu no dia 22 de junho 2019, aproximadamente dois meses após conceder-me a entrevista.

A respeito das características socioeconômicas, o município tem sua economia baseada nas indústrias têxtil e calçadista e na agropecuária. Há pequenas fábricas de confecções, algumas especializadas na produção de enxovais para recém-nascidos, que atraindo clientes das cidades vizinhas. A produção de milho destinada à silagem para ração animal segue a tendência da região, assim como o cultivo de eucalipto. Na cidade também há atividades de rifas, meio de vida bastante comum entre os araujenses. Há, portanto, lojas de rifas destinadas ao abastecimento dos pequenos negócios, sob quatro rodas, dos rifeiros, que escoam as mercadorias para outras localidades.

Além da festa de reinado, o calendário festivo local contempla outros eventos que acontecem ao longo do ano como a festa do padroeiro São Sebastião em janeiro, e a exposição agropecuária. Porém não gozam do alcance que tem a festa de reinado, principalmente em número de pessoas que visita a cidade durante as festividades.

Conforme a Diocese de Divinópolis, a qual Araújos vincula-se, a paróquia de São Sebastião tem, além da matriz, três capelas na área urbana; uma dedicada Nossa Senhora de Aparecida, outra a Nossa Senhora do Carmo e uma terceira em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Também dispõe de três capelas localizadas nos bairros rurais.

Conhecendo os contextos da pesquisa

A escolha de Santo Antônio do Monte como um dos contextos empíricos de pesquisa se dá pelo fato de eu ter sido morador da cidade, e acompanhar mais de perto, por aproximadamente cinco anos (2013 a 2018), a dinâmica das festas de reinado aí ocorridas. Já em relação à cidade de Araújos, sua escolha se deu por perceber que há intensas trocas e diálogos no que se refere aos festejos de reinado, entre os diversos grupos e atores nas duas cidades, principalmente pelos dançadores de ternos de congadas. Além disso, outras situações contribuíram para motivar a escolha. Em 2011, quando conheci a festa de reinado em Santo Antônio do Monte, percebi que alguns moradores já faziam referência à festa do município vizinho. Outro motivo que evidencia a existência de intercâmbios entre as duas cidades, e que contribuiu para minha escolha, foi o fato histórico de o reinado de Araújos ter se iniciado com participação de dois ternos de congos levados de Santo Antônio do Monte para lá se apresentarem. De acordo com os araujenses, o ocorrido se deu em 1931 e desde então o reinado passou a se realizar lá.

Com base nos vínculos que foram se consolidando ao longo dos anos é comum que, em épocas de festa, os presidentes das irmandades de Nossa Senhora do Rosário,

prestigiem os festejos nas cidades um do outro. Apesar de ambos os festejos ocorrerem no mês de agosto, o reinado de Santo Antônio do Monte é realizado na segunda quinzena, e o reinado de Araújos, que possui data fixa, sempre acontece no último final de semana do mês. Esse intervalo permite que alguns ternos de congadas santo-antonienses prestigiem a festa do município vizinho. Para isso, a diretoria da irmandade, além de convidá-los, indo pessoalmente entregar os convites no domingo de reinado, fornece uma ajuda financeira para custear o transporte dos congadeiros. Contrariamente, a participação dos ternos de Araújos no reinado vizinho, conforme observei, quase não ocorre mais, embora seus capitães afirmem já terem participado. Conforme observei na Ata de reunião, datado de 12 de agosto de 1961, a primeira festa de reinado realizada após a proibição desde 1948, há um agradecimento especial feito pela diretoria da irmandade “aos cortes de Moema e Araújos” por prestigiarem o evento.

Aqui, já se tem uma noção sobre as trocas realizadas entre os sujeitos no contexto das festas de reinado, e que me permite pensá-las em termos *relacionais*. Ou seja, significa perceber que as vivências dos dançadores e organizadores dos festejos estão entrelaçadas. Vale salientar que, por existir em Santo Antônio do Monte vinte e quatro ternos de congadas, durante o reinado, com raríssimas exceções, outros grupos são convidados a participar dos festejos. A própria comunidade reinadeira é encarregada na condução das homenagens de louvor aos santos. Já em Araújos, onde existem apenas três ternos de congadas, número considerado insuficiente para promover a animação da festa, carece de a diretoria da irmandade promover a participação de ternos dos municípios vizinhos através de ajuda financeira para custear o transporte.

Portanto, o meu interesse em pesquisar a festa de reinado nessas duas localidades foi basicamente por perceber que ambas mantêm ativos os referidos festejos, cada uma com suas especificidades, e também porque os grupos de certa maneira mantêm ativas trocas e relações. No ano de 2011, logo durante minha primeira estada em Santo Antônio do Monte, a partir de diálogos com alguns moradores, observei que havia uma aproximação entre as duas cidades, que tinha como elemento fundante a festa de reinado. Mas as opiniões se dividiam, algumas pessoas se referiam ao reinado de Araújos de modo positivo, outras nem tanto.

O tempo passou e em 2014, já residindo na cidade, fui participar de uma reunião da diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, no galpão onde acontece a maioria das atividades do reinado, e ouvi um capitão de terno de moçambique dizer que não visitava o reinado de Araújos, porque a festa de lá havia se tornado um “carnaval”.

Foi justamente a partir dessa fala que decidi averiguar *in loco* o motivo de sua insatisfação. Após chegar à cidade, durante o domingo de reinado, não demorou para eu logo compreender o sentido de sua fala. Na realidade, ele se referia ao clima festivo, de lazer e diversão que ocorre lá, que se sobrepõe às festividades religiosas, materializadas pelas apresentações dos ternos de congadas em homenagem aos santos reinadeiros.

Aos poucos, fui observando que atitudes e discursos semelhantes também eram recorrentes por parte dos dançadores mais antigos, fosse de moçambique fosse de congo. Segundo eles, o reinado de Santo Antônio do Monte está mais próximo do que consideram *legítimo, original*. Ao contrário, o reinado de Araújos, por ter se “modernizado”, é *menos legítimo*. Para além do fato de que são duas cidades geograficamente próxima uma da outra, o que me motivou a continuar investindo num tipo de pesquisa comparativa foram os discursos locais que inserem a festa de Araújos como contraste, e também porque surgiram evidências de que haviam relações entre os grupos e pessoas envolvidos com as festas.

Seguindo os caminhos da festa: aspectos metodológicos

Antes do início propriamente dito da pesquisa de campo, realizei o levantamento de estudos e trabalhos que abordavam o tema festas, em seguida, direcionei o olhar para as temáticas mais específicas como manifestações religiosas de preto, congado, reinado e também sobre o que chamo de *economia das festas*, mais especificamente as produções científicas nos campos de estudos da antropologia e da sociologia cujas abordagens discutiam os significados sociais do dinheiro.

Esta pesquisa possui um viés qualitativo, e adotou a etnografia como método de coleta de dados, tendo como referência os fenômenos que compõem as festas de reinado de Santo Antônio do Monte e de Araújos. Inscreve-se em uma tradição de estudos antropológicos que pretende, antes de explicar, compreender e construir um quadro interpretativo de seu objeto de estudo, cuidando para jamais reduzir sua complexidade própria.

A escolha do uso da técnica da observação participante se deu pelo fato de eu já acompanhar os festejos de reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos há aproximadamente quatro anos e também por já ter estabelecido contatos com alguns participantes das festas. Já no que tange à priorização de entrevista “não estruturada” (POUPART, 2012), o fato é que a considero para esse caso o meio mais apropriado por

possibilita, por exemplo, compreender satisfatoriamente os motivos pelos quais os reis e rainhas festeiros resolveram pegar a coroa para efetuar o pagamento de suas promessas, ou como cada congada foi criada, por quem e qual foi propósito. Ou ainda, como meio para compreender as trajetórias dos capitães e capitãs dos ternos de cangada, bem como, os tipos de trocas e vínculos que são estabelecidos entre eles durante e depois das festas de reinado nas duas cidades, com base nos seus relatos.

As entrevistas, portanto, permitiram obter certos tipos de informações que de outra forma não seriam possíveis, apenas utilizando-se de observação participante. Entretanto, a associação entre observação participante e entrevistas, para o caso específico da pesquisa que estou propondo, são as ferramentas mais adequadas. Nesse sentido, Roberto Cardoso de Oliveira (2006) dá algumas pistas ao mencionar que há três qualidades sensíveis que compõem “o trabalho do antropólogo”: *o olhar*, que está associado à observação participante, *o ouvir*, entendido como o uso de entrevistas, e *o escrever*, que é junção das outras duas fases.

Antes de seguir descrevendo os caminhos que utilizei na busca de informações para compreender as dinâmicas internas da festa de reinado, os ternos de congadas, e os elementos rituais que a configuram, cabe fazer uma ressalva. Conforme já expus anteriormente, meu objetivo com esse estudo é realizar uma pesquisa comparativa e relacional, tomando como objeto de estudo as festas de reinado em duas cidades.

Segundo Giovanni Sartori (1981), o método comparativo tem potencial para chegar aonde outros métodos de controles não alcançam, como é o caso das técnicas experimental, estatística e histórica. Não há, portanto, intenção, por parte do autor, de enobrecer uma técnica em detrimento de outra, haja vista que cada uma é importante dentro de seu escopo de atuação. No entanto, Sartori (1981) as diferencia evidenciando sobretudo seus limites de atuação. Em linhas gerais, a comparação opera em termos sincrônico e horizontal. O autor chama atenção para “não confundir o método comparativo com a comparação estatística, uma coisa, são regras de controle estatístico, e outra as regras do controle comparativo” (SARTORI, 1981, p. 204).

Ao optarmos pelo uso do método comparativo, “devemos ter em mente que abordaremos problemas não solucionáveis estatisticamente” (SARTORI, 1981, p. 204). Algo comparável, acrescenta o autor, “quer dizer: pertencente ao mesmo gênero, espécie, subespécie etc., portanto, o elemento *similaridade* de semelhança que legitima as comparações é a identidade de classe” (SARTORI, 1981, p. 209). Essa ideia me permite estabelecer uma relação complementar a partir das diferenças e semelhanças existentes

entre as festas de reinado ocorridas em Santo Antônio do Monte e Araújos. Nesse sentido, além de meu objeto empírico nas duas cidades pertencer ao mesmo gênero e estar na mesma classe, digo, são festas de reinado, podem ser observadas da mesma matriz conceitual que é a economia da festa, termo este que contempla múltiplas trocas, monetárias e simbólicas, que acontecem nos festejos em homenagem aos santos reinadeiros.

A análise comparativa realizada por Maria Laura Cavalcanti (2002), a respeito de dois festejos populares, o Carnaval carioca, do Rio de Janeiro, e o Festival de Boi-Bumbá de Parintins, no Amazonas, é inspiradora para minha pesquisa, principalmente, no que diz respeito à operacionalização das “similaridades e dissemelhanças” (SARTORI, 1981), existentes entre as festas de reinado de Santo Antônio do Monte e Araújos. Numa parte do texto a autora aborda as peculiaridades de evento separadamente para, em seguida, analisá-las comparativamente. Aqui, Cavalcanti (2002) elege algumas categorias como tempo e espaço para, a partir disso, refletir sobre as aproximações (semelhanças) e distanciamento (elementos que os diferenciam). É interessante perceber que o uso do método comparativo não se propõe a realizar juízos de valor, reforçando quem é mais ou menos importante. Ao contrário, é a partir da perspectiva comparada, envolvendo paisagem festiva comum ou eventos do mesmo gênero, que as diversidades neles contidas são percebidas como elementos fundantes para a manutenção da cultura, seja no plano local ou mais abrangente. A comparação permite perceber, portanto, como elementos culturais aparentemente díspares são partilhados por sujeitos de diferentes lugares ou regiões.

Segundo Franz Boas, os estudos comparativos tentam explicar costumes e ideias de notável similaridade encontradas nos contextos empíricos de pesquisas. No entanto, complementa: “as ideias não existem de forma idêntica por toda parte: elas variam” (BOAS, 2005, p. 27). Nesse caso, além das coisas, objetos e ideias que apresentam similaridades, é imprescindível também se comparar aqueles que se apresentam como diferentes. Daí, optei também por seguir o que sugere Da Matta (1997) sobre a utilização da perspectiva comparativa em seus estudos: “preferi tomar o caminho da comparação por meio de contrastes e contradições, procurando não o semelhante, mas o contrário e o diferente” (DA MATTA, 1997, p. 19).

Em linhas gerais, é a partir do conceito de economia da festa, que elenco e construo os elementos que apresentam similitudes e diferenças e que, portanto, são potencialmente comparáveis nos dois contextos. Então, interessa-me perceber os

processos de organização, elaboração e realização, os diversos grupos e instituições envolvidos, que se encarregam por fazer a festa acontecer: os modos pelos quais as irmandades de Nossa Senhora do Rosário se relacionam com os grupos e as associações que são criadas a partir das parcerias; a participação de agentes públicos e privados, membros da igreja e comunidade no processo de construção das festas de reinado; os sentidos das *pagas de visitas* a partir da percepção dos ternos de congadas; as regras internas que permitem aos devotos pagarem suas promessas aos santos padroeiros; bem como *as novas aberturas* ou outras possibilidades que as festas de reinado permitem, ao incluir novos atores e grupos, a partir da presença de práticas urbanas de entretenimento (feiras, shows em grandes arenas, novos ritmos, patrocínios de grandes empresas etc.).

No entanto, ao realizar as comparações terei sempre como ponto de partida os aspectos e as situações presentes na festa de reinado em Santo Antônio do Monte para, assim, estabelecer as diferenças ou semelhanças com o reinado em Araújo. Escolhi agir dessa maneira pelo fato de ter sido cidadão santo-antoniense durante alguns anos, e, portanto, vir há mais tempo realizando pesquisas na localidade. Minha inserção como pesquisador da festa de reinado se deu a partir do momento que fui residir na cidade, em 2013, muito antes de cursar o doutorado. No entanto, eu já tinha conhecido a festa de reinado em 2011, quando visitei a cidade pela primeira vez. Na época, os ternos de congadas com seus bailados, as cores das fardas, as batidas das caixas, logo me chamaram a atenção. Nunca havia visto algo assim antes.

O fato de estar na cidade recentemente, ainda me sentindo como um forasteiro, fez com que eu me aproximasse dos espaços do reinado, inicialmente como curioso. Comecei pela fase da preparação, os estágios que poucas pessoas participam. Meu primeiro contato com a diretoria da irmandade foi através das reuniões, que são abertas para a população e acontecem no galpão da irmandade. Numa delas, pedi a palavra para perguntar se os presentes tinham conhecimento sobre o processo de Registro das Congadas de Minas, que estava em curso pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Na ocasião, falei brevemente sobre a política do patrimônio imaterial do Governo Federal e também orientei o presidente da irmandade, José Aparecido, conhecido como Dinho, a enviar um ofício à Superintendência do órgão, em Belo Horizonte, solicitando um técnico para prestar mais esclarecimentos.

Assim ele fez, enviando o documento conforme minha orientação. A partir do momento que me dispus a contribuir, promovendo a interlocução entre a irmandade e o Iphan a respeito do registro, consegui estabelecer uma abertura (entendida como processo

de aceitação em andamento). Resumindo, por eu já ter prestado serviços de consultoria *ad hoc* para o Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan, em Brasília, antes de ir morar em Santo Antônio do Monte, o orientei acerca dos trâmites legais e também sobre a política de patrimônio cultural. Nesse mesmo ano, uma historiadora veio à cidade falar sobre o processo. A partir daí, eu fiquei sendo conhecido por alguns congadeiros como o “rapaz do Iphan”. Hoje até posso receber de fato esse adjetivo, já que sou servidor do Iphan/MT, mas naquela época não. Percebi que comecei a ser visto pelos dirigentes com menos desconfiança, mas ainda requeria cautela.

Ao ter como fio condutor seguir os caminhos da festa, ou seja, deixar que a festa me levasse até os diversos espaços e situações do reinado, optei por iniciar os trabalhos de campo pelo coração da festa, isto é, a cozinha, onde são preparadas as comidas servidas aos congadeiros. Foi quando, em 2017, iniciei minha inserção nos festejos pela *cozinha do reinado*, como é costume falar na cidade. Tal escolha teve como objetivo compreender o funcionamento do reinado, que até aquele momento era estranho para mim. Portanto, a vivência na cozinha foi fundamental para começar o processo de transformação do “exótico em familiar” (VELHO, 1981), ou seja, tornar aquilo que até o momento era novo em algo capaz de ser conhecido.

Vivenciei-a intensamente, no sentido de trabalhar arduamente, ajudando em várias tarefas, que incluiu o preparo de *comidas reinadeiras* como tutu de feijão, arroz, pelotas de carne e até limpeza de pratos e talheres, bacias, panelas e tantas outras. Ali, em meio a uma atividade e outra, as prosas sobre o reinado surgiam. E não faltava informante interessado em dar algum depoimento sobre suas vivências no reinado. Foi a partir desse convívio que obtive contatos de reinadeiros e cozinheiros/as voluntários, para posteriormente realizar as entrevistas.

A cozinha do reinado, nesse sentido, por ser um espaço repleto de significados simbólicos, entre eles o fato de ser um lugar sagrado – haja vista que muitos dos/as voluntários/as ou estão pagando promessas ou cumprindo votos perpétuos –, permite que os afetos e sentimentos sejam aflorados. Nela, ao mesmo tempo que as pessoas manipulam os alimentos, revivem e partilham lembranças. É comum que elas aproveitem o momento para relatarem sobre o que as motivou a fazer as promessas, suas devoções, principalmente a Nossa Senhora do Rosário, e rememorarem as celebrações passadas, vividas com alguns familiares como avós, pais.

Decidi começar pela cozinha por dois motivos. Primeiro, porque é a parte do reinado que converge os mais diversos elementos que formam o reinado: é lá que são

preparadas as comidas doadas pelas reis e rainhas festeiros, e, em seguida, são oferecidas aos congadeiros em forma de banquetes. Por estar localizada no galpão da irmandade e este, juntamente com seu pátio, serem os locais mais cobiçados da cidade durante os dias de reinado, a cozinha também é revestida de um aspecto extraordinário. Portanto, assim como o cortejo que tem pés (primeira congada que puxa a procissão) e cabeça (a parte onde estão as imagens dos santos e a realeza), a cozinha tem estômago e coração, pois é lá que são alimentados os corpos dos dançadores após bailarem pela cidade e o acolhimento através da comida. Segundo, pelo fato de gostar de cozinhar, o que me propiciou ajudar nas atividades e, também, perguntar aos voluntários do salão que lá trabalham sobre as experiências de outras festas de reinado, observar os preparos, ouvir as conversas e captar as nuances que só são possíveis de serem observadas e compreendidas na sua plenitude participando com os outros das tarefas que são realizadas.

Trabalhei na cozinha durante os quatro dias de reinado. Começava às 6 horas e terminava por volta das 15 h, quando o último terno de congada acaba de almoçar. Durante a estada na cozinha, a sensação era não haver cansaço, apesar do trabalho frenético. Lá fiz de um tudo. Descasquei batatas, enrolei pelotas, preparei molhos, fiz tutu de feijão na companhia do saudoso Seu Luiz do Tutu⁴. Também limpei o chão, lavei panelas e pratos. Meu intuito de começar a pesquisa transitando pela cozinha foi para sentir o ambiente e observar os tipos de trocas que ocorrem entre as pessoas, o que elas falavam, as memórias que tinham das festas de reinado de outros tempos, as disputas, como expressavam sua fé nos santos reiandeiros. Foi, portanto, um bom momento para estabelecer vínculos e realizar diálogos que, fora da cozinha, seriam impossíveis.

No entanto, o momento mais significativo de minha estada pela cozinha estava por vir. Como disse, desde 2013 que eu vinha construindo minha entrada, aos poucos e com cautela, nos espaços do reinado. Na reunião de pós-reinado de 2017, ao finalizar a prestação de contas à comunidade e aos congadeiros presentes, o presidente Dinho agradeceu-me pelo esforço e participação na cozinha. Também solicitou aos presentes que contribuíssem com a pesquisa me recebendo em suas casas durante as entrevistas. Desse momento em diante senti que as prováveis desconfiças que, porventura, ainda existiam sobre minha pessoa e sobre minhas intenções, acabaram. A prova é que poucos dias após as declarações, o presidente me cedeu alguns documentos importantes e

⁴ José Luiz Ferreira Filho, faleceu no dia 2 de março de 2019, alguns meses após entrevistá-lo.

sigilosos como os “livros de atas da irmandade” para pesquisar, os quais datam de 1961, período que marca o retorno da festa de reinado, proibida de acontecer desde o ano de 1948.

Foi a partir desses episódios que me senti aceito pelos meus interlocutores para realizar a pesquisa. A questão da aceitação do pesquisador pelo grupo pesquisado é um momento importante do trabalho do antropólogo, conforme relatada por Malinowski (1978) e Geertz (1989), a respeito do método etnográfico. Uma ferramenta que colaborou positivamente para aproximar-me de meus colaboradores de pesquisa, e que se mostra pertinente ainda hoje, após a realização da pesquisa de campo, é o WhatsApp. Por meio dessa tecnologia, mantenho proximidade com os envolvidos das festas de congadas. Eles, por outro lado, mantêm-me atualizado sobre os acontecimentos locais relacionados com as festas de reinado.

No que tange às minhas inserções enquanto pesquisador da festa de reinado de Araújo, realizei três observações participantes em 2014, 2016 e a última em 2017. A primeira visita foi apenas para conhecer a estrutura da festa e perceber em quais situações ela se distanciava e se aproximava dos festejos realizados em Santo Antônio do Monte. Todas as visitas aconteceram durante os dias de domingo, considerado ápice dos festejos, quando a cidade recebe em torno de trinta ternos de cognadas vindos de vários municípios, tanto da vizinhança como de lugares mais distantes, como é o caso do grupo de Araxá (MG).

Ao contrário do que realizei no reinado de Santo Antônio do Monte, aqui não acompanhei os ternos durante as visitas dos cafés, até porque não existe esse ritual, nem o preparo das comidas nas casas dos festeiros e festeiras. No domingo, os ternos visitantes chegam à cidade já no meio da manhã, passam na praça da igreja matriz para saudar o rei congo e a rainha perpétua e, conforme orientações dos *merins* (guias), dirigem-se à casa do festeiro ou festeira para almoçar. Mas não é por falta de um local apropriado onde os dançadores possam se banquetear coletivamente, pelo contrário, há o salão da irmandade, localizado no centro da cidade, equipado e destinado a esse tipo de evento. O fato é que desde os primeiros reinados, quando as comidas eram servidas nas casas dos festeiros, em grandes mesas nos quintais das casas, as pessoas ainda hoje fazem questão de preservar o costume. Portanto, não acompanhei o preparo das comidas visitando as casas dos mais de cinquenta festeiros que “fazem a festa”, para serem oferecidas aos mais de trinta ternos de congadas que prestigiam a festa de reinado no dia de domingo. Apenas

realizei entrevistas com alguns, tanto os que são considerados “eternos ou perpétuos” como aqueles que participam apenas para pagar uma promessa.

Meu foco foi transitar e realizar observações sobre o “miolo do reinado” ou como definiu o rei congo Bila, “o centrão”, ou seja, nas proximidades da Igreja Matriz e da praça, onde estão concentrados os lugares centrais como o palco do reinado, a feira comercial, na lateral do templo, e os bares. A feira, talvez seja um dos motivos maiores da visita dos participantes da festa de reinado, pois dispõem de uma grande diversidade de mercadorias: utensílios de cozinha, roupas, brinquedos importados, frutas, churrasquinhos, sapatos e parque de diversão. Há também uma grande quantidade de hippies que vendem seus artesanatos. Os bares são uma atração à parte e estão localizados tanto na frente como nas laterais da igreja. Eles conseguem juntar um público jovem que busca principalmente diversão e lazer, movido a bebidas alcoólicas e ritmos musicais da moda como sertanejo e funk. O que me parece ter coerência com a fala do rei congo, Bila, quando afirmou que a festa é para todos os gostos, para aqueles que procuram a festa religiosa, referindo-se ao desfile dos ternos de congadas, e para os que buscam se divertir.

A proposta teórico-metodológica desta pesquisa foi seguir os caminhos da festa, e também teve inspiração na obra do antropólogo Wagner Diniz Chaves (2013) sobre as folias de reis, cuja etnografia foi realizada no município de Rio das Flores (RJ). O trabalho não se limitou apenas a entrevistar os interlocutores de seu campo de investigação, os folieiros, mas como estes disseminam os saberes sobre a prática perante o grupo. Foi além, realizou observações participantes enquanto acompanhava os grupos “nas jornadas de santos reis”, durante o período de andanças dos grupos em visita às famílias.

Resguardadas as peculiaridades dos temas de pesquisas, na festa de reinado da cidade de Santo Antônio do Monte, em 2018, escolhi quatro ternos de congadas, para acompanhá-los pela cidade durante suas visitas às casas dos devotos e aos cafés, desde o momento de suas primeiras visitas às últimas homenagens, realizadas aos reis e rainhas festeiros, após o jantar, no palco em frente à Igreja Matriz. No primeiro dia de festa, quinta-feira, acompanhei a Congada Rosário de Maria, da Capitã Tida; na sexta-feira, foi a vez da Congada do Pedrinho, que é comandada pelo seu filho, o Capitão Rondinério; no terceiro dia, convivi com a Congada do Tostão, e, no último dia de festa, segui os passos do Moçambique Otaviano Piriá, sob o comando do capitão João Paulo, seu neto. É comum que muitas congadas incorporem ao título os nomes de seus idealizadores já falecidos, como forma de homenageá-los. É o caso dos capitães congadeiro Pedrinho e do moçambiqueiro Otaviano Piriá, que tem seus nomes nas bandeiras dos grupos que

criaram. Isso significa, por um lado, um gesto de agradecimento e, por outro, que há uma continuidade histórica.

É interessante perceber também a relação de parentesco que existe entre os capitães dos vinte e quatro ternos de congadas da cidade. Esse parentesco tanto pode ser por consanguinidade como por afinidade. Na realidade, as congadas são compostas, na sua maioria, por dançadores e dançadoras de uma família que se juntaram para homenagear os santos reinadeiros. Um exemplo dessa organização é dado pelos irmãos Pedrinho e Tostão, que criaram o mesmo terno (Congada do Pedrinho), e que anos mais tarde, separaram-se, originando um segundo grupo que é a Congada do Tostão.

Atendendo ao convite do capitão Rondinélío, no mês de setembro do mesmo ano, acompanhei seu grupo, a Congada do Pedrinho, até o distrito de Chapada, no município vizinho de Moema (MG), para participar da Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Saímos de Santo Antônio do Monte em ônibus fretado, por volta das 10 horas e chegamos antes das 11 horas. O trajeto foi relativamente curto, cerca de 10 quilômetros da cidade, pela rodovia MG – 164. No seu entroncamento, um pouco antes do acesso à cidade de Araújós (MG), encontrava-se a entrada para a cidade de Moema. Daqui por diante, seguiu-se por “estrada de chão” por, aproximadamente, uns 3 quilômetros até chegar ao local da festa. No distrito, que na verdade é um bairro, vivem cerca de cinquenta famílias, e conta com uma escola, posto de saúde e uma igreja.

Logo na chegada o grupo foi recepcionado por uma das organizadoras da festa, que distribuiu o mapa, contendo as residências dos festeiros, a serem visitadas pela congada. Na ocasião, o capitão também foi avisado em qual residência seria ofertado o almoço de reinado para seus dançadores. Em seguida, o grupo formou-se em duas fileiras e seguiu bailando e cantando em direção à igreja para rezar e pedir proteção à Nossa Senhora do Rosário. Ao término das cantigas e rezas, prosseguiu-se em direção às residências dos promesseiros e promesseiras para prestar-lhes homenagens. As casas dos festeiros estavam identificadas por números, conforme o mapa entregue na chegada do grupo, e havia também um altar enfeitado com jarros de flores artificiais e as imagens dos santos reinadeiros. Todos as congadas visitam, um a um, cada festeiro.

Participaram do Reinado de Chapada, aproximadamente, onze ternos de congadas de municípios mineiros vizinhos como Araújós, Córrego Danta, Dores do Indaiá, Iguatama, Lagoa da Prata, Moema e Santo Antônio do Monte. Este, por sua vez, esteve representado pela Congada do Pedrinho, do capitão Rondinélío; Congada Santa Efigênia, do capitão Chico de Nininha; Congada Rosário de Maria, da capitã Tida e Os Congadeiros

de Maria, do capitão Tostão. Foi durante o Reinado da Chapada que estabeleci contato com o jovem Nicolás, capitão da Congada Chico de Paula, de Araújo. Na ocasião, trocamos contatos para posteriormente realizar entrevista com ele.

Com a congada posicionada em frente ao altar, ornado na calçada da casa, o bandeireiro Seu Geraldo, entregou o estandarte aos anfitriões que, por sua vez, permaneceram ali segurando-o e apreciando a apresentação do grupo, que cantou e dançou por alguns minutos. Acabando as homenagens, os festeiros passaram a bandeira ao redor de seus corpos, como forma de obter proteção divina. Alguns percorreram os cômodos da casa com a bandeira em punho, abençoando cada canto da casa e familiares presentes. Feito isso, a bandeira foi devolvida e o grupo seguiu para a próxima visita. O ritual continuou até chegar à residência do festeiro que ofertou a comida. Após o almoço e o tradicional agradecimento ao festeiro pelo oferecimento da comida, o grupo deu prosseguimento às visitas, até momento de formação dos estados e sair em cortejo pelas ruas do bairro puxando o reinado. A procissão aconteceu no final da tarde, e percorreu as principais rurais do bairro em direção ao pátio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde foi rezada uma missa campal. Ao final, após o descimento dos mastros houve a queima de foguetes.

Já era noite quando os ternos seguiram para os cafés ofertados pelos festeiros das “coroas pequenas”. O banquete foi regado a pão de queijo, cachorro quente, refrigerante e café. Após a refeição, o grupo mais uma vez cantou e dançou para os festeiros em agradecimento pela comida. Por volta das 21 horas a congada retornou a Santo Antônio do Monte.

Resumindo minha jornada na companhia da Congada do Pedrinho, chamo a atenção para a diversidade de formas de festejar os santos que aconteceram simultaneamente. Primeiramente, por se tratar de uma festa realizada num bairro rural, foi possível observar as dinâmicas dos vários ritos como a preparação e oferecimento das comidas, as visitas aos festeiros, a feira comercial nas ruas laterais à igreja entre outros. Diferentemente da Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte, que as congadas se dispersam pela cidade, aqui todos ternos visitantes estavam acessíveis aos olhos do pesquisador.

A outra situação que merece destaque diz respeito às comidas, que são preparadas e oferecidas nos quintais das residências dos festeiros. As estruturas utilizadas eram tendas improvisadas, trempes (fogões a lenha de chão) e grandes tachos de alumínio, tudo ali, às vistas dos familiares, congadeiros e convidados que chegavam. Era uma grande

festa no quintal de casa, regada a boa comida e bebidas, e animada pelas danças e cantigas das congadas. No cardápio havia tutu de feijão, carne de porco cozida, frango caipira, arroz, macarrão furada e saladas. De sobremesa, foram servidos doces de leite e de mamão. Alguns entrevistados afirmaram que essa iguaria é servida desde os reinados antigos. Os tipos de comidas servidas nos almoços me pareceram não seguir uma rigidez imposta pelos organizadores da festa, como acontece no reinado em Santo Antonio do Monte, ficando a cargo de cada festeiro prepará-las livremente.

Ao longo da pesquisa de campo, também acompanhei três ternos de congadas na festa de reinado em Santo Antônio do Monte, durante suas visitas às residências de devotos e de reis e rainhas festeiros. O principal objetivo de acompanhar os ternos de perto durante as visitas, foi perceber como cada grupo realizava sua prática, as performances, as trocas, os afetos, os desafetos e os momentos de espontaneidade. E também para observar a existência de outras formas de festejar os santos reinadeiros. Enfim, situações e descobertas que envolvem interações dos grupos com os devotos e moradores, que as entrevistas não dariam conta. Ao acompanhá-los, observei as tensões internas entre os capitães e seus dançadores, como acontecem as trocas de saberes entre os dançadores mais velhos e os mais novos, os problemas envolvendo o uso de bebidas alcoólicas, a dificuldade de cumprir os horários impostos pela diretoria da irmandade, as estratégias de mobilidade usadas para se locomoverem na cidade como o serviço de fretamento de ônibus para transportá-los, os momentos formais e de descontração, os alimentos que são servidos nos cafés, as mesas fartas, os usos dos quintais para servirem os cafés, os altares para dispor os santos reinadeiros, a formação dos cortejos.

A escolha dos colaboradores teve como objetivo abranger a diversidade de atores e agentes que, de alguma forma, participam das festas de reinado seja atuando diretamente e/ou através do exercício de funções que os ligam à organização das festas de reinado, seja indiretamente como agente da igreja e os funcionários públicos municipais. No total, sobre a Festa de Reinado de Santo Antônio do Monte realizei trinta e três entrevistas. É importante salientar que dos vinte e quatro ternos de congadas registrados na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, consegui estabelecer contato com mais da metade de seus capitães, sendo possível a realização de entrevistas com dezesseis deles, o que considero um número significativo de colaboradores.

Do total de ternos de congadas, cujos capitães busquei me aproximar para uma interlocução mais acurada, dois não residem na cidade. É o caso da Congada do Peão, natural do município, mas seus dançadores moram em Divinópolis (MG). O outro é o

Congo Sereno, que está radicado em Lagoa da Prata (MG). Ambos têm em comum algumas características: estão entre os ternos de congadas mais antigos, que participam da Festa de Reinado de Santo Antônio do Monte, antes mesmo da proibição dos festejos em 1948, e são registrados na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

No que tange ao reinado de Araújos, consegui realizar dezessete entrevistas ao todo. Vale ressaltar que aí só existem três ternos de congadas em atividade, facilitando assim que todos os capitães participassem da pesquisa. Informo ainda que aqui não entrevistei o pároco, embora a igreja católica seja um agente local que integra a realização do reinado. O motivo pelo qual entrevistei o pároco de Santo Antônio do Monte foi o fato de ele ter, por vários anos, acompanhado os cortejos de reinado dançando com os congadeiros.

As entrevistas realizadas com os colaboradores da pesquisa em Santo Antônio do Monte aconteceram ao longo de 2018. Mas o processo de aproximação com meus interlocutores antecede a esse período. Durante as festas de reinado eu tomava notas de seus contatos telefônicos e endereços residenciais, para posteriormente realizar uma visita. Ao terminar a festa, eu os visitava e informava sobre a necessidade de ter uma conversa mais demorada com eles, de preferência que pudesse ser gravada, deixando-os à vontade para escolher o dia. E foi dessa forma que aconteceu. Às vezes, eu estava em casa e chegava uma mensagem de um capitão através do WhatsApp, convidando-me para ir até sua residência entrevistá-lo. A maioria das entrevistas aconteceram no período da noite e nos finais de semana, haja vista que muitos trabalham em fábricas de fogos e só têm folgas aos sábados e domingos.

Algumas entrevistas, como foi o caso das quatro mulheres capitãs de congadas, eu as realizei ainda em 2017. Nas entrevistas com os integrantes da corte real do reinado (rei perpétuo, rainha perpétua, rei congo e rainha conga), e os reis e rainhas festeiros, tive mais flexibilidade. Alguns, eu os entrevistei em suas residências, outros nos seus locais de trabalho, durante a semana.

Para a realização das entrevistas em Araújos, reservei o mês de maio de 2019, em função de lá o número de colaboradores ser inferior aos de Santo Antônio do Monte. Costumava chegar à cidade por volta das 7 horas, retornando no final da tarde. Durante esse período, realizei entrevistas gravadas com o rei congo, a rainha perpétua, a rainha e

o rei morenos, o atual presidente da irmandade⁵, o representante da prefeitura municipal, o capitão do terno de moçambique, os dois ternos de congadas e os quatro festeiros/as. No mês de dezembro de 2019, as últimas entrevistas que realizei foram com os integrantes da diretoria e com os capitães de ternos de congadas, o Congo Sereno e a Congada dos Peão. Foram, portanto, entrevistados atores de participação intensa nos reinados de Santo Antônio do Monte e de Araújo. A seguir, apresento na íntegra a relação dos colaboradores da pesquisa.

⁵ A entrevista com o ex-presidente da irmandade, aconteceu na Santa Casa de Santo Antônio do Monte, quando estive internado para tratamento de saúde, um mês antes de conversar com os atuais membros da diretoria da irmandade, Bila e Orlando.

Quadro 1 – Caracterização dos colaboradores da pesquisa entrevistados em Santo Antônio do Monte

<i>Representantes de Ternos de Congadas</i>							
Nome	Função	Grupos	Data de Nasc.	Religião	Instrução	Ocupação	Est. Civil
Antônio Alves	Capitão	Congada Antônio Alves Vidal	1962	Católica	Superior incompleto	Microempresário	Casado
Janaina Oliveira	Capitã	Congada Meninas do Rosário	1984	Católica	Ensino Médio	Dona de casa	Casada
Graciele Camargos	Capitã	Congada Filhas de Maria	1987	Católica	Superior incompleto	Servidora pública	Casada
Aparecida Ferreira (Tida)	Capitã	Congada Rosário de Maria	1976	Católica	Ensino Fundamental	Operária	Casada
Antonio Sousa (Fiím)	Brincador	Congada do Tostão	1933	Católica	Nenhuma	Agricultor aposentado	Viúvo
Otaviano Sousa	Brincador	Congada do Tostão	1930	Católica	Nenhuma	Agricultor aposentado	Casado
Geraldo Sousa	Bandeireiro	Congada do Pedrinho	1922	Católica	Nenhuma	Agricultor aposentado	Viúvo
Luiz Balduino (Luizinho)	Capitão	Congada Luiz Carolino	1957	Católica	Fundamental Incompleto	Encarregado geral	Casado
Francisco Carlos (Chico de Nininha)	Capitão	Congada Santa Efigênia	1958	Católica	Fundamental Incompleto	Operário	Casado
Hélio Campos	Capitão	Congada Soldados de Maria	1990	Católica	Fundamental Incompleto	Serralheiro	Casado
Ciara Balduino	Presidente	Congada Soldados de Maria	1990	Católica	Ensino Médio	Dona de casa	Casada
Marin Severino	Capitão	Congo do Pião	1948	Católica	Antigo Primário	Aposentado	Divorciado
Antônio Eustáquio (Tonico)	Capitão	Congo do Pião	1979	Católica	Fundamental Completo	Aux. Produção	Solteiro
Naudelina Costa (Nina)	Dançadora	Congo do Pião	1941	Católica	Antigo Primário	Dona de casa	Viúva
Mosair Santos	Capitão	Congo Sereno	1988	Católica	Superior completo	Contador e músico	Casado
M ^a . Aparecida Santos	Ajudante	Congo Sereno	1961	Católica	Ensino Médio	Cuidadora de idosos	Casada
João Paulo	Capitão	Moçambique Otaviano Piriá		Católica	Fundamental Incompleto	Ajudante de Pedreiro	Casado
Viviane Ferreira	Capitã	Congada São Benedito	1994	Católica	Superior completo	Advogada	Solteira
Aparecida Camargos	Presidente	Congada São Benedito	1951	Católica	Antigo Primário	Dona de casa	Viúva

Realeza do reinado

Maria G. Silva	Rainha Conga	-----	1960	Católica	Antigo Primário	Operária	Viúva
José Eustáquio (Tipaca)	Rei Congo	-----	1948	Católica	Antigo Primário	Aposentado	Casado
Ana Flávia	Rainha Perpétua	-----	1991	Católica	Superior completo	Comerciante	Casada
Paulo Roberto (Betinho)	Rei Perpétuo	-----	1970	Católica	Fundamental Incompleto	Comerciante	Casado
<i>Reis e rainhas festeiros</i>							
Eloisa Marques de Oliveira	Rainha Festeira	-----	1971	Católica	Ensino Médio	Comerciante	Solteira
Maria Elisa	Rainha Festeira	-----	1993	Cristã	Superior completo	Desempregada	Solteira
Gustavo Borges	Rei Festeiro	-----	1977	Católica	Superior incompleto	Empresário	Casado
Dirceia Batista	Rainha Festeira	Congadas Filhas de Maria	1984	Católica	Ensino Médio	Manicure	Casada
Carla Bernardes	Rainha Festeira	-----	1975	Católica	Pós-Graduação	Professora	Casada
<i>Integrante da Igreja Católica</i>							
Adelzire Moraes	Pároco	-----	1961	Católica	Superior completo	Padre	Solteiro
<i>Voluntários da Cozinha do Reinado</i>							
José Luiz- Luiz do Tutu	cozinheiro	-----	1954	Católica	Antigo Primário	Aposentado	Casado
Conceição Santos (Cão do Arroz)	cozinheira	-----	1951	Católica	Antigo Primário	Aposentada	Viúva
Maria Abigail Alves Silva (Biga)	Cozinheira	-----	1953	Católica	Antigo Primário	Cabeleireira	Casada
Silvério Antônio da Silva	Cozinheiro	-----	1948	Católica	Antigo Primário	Carpinteiro	Casado
<i>Diretoria da Irmandade</i>							
José Aparecido (Dinho)	Presidente da Irmandade	-----	1971	Católica	Fundamental Incompleto	Rep. comercial	Casado
Antônio Fernando (Fernandinho)	Ex-presidente da Irmandade	-----	1951	Católica	Superior completo	Professor Aposentado	Casado
<i>Agentes da administração pública municipal</i>							
Antônio Fernando (Fernandinho)	Secretaria de Cultura	-----	1951	Católica	Superior completo	Servidor público municipal	Casado

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 2 – Caracterização dos colaboradores da pesquisa entrevistados em Araújo

Araújo							
<i>Representantes de Ternos de Congadas</i>							
Nome	Cargo	Grupos	Data Nasc.	Religião	Instrução	Profissão	Est. Civil
Vicente Eustáquio	Capitão	Moçambique N. S. Rosário	1951	Católica	Fundamental Incompleto	Aposentado	Casado
Nícolás Marinho	Presidente	Congada Chico de Paula	2001	Católica	Ensino Médio	Estudante	Solteiro
Jésu de Souza	Capitão	Congada do Dote	1952	Católica	Antigo Primário	Aposentado	Casado
Ramon Santos	Presidente	Congada do Dote	1984	Católica	Ensino Médio Incompleto	Op. Máquinas	Casado
<i>Realeza do reinado</i>							
Agostinha Souza	Rainha Perpétua	-----	1956	Católica	Antigo Primário	Autônoma	Casada
Almir Silva (Bila)	Rei congo	-----	1967	Católica	-----	Autônomo	Casado
Solange da Costa Silva	Rainha Morena	-----	1944	Católica	Antigo Primário	Dona de casa	Casada
Miguel José da Costa	Rei Moreno	-----	1949	Católica	Antigo Primário	Aposentado	Casado
Antonio Souza (Toen Bem)	Cap. Mor do Reinado	Moçambique N. S. Rosário	1930	Católico	Antigo Primário	Aposentado e benzedor	Viúvo
<i>Festeiro e Festeira</i>							
Milene Melo	Festeira	-----	1961	Católica	Superior Completo	Aposentada	Divorciada
Maria Auxiliadora (Dôra)	Festeira	-----	1944	Católica	Ensino Médio	Comerciante	Viúva
Sônia Santos	Festeira	-----	1969	Católica	Fundamental Incompleto	Comerciante	Casada
Adriana Santos	Festeira	-----	1972	Católica	Fundamental Incompleto	Auxiliar de Serv. Gerais	Casada
<i>Diretoria da Irmandade</i>							
Geraldo Orlando	Presidente da INSR	-----	1955	Católica	Ensino Médio	Aposentado	Casado
Eduardo Silva	Ex-presidente da INSR	-----	1982	Católica	Ensino Médio	Autônomo	Solteiro
<i>Agentes da administração pública municipal</i>							
Bruno Silva	Chefe Gab. Prefeito	-----	-----	Católica	Superior Completo	Servidor público	Solteiro
Neuman Silva	Sec. Esp. Cult. Lazer e Turismo	-----	-----	Católica	-----	Servidor público	Casado

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A decisão de inserir esse tipo de informação para o leitor logo na introdução é para ajudar na leitura do texto, tornando-o mais fluido. Assim sendo, ao trazer a contribuição do colaborador nos capítulos que se seguem não careço de apresentá-los (cargo no reinado, nome do grupo, ano de nascimento etc.), uma vez que as informações sobre cada um deles já estão sistematizadas nos quadros 1 e 2.

A estrutura dos capítulos que compõem a tese está assim disposta. No primeiro capítulo apresento uma discussão sobre as festas de reinado, o congo, as narrativas em torno dos festejos bem como sua religiosidade e ancestralidade. Para isso recorro tanto às contribuições de pesquisadores e pesquisadores sobre o tema como à etnografia realizada durante o trabalho de campo.

No segundo capítulo, faço uma análise sobre as festas de reinado do passado a partir das lembranças dos reinadeiros velhos que residem nas duas cidades. Independentemente se ainda brincam reinado ou não, a intenção foi obter dessas pessoas informações que permitisse o mapeamento das principais transformações ocorridas, ao longo dos tempos, nos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

O capítulo terceiro aborda os eventos que antecedem à festa de reinado, isto é, os preparativos como reuniões da diretoria, almoços beneficentes e levantamento dos mastros. Para isso utilizo as minhas vivências nos diversos momentos que reúnem os reinadeiros.

O quarto capítulo também tem uma proposta semelhante, porém, o foco recai nos rituais que acontecem durante realização do reinado. Nele, descrevo minhas experiências ao acompanhar os três ternos de congadas pela cidade, durante três dias de reinado. Igualmente relato os principais eventos que ocorrem nos dias de festas como missa conga, entregas e pegadas de coroas, homenagens dos ternos aos reis e rainhas festeiros, os cortejos e descimento dos mastros. Em linhas gerais, o propósito foi seguir os caminhos da festa.

Já o capítulo quinto traz uma reflexão sobre os vários grupos que integram a festa de reinado como os ternos de congadas, a corte real, a diretoria da irmandade, a igreja, os reis e rainhas festeiros e agentes públicos. O propósito é perceber os processos de formação, as interações, os conflitos, suas funções e, principalmente, com eles contribuem para a continuidade da festa nas duas cidades. Interessa-me compreender como as congadas são formadas, que elementos são intercambiados, seus rompimentos, conflitos e parcerias, bem como a transmissão dos cargos da corte vitalícia. Para contribuir com a discussão estabeleço diálogo com Bruno Latour (2012),

sobretudo no tocante à formação dos grupos. Para compreender as continuidades e rompimentos relacionados aos grupos de congadas utilizo duas fotografias antigas que registram alguns dos capitães antigos. Ambas são datadas do final de 1950 e início de 1960. Em uma delas, de 1961, está o ex-capitão de congada Luiz Carolina, posando junto a outros capitães de ternos da cidade Santo Antônio do Monte. A partir dessa imagem é possível remontar quais daqueles congadeiros participantes do retrato possuem vínculo com os grupos atuais. Por exemplo, que o capitão em destaque, único que está sentado na foto, continua presente nos dias atuais, a partir do terno Congada Luiz Carolina, sob o comando de seu neto, Luizinho. A mesma análise é possível de realizar a partir da fotografia antiga da Congada do Dote, de Araújo, datada do final da década de 50. Portanto, as interações e trocas que surgem entre os diversos grupos que compõem as festas de reinado apontam para o aprofundamento das análises a seguir.

Por último, nas considerações finais, interessa-me tecer proposições acerca de algumas situações a respeito das festas de reinado, que foram se descortinando ao longo da pesquisa de campo, e que permitiram estabelecer comparações entre os festejos nas duas cidades, ao invés de recapitular e resumir determinados pontos abordados nos capítulos anteriores. A escolha do método comparativo, conforme estabelecido por Sartori (1981), associado à etnografia e à observação participante permitiu compreender, por exemplo, que as diferenças e semelhanças existentes nos dois contextos estão em constante processo de complementaridade. Ou seja, as diversas dinâmicas das festas, embora apresentem temporalidade e espacialidades distintas, em alguns momentos se cruzam. Ainda de forma resumida, mas não apressada, trago alguns aspectos das celebrações a partir do conceito de *economia da festa*, sobretudo no que tange às estratégias agenciadas pelas comunidades reinadeiras e seus devotos para fazer a festa. A existência desses arranjos permite refletir sobre uma fala de padre Adelize que sugere que todos os devotos podem fazer suas promessas e pagá-las oferecendo comidas no reinado, basta que tenham fé.

1 AS MANIFESTAÇÕES FESTIVAS E RELIGIOSAS: NARRATIVAS E ETNOGRAFIAS SOBRE OS REINADOS

1.1 As festas e suas múltiplas possibilidades de existência

O presente capítulo tem por objetivo apresentar uma discussão a partir de etnografias realizadas sobre o contexto das festividades religiosas, principalmente no que tange aos eventos realizados para homenagear os santos reinadeiros. Ao longo das discussões trago como contributo informações coletadas durante as pesquisas de campo realizadas sobre os reinados em Santo Antônio do Monte e em Araújos. Portanto, parto do contexto de festas mais amplo, passando pelas narrativas míticas até chegar às festas de reinado, seus elementos constitutivos e outros aspectos socioculturais a elas integrados. Ou seja, o propósito é partir da perspectiva mais abrangente para o contexto específico, situando os festejos em homenagens aos santos padroeiros.

Antes de abordar a festa de reinado e todos os elementos que tornam ímpar o cotidiano dos indivíduos nos contextos onde ela ocorre, é interessante ressaltar como os rituais celebrativos têm sido objeto de pesquisa de muitos estudiosos das ciências sociais, em especial da antropologia. Em *As formas elementares da vida religiosa* (2000), obra publicada em 1912, Émile Durkheim discute uma série de eventos de naturezas diversas como nascimentos, casamentos, funerais etc. Todos eles manejam uma série de ritos que reforçam e dão sentido à existência e ao convívio em sociedade. As festas, momentos celebrativos experienciados e promovidos pelos indivíduos reforçam a necessidade de estabelecer laços afetivos, de conviver como o outro e, acima de tudo, ressignificar o cotidiano através dos rituais. Durkheim afirma “que os ritos representativos e as recreações coletivas são inclusive coisas tão próximas que os participantes passam de um gênero a outro sem solução de continuidade” (DURKHEIM, 2000, p. 414). É comum que em alguns ritos celebrativos os indivíduos não percebam quando mudam de gestos profanos para outros tidos como sagrados. Genericamente falando, as festas de reinado entremeiam danças e rezas de maneira fluída, sem que o público se dê conta da mudança de uma para a outra. Nesse caso, acrescenta ainda o autor que “as fronteiras entre esses dois tipos de cerimônias são tão flutuantes que é impossível dizer a qual dos dois gêneros pertencem” (DURKHEIM, 2000, p. 415). Para além das dualidades, as festas engendram uma pluralidade de significados, ações e intenções que somente acontecem durante o

período de sua existência, pactuado pela coletividade, definida por Mikhail Bakhtin (1987) como uma “segunda vida”.

Sobre os ritos celebrativos, diz Durkheim (2000),

toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços de cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. Por isso, observa-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc (Durkheim, 2000, p. 417-418).

Para o autor, as festas ou ritos festivos são momentos de encontro ou confraternização, promovidos por diversos motivos, através dos quais a sociedade se reproduz e se desfaz em constante movimento. É, portanto, a partir da manutenção desses eventos que envolvem interações múltiplas, que a vida em coletividade se reinventa.

Os estudos de Mauss (2003) a respeito da teoria do dom chamam a atenção para os diversos papéis desempenhados pelas dádivas e as contradádivas que, por sua vez, estão presentes nas celebrações festivas. Uma das características mais marcantes das trocas de dádivas “é o caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado” (MAUSS, 2003, p. 188). O conceito de fato social total desenvolvido pelo autor, que contempla os estudos sobre o dom e o contradom, presentes nas festas, engloba uma pluralidade de relações que conectam os indivíduos e ao mesmo tempo a sociedade.

Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo -; econômicas – estas supondo formas particulares de produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição -; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p. 187).

Trata-se portanto de fatos sociais complexos, pois envolvem uma gama de sentidos relacionados à vida social dos indivíduos. Geralmente, as cerimônias festivas requerem não apenas a participação de pessoas envolvidas nas diversas etapas (preparação e realização), mas também doações e trocas, sejam elas materiais ou simbólicas. Nisso estão presentes as dádivas e as contradádivas, encarregadas por manter vínculos de solidariedade entre os indivíduos. Sobre o contradom, isto é, obrigação de retribuir a coisa recebida, Mauss afirma que “se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte” (2003, p. 198). A dádiva acontece

através do ato de dar, receber e retribuir, cujo propósito é manutenção de alianças entres indivíduos. Por outro lado, ela também hierarquiza as relações à medida que estabelece a reciprocidade como eixo central. Esse movimento é possível de ser observado através das dinâmicas internas das festas, seja através da reafirmação do grupo em doar sua força de trabalho (como acontece nas diversas atividades de um festejo), seja através da doação de coisas e objetos ofertados pelos membros da comunidade.

Refletir sobre festas a partir do conceito de fato social total, além de permitir compreender a quantidade de trocas cerimoniais materiais e simbólicas que são acionadas ao mesmo tempo em diversos campos da vida em sociedade (estético, político, econômico, moral etc.), proporciona o entendimento de que não se trata apenas de diversão, como costuma definir o senso comum. A festa é bem mais que isso, ela é complexa, e necessária à vida em sociedade. Como diz Rita Amaral, “divertimento é coisa séria, e pode ser entendido até mesmo com a segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência” (AMARAL, 1998b, p. 14).

Martine Segalen (2002) concorda que a festa abrange uma totalidade quando afirma: “ela é, se não total, pelo menos complexa, envolvendo muitos registros da vida social” (SEGALEN, 2002, p. 92). Porém, não é o propósito da pesquisa que realizei apreender a totalidade das festas de reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos. Ou seja, detalhar em profundidade as interações, intenções, trocas materiais e simbólicas que acontecem na coletividade e entre esta e os seres sagrados, antes e durante as festas. Ao contrário, as reflexões buscaram problematizar apenas alguns aspectos relacionados às interações entre os indivíduos e os grupos e estes com os seres não humanos, que integram os rituais festivos, que convencionei nomear por economia da festa.

Trazendo a reflexão sobre a dádiva para o contexto das festas de reinado, em especial a partir da economia da festa – entendida como as trocas materiais e simbólicas que acontecem durante as homenagens aos santos –, é possível perceber a existência do “caráter voluntário aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado, dessas prestações” (MAUSS, 2003, p. 188), que acontece entre os vários grupos e atores participantes. Para o autor, as dádivas assumem quase sempre a forma do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social. Uma das situações emblemáticas do reinado, que dialoga diretamente com o fenômeno das dádivas, são os pagamentos de promessas e os patrocínios de comidas, oferecidos aos congadeiros pelos reis e rainhas festeiros como prova de sacrifício aos santos e em retribuição às graças alcançadas. Graças essas que são

obtidas através do recurso espiritual da promessa que, por sua vez, “os obrigam a retribuir o presente recebido” (MAUSS, 2003, p. 193), seja oferecendo generosas quantias em dinheiro, seja doando força de trabalho.

Acerca da existência e da manutenção das dádivas, que circulam e conectam os indivíduos, Pierre Bourdieu (1996) amplia a discussão ao problematizar as nuances implícitas que permeiam o tema. Segundo o autor o caráter primordial da experiência do dom é sua ambiguidade, pois, “de um lado é gratuito e sem retribuição, de outro, seu caráter impositivo e custoso” (BOURDIEU, 1996, p. 7). Apesar de o dom se apresentar perante o coletivo como sendo gratuito, o autor defende que essa forma é impossível de acontecer. É o caso das comidas que são ofertadas pelos reis festeiros aos congadeiros em retribuição a uma graça atendida pela divindade, e que aparentemente aparece como uma ação espontânea, revela a obrigação cumprir com o contrato estabelecido anteriormente através do pacto da promessa. Para compreender a lógica do dom, Bourdieu (1996, p. 10) alerta para “afastar-se não só da filosofia da consciência, mas também do economicismo que não conhece outra economia que a do cálculo racional e do interesse reduzido ao interesse econômico”. Contrariamente, as transações estabelecidas entre os sujeitos no campo das dádivas são regidas pelas regras da economia das trocas simbólicas. Para evidenciar a relação entre dom e as trocas sensíveis, que conectam os indivíduos e os mantêm de certa forma vinculados uns aos outros, Bourdieu chama a atenção para a necessidade de não tomar como parâmetros os indicadores fornecidos por um tipo de economia pautada estritamente pelo lucro.

A economia do dom, ao contrário da economia do “toma lá, dá cá”, baseia-se em uma denegação do econômico, em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.), que se efetua, sobretudo, através da transmutação do capital econômico realizada pela alquimia das trocas simbólicas (trocas de dons, de palavras, de desafios e réplicas, de mulheres etc.), e que só é acessível a agentes com disposições adaptadas à lógica do “desinteresse” (disposições que podem encontrar sua realização no “sacrifício supremo”, aquele que consiste em “dar a própria vida”, em preferir a morte à desonra — “é melhor morrer do que...”) (BOURDIEU, 1996, p. 11).

No reinado, a dádiva do sacrifício se apresenta para os reis e rainhas festeiros desde o momento que eles dão seus nomes para constar na lista de espera, enquanto aguardam pelo momento de reinar. Significa dizer que terão de “sacrificar” seus recursos materiais e simbólicos (dinheiro, ciclos de amizade, familiares, compromissos etc), para patrocinar uma parte do rito da

festa, ofertando comidas aos dançadores, conforme foi prometido ao santo no ato da promessa. Esse tempo que “separa o dom do contradom” (BOURDIEU, 1996, p. 13), permite, por exemplo, a mobilização de recursos que flertam com o fator econômico, e que se apresentam no reinado em Santo Antônio do Monte através do valor monetário⁶ que cada pagador de promessa precisa levantar para quitar sua dívida com a santa.

A maioria dos devotos conta com esse tempo para se planejar financeiramente e, assim, custear a parte que lhe cabe na festa. Alguns festeiros relataram que a partir do momento que deram seus nomes para figurar na lista já começaram a fazer uma poupança visando a obtenção do dinheiro destinado ao patrocínio do ritual de comensalidade do reinado⁷. No entanto, o valor econômico por si só não chega a ser um fator decisivo nas relações que envolvem as trocas estabelecidas entre os sujeitos pagantes de promessas. As ajudas recebidas através das redes de sociabilidade, seja em forma de trabalho voluntário seja através de doação de gênero alimentícios, coexistem e atuam de forma complementar. A prova é que muitos festeiros e festeiras acionam esse tipo de ajuda de devotos, que se dispõem a doar sua mão de obra gratuita, atuando na cozinha e no salão da irmandade. Alguns, inclusive, fazem suas promessas para pagá-las através desse tipo de troca. A festa, portanto, entrelaça vários aspectos das dádivas, não apenas a “economia do toma lá, dá cá” (BOURDIEU, 1996), mas elementos que integram a economia das trocas simbólicas. Essa, portanto, é apenas uma variante, dentre várias, que acaba se entrelaçando às demais trocas para promover a festa.

Por outro lado, observei ainda que nem todos os devotos que desejam fazer promessas para ofertarem comidas dispõem de condições financeiras para arcar com a quantia exigida, apesar de padre Adelize afirmar que a fé nos santos permite que ricos e pobres realizem esse sacrifício. Talvez seja o caso da congadeira Dirceia, cuja renda provém da atividade de manicure, a qual contabiliza na sua trajetória de devota a função de festeira em várias edições da festa. Ela contou que em todas as vezes obteve ajuda dos clientes e dos amigos, que doaram os itens alimentícios e mantimentos necessários para alimentar os brincadores. Situação semelhante acontece entre os festeiros no reinado em Araújos. Os familiares e amigos que residem na zona rural contribuem

⁶ Atualmente as despesas relativas a um almoço ou jantar na Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte custa em média 18 mil reais. Para minimizar e evitar que apenas um pagante de promessa, ou seja, um rei ou uma rainha festeira custei sozinho as despesas, a diretoria da irmandade aumentou de um para dois o número de patrocinadores por evento, permitindo que o valor seja dividido.

⁷ Segundo Dinho, atualmente o tempo de espera, entre dar o nome e receber a coroa é de quatro anos, em média.

doando galinhas, ovos e leitões para ajudar nas despesas. Embora não venha ao caso prever qual o tipo de trocas prevalecerá nas festas de reinado, de acordo com Bourdieu (1996), “à medida que a economia do dom tende a se reduzir a uma ilha no oceano da economia do ‘toma lá, dá cá’, seu significado se altera, tornando-se uma estratégia racional de investimento orientada para a acumulação de capital social” (BOURDIEU, 1996, p. 12). Contudo, observa-se no reinado dos contextos pesquisados a existência de dons e contradons, ora dialogando com o valor econômico, ora com valores como amizade, compadrio e lealdade.

Fotografia 01: Festeiros Dirceia e seu irmão



Legenda: Os festeiros conduzindo as três bandeiras dos santos durante o cotejo de encerramento do reinado. Fonte: Fotografia do autor (2017)

A festeira Dirceia e sua família buscaram algumas estratégias que facilitaram a participação no reinado como agentes financiadores das comidas para os congadeiros. Ela e seu irmão, que já foram festeiros tanto de coroa grande como de bandeira, para conseguir levantar a quantia necessária, além de contar com as contribuições (doações de mantimentos) de amigos e clientes também realizaram consórcios⁸. Esse tipo de arranjo evidencia as várias possibilidades possíveis encontradas pelos devotos e simpatizantes para custear as despesas necessárias ao patrocínio da festa de reinado. Portanto, não financiam os festejos apenas os festeiros que possuem recursos

⁸ É uma espécie de poupança programada que consiste na reunião de um grupo de pessoas que investem uma determinada quantia mensal, previamente acordada. O valor da parcela investida depende do tempo e da quantidade de participantes. Por exemplo, no caso da festeira Dirceia foi definido um grupo de dez pessoas que investiram quinhentos reais, durante dez meses. Ao final de cada mês, por meio de sorteio, uma pessoa é contemplada. A dinâmica segue até que todos os integrantes do grupo sejam beneficiados com a quantia de cinco mil reais.

financeiros excedentes. Tal constatação permite refletir sobre a pluralidade de formas (doações, festival de jogo de truco, esmolos, bingos, consórcios, trabalho voluntário etc.), que são possíveis quando se pensa na economia das festas. É o caso, por exemplo, da festeira Dirceia que promovem consórcio de dinheiro entre os membros da família.

Observei que em outros contextos que envolvem a celebração de festas religiosas ou cívicas, especificamente na cidade de Santiago no sul do México, conforme relatou John Monaghan (1996), os festeiros também criam estratégias semelhantes para juntar os recursos financeiros necessários para patrocinarem suas festas.

Embora a dádiva pautada no economicismo tenda, em alguns momentos, a sobressair-se, “é a lógica da troca de dom que leva a produzir relações duráveis” (BOURDIEU, 1996, p. 12). Ele refere-se à economia das trocas simbólicas fundada na dádiva e na contradádiva, existente nas festas pesquisadas. Para o autor são ações permeadas de valores como lealdade, amizade e honra etc., que dinamizam esse tipo de troca presentes nas cerimônias festivas. É, portanto, a partir da relação de complementaridade estabelecida entre os vários tipos de trocas (promessas, ajudas dos voluntários, doações etc.), os quais circulam entre os espaços e ações, que reside a continuidade dos festejos de reinado.

Dando prosseguimento às discussões acerca das festas, Mikhail Bakhtin (1987) parte do princípio de que o carnaval enquanto festa é a segunda vida do povo baseada no princípio do riso, o que na sua concepção é o evento festivo mais popular tanto por sua longa trajetória, pois tem sua origem na Idade Média, como também por envolver diversos atores e grupos em torno de um mesmo propósito: o riso, a diversão e a transgressão. Todos esses elementos, e mais alguns outros, tornam o tempo festivo único.

Essa segunda vida que só as festas têm potencial para oferecer aos seres humanos, isto é, novas aberturas para o viver e o sentir diferentes dos moldes da vida cotidiana, consiste em “mergulhar profundamente na universalidade, liberdade, igualdade e abundância” (BAKHTIN, 1987, p. 8). Apesar do sentido de abundância ligar-se às múltiplas possibilidades de extravasamento vividas durante as festas, já que os exageros são as marcas significativas desses períodos, seus sentidos soam-me familiares por perceber que há aproximação com os ritos de comensalidade representados nos banquetes (cafés da manhã, almoço e jantar), elementos centrais das festas de reinado.

De acordo com Léa Perez (2011), a antropologia evidencia, desde sua constituição como disciplina, que festas, notadamente religiosas, marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida coletiva, a periodicidade das passagens. Nossas festas, continua Perez (2011), sejam laicas ou religiosas, oficiais ou populares, mostram uma maneira singular de viver o fato coletivo e de perceber o mundo: “são vias reflexivas para se penetrar no coração da sociedade brasileira, pela porta da cidade, da igreja, da praça, lugares onde acontece” (PEREZ, 2011, p. 28). Para Mary Del Priore (2000, p. 19-20) “em nome de uma objetividade, não é possível separar as festas religiosas das festas profanas. É como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa”.

As festas religiosas não se constituem apenas de ritos propriamente religiosos como rezas, missas, procissões, pagamentos de promessas, mas também de danças, cantigas, comensalidades e até feiras comerciais. Por apresentarem diversas facetas engendradas tanto por agentes da religião oficial como por pessoas “leigas”, elas também são consideradas como festas populares. Segundo Brandão (1989, p. 7), “uma festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar”. Nesse sentido, as festas de reinado integram diversos ritos que ultrapassam o campo propriamente do sagrado.

Nas palavras de Amaral (1998a), toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Assim, apesar de entrarem em ritmos diferentes (refiro-me ao tempo festivo), as cidades de Santo Antônio do Monte e de Araújos seguem seu curso, deixando-se contagiar pelo clima alegre, embalado pelas cores, danças e pelos sons dos instrumentos dos ternos de congada. Carlos Rodrigues Brandão (1989), a partir de estudos realizados sobre as festas no interior do Brasil central e sua importância para a vida daqueles que as realizam e delas participam, observa que a festa é “o lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e aquilo que deve ser resgatado da *coisa símbolo*, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado” (BRANDÃO, 1989, p. 8). Essencialmente, “festa é uma coisa boa que remete à noção, coletivamente vivenciada, de alegria, bem-estar, felicidade, satisfação, amizade e descompromisso; dotando-as de um extraordinário poder de mobilização” (TEIXEIRA, 1988, p. 23).

Da Matta (1997) ainda esclarece que as “festas são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos” (DA MATTA, 1997, p. 52) e que “é preciso não esquecer da importante associação entre a festa, como domínio especial, e as

alternativas de ação que ela pode abrir, seja para voltar satisfeito ao cotidiano, seja, para transformá-lo” (DA MATTA, 1997, p. 51). Essa parte é particularmente especial porque conduz à reflexão sobre as cerimônias de encerramentos dos festejos ou as bênçãos finais dadas aos congadeiros, devotos e simpatizantes.

Enquanto o reinado de Araújo se encerra com uma missa campal rezada em frente à igreja matriz, com o padre no palco e os fiéis na plateia, em Santo Antônio do Monte os festejos são encerrados apenas com as bênçãos dadas pelo pároco, após a finalização do cortejo. Para isso ele utiliza o mesmo palco usado pelos ternos de congadas para agradecer aos reis e rainhas festeiros. Porém, apesar de haver diferenças no modo de despedir-se da festa, a intenção é a mesma: que a comunidade reinadeira volte satisfeita ao cotidiano e, se possível, renovada para enfrentar mais um ano de vida.

Para Brandão (1989), a festa imita nossa própria vida, de tanto que seus elementos se entrelaçam a ponto de darem o tom da existência humana. A vida inspira a festa, e é vista pelo autor como “uma sequência de situações *únicas* (nascimento e morte), *raras* (casamento ou nascimento) ou *repetidas* (aniversários) com que as pessoas da família, da vizinhança, do trabalho ou de amizade nos festejam ou nos obrigam a festejar” (BRANDÃO, 1989, p. 3).

Da Matta (1997) classifica essas situações ou eventos sociais que permeiam a vida dos sujeitos, segundo sua ocorrência no Brasil, em dois tipos:

aqueles que fazem parte da rotina do cotidiano chamado de “dia a dia” ou simplesmente “vida”, e os eventos que estão situados fora desse “dia a dia” repetitivo e rotineiro: **as “festas”**, os “cerimoniais”, as “solenidades”, os “bailes” etc., onde se chama a atenção para seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categoriais sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina na vida diária. Nesse sentido, eles se constituem no que pode ser chamado de *extraordinário construído pela e para a sociedade* (DA MATTA, 1997, p. 47. Grifo meu em negrito).

Fica evidente, portanto, que “uma das operações que a festa realizava e ainda realiza, reforçando seu caráter extraordinário é a quebra da rotina” (PEREZ, 2011, p. 107). Não apenas a quebra de rotina integra o espírito festivo; outros elementos permanecem e fazem lembrar de possíveis conexões entre as festas atuais e as antigas. Brandão (1989), a esse respeito, sugere a existência de um sentimento narcisista, conforme descrito abaixo, que permeia principalmente as festas populares de caráter religioso, como é o caso dos reinados.

As procissões e os cortejos de reinados transformados em desfiles e paradas; a celebração piedosa de “nós mesmos” através de nossos santos e padroeiros, revividos como folguedos modernos de afirmação de “nós ainda”, através do que produzimos e ostensivamente mostramos a nós e a todos; as mesmas divertidas situações de trocas mansas, solidárias, ou de competição ativa, como nos leilões e concursos disto e daquilo; a mesma farta orgia do comer-e-beber e as mesmas buscas do outro, onde os desejos do amor e do prazer entre homens e mulheres agora se escondem menos e já não se sublimam tanto mais (BRANDÃO, 1989, p. 9).

A festa, ainda segundo o autor, assume o sentido de viagem, mas não somente para os devotos e simpatizantes que se deslocam de seus territórios para prestigiar e vivenciar o tempo festivo em outros lugares, conforme observa-se nos reinados em Santo Antonio do Monte e Araújos, que reúnem congadeiros de vários municípios vizinhos. É uma viagem porque “vai-se a ela e ali transita-se entre seus lugares. Por isso o cortejo e tudo o mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine” (BRANDÃO, 1989, p. 7). Nesse sentido, as visitas que os ternos de congadas realizam às casas dos devotos, durante o reinado, são fundamentais para a manutenção dos trânsitos dos sujeitos entre os diversos espaços festivos.

As festas e tudo que elas representam “foram e continuam sendo, fundamentais na estrutura de nosso tecido societário, de nossas pautas de relacionamento, de nosso estilo de vida, de nossa sensibilidade estética” (PEREZ, 2011, p. 102). A autora não apenas reconhece as festas como um campo de trabalho fértil, mas também um instrumento conceitual e prático, capaz de guiar os pesquisadores na difícil tarefa de traduzir as maneiras de ser e de viver em sociedade. Apesar de as festas serem fundamentais como lentes para ler as ações humanas nas mais diversas situações da vida social, religiosa, política, econômica, simbólica e tantas outras. Segundo Jean Duvignaud, elas nem sempre foram definidas assim. O principal obstáculo para compreendê-las nos mais diversos aspectos teria sido “uma percepção social dominada pelas noções de utilidade e, evidentemente, pelo espírito da rentabilidade que caracterizam o Ocidente industrializado” (DUVIGNAUD, 1983, p. 22). No entanto, o autor não descarta que a festa, cujo princípio foi eliminado pelo crescimento industrial, descubra nova oportunidade de se reinventar. Apesar de concordar com o autor que o processo de modernização interferiu e continua interferindo em todas as sociedades, influenciando os modos de vidas, incluindo as formas de festejar, novos arranjos e estratégias são buscados pelos sujeitos para manter a continuidade dos festejos. No tocante às festas de reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos, embora haja participação do fator econômico, não se trata de eventos apenas focados na rentabilidade. Os recursos financeiros utilizados nos rituais são para manter a

continuidade das festas, não visam o lucro. Além do que, há outras formas de sociabilidades encontradas para fomentar recursos que ultrapassam o mero utilitarismo. Os almoços beneficentes que engendram uma extensa rede de solidariedade e os consórcios de dinheiro organizados por alguns reis festeiros mostram que há outros sentidos que circulam nas festas, que não apenas o meramente econômico.

Pensando o campo festivo brasileiro, Perez (2011) reforça a pujança das festas, sobretudo aquelas que detêm na sua estrutura elementos mágico-religiosos, ou seja, as festas populares religiosas, nas quais inserem-se as celebrações de reinado. Para a autora,

A quase totalidade de nossas festas, de modo ou de outro, e mais particularmente as festas religiosas, tanto as do calendário litúrgico do catolicismo romanizado quanto as do catolicismo popular, são heranças coloniais, transposições culturais do Velho para o Novo Mundo (PEREZ, 2011, p. 101).

Além de dar um panorama geral sobre o caminho percorrido pelas festas até assentar em terras brasileiras, dando destaque, inclusive, às manifestações populares de cunho religioso, a autora nos faz lembrar das ideias de Da Matta, na obra “O que faz o Brasil, Brasil?” (1984), quando afirma que foi “graças às festas que o Brasil se fez Brasil.” (PEREZ, 2011, p. 102).

O tempo festivo é *sui generis*, inverte a ordem vigente, a ponto de permitir que os negros escravos, num faz-de-conta ritualizado, ocupem o lugar do rei branco. Como afirma Mary Del Priore (2000, p. 37), “a festa efetivamente possibilitava ao grupo social o confronto de prestígio e rivalidades, a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes”. Nesse caso, “a festa abre para a experimentação humana o campo do possível, do imaginário enquanto instância do desejo, do imprevisível, do indefinível, do indeterminado, da interioridade, da embriaguez mítica, do excesso” (PEREZ, 2011, p. 108). A festa permite confrontar elementos do privado e do coletivo e vice-versa. Em alguns casos elas também marcam e delimitam os espaços de sociabilidade onde são realizadas como a cidade e o rural.

Alguns autores, nos quais me inspirei acerca das festas populares e religiosas (ALVES, 1980; DUVIGNAUD, 1983; BRANDÃO, 1978, 1985, 1987, 1989; TEIXEIRA, 1988; DEL PRIORE, 2000; PEREZ, 2011, 2014; VIANA E RIOS, 2016), apontam a cidade como um espaço fértil para reprodução desses festejos. Porém, o meio urbano não é o único contexto onde esses tipos de festividades acontecem e se reproduzem. É o caso dos grupos de folias de reis que todos os anos, no período compreendido entre o Natal (25 de dezembro) e o dia de Santos Reis (6 de

janeiro), visitam as residências de famílias nos bairros rurais para homenagear o Menino Jesus e os Três Reis Magos (PEREIRA, 2011; CHAVES, 2013). Ao orquestrarem cantorias e toques de instrumentos como caixas, cavaquinho, sanfona e pandeiros, os *folieiros* realizam visitas aos devotos, rezam em volta do presépio e pedem oferendas para as entidades homenageadas. Por trás de todo esse investimento sacrificial, há um objetivo que é

Em troca do que é recolhido – dinheiro, saca de arroz, feijão, animais de criação etc. – eles distribuem bênçãos aos doadores, além de auxiliá-los no cumprimento de suas promessas e contribuir para que os almoços, jantares e bailes sejam oferecidos em suas passagens (PEREIRA, 2011, p. 11).

Durante os *giros* que fiz com a Folia de Mensageiros da Paz, do congadeiro Tostão, pela comunidade rural Coqueiros, em Santo Antônio do Monte (MG), no dia 6 de janeiro de 2018, presenciei apenas as cantorias, as rezas, o almoço e o jantar. Neste pouso do grupo, como eles denominam, os folieiros, após se fartarem com o banquete de iguarias, composto por galinha caipira, costelinha assada e pelotas de carnes, realizaram uma roda de cantoria. A folia difere da congada em alguns aspectos. Um deles é que os folieiros seguem suas penitências de visitas às famílias, sem horário definido de pouso para almoço ou jantar. Não é como no reinado que os ternos de congadas têm agenda de compromissos cronometrada e previamente definida pela diretoria da irmandade.

Segundo afirma Brandão (1989), com base nos estudos que realizou sobre campesinato nas regiões de Minas Gerais, São Paulo e Goiás, “o ‘festejo do Natal’ subordina-se aos rituais do ciclo de Santos Reis, e o grande momento popular do culto é o dia da Festa de Santos Reis” (BRANDÃO, 1989, p.19). Apesar de tradicionalmente as folias acontecerem com mais ênfase em contextos de ruralidade, nota-se que devido às interações cada vez mais intensas entre os moradores de bairros rurais e de bairros urbanos, os festejos também são celebrados nos espaços urbanos.

As reflexões de Daniel Bitter (2010) sobre as folias de reis no Complexo da Mangueira, no Rio de Janeiro, evidenciam justamente as dinâmicas dos festejos em territórios urbanos. É diferente, por exemplo, da Folia do Tostão, cujos integrantes residem na cidade e que, durante os festejos, dirigem-se aos espaços tradicionalmente usados pelos folieiros, as comunidades rurais, para louvarem aos Santos Reis. Bitter (2010) relata inclusive situações às vezes perigosas que teve de enfrentar, como as interferências do tráfico na comunidade. Seu relato é suficiente para mostrar

que a folia está inserida não apenas na cidade, mas também suscetível aos diversos problemas que decorrem dessa inserção.

Embora não se trate aqui de discutir a origem dos espaços de realização dos festejos religiosos, como é o caso dos reinados, nem se eles ocorrem em maior ou menor frequência no meio urbano ou rural, o fato é que eles mantêm até os dias atuais alguns elementos estruturantes que remetem a períodos em que a maioria da população brasileira vivia em comunidades rurais ou em pequenos núcleos urbanos.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973), ao refletir sobre o campesinato no interior do país e a suas práticas de religiosidade, faz referência a costumes e crenças que aconteciam de forma espontânea, engendradas por alguns agentes da comunidade. Ela menciona as figuras do capelão e do festeiro. Enquanto “o capelão era encarregado das relações com o sobrenatural, o festeiro era o organizador das atividades religiosas ligadas à festa” (QUEIROZ, 1973, p. 90). Esse conjunto de práticas envolvendo o campo do sagrado, manipuladas por pessoas vinculadas ao próprio grupo, a autora denomina de “catolicismo rústico”. Ainda a respeito da centralidade do festeiro nas festas de padroeiros, a autora dá mais detalhadamente suas funções, afirmando que

Cada ano é escolhido um festeiro ou ‘dono’ da festa, encarregado de organizá-la e de pagar parte da despesa. Fica a seu cargo, por exemplo, a alimentação de todos os que virão comemorar a data. Por isso, escolhe-se de preferência um sitiante abastado, que dispunha de víveres em certa abundância para fazer face às exigências de sua posição (QUEIROZ, 1973, p. 82).

Nesse apontamento que versa sobre o festeiro, pelo menos duas de suas funções merecem atenção, por fazerem parte dos festejos religiosos populares até o presente. Essa figura, que além de ser responsável por “fazer a festa” (*dono* da festa) e prover a *alimentação*, como é recorrente nos discursos dos organizadores da Festa de Reinado de Araújo, é também considerada a principal financiadora (*sitiante abastado*) da parte mais onerosa da festa, que são as refeições dos congadeiros, de acordo com Dinho, Presidente da Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antônio do Monte. Mesmo que as festas de santos, como é o caso dos reinados, ocorram em contextos urbanos atravessados por inúmeras situações impostas pelos novos hábitos de consumo e pelo crescimento habitacional, e estejam sujeitas a mudanças impostas pela própria organização dos eventos, a permanência de alguns elementos tradicionais, como é o caso do festeiro, as caracteriza como uma marca de resistência.

Durante as pesquisas que realizei com alguns congadeiros mais antigos de Santo Antônio do Monte, eles relembram situações que reforçam essa característica da festa de reinado, de reunir as pessoas no meio urbano. Segundo contaram, o mês de agosto – período do reinado – era marcado pela vinda de toda a família para a cidade. As festas religiosas, incluindo as festas de padroeiro e padroeira e os rituais da Semana Santa, possivelmente tenham sido um dos eventos que propiciavam a mobilidade de parte da população residente nas *roças*. Usavam como principal meio de transporte o carro de boi, que conduzia, da zona rural para a cidade, mantimentos, agasalhos e roupas a serem utilizados durante os dias de festa. Durante todo período festivo as famílias que moravam na zona rural se mudavam para a cidade. Eles também lembram dos cheiros das quitandas e dos feijões, que pareciam acompanhar os ternos de congadas pelas ruas. Naquela época, década de 1930, a cidade se resumia às imediações da Igreja Matriz.

Enfim, as lembranças do passado reforçam que as “festas religiosas são as atividades urbanas mais antigas do Brasil, e que a cidade é palco da festa, do mesmo modo que o domingo santo é um dia festivo por excelência” (PEREZ, 2011, p. 111). A festa também é retratada nos escritos de Jean Duvignaud (1983) como a atividade humana por excelência, que escolhe os espaços urbanos como uma das formas para se perpetuar. Afirma o autor que a festa

se apodera de qualquer espaço onde possa destruir e instalar-se. A rua, os pátios, as praças, tudo serve para o encontro de pessoas fora das suas condições e do papel que desempenham em uma coletividade organizada. Então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos (DUVIGNAUD, 1983, p. 68).

É interessante perceber como simbólica e empiricamente os elementos que compõem o urbano aparecem fortemente marcados nos discursos e nas ações dos congadeiros. Espaços como rua, bairro, pátio da irmandade e palco permeiam não somente o imaginário dos participantes nos dias de reinado como são, ao mesmo tempo, vivenciados, prestigiados e revisitados.

Cada dia de festa de reinado é classificado em vários momentos: a hora dos ternos se dirigirem a tal bairro para tomar o café na casa de tal devoto; o momento de retorno da rua para se posicionar no pátio do galpão à espera do almoço ou do jantar; o instante de seguir para o palco, armado em frente à igreja matriz, para proferir os agradecimentos; o momento de formar o “estado” – o cortejo – que seguirá pelas principais ruas e avenidas da cidade, e vários outros. Enfim, elenquei resumidamente as principais atividades realizadas pelos ternos de congadas nos dias de reinado em

Santo Antônio do Monte, para mostrar com os diversos espaços da cidade são usados e como eles são intercambiados nos diversos processos que envolvem os rituais de louvor aos santos reinadeiros.

O caráter urbano das festas também é enfatizado na obra *Os recados das festas* (1988), de Sérgio Alves Teixeira. Ao analisar as festas em torno de produtos agrícolas como Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul, e outras no Estado do Rio Grande Sul, o autor demonstra que as elas são usadas estrategicamente para a promoção das cidades. Reforça ainda que “as festas em torno dos produtos agrícolas constituem um dos muitos tipos de festas desenvolvidas para suprir uma demanda variada e sempre crescente, por parte da população urbana” (TEIXEIRA, 1988, p. 25).

Durante minhas pesquisas, nos dois contextos observei a existência de uma certa polarização por parte dos participantes e organizadores. Alguns achavam que as festas de reinado deviam focar apenas nos ritos a que fazem referência e que se ligam diretamente às homenagens aos santos como missas, visitas, cortejos entre outros. Outros pensam de forma mais ampliada, pois, além de reconhecerem que tais símbolos são importantes, há outros que também devem se fazer presentes nos festejos, como a feira comercial, os bares, as músicas do momento etc. Resumindo, é possível pensar a religião e o divertimento, entendido também como lazer, desvinculados das festas religiosas populares, em especial, do reinado? Para Segalen (2002, p. 93), “não é fácil estabelecer uma separação entre os dois gêneros de manifestação, já que existe sempre um pouco de um dentro do outro”.

Essa discussão traz à tona outra questão que está presente no reinado, o espetáculo, ou o que eu chamo de festa lazer. Se para Segalen (2002) a festa também é um espetáculo, como suprimir ou fazer de conta que ele não é parte da festa se, por exemplo, os ternos de congadas se organizam o ano inteiro (compram fardas novas, afinam os instrumentos, compõem novas cantigas etc.) para aparecer durante a festa? Alguns até mantêm em sigilo o modelo de suas fardas para serem estreadas no reinado. Há aí uma intencionalidade de aparecerem bem vestidos e bem aparentados para o público que os assiste. Nesse sentido, embora em menor escala, e salvaguardadas as devidas aproximações, o contexto pesquisado por mim não deixa de dialogar com as escolas de samba, do Rio de Janeiro, e os Bois-Bumbás de Parintins, Amazonas, estudados por Cavalcanti (2002). Portanto, como afirma Segalen (2002)

No caso dos ritos públicos que concernem à afirmação do político e são consubstanciais com um poder que se deve afirmar regularmente no decorrer de grandes cerimônias, não

se pode relegar o ritual ao tradicional nem o espetáculo à modernidade (SEGALEN, 2002, p. 93).

Pensar as festas, no caso o reinado, apenas a partir dos polos tradicional e moderno não é produtivo em termos reflexivos e práticos, pois ao engessá-las corre-se o risco de não perceber a riqueza de sentidos que elas articulam na atualidade, sem deixar de preservar elementos que são antigos, mas que, por outro lado, absorveram novos elementos, entendidos como modernos.

O antropólogo José Jorge de Carvalho (2012) ao analisar o fenômeno que expõe (e explora) as manifestações populares, o compreende a partir de dois prismas, que integram ao mesmo tempo processos políticos, estéticos e econômicos: a canibalização e espetacularização. Segundo o autor, entende-se por canibalização a expropriação das culturais populares que mantém uma relação assimétrica entre os canibais (mídia, produtores, empresários etc.) geralmente fixados nos centros urbanos, e os canibalizados que seriam os artistas populares vindo de um contexto mais rural ou de setores pobres – termos usados pelo autor. Por outro lado, ao falar da espetacularização, o autor refere-se a um conceito que está mais ligado às dinâmicas da sociedade de massa, cujos eventos rituais são criados para atender às necessidades de um determinado grupo. A partir das interações eles são apropriados ou transformados para o consumo de outro grupo diferente, ou seja, “a classe média urbana consumidora de espetáculos” (CARVALHO, 2012, p. 46).

No contexto das festas de reinado, por mais que se observe a relação entre as apresentações das congadas que ocorrem circunscritas ao rigor do tempo cronometrado, minando o caráter espontâneos dos dançadores e cantadores, e uma espécie de superexposição das performances, não observei o fenômeno da espetacularização a ponto de ser considerado uma ameaça conforme sugerido por Carvalho (2012). Não percebi a espetacularização por si só como sendo uma tragédia anunciada sobre as festas de reinado, pois “para a antropologia essa dimensão espetacular é um dos elementos da performance ritual, e não apenas a resultante da racionalização instrumental da festa empresarial atual (CAVALCANTI, 2013, p. 18).

Para além da preocupação com a espetacularização dos festejos de reinado há outras agências que têm se mostrado com maior poder de destruição. É o caso da onda conservadora que atinge diretamente os costumes antigos, como a conversão de capitães de congadas às igrejas evangélicas e algumas proibições que partem dos representantes da igreja católica, conforme aprofundarei mais adiante.

Outros autores diferem das ideias de Carvalho (2012) a respeito da espetacularização. É o caso de Mafra (2008), que entende o espetáculo como um fenômeno que desperta o interesse, captura a atenção e sai do ordinário. De fato, imbuídos do sentimento de querer aparecer bem para festejar seus santos de devoção, os congadeiros se preparam o ano inteiro com o intuito de produzir as fardas novas, criar cantigas inéditas e afinar os instrumentos. Se, por um lado, a intenção dos ternos de congadas é homenagear as divindades, por outro há uma necessidade de apresentar-se, expondo algum elemento não mostrado na festa passada como o fardamento novo.

Para Rubim (2003), o espetáculo é parte da festa e vice-versa, uma vez que ambos contribuem para a existência de um tempo extraordinário. Nesse caso, assim como festa

o espetáculo remete também à esfera do sensacional, do surpreendente, do excepcional, do extraordinário. Daquilo que se contrapõe e supera o ordinário, o dia a dia, o naturalizado. A instalação no âmbito do extraordinário potencializa a atenção e o caráter público do ato ou evento espetacular (RUBIM, 2003, p. 90).

No caso dos ternos de congadas que integram as festas de reinado, mesmo que não haja uma intenção simplesmente voltada a apresentações competitivas, como acontece com outros grupos como nos festivais de culturas populares estudados por Osório (2012) e Cavalcanti (2002), “a plasticidade visual e a sonoridade tornam-se vitais” (RUBIM, 2002, p. 90).

Perez (2011, p. 120) também ressalta que “nossas festas, revelam uma sociedade que, desde o seu começo, vive do espetáculo, das mudanças, dos contrastes, das misturas e da fusão de coisas e pessoas, de deuses e homens”, ideias que, de certa maneira, se aproximam de meu propósito com essa pesquisa. Ou seja, quando me proponho a realizar um estudo comparativo nos dois reinados, estou preocupado também em mapear as diferenças e semelhanças que existem nos meandros das festas.

Se a festa e o espetáculo estão em constante diálogo, algo semelhante ocorre entre os discursos dos congadeiros que reforçam a existência de aspectos modernos e tradicionais relacionados aos festejos de reinado. Durante minhas pesquisas com os colaboradores de Santo Antônio do Monte ouvi frequentemente a frase “nosso reinado é tradicional”, talvez na intenção de colocá-lo num lugar de excepcional originalidade, evidenciando que não houve modificações com o passar dos tempos, diferente dos outros da região. Inclusive, alguns deles, ao se referirem ao reinado de Araújo, reforçavam o sentido de moderno que a festa lá teria assumido, como se o reinado deles tivesse se mantido intacto.

Como é comum em todas as manifestações culturais, se há alguma tradição nelas, são, na verdade, as mudanças. No entanto, ao aproximar-me dos interlocutores de pesquisa de Araújo, pude perceber que as dinâmicas internas dos festejos não eram exatamente como os congadeiros santo-antonienses haviam me contado. Havia, sim, uma grande feira com comércio pujante, sistematicamente incentivada, a partir dos anos 2000, pelo poder público municipal e pela diretoria da irmandade; havia também um clima de divertimento festivo, proporcionado principalmente pelos bares e barracas que vendem bebidas alcoólicas e churrasquinhos, localizadas em torno da Igreja Matriz, e que concentram um público jovem, e que não compartilham das mesmas performances realizadas pelos congadeiros.

Porém, quando observadas com mais atenção era possível apreender outras nuances que compunham o reinado, como a manutenção de alguns costumes herdados dos “tempos antigos”, da época em que os festejos foram iniciados, como o oferecimento dos almoços e jantares aos congadeiros que, ainda hoje, são realizados nas residências dos festeiros e festeiras pagantes de promessas. Também são mantidos os rituais importantes que caracterizam o reinado: a coroação dos festeiros e a formação do cortejo real composto pelo rei congo, rainha perpétua e rei e rainha morenos (antes denominados de *reis pretos*). Por isso, não se pode nivelar os aspectos de uma festividade partindo-se apenas de um deles.

Contrariamente, no reinado de Santo Antônio do Monte, onde é reivindicado o lugar da tradição, as comidas provenientes dos pagamentos de promessas deixaram de ser servidas nas casas dos *reis* e *rainhas* festeiros ainda no final da década de 1970, quando a diretoria resolveu concentrar essa parte da festa no galpão da irmandade. Portanto, apesar de se perceber nas falas dos atores a apropriação de um discurso da tradição como um qualificador da festa, para Hobsbawm e Ranger (2002) a noção de “tradições inventadas” abole o sentido de que uma dada prática só é tradicional se, obrigatoriamente, for antiga. Na verdade, todas as tradições são inventadas, pois alguém ou um grupo as criou em um dado momento histórico. Nesse sentido, o conceito de tradição não é algo estanque e eterno, pelo contrário, está em constante transformação e deve ser analisado de forma processual.

Portanto, o caráter de espetáculo presente em algumas festas religiosas antigamente, inclusive com a existência de feiras, já chamava a atenção de viajantes estrangeiros que percorreram o interior do Brasil no século XIX. Segundo Perez (2018), chama a atenção de John Luccock, ao chegar a Curral Novo, em Minas Gerais, a diversidade das personagens que

integravam os festejos de reinado e o clima festivo de feira. A autora também ressalta que “as procissões religiosas, que combinavam diferentes modalidades festivas, chamavam a atenção pelo duplo caráter de espetáculo e de diversão e deixavam alguns viajantes com dúvida quanto à fé dos participantes” (PEREZ, 2018, p. 58).

Sobre a existência das feiras pode-se dizer que, se elas não nasceram com o surgimento das festas religiosas, são partes integrantes delas. É o caso também da Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém (PA) que, de acordo com Alves (1980), teve seu início em 8 de setembro de 1793, abrigando uma grande feira de produtos agrícolas no largo da Igreja Matriz.

As festas sejam cívicas, religiosas ou de lazer intercambiam uma complexidade de estruturas que não dizem respeito apenas a objetos e coisas sagrados e profanos, pessoas, lugares e vários outros, elas também criam e articulam elementos e atividades inseridos no campo do intangível como crenças, rituais e narrativas míticas. Nesse sentido, a discussão a seguir visa refletir sobre os discursos que estruturam até hoje a existência dos festejos de reinado, suas características mais marcantes, os grupos que os compõem bem como os elementos performáticos.

1.2 As narrativas míticas em torno das festas de reinado

A origem dos festejos de louvor a Nossa Senhora do Rosário no Brasil, apesar de remeter a um tempo histórico compreendido como período colonial, e que teve os escravos como os principais protagonistas, também remete a um tempo mítico povoado por narrativas sagradas sobre a presença e aparição de Nossa Senhora, Mãe do Salvador. Nesse sentido, segundo Alfred Gell (2014, p. 292) “o tempo permite a coordenação de processos diferentes; processos biológicos com processos sociais, psicológicos ou subjetivos com processos objetivos marcados pelo relógio”. Quando se questiona os congadeiros quando teve início os festejos de reinado em homenagem à santa a resposta é quase sempre uma só: “tudo se deu com a aparição Dela aos escravos.” As histórias mais comuns que ouvi, principalmente dos dançadores de ternos de moçambique, é que a divindade Nossa Senhora do Rosário sempre “aparecia” para os cativos presos nas senzalas, seus antepassados, durante os momentos de sofrimentos e maus tratos infligidos pelos senhores, que lhes tinham como propriedade. Alguns afirmaram que a atitude da santa era semelhante à de uma “pessoa”, pois ela até chorava diante de tamanha judiação.

Mas a narrativa mítica mais verbalizada entre os moçambiqueiros, e que remete à existência das festas de reinado, diz respeito à aparição de Nossa Senhora flutuando sobre as águas, episódio que alguns fazem referência ao mar, outros a rios ou riachos. A pluralidade de “narrativas” (RIBEIRO; SOUZA, 2018) e lugares sagrados que povoam as histórias em torno do mito talvez esteja associada ao modo como os conhecimentos sobre o reinado foram transmitidos, via oralidade, de geração a geração. Aqui, prevalece a premissa de que ao contar-se um conto, aumentasse um ponto. Assim, como o culto à santa está presente em todas as regiões do país, as quais possuem diversas paisagens naturais e culturais formadas por lugares com abundância de água e matas, provavelmente as narrativas foram agregando os elementos que mais faziam sentido para os grupos daquelas localidades. Daí, alguns relatos mencionarem que a santa apareceu no mar e outros, por seu turno, defenderem que foi no rio, ou ainda numa gruta.

Como afirma Lévi-Strauss (1996, p. 239), “tudo pode acontecer num mito; parece que a sucessão dos acontecimentos não está aí sujeita a nenhuma regra de lógica ou de continuidade”. Isso explica, por exemplo, o fato de não existir uma unicidade sobre os diferentes locais de aparecimento da santa, bem como se era uma escultura ou uma pessoa de “carne e osso”, com aspectos semelhantes aos humanos. Observa-se nas narrativas míticas oferecidas pelos congadeiros e congadeiras de várias regiões de Minas Gerais, compiladas por Ribeiro e Souza (2018), que não há, por parte dos devotos, a preocupação com um tipo de verdade semelhante à adotada pela ciência. O mais importante é o sentido pragmático que os contos extraordinários trazem para a atualização e a manutenção das práticas rituais compartilhadas pelos sujeitos e grupos. Nesse sentido, para Poel (2013), o mito pode evidenciar o invisível de modo visível, permitindo assim que cada um possa atribuir-lhe significados conforme suas visões de mundo.

Contam alguns brincadores de reinado, sobretudo os mais velhos, que um dia a santa apareceu no rio e o senhor de escravos buscou o padre para levá-la à igreja. Aparentemente obteve-se êxito, mas no dia seguinte ela tornou a aparecer no mesmo local. Repetiram a saga, dessa vez com a ajuda de um terno de congos, cujos dançadores, trajando roupas coloridas e brilhantes e bailando, conduziram-na até o recinto sagrado. Mas, no dia seguinte, a santa insistia em reaparecer sobre as águas, no lugar de sempre.

Foi quando o grupo de moçambique, composto por negros escravizados, pediu ao seu senhor para tentar retirar a santa das águas. Apesar de relutar, o senhor acatou o pedido, com a condição de que eles permaneceriam acorrentados uns aos outros. Os escravos, por sua vez, se

posicionaram à beira d'água, trajando roupas simples, na cor branca, e começaram a cantar e a bater os tambores (caixas). Organizado em forma de cortejo, o grupo conduziu a imagem até à igreja. Durante o trajeto ele seguiam de *fasto* (de costas) para o trajeto, porém de frente para a santa. No dia seguinte, a imagem não mais retornou ao rio. A partir de então tiveram início as homenagens em louvor a Nossa Senhora do Rosário.

É interessante observar, ainda, que algumas narrativas se referem à santa como uma “imagem” (busto esculpido), outras como um ser sagrado personificado, detentor de características de humanos, tendo inclusive acompanhado o cortejo a pé, em direção à igreja. Sobre essa questão, acredito que não é preocupação dos devotos enfatizar se a santa era uma representação (de madeira) ou se era uma “pessoa”, pois nota-se, às vezes, que as duas situações aparecem indistintamente nas narrativas.

Uma situação que ilustra a ausência de distinção, relacionada à adoração aos santos, foi presenciada por mim após um almoço beneficente no ano de 2018, durante o desfazimento do altar do reinado, que ornava o galpão da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antônio do Monte. A devota, responsável pela tarefa, à medida que retirava os adornos da mesa composta por toalhas, vasos com flores artificiais, castiçais e velas, conversava com as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia como se elas fossem “pessoas”. Em seguida, ao dirigir-se ao recinto para guardá-las aproveitava o percurso para acariciá-las, beijá-las e falar palavras carinhosas, semelhantes ao tratamento que algumas mães dão às crianças, com o intuito de expressar seu amor e admiração.

Uma passagem, na verdade uma situação vivenciada e experienciada por Alfredo Bosi (1987), que contribui para a compreensão da lógica das práticas religiosas associadas ao catolicismo popular e das posturas dos devotos perante os cultos aos santos, encontra-se na descrição do ritual da lavagem do santo que aconteceu durante uma festa de São João, no interior do estado de São de Paulo, conforme transcrito a seguir:

[...] lavar o santo, no caso, São João. Eles foram em procissão e eu fui atrás. Vi que a pessoa incumbida de levar o santo até as águas estava com as mãos estendidas, as mãos espalmadas, mas vazias. E assim foi até a beira do regato. Ela se debruçou sobre o regato, banhou as mãos vazias, levantou-se [...]. Só depois de eu perguntar é que me disseram que haviam roubado o São João da capela. Mas isso não quer dizer nada, porque a cultura popular não é fetichista, ela não lida com coisas, mas com significados, e os significados estão dentro do espírito [...]. Uma lavagem metafísica, mas que no entanto foi feita com o mesmo fervor e os mesmos cantos (BOSI, 1987, p. 47).

Os três eventos – a aparição das imagens da santa, seja na forma de escultura ou na forma humana (personificada), o desfazimento do altar e a lavagem do santo sem a presença do santo descrita por Bosi (1987) – têm em comum o fato de que não existe uma lógica rígida, pautada pela separação entre as esferas materiais e simbólicas. Pelo contrário, esse conjunto de ações e práticas operadas pelos sujeitos evidencia uma postura complementar que manipula, através de crenças sagradas, seres, coisas e objetos, indistintamente. Na obra *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião*, Birgit Meyer (2019, p. 92), ao defender a tese de que as coisas – amplamente representadas pelas palavras, objetos, sons, silêncios, imagens, gestos, cheiros, formas, cores, afetos e efeitos etc. – têm uma importância singular no processo de contato com o sagrado, reforça que “um estudo material da religião começa com a suposição de que as coisas, o seu uso, a sua valorização e o seu apelo não são algo que se acrescenta a uma religião, mas sim algo dela indissociável.”

O viés religioso do reinado é marcante, principalmente porque se trata de uma celebração que acontece no espaço público, a rua, e que homenageia Nossa Senhora do Rosário, seu principal ícone. Há, portanto, uma pluralidade de relações que são intercambiadas e envolvem atores, agências e seres sagrados.

Tal contexto pode ser interpretado no reinado quando se observa o rito de pagamento de promessa. As promessas são contratos selados entre os devotos e as entidades que, numa situação crítica da vida, se valem de seus santos de devoção. Os pedidos são os mais variados possíveis, porém a maioria está relacionada a problemas de saúde. Nesse caso, a escassez seria a doença, ou seja, a falta de saúde, e a abundância a cura. Para Carlos Alberto Steil (1996), a promessa se caracteriza por ser um compromisso de curto prazo ou de uma dívida que pode ser paga, sustando o contrato.

Nessa perspectiva, Clifford Geertz (1989) conceitua a religião como sendo

um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 105).

É possível perceber alguns dos elementos que evidenciam a presença da religião e da religiosidade nas festas de reinado. O sistema religioso está presente a partir de diversos objetos e coisas sagrados acessados, que são manipulados pelos devotos ou simpatizantes dando sentido à

sua existência, ao mesmo tempo que os conectam com os seres divinos, no caso, aqui, os santos padroeiros do reinado. O aspecto religioso do reinado também se sobressai quando se observa atitudes de entusiasmo que movem as pessoas antes, durante e após a festa de reinado. Se “a motivação é uma tendência persistente, uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos” (GEERTZ, 1989, p. 110), sua presença é observada na persistência demonstrada pelos grupos envolvidos na organização das festas, que se empenham em fazer a festa seguinte mais grandiosa que a anterior. Geertz ainda chama a atenção que “ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo” (GEERTZ, 1989, p. 110), ou seja, agir de forma persistente e contínua, inclusive doando-se e submetendo-se a sacrifícios em prol da divindade que reverencia e agrada. Nesse caso, “os devotos reavivam e dão visibilidade ritual, reproduzem e recomeçam, as dimensões históricas e simbólicas profundas da realidade social da qual são agentes ativos” (MARTINS, 2002, p. 229).

O prelúdio de Nossa Senhora do Rosário aos escravos, no Brasil, parece integrar-se a um conjunto de fenômenos religiosos envolvendo a aparição de Maria Mãe de Jesus de Nazaré recorrente em várias partes do mundo, como é o caso de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal. Aqui, um caso especial, que apresenta elementos semelhantes àqueles narrados pelos dançadores de reinado, é a aparição de Nossa Senhora a pescadores ribeirinhos na região do Vale do Paraíba, no estado de São Paulo. A imagem encontrada logo foi apropriada pela Igreja Católica, que tratou de nomeá-la Nossa Senhora Aparecida, e transformá-la no símbolo religioso por excelência de devoção oficial no país, tendo sido, inclusive, eleita como Padroeira do Brasil. Por outro lado, não se percebe o mesmo tratamento dado pela igreja ao aparecimento da santa considerada “protetora dos escravos”. Pelo contrário, tanto na literatura que trata sobre a questão (LEONEL, 2009) quanto nos relatos orais de congadeiros santo-antonienses (os irmãos Geraldo, 98 anos; Otaviano, 87 anos; e Fiím, 85 anos), são enfatizadas inúmeras perseguições e proibições do culto à santa. Se, na atualidade, as celebrações em prol de Nossa Senhora do Rosário mantêm-se ativas, é provável que elas estejam associadas à persistência de alguns grupos formados por devotos negros, que se utilizaram da fé como um instrumento de luta e resistência.

É crucial perceber que as narrativas míticas em torno da aparição de Nossa Senhora do Rosário não existem apenas no campo do discurso. Elas, acima de tudo, estruturam algumas performances ritualísticas que são encenadas durante as festas de reinado. Refiro-me ao tradicional cortejo real. Nesse rito, os ternos de moçambiques têm prioridade para *puxarem as Coroas*, isto é,

trasladar o grupo composto pelos reis perpétuos, reis congos, reis festeiros ou festeiros e as imagens dos santos reinadeiros durante as procissões, até à igreja. Depois dos moçambiqueiros são posicionados os demais ternos de congadas, classificados como sendo do tipo congos, vilões e catupés. Estes, inclusive, são maioria em Santo Antônio do Monte. Como afirmam Ribeiro e Souza (2018, p. 79), “os moçambiques são para reinar, são para adorar, os congos são para alegrar, para festejar”. A posição privilegiada ocupada pelos ternos de moçambiques, até hoje, nos festejos de reinado, é legitimada pelas narrativas míticas que reforçam o milagre – fenômeno mágico-religioso de aparição da santa – por eles protagonizado e que, por sua vez, é revivido nos versos das cantigas e nas performances de encenação da trasladação de Nossa Senhora do Rosário do manancial até à igreja⁹. Ano após ano, as festas de reinado e seus ritos funcionam como o veículo cultural encarregado por manter vivo o acontecimento.

Seguindo a hierarquia devocional do reinado, observa-se que logo após a Padroeira Mor dos reinadeiros, Nossa Senhora do Rosário, encontram-se São Benedito e Santa Efigênia, ambos negros e com trajetórias de vida marcadas por perseguições, resistência e solidariedade¹⁰. Possivelmente, os atributos que os envolvem foram definidores na construção da devoção que os congadeiros nutrem sobre eles. Porém, é comum que outros santos e santas populares recebam homenagens durante o *ciclo do rosário*.¹¹ É o caso da Festa de Reinado de Araújo, que além de prestar honrarias àqueles santos inclui também o padroeiro oficial do município, São Sebastião, e outros, como Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Mercês.

Ainda no que diz respeito às narrativas envolvendo a aparição da Virgem Maria uma delas em especial, que trata do surgimento do termo *Rosário*, posteriormente acrescido ao nome da santa, é bastante difundida entre os congadeiros santo-antonienses. Segundo o capitão de congada Hélio Campos (29 anos), os maus tratos que os escravos recebiam de seus senhores provocavam em Nossa Senhora sentimentos de tristeza e dor. O choro era inevitável por ela estar consternada em

⁹ É possível que em outras localidades a função de puxar as coroas seja dada a outros grupos. Porém, nos contextos pesquisados por mim ela é delegada aos ternos moçambiques.

¹⁰ É interessante observar que a festa de reinado em Santo Antônio do Monte nos primórdios homenageava apenas Nossa Senhora do Rosário. Com o passar dos tempos é que São Benedito e Santa Efigênia passaram a compor panteão de divindades reverenciadas nos festejos. É provável que o culto a São Benedito tenha sido introduzido pelo senhor Zé Saúde, general e organizador da festa, após visita ao reinado em Aparecida do Norte (SP). Já no que tange à devoção e inclusão de Santa Efigênia, segundo Dinho, foi a partir de 2000.

¹¹ No estado de Minas Gerais, as festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário iniciam-se após a quaresma e seguem até o mês de dezembro. Os festejos em cada município obedecem a datas mais ou menos fixas. Em Santo Antônio do Monte, o reinado não obedece a uma data rígida. Geralmente ocorre na segunda quinzena do mês de agosto. Já em Araújo, as festividades acontecem sempre no último final de semana do mês de agosto.

observar tamanha desumanidade. Assim, nos locais onde suas lágrimas caíam começaram a brotar pequenos árbustos (capim), cujos frutos se apresentavam em forma de cachos, compostos por pequenos grãos de coloração cinza e azulada. Logo, a planta foi batizada pelo nome *lágrimas-de-nossa-senhora*.¹²

Fotografia 02: Pé de lágrima de nossa senhora ou capim-rosário



Legenda: Pé de lágrima de nossa senhora contendo as sementes (contas) usadas na confecção dos rosários. Fonte: Fotografia de Leila Santos (2019)¹³.

E foi da junção desses vários grãos, intitulados de *contas*, unidas em formato de colares, que os escravos confeccionaram o *rosário*, instrumento utilizado para homenagear à santa. Cada conta representava uma oração Ave Maria. É baseado nessa história, segundo o capitão, que o termo Rosário foi incorporado ao nome dela, passando, portanto, a ser conhecida pelo nome de Nossa Senhora do Rosário.

Além das narrativas que evidenciam a presença de “personagens extraordinários” (RIVIÈRE, 2013), como é o caso do aparecimento de Nossa Senhora Aparecida, outra referência, recorrente tanto nos discursos de alguns brincadores quanto na literatura historiográfica que trata das festas de reinado, é a exaltação do líder e ex-escravo Chico Rei como o fundador das homenagens a Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais. Sobre a sua centralidade nos festejos religiosos, Silva (2007, p. 46) afirma que se trata do “rei da nação do Congo, chamado *Galenga*, traficada para o Brasil como escravo e que se torna popular em Minas Gerais com o apelido de

¹² O capitão Hélio cultiva na calçada de sua residência um pé de *lágrima de nossa senhora* ou *capim-rosário*. Embora a planta seja conhecida popularmente por esses termos, seu nome científico é *Coix lacryma-jobi*.

¹³ Quando entrevistei o capitão Hélio, ele me agradeceu com umas sementes (contas). Em seguidas eu as plantei. No entanto, antes que elas dessem frutos eu mudei de cidade e presenteei a Leila Santos, que no período de brota fez essa fotografia.

‘Chico Rei’”. No entanto, entre os reinadeiros de Santo Antônio do Monte e de Araújos que tive a oportunidade de entrevistar, poucos associavam o reinado a Chico Rei, destacando sempre a aparição da Virgem Maria. Situação semelhante foi constatada por Silva (2007) durante pesquisas realizadas em Montes Claros (MG).

Devoto de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, Chico Rei

buscou expressar essa forte devoção, entre outros gestos, por meio da construção da Igreja de Santa Efigênia do alto da Cruz, na Vila Rica [atual Ouro Preto], e do apoio à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, nesta mesma localidade. Tudo isso se tornou possível depois de Chico ter conquistado a liberdade e se tornado dono da mina de ouro em que havia trabalhado como escravo (SILVA, 2007, p. 50, observação minha entre colchetes).

Cabe destacar que, apesar de existirem escritos históricos e inclusive monumentos edificadas – como é o caso da Igreja de Santa Efigênia, erguida com a participação de Chico Rei – que evidenciam os feitos do ex-escravo e devoto dos santos pretos, Silva (2007) chama a atenção para a tradição oral que fundamentou a obra literária *Chico Rei – romance do ciclo da escravidão nas Minas Gerais*, de Agripa Vasconcelos, publicado em 1966. Isso leva a pensar que parte da história do líder negro é povoada de lendas, como a dos potes nos quais ele guardava o ouro extraído das minas. Por fim, conclui Silva (2007, p. 58), “seja a figura de Chico Rei uma lenda ou um fato histórico de tempos antigos, sua memória tem se atualizado como algo localizável em muitas comunidades congadeiras de Minas Gerais.”

Nesse sentido, percebe-se que ambas as narrativas – a aparição de Nossa Senhora e os feitos de Chico Rei - podem ser consideradas mitos, já que são fundamentais para estruturar e atualizar os rituais que compõem as festas de reinado ano após ano. No entanto, os festejos de reinado, suas estruturas e *praxis* passam pelo crivo e a reflexão de agentes e instituições que também contribuem para o registro e valorização a manifestação cultural e religiosa, como mostram alguns estudos.

Alguns autores, como é o caso de Roger Bastide (1971), ressaltam que, antes mesmo do culto a Nossa Senhora do Rosário ser disseminado no Brasil durante a colonização portuguesa, já havia sido introduzido na África. Nesse sentido, explica o autor:

O culto de N. Sra. do Rosário fora criado por São Domingos de Gusmão, mas estava fora de moda, sendo restabelecido justamente na época em que os dominicanos enviaram seus primeiros missionários para a África; daí, sua introdução e sua generalização progressiva no grupo de negros escravizados (BASTIDE, 1971. p. 163).

As afirmações de outros estudiosos sobre o tema também seguem essa linha de raciocínio. Para Edson Carneiro (1965), “os congos seriam um ritual inicialmente ligado à identidade de negros africanos, que se desvirtuaram, sob pressão de senhores brancos, em algumas danças dentro dos festejos católicos” (CARNEIRO, 1965. p. 40). Já conforme relatou Câmara Cascudo [(1954) 2010], trata-se de “um folguedo de formação afro-brasileira, em que se destacam as tradições históricas, os usos e costumes tribais de Angola, e do Congo, com influências ibéricas no que diz respeito à religiosidade” (CASCUDO, [(1954) 2010]. p. 149).

O autor ainda se refere à estrutura do congado como sendo composta basicamente por três elementos: a coroação de reis do Congo, as embaixadas e os bailados de guerreiros. Por fim, Cascudo [(1954) 2010], p. 150) enfatiza que “especificamente, como vemos no Brasil, nunca esses autos existiram no território africano”. Essa afirmação é particularmente importante porque inspira outros pesquisadores contemporâneos que se dedicam aos estudos do congado ou reinado, no aprofundamento de suas investigações e reflexões, como é o caso de Gomes e Pereira (1988. p. 175), que afirmam que “a hipótese mais forte é a que defende a origem afro-brasileira do culto”.

Embora a busca pelas origens do reinado ou congado não seja o propósito aqui, é interessante observar os esforços que alguns autores realizam na tentativa de situar o folguedo no tempo e no espaço, com uma forte tendência na evidência processual da manifestação. Gomes e Pereira (1988) afirmam que a coroação de reis do Congo tem registro de ocorrência em 1674, em Recife. Esse dado teria sido pesquisado por Câmara Cascudo, na Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Recife. No estado de Minas Gerais, conforme relatam Gomes e Pereira (1988), a primeira referência à coroação de reis se dá pela obra clássica de Antonil, *Cultura e Opulência no Brasil*, na descrição de viagens realizadas entre 1705 e 1706 à então Capitania de São Paulo e Minas de Ouro.

Por outro lado, ainda no que diz respeito aos primeiros registros, Rabaçal (1976) traz a informação de que o primeiro informe da existência dos congos, congados ou congadas é de 6 de junho de 1760, em Santo Amaro, na Bahia, nas festividades em homenagem ao casamento de D. Maria I, de Portugal, com o Príncipe D. Pedro. Porém, o que nos interessa é que o congado é uma manifestação afro-brasileira que integra uma gama de modos de festejar que não há em outro continente ou país.

A preocupação de Rabaçal (1976) ao tipificar as manifestações religiosas populares em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito como congos, já sinaliza para a

existência de um contexto diverso e complexo, que se encontra disseminado em todas as regiões do Brasil. Por exemplo, o reinado, que é uma parte ritual das festas das congadas, ou seja, a coroação dos reis congos, em algumas regiões de Minas Gerais, como é o caso de Santo Antônio do Monte e Araújos, dá nome ao maior festejo local: Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Porém, “ainda que cada participante tenha uma predileção por tal santo milagroso, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito constituem o denominador comum da devoção da maioria dos congadeiros” (RABAÇAL, 1976. p. 43).

Sobre a recorrência das festas de reinado, alguns autores “as percebem como um dos componentes do Congado, exatamente aquele que se refere à coroação de reis e à constituição de uma corte. Esse fator se tornou muito forte pela atuação das Confrarias” (GOMES; PEREIRA, 1988, p. 183). Assim como constatado por Rabaçal (1976), aqueles autores também perceberam semelhanças entre os termos congos, congada e congado. No entanto, “a denominação congo é mais usada no Norte e Nordeste, designando a totalidade do auto; que pode também designar uma guarda ou terno como em Minas Gerais” (GOMES; PEREIRA, 1988, p. 183). Seguindo a mesma perspectiva, Silva (2010, p. 19) afirma que “a Congada, é a definição mais simples, encontrada para designar a reunião de todos os ternos – Moçambique, Congo, Catopés, marujos entres outros, que, no seu conjunto representam esta manifestação ritual.” Passo, então, a utilizar o termo *terno de congada* sempre que me referir aos grupos de dançadores de reinado, pelo fato de ser essa a maneira com que os moradores e a comunidade reinadeira, nas duas cidades objeto desta tese, os tratam. Nessa mesma direção, utilizarei também o termo *Festa de Reinado*, ao invés de *Festa de Congado*.

Na obra *O santo, o divino e a senhora* (1978), Carlos Rodrigues Brandão observa que a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário em Pirenópolis (GO), também recebe a denominação de reinado. Segundo Brandão (1978, p. 99) “o reinado é posterior à Festa do Divino e teve sua origem no desejo dos negros cativos de reproduzirem, à sua maneira e para os seus santos padroeiros”.

As homenagens prestadas a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia são conhecidas em Santo Antônio do Monte e Araújos, meus contextos empíricos de pesquisa, como “Festa de Reinado”, mas em outras regiões do estado de Minas Gerais e do país pode receber o nome de “Congada”, como é o caso da Festa de Congada de Pirenópolis (GO), estudada por Brandão.

Em *A festa do santo de preto* (1985), Brandão define o que são os ternos de congos, a congada e o reinado. Os *ternos de congos* são a menor unidade ritual da congada. No entanto, eles guardam “um sistema de símbolos e de relações muito mais ordenado do que poderia parecer a um primeiro exame” (BRANDÃO, 1985, p. 33). A *congada*, por sua vez, é a reunião de todos os ternos que compõem o congado (no meu caso, será o reinado). Porém, “ela é mais do que o conjunto dos ternos” (BRANDÃO, 1985, p. 36), referindo-se justamente à diversidade de rituais e hierarquias que são agenciados durante os festejos. Por último, ressalta que “a congada com seus ternos, e o reinado, com seus reis e cortejos, são a face visível, simbólica e cerimonial da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário” (BRANDÃO, 1985, p. 38).

Os ternos de congadas de Santo Antônio do Monte e Araújos são formados majoritariamente por dançadores/as jovens (homens e mulheres), incluindo crianças, que usam roupas coloridas (camisa de manga longa e calças de seda ou cetim) e com brilhos, chapéus de abas largas como os utilizados por *cowboys*, criam coreografias novas e adaptam letras de músicas com motivos de congada a hits gospel do momento. No geral, os principais instrumentos são sanfonas, pandeiros e caixas. Em entrevista com um dos capitães da Congada do Dote, de Araújos, ele falou que a maioria dos ternos de congadas da cidade vizinha são do tipo Catupé,¹⁴ que não precisa de grandes esforços para concatenar as vozes, que variam da 1ª à 6ª. A dele, por sua vez, é do tipo congo, cujo diferencial é a continuidade do coro de vozes. É possível encontrar algumas fronteiras que permitem diferenciar os grupos de congada. Segundo Prado (2008, p. 18) no terno de Catupé “o grupo de dançadores que dançam com os pés, mãos e costas, usa cerca de 6 caixas e adufo (pandeiro artesanal [sic])”, no Moçambique “todos dançam tocando patagunga e gunga (no joelho [sic])”, já no Congo “todos dançam batendo caixa”.

¹⁴ Na literatura encontrei as duas formas de escritas catopé e catupé. O Artigo 16, do antigo Estatuto do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário (1977) de Santo Antônio do Monte (MG), ao citar ternos de dançantes existentes na cidade menciona o terno do tipo *catupé*. Portanto, será a forma escrita que utilizo quando mencioná-lo no texto.

Fotografia 03: Termo de Moçambique Otaviano Piriá



Legenda: Moçambique Otaviano Piriá em visita a devoto. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Os moçambiqueiros apresentam uma postura mais contida, ou conservadora, em relação aos outros ternos, e são os responsáveis pela escolta das imagens dos santos reinadeiros e membros da corte real durante o cortejo da festa de reinado. Costumam usar fardas nas cores branca e azul pois, segundo os seus integrantes, remetem às cores do manto de Nossa Senhora. Também é comum usarem lenços na cabeça e rosários cruzados na altura do peito. Os três ternos de moçambique existentes em Santo Antônio do Monte são integrados por homens, mulheres e crianças, e estabelecem ligação com os ancestrais que criaram os grupos antes mesmo da proibição da festa de reinado na cidade, durante as décadas de 30 e 40 do século passado. As cantigas versam sobre o sofrimento dos negros escravizados e sua fé nos santos pretos, ritos que não apenas os conectam aos ancestrais, mas também reforçam o senso de pertencimento.

O terno de vilão de vara parece seguir uma postura semelhante à dos ternos de moçambique, isto é, guarda uma certa reserva no sentido de manter alguns costumes seguidos pelos antigos dançadores. A prova é que seus integrantes são formados apenas por pessoas do gênero masculino, incluindo crianças, jovens e adultos, com exceção apenas da bandeireira. Os movimentos dos dançadores lembram a disciplina de soldados em marcha.

Fotografia 04: Congada do Vilão de Varinha



Legenda: Disposição dos dançadores com destaque as crianças no final das fileiras. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Quanto aos elementos que o diferenciam dos demais grupos da cidade, talvez a característica mais peculiar do vilão seja o fato de seus integrantes não tocarem nenhum instrumento musical ou percussivo. O único instrumento de percussão são duas caixas e uma sanfona. Sua marca são as lutas com os bastões (varas) enfeitados de fitas e espadas de madeira, presas à bainha e afixadas ao cinto das calças. Aos baterem as varinhas umas nas outras, emite-se um tipo de som que acaba fazendo parte da identidade sonora do terno. Também com o auxílio das *varinhas* o grupo faz algumas performances que são muito apreciadas pelo público, principalmente as crianças. As coreografias mais recorrentes são o pau de fitas e o túnel. Em relação às vestimentas, os dançadores trajam camisas com estampas coloridas, calças brancas, sapatos pretos e quepes semelhantes aos usados pelos capitães marinheiros.

Os ternos do tipo congo seguem a mesma postura do moçambique e do vilão, pois são mais contidos. É o caso do Congo do Peão cujos dançadores usam fardas brancas ou azuis e até saia, e o Congo Sereno, que tem uma batida compassada e lenta, ambos de Santo Antônio do Monte. A indumentária de um dos capitães do terno, o senhor Otaviano, falecido em agosto de 2020, chamava a atenção pelos espelhos que enfeitavam seu chapéu.

Fotografia 05: Terno Congo do Peão



Legenda: O capitão Tônico e Marin, tocando sanfona (à esquerda) e o Capitão Otaviano (à direita) Fonte: fotografia do autor (2018).

Nos contextos das festividades dos santos reinadeiros, o congo, de acordo com Prado (2008), também remete a outros significados. Pode ser visto como o principal instrumento tocado e corresponde a uma espécie de tambor (caixa) construído artesanalmente. E, ainda, “os ternos de congo correspondem ao agrupamento de pessoas que – em forma de desfile – cantam, dançam e tocam as caixas, cada qual com vestimenta característica” (PRADO, 2008, p. 159-160).

As categorizações obedecem a uma rígida hierarquia que se apresentam durante os cortejos de reinado.

As danças do congado partem do Candombe, Moçambique e vão para o Congo e Marujo. O moçambiqueiro é filho primogênito, é superior a todas as Guardas que estiverem presentes. Numa procissão, havendo várias Guardas, todas podem carregar o andor. Mas o privilégio é do candombe, depois vem o moçambique. O congo vem em terceiro lugar no privilégio. (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 1974, p. 37).

Essa hierarquia é seguida à risca durante os cortejos de reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújo. Primeiro, na *cabeça*, vêm as imagens dos santos reinadeiros, nos seus andores, e a realeza conduzindo suas coroas. Em seguida, puxando a procissão estão dispostos os ternos de moçambiques, os ternos de congos, e as congadas (catupê) e, por último, nos *pés*, está o vilão. Tal situação fez-me pensar sobre a analogia orgânica que Gilberto Gil e Edir Star estabelecem entre o animal e o cortejo procissional: “Olha, lá vai passando a procissão, se arrastando que nem cobra pelo chão [...]” (PROCISSÃO, 1968).

Segundo observou Passarelli (2018), compete ao terno vilão fazer a guarda simbólica de todos os outros congados de uma festa, como se fosse um batalhão de infantaria. Por isso, via de regra, na montagem dos cortejos, vem à frente de todos (nos pés do cortejo), abrindo caminho com sua percussão cadenciada de varas, cortando os males com cruzamentos das varas como se fossem tesouras. Daí, os congadeiros dizem que o vilão é uma "guarda de corte" (pronúncia aberta, "córte"). Outras guardas podem até vir na frente, mas apenas quando não tem nenhum vilão naquela festa. O mesmo acontece com os ternos que puxam a cabeça do cortejo: na ausência de moçambique, outros ternos assumem a função de puxar a santa.

A posição de importância dos ternos de moçambiques é chancelada pela narrativa mítica que a maioria dos moçambiqueiros reproduz, conforme discutida anteriormente. Tal acontecimento mítico autoriza o terno de moçambique, durante o reinado, a "puxar" o cortejo até a igreja. Essa cena é revivida ano a ano durante cada edição dos festejos em homenagens aos santos pretos.

É interessante observar que a hierarquia que dá direito aos moçambiques de puxar oficialmente o cortejo real também provoca desconforto em alguns capitães de ternos de congadas, sobretudo daquelas do tipo catupé, que é maioria em Santo Antônio do Monte. São ternos semelhantes ao da fotografia abaixo que existem em grande quantidade na cidade.

Fotografia 06: Congada Congadeiros de Maria ou Congada do Tostão



Legenda: A imagem foi realizada nas esadarias do Casão de Padrinho Vigário, ao lado galpão da irmandade. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Durante as entrevistas, mais de um capitão mostrou-se insatisfeito pela permanência de tal "privilégio", no modo como se reportaram ao fato. Segundo eles, não é justo que somente os moçambiqueiros possam "puxar" os santos reinadeiros e a corte real durante os cortejos do reinado.

Essa e outras questões serão discutidas no quinto capítulo quando abordo a formação dos grupos que compõem a festa de reinado e as relações que se estabelecem entre eles

O livro *Uma introdução do congado em Belo Horizonte* (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, 1974), produto da primeira pesquisa realizada de forma sistemática sobre o congado mineiro, foi um divisor de águas para as minhas reflexões. Cabe ressaltar que se trata de um estudo primoroso, realizado no início da década de 1970 e publicado em 1974, fortemente marcado pelo recorte etnográfico. Refiro-me, principalmente, aos olhares atentos dos pesquisadores para apreenderem as manifestações em torno do Congado de uma forma processual e dinâmica, diferenciando-se dos escritos produzidos pelos folcloristas sobre o tema, cuja preocupação era orientada pela busca das origens e elementos considerados genuínos ou puros. Tanto no que tange à construção da pesquisa de cunho etnográfico como nas análises textuais, é possível perceber algumas semelhanças com os trabalhos realizados pelo antropólogo Carlos Rodrigues Brandão sobre o tema das Congadas produzidos, mais ou menos, nessa época. É o caso de *O divino, o santo e a santa* (1978) e *A festa do santo de preto* (1985).

A pesquisa etnográfica sobre o Congado foi realizada em seis cidades mineiras, que hoje integram a região metropolitana de Belo Horizonte¹⁵. Para subsidiar a coleta de dados empíricos, os pesquisadores, além de fazerem uso do processo etnográfico – não apenas de descrições dos momentos dos festejos, espaços e rituais –, também se empenham em perceber as manifestações em homenagem aos santos pretos de um modo crítico e reflexivo. Nesse sentido, percebe-se com clareza a intenção de mostrar as transformações das festas e dos costumes em torno do Congado, sem o sentimento de nostalgia e senso de cristalização no tempo. As mudanças são retratadas no texto como sendo parte integrante de uma prática cultural que está inserida num contexto mais abrangente, que é o processo de urbanização e industrialização. Muitas das mudanças que estavam em curso já na década de 1970, e que alimentavam as preocupações daqueles congadeiros, são visíveis atualmente nos discursos de meus colaboradores da pesquisa nas duas cidades, conforme apresentadas no segundo capítulo.

Por meio da pesquisa etnográfica realizada pela Universidade Católica de Minas Gerais (1974) sobre os Congados, observa-se a existência de uma grande variedade de ritmos ou “toques” e de sistemas de bailados, de modo que foi possível categorizar os grupos em Candombe, Moçambique, Congo, Marujo, Caboclinho, Catupé e Vilão. Nos reinados onde realizei minha

¹⁵ Nova Lima, Sete Lagoas, Vespasiano, Contagem, Raposos e Sabará.

pesquisa etnográfica, identifiquei, de acordo com os colaboradores entrevistados, algumas daquelas categorias. Dos vinte e quatro grupos existentes em Santo Antônio do Monte, três são do tipo Moçambique, dois Congos, um Vilão e, o restante, Congada do tipo Catupé. Em Araújo, dois ternos são do tipo Congo e um do tipo Moçambique.

No que diz respeito ao ritual de coroamento dos reis e rainhas, que por sinal empresta nome à festa de reinado, Gomes e Pereira (1988) acrescentam que “essa estratégia foi um recurso utilizado pelo poder do Estado e da Igreja para o controle dos escravos. Era uma forma de manutenção aparente de uma organização social dos negros” (GOMES; PEREIRA, 1988, p. 182).

Fotografia 07: Reis Perpétuos (lado direito) e Congos (lado esquerdo)



Legenda: Cerimônia de coroamento dos reis. Fonte: Fotografia do autor (2017).

Para Bastide (1971, p. 163), “o culto de santos negros ou Virgens negras foi, de início, imposto de fora ao africano, como uma etapa da cristianização; e que foi considerado pelo senhor branco como um meio de controle social, um instrumento de submissão do escravo”. Essa questão que o autor traz à tona, além de ser central no reinado, ajuda a compreender algumas estruturas que transitam entre as crenças, o processo de escravidão e a herança deixada pelos negros.

1.3 A força da ancestralidade e o reinado

Patrícia Trindade Maranhão Costa, em *As raízes da congada: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário* (2012), revisita “as raízes” do congado e, ao mesmo tempo, pensa-o processualmente a partir das interações que o folguedo estabelece com os novos atores e

instituições do presente, como a política e os novos campos de forças que os atravessam. Um aspecto particularmente destacado na pesquisa de Costa (2012) é a evidência do cativo ou do preto escravizado na Serra do Salitre (MG). Em Santo Antônio do Monte e Araújos, esse elemento é percebido nas performances musicais (cantigas que retratam o sofrimento dos ancestrais), e também no bailar dos corpos dos moçambiqueiros e nos sons emitidos pelas gungas, atadas aos seus tornozelos, que lembram o barulho de correntes. Os corpos são instrumentos “vivos”, que fazem a ponte entre os dançadores atuais e seus antepassados, contribuindo, portanto, para rememorar sua origem histórico-ancestral.

No contexto onde Costa realizou sua pesquisa, “a escravidão foi o *início de tudo* para os descendentes dos cativos” (COSTA, 2012, p. 42), elemento que se mostra central nas suas análises. Diferentemente do meu campo empírico, talvez, o elo que une todos os tipos de ternos de dançadores (moçambique, congo, catupé, vilão etc) seja a devoção a Nossa Senhora do Rosário, já que nem todos eles, com exceção dos moçambiques e congos, apresentaram nas suas performances referências às ancestralidades negras. O foco de toda louvação parece-me está centrado na devoção aos santos negros, em especial a Nossa Senhora. Não há, como acontece no reinado de Itapecerica (MG), cidade vizinha a a Santo Antônio do Monte e a Araújos, um discurso histórico que reforça o período da escravidão, inclusive exaltando a figura símbolo da libertação dos escravos que é a princesa Isabel.

A respeito da hierarquia, que se apresenta durante os cortejos de reinado, o mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário e o protagonismo exercido pelos ternos de moçambiques nesse evento, Costa (2012) aponta cinco elementos estruturantes do ponto de vista do discurso, que estão presentes na narrativa e que são frequentemente reforçados e lembrados pelos moçambiqueiros, como mecanismo demarcador de seu lugar no reinado.

A imagem de Nossa Senhora aparece junto aos escravos chorando pelo seu sofrimento; Os senhores constroem uma igreja em sua homenagem; Os senhores conduzem a imagem para a igreja, mas no dia seguinte ela reaparece perto dos escravos; Dançando e cantando quatro grupos de escravos tentam conduzir a imagem para a igreja; Apenas um grupo logrou êxito nessa tarefa, o grupo que dançava no estilo Moçambique (COSTA, 2012, p. 128).

Um estudo também recente, realizado sobre o congado de Itapecerica (MG), intitulado *Angola tem: moçambique do Tonho Pretinho* (2016), realizado por Talita Viana e Sebastião Rios fornece elementos atualizados e vigorosos para minha pesquisa. Na obra, é possível observar que

“os congados ou reinados de Nossa Senhora do Rosário surgiram nas irmandades religiosas leigas de devoção negra, como as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de São Benedito, de Santo Ifigência e de Nossa Senhora das Mercês” (VIANA; RIOS, 2016, p. 21).

Com a incumbência de evidenciar as crenças, as relações entre os integrantes, as hierarquias, a musicalidade e os bailados, Viana e Rios (2016) escolheram pesquisar o Terno de Moçambique do Tonho Pretinho. O motivo da seleção é porque ele apresenta elementos ritualísticos que, ainda hoje, são elaborados e reproduzidos conforme orientam os costumes dos antepassados, vistos pelos dançadores como sendo os pretos velhos, guardiões dos fundamentos mágico-religiosos. A partir das reflexões realizadas pelos autores é possível capturar algumas estruturas que também perpassam outros grupos, como aqueles que pesquisei. Para Viana e Rios (2016), os congados ou reinados são feitos pelos congadeiros ou reinadeiros que, por sua vez, são os integrantes, homens ou mulheres, dos ternos: capitães, músicos, dançadores, meirinhos, diretor e bandeiros (as). Apesar de a participação de cada integrante ser importante para a harmonia do grupo, é o capitão que possui a incumbência de guiá-los, ou seja, a quem todos devem obediência. É também a figura que talvez exerça o maior número de funções.

O capitão puxa os versos, e os demais componentes respondem em coro um refrão proposto pelo capitão. Os capitães vão tirando os versos para as variadas funções da festa – visita aos festeiros, busca dos mordomos para o levantamento dos mastros e cortejo de reis e rainhas (VIANA; RIOS, 2016, p. 45).

Esses são alguns exemplos que não somente chancelam, mas evidenciam a centralidade do líder dos ternos de congadas nos festejos de reinado. Ele exerce portanto múltiplas funções, algumas simultaneamente, como a de maestro, líder, conselheiro, mestre, tirador de rezas, compositor de trovas e intérprete das contarias.

De acordo como Bento (2008), o capitão de qualquer terno é o responsável pelas determinações que afetam todo o conjunto de dançadores. Ele é a pessoa que normalmente é acessada pelos membros da composição humana. Ele é o guia do terno nas canções, dança e gestos. Em alguns casos pode até fornecer orientações de cunho espiritual.

Portanto, como bem expôs Silva (2010, p. 18),

o Reinado define-se pelo conjunto das personagens coroadas que, nos dias de festa, recebem homenagens dos grupos rituais. E que, consiste numa estrutura simbólica complexa, que obedece a uma hierarquia própria, na seguinte ordem: Rei e Rainha

Congos, Rei e Rainha Perpétuos, reis, rainhas, representantes das coroas dos santos da devoção N. Sra. do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, sendo estes santos, a maior expressão do significado católico-devocional do ritual do Congado.

Como observa Borges (1997), o Reinado não se confunde com Reisado, festa em que são homenageados os Reis Magos, figuras do ciclo natalino. “Também denominado de Folias de Reis, o reisado tem um enredo e uma motivação completamente diferente dos vigentes na Festa do Rosário” (BORGES, 1997, p. 6). Ainda para que não haja equívocos na diferenciação entre os dois tipos de folguedos, segundo Théo Brandão (2003) o reisado é um dos autos populares próprios da época natalina que se filia ao vasto ciclo de folguedos derivados das “janeiras” e “Reis” portugueses. “Consiste essencialmente o folguedo numa série de episódios (Abrição, Louvação e Marchas de Entradas), alguns dos quais já existentes nos ranchos Janeireiros e Reiseiros portugueses” (BRANDÃO, 2003, p. 44).

Apesar de os autores estabelecerem marcos diferenciadores, observei na prática que há um diálogo simétrico ou talvez complementares entre as congadas, isto é, grupos que louvam os santos reinadeiros, e os grupos de folias de reis tanto em Santo Antônio do Monte como em Araújos. O exemplo mais evidente pode ser percebido através das cantigas compassadas e notas prologadas (arrastadas) presentes entre os folieiros, e que são adotadas pelos ternos de congadas. Além disso, muitos grupos que na época do reinado no mês de agosto homenageiam os santos pretos se reúnem em janeiro para louvar aos Santos Reis.

Fotografia 08: Grupo de folia de reis Mensageiros da Paz



Legenda: Integrantes da folia no sítio Coqueiros (direita) e chegada da folia na residência do devto onde foi servido o almoço. Fonte: Fotografias do autor (2018).

O capitão de congada santo-antoniense, Tostão, é dono de um terno congada e também de um grupo de folia de reis denominado Mensageiros da Paz e que, tive a satisfação de acompanhá-lo em 2018, durante as visitas realizadas às famílias da comunidade rural Coqueiros. Situação semelhante acontece com o moçambiqueiro araujense Vicente, que no reinado sai com seu terno, e na temporada dos reis sai com a folia. Além de seus dançadores de reinado, outros membros, como o rei moreno Miguel, se tornam folieiros¹⁶. Os grupos que louvam os santos reis são conhecidos na região por folieiros, mas podem ser chamados de *sebastiãozeiro*, em referencia a uma das personagens do brinquedo, o palhaço. Essa denominação é menos usual. O grupo que acompanhei quando chegavam às residências dos devotos entregavam a bandeira aos donos da casa que o conduzia até o local onde o presépio estava montado. Na maioria das residências visitadas era preciso percorrer alguns cômodos da casa, para se chegar até o altar doméstico, que estava montado na sala de jantar ou ambientes mais reservados.

Fotografia 09: Presépio na sala de jantar da casa do devoto



Legenda: Presépio montado no armário da sala de jantar (esquerda) e devotos segurando a bandeira ao lado do presépio (direita). Fonte: Fotografias do autor (2018).

É crucial também não perder de vista que outros elementos ritualísticos não apenas estão presentes nas duas manifestações (folia e reinado), como são centrais. É o caso da comensalidade em forma de banquetes servidos aos congadeiros em retribuição de graças recebidas dos santos de devoção, e do dinheiro, que circula e faz movimentar as relações em torno da festa. Durante minha

¹⁶ Enquanto no reinado o foco das homenagens (cantorias, rimas, versos e rezas) focam na figura de Nossa Senhora, por seu turno, na folia de reis os discursos concentram-se nas divindades os três Reis Magos (Baltazar, Belchior e Gaspar) e o Menino Jesus.

pesquisa com os folieiros pelos na zona rural os ritos que envolviam ofertas de comidas ao grupo eram semelhantes ao ocorrido com as congadas na cidade na época do reinado. Na ocasião foram servidos cafés da manhã e da tarde com quitandas, almoço e jantar. O tutu e as pelotas estavam presentes, além da aguardente, que era de fácil acesso dos folieiros.

Fotografia: 10: Banquete de santos reis na roça



Legenda: Mesa com as pelotas, frango, macarrão e tutu de feijão (esquerda) e saladas de folhas e de legumes (direita). Fonte: Fotografias do autor (2018).

Os cantadores do grupo de folia de reis, assim como os congadeiros, após saciarem do banquete cantaram para agradecer aos anfitriões promesseiros. Ao contrário do corrido na festa na cidade, o clima de espontaneidade e ausência de pressa pareceu-me dá o tom da brincadeira na zona rural. Tanto que o Tostão quando saímos de van, ainda na cidade em direção à comunidade, disse: “não temos hora para chegar”.

As imagens do banquete, isto é, do comer, do beber, da ingestão, afirma Bakhtin (1987), estão diretamente ligadas às formas da festa popular. Porém, não é qualquer forma de comer e beber, semelhante àquela que se realiza no dia a dia. É mais que isso, “trata-se do banquete que se desenrola no limite da boa mesa” (BAKHTIN, 1987, p. 243). O banquete da festa popular, representado pela abundância de comida e bebida, reforça Bakhtin (1987, p. 264), “integra a ideia de tempo alegre, que se encaminha para um futuro melhor, que mudará e renovará tudo à sua passagem”. Creio que são essas características de excepcionalidade que emprestam às comidas de festa um sabor único.

O sistema culinário, segundo Gonçalves e Contins (2008), parece desempenhar um papel simbolicamente decisivo, talvez pelo fato de

nortear a aquisição, a preparação, a distribuição e o consumo de alimentos, e realiza as mediações entre os membros da comunidade de açorianos, assim como entre essa comunidade e o mundo exterior, entre a comunidade e o Espírito Santo. Tudo nessas festas passa necessariamente pelas comidas e bebidas, e pela comensalidade (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 27).

Em Santo Antônio do Monte, alguns devotos e simpatizantes do reinado, apreciadores das *comidas reinadeiras*¹⁷, relataram que se fossem comer a mesma comida fora do período de reinado elas não teriam o mesmo sabor, ou ainda, que já comeram as mesmas comidas nos almoços beneficentes, realizados pela diretoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, e que os sabores não se assemelham aos daquelas servidas nos dias da festa. Isso reforça os múltiplos significados que a comida assume enquanto prática cultural, para além do alimentar o corpo. O ato de comer é complexo e integra-se à alma festiva, que no reinado pode ser traduzida pelo bailado dos ternos de congadas, pelas cantigas, pelas cores das fardas, pela alegria e pelo sentimento de fé que contagiam o período dedicado a homenagear os santos reinadeiros.

Assim como os banquetes têm lugar de destaque nas festas de reinado, outros elementos são fundamentais para sua existência. Na obra *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (2012), Bruno Latour sistematiza sua teoria sobre o social, sobretudo com ênfase nas associações e interações entre grupos, atores, objetos e coisas. Para Latour (2012), não são apenas os humanos que compõem o social: as coisas e os objetos também são sociais, na medida em que são por meio deles que os humanos transformam a realidade social. Nos festejos de reinado observa-se uma gama de coisas que assumem posições centrais como os instrumentos das congadas, as bandeiras, as coroas, imagens dos santos, as fardas, as cantigas, as rezas, os mastros, e tantos outros elementos que compõem os ritos da celebração. Nesse sentido, os objetos e as coisas estão totalmente integrados às nossas práticas cotidianas, constituindo o que o autor chama de uma cadeia sociotécnica que envolve as nossas ações enquanto humanos. Dito de outra maneira, os usos dos objetos moldam e transformam os nossos campos de ação. Outros autores, como é o caso de Appadurai (2008), também oferecem caminhos conceituais que ajudam a compreender a constituição do mundo social para além do humano. Nesse sentido, diz ele:

¹⁷ São consideradas pelos congadeiros e simpatizantes do festejo comidas de festas, apesar de simples. Elas remetem a comidas consumidas na roça como é o caso do tutu de feijão. Segundo os congadeiros mais antigos, nos reinados antigos eram oferecidos durante os dias de reinado carne de boi cozida, galinha caipira, carne de porco, arroz e macarrão. No entanto, em 2000, a diretoria da irmandade resolveu padronizar o cardápio a ser oferecido pelos reis e rainhas festeiros, que vigora até hoje, composto por: tutu de feijão, pelotas de carne, frango (coxa e sobrecoxa ou filé de peito), arroz, macarrão, salada de legumes, e de sobremesa doce de mamão ralado com doce de leite.

Temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas. Assim, embora de um ponto de vista *teórico* atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista *metodológico* são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social (APPADURAI, 2008, p. 17, grifos do autor)

De acordo com a Teoria Ator-Rede, os objetos não são vistos como inanimados ou apenas conferindo significados sociais, ou apenas enquanto bens e mercadorias. Eles têm um papel crucial na configuração de uma estrutura de ação que permite aos sujeitos agirem de determinadas formas ou de outras. Conceber os objetos e as coisas a partir dessa perspectiva significa equipará-los aos humanos. É ter em mente que, muitas vezes, sem eles as ações dos humanos seriam outras. Muitas vezes, os objetos trazem consigo a possibilidade de acelerar nossas práticas, tornando-as mais fáceis do que seriam caso eles não existissem. Por exemplo, as imagens das divindades homenageadas, as coroas e as bandeiras, e também o dinheiro e o trabalho, que são centrais na realização das festas de reinado, não são meros objetos coadjuvantes carregados de significados simbólicos: são coisas que, juntamente com as atitudes, gestos e intenções dos humanos, dão sentido concreto ao reinado.

Sem a existência daqueles, a festa de reinado teria outros significados ou até mesmo não existiria. Portanto, os objetos não são apenas adornos, pelo contrário, eles determinam cada ação que é realizada pelos humanos durante o reinado. O mesmo acontece com as cantigas das congadas, as comidas e tantos outros elementos que não apenas estão presentes nos ritos festivos, como juntamente com os humanos se encarregam de tornar a festa um evento cercado de sentidos e intenções.

Já no que tange aos objetos e às coisas, Birgit Meyer (2019) não apenas defende sua centralidade nas religiões, como aponta uma série de exemplos que mostram a importância de cada um no processo de mediação entre os humanos e os seres celestiais. Para Meyer (2019), por muito tempo o que importou nos estudos sobre religião foram as crenças e os significados. A exaltação da materialidade surgiu, diz a autora, “por meio da insistente insatisfação com abordagem que tomam ideias, conceitos, ideologias ou valores como abstrações imateriais consideradas como impulsionadoras da história” (MEYER, 2019, p. 89). Dito de modo sucinto, a contribuição dos estudos que enaltecem a participação dos objetos e das coisas no campo das religiões não consiste em

desmascarar Deus, deuses, e espíritos como sendo ficções, mas de compreender como práticas de mediação religiosa concretizam a presença dessas entidades no mundo através de textos, edifícios, imagens e objetos e outras formas materiais que envolvem corpos e coisas (MEYER, 2019, p. 90-91).

À medida que as discussões acerca das coisas e dos objetos e suas contribuições para a compreensão do social avançaram, observei que os diálogos entre Latour (2012) e Meyer (2019) eram cada vez mais pertinentes para meu campo de pesquisa, sobretudo pelo arsenal de elementos que circulam na economia das festas de reinado.

O uso desse conceito é pertinente porque ajuda na realização das análises comparativas relacionadas às diversas trocas, interações, especificidades e similitudes existentes nas festas de reinado das cidades de Santo Antônio do Monte e de Araújos. Nesse sentido, as contribuições de Baptista (2007) e Neiburg (2010) com foco na antropologia econômica e que discutem os sentidos e os papéis do dinheiro para além de seu valor monetário, apontam caminhos promissores para compreender a presença desse elemento nas dinâmicas dos festejos de reinado. A partir das reflexões de Baptista (2007), a respeito dos significados do dinheiro nas relações de trocas no candomblé, é possível pensar sobre o uso racional do dinheiro utilizado nos pagamentos de promessas feitas a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, no contexto das festas de reinado. Segundo o autor, o dinheiro por si só, sem a participação efetiva dos devotos não chega efetivamente a agradar as divindades. Portanto, “é preciso maximizar a oferenda para receber as graças divinas ou, ainda, estar ajudando constantemente para que os deuses sejam generosos” (BAPTISTA, 2007, p. 22). O processo de maximização materializado em recursos financeiros é observado nas ações dos reis e rainhas festeiros, que patrocinam a alimentação oferecida aos congadeiros, devotos e convidados, e que também envolve a doação de força de trabalho.

Segundo alguns santo-antonienses envolvidos com os festejos de reinado não se deve misturar *coisas sagradas* (a fê) com *coisas do mundo* (dinheiro), quando se referem aos altos investimentos pagos para se tornar rei ou rainha festeira. Conforme comenta Baptista (2007), Roger Bastide (1971) tira conclusões precipitadas quando sugere que nos candomblés “tradicionalistas”, “há uma separação entre economia capitalista e as relações ‘puras’ de dom e contradom próprias dos atos religiosos” (BAPTISTA, 2007, p. 22). Para Baptista (2007), não se trata da existência de uma relação rígida, a qual reforça o tabu do dinheiro nas práticas religiosas populares, mas de buscar um equilíbrio entre os parceiros envolvidos na realização das celebrações. Por fim, conclui Baptista

(2007) que o dinheiro é um elemento essencial às práticas e às representações religiosas e aciona aspectos cruciais das relações interpessoais e das relações entre homens e seres sagrados.

Em *El significado social del dinero* (2011), Viviana Zelizer não nega o fato da centralidade do dinheiro como elemento crucial presente na vida dos sujeitos. Porém, a autora faz algumas críticas às ciências sociais sobretudo aos autores clássicos no que tange à escassez de reflexões sobre os sentidos do dinheiro para além das questões monetárias e de lucratividade. Há, na verdade, diversas maneiras de se relacionar com o dinheiro. “As pessoas identificam, classificam, organizam, usam, segregam, produzem, disseminam, guardam e até decoram o dinheiro, enquanto enfrentam seus múltiplos laços sociais” (ZELIZER, 2011, p. 13. Tradução minha).

Suas análises apontam para as múltiplas possibilidades que os sujeitos se apropriam e dão usos à moeda, que se afastam daqueles relativos apenas à lucratividade. É o caso, por exemplo, dos usos do dinheiro nas festas de reinado, cuja finalidade é o patrocínio das comidas ofertadas aos congadeiros, e que se distancia dos interesses apenas cumulativos. Esse dinheiro muitas vezes tem uma origem que passa pelo crivo do sagrado, ou seja, provêm de esmolas recebidas de outras pessoas, que contribuem em nome do santo. Em Araújo, alguns festeiros relataram que recebem de amigos presentes como leitoas, galinhas caipiras e até quantia em dinheiro para provê as comidas. Portanto, vê-se aí um sentido de partilha, ao invés de guardar com foco em fazê-lo render.

Por outro lado, não impede que o patrocinador faça aos poucos uma reserva monetária para juntar a quantia necessária, no entanto, mesmo assim o sentido último não é juntar apenas para fazê-lo render, mas transformar em alimento ritual e ser ofertado gratuitamente aos participantes. Também se observa que o uso do dinheiro nas festas de reinado aparece do modo tradicional, isto é, centrado nas ações monetárias praticadas pelos festeiros pagadores de promessas. O fato é que o dinheiro é indispensável não apenas para realização a festa, mas para sua continuidade enquanto prática cultural e religiosa. O dinheiro está presente, talvez, em todos os momentos das festividades, de múltiplas maneiras. Ele aparece circulando e “aquecendo o mercado local”, onde são vendidos os panos para a confecção das fardas dos dançadores de ternos de congadas; nas padarias que produzem *quitandas* para serem servidas durante as visitas de cafés da manhã; nos patrocínios que os comerciantes fazem para a festa. Estes são na verdade os lugares por excelência do dinheiro, digamos assim. Mas ele também está presente em outras instâncias que não somente aquelas reconhecidas pela “racionalidade moderna” (WEBER, 1999), mas também em outras dimensões mais sensíveis das festas de reinado.

Nesse sentido, “o dinheiro às vezes cumpre funções econômicas ao servir como meio de troca, mas também funciona com um ‘indicador’ social e religioso, utilizado para adquirir ou alterar costumes de status ou para celebrar acontecimentos rituais” (ZELIZER, 2011, p. 39). À medida que o dinheiro é utilizado nos pagamentos de promessas ele está sendo empregado para manter um costume e não apenas como veículo interessado no aspecto monetário estritamente. O dinheiro que os pagantes de promessas investe na compra de alimentos, para serem transformados em comidas ofertadas à comunidade reinadeira não significa lucro para as diretorias das irmandades, mas sim um meio de troca. Isso porque o dinheiro investido em comidas não tem a finalidade de ser multiplicado em mais dinheiro.

Cabe frisar que as instituições responsáveis pela organização da festa não recebem os valores monetários que os reis festeiros destinam para o patrocínio das comidas. Os processos de compras, preparação e logística dos banquetes são de responsabilidade dos sujeitos envolvidos no pagamento das promessas. A irmandade, no caso de Santo Antônio do Monte, só informa a quantidade de congadeiros, e fornece as instalações e equipamentos para que os responsáveis possam utilizá-las. Inclusive estes podem terceirizar os serviços de empresas especializadas em eventos para cozinhar. Em Araújo, também não recai sobre a entidade a responsabilidade de administrar os recursos financeiros provenientes de tal fim, haja vista que os próprios festeiros têm o costume de oferecer as comidas aos congadeiras em casa.

Porém as despesas para a realização das festas não se resumem apenas à manutenção das comidas oferecidas aos congadeiros. Envolvem um universo amplo (grupos de congadas) de agências e necessidades que dialogam diretamente com a organização e realização dos festejos. A esse respeito Luciana Chianca (2018), ao estudar os grupos de quadrilhas juninas de competição em um bairro de Natal (RN), dá um destaque especial para os mecanismos e estratégias sobre os usos do dinheiro utilizados pelos dançadores e organizadores para manter o folgado. O contexto festivo estudado no Nordeste, no que tange à manutenção do brinquedo não difere da realidade dos grupos de congadas aqui abordada, principalmente quando se observa o trabalho árduo e necessidade de patrocínio. Cabe ressaltar que a dimensão do dinheiro no reinado, e também nas quadrilhas, que envolve seus usos práticos e simbólicos, não se inscreve apenas no caráter alienador. Muito pelo contrário, pois “ela conduz à reflexão sobre os desafios e custos da independência financeira, condição à qual almejam organizadores e dançarinos, sobretudo quando

se trata de membros da representação política local – vereadores ou deputados estaduais” (CHIANCA, 2018, p. 133).

Esse contexto de busca por autonomia ou independência financeira se aproxima das festas de reinado quando se observa, por exemplo, a resistência por parte de uma das diretorias das irmandades que reluta em depender exclusivamente de recursos financeiros oriundos da prefeitura municipal. É o caso da festa em Santo Antonio do Monte, cujos organizadores se mobilizam o ano inteiro para obter os recursos materiais necessários para a realização do festejo. Ainda segundo Chianca (2018, p. 133), a partir desse frenético movimento e diálogo intenso entre a festa e o dinheiro é possível observar que “o valor de uso e o valor de troca estão em permanente relação participando tanto da cidade quanto da festa capitalista”.

De acordo com o festeiro ou devoto que investe parte de seu dinheiro para pagar as despesas com as comidas, ele está doando-o à santa. Nesse processo, o dinheiro faz um percurso que passa pelo pedido do suplicante à divindade que, por sua vez, atende-o, culminando na pactuação do contrato, o pagamento da promessa, através da doação de comidas aos congadeiros. Há portanto uma metamorfose do dinheiro profano em dinheiro sagrado, cujo sentido estritamente monetário perde forças. Esse gesto dá ao dinheiro uma aura divina habilitando-o para ser usado nos preparativos e realização dos festejos em homenagem a santa.

Segundo Zelizer (2011, p. 43), “as pessoas adotam em suas relações com o dinheiro formas de controles muito elaboradas e estabelecem marcadores distintos cada vez que se veem comprometidas em interações sociais delicadas ou difíceis”. É o exemplo do rito do pagamento de promessas, presente nas duas festas de reinado, que requer o uso de dinheiro como agente propiciador das compras de alimentos. Para a autora esse tipo de interação social do dinheiro é denominado como sendo “manejar situações de riscos e incertezas”. Isso porque suas contribuições monetárias servem para assegurar “uma intervenção divina ou mágica” (ZELIZER, 2011, p. 43. Tradução minha).

Se por um lado as percepções sobre o dinheiro apresentadas nas discussões de Zelizer (2011) fornecem pistas para pensar seus significados práticos e usos nos contextos festivos, sobretudo no que diz respeito à força que motiva as pessoas a realizarem, ano após ano, as festas de reinado, por outro evidencia que sem a presença do dinheiro não há festa. Embora a presença do dinheiro seja crucial para que a festa aconteça, alguns devotos e até membros da igreja, como foi o caso do padre, afirmam que basta ter fé na santa que os pagadores de promessas conseguem

as quantias necessárias para patrocinar almoços ou jantares no reinado. De fato, o caso da festeira, mencionado anteriormente, mostra que isso é possível, desde que acionados os ciclos de amizades. No seu caso, nas vezes que deu comida no reinado contou com a colaboração de amigos e clientes, que contribuíram doando fardos de feijão, arroz e macarrão, litros de óleo e até carnes.

Conforme proposto no capítulo, o objetivo foi refletir sobre o tema das festas a partir da visão de alguns autores, perpassando as narrativas míticas acerca dos reinados, até abordar os festejos de reinado e suas múltiplas faces. As discussões foram atualizadas com informações trazidas das vivências de campo sobre os reinados nas duas cidades, proporcionando ao texto possibilidades de ampliação dos diálogos.

Sigo para o capítulo seguinte, que discute as festas de reinado do passado a partir das lembranças dos mais velhos, mas também de outros interlocutores que presenciaram os festejos antes da proibição anunciada pela Igreja Católica em Santo Antônio do Monte, e seu reinício na década de 1960. A mesma dinâmica é utilizada em relação à festa de reinado em Araújo. Por último, de posse das informações coletadas a partir dos fragmentos de lembranças, o desafio é refletir sobre as transformações e adaptações pelas quais passaram os festejos nas duas cidades.

2 AS FESTAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO REVIVIDAS PELOS REINADEIROS

2.1 As lembranças dos reinados antigos

Esse capítulo tem como objetivo identificar e refletir sobre as dinâmicas de transformações e arranjos pelas quais passaram as Festas de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia nos municípios mineiros de Santo Antônio do Monte e Araújos. O ponto de partida que me despertou a enveredar por esse caminho foi o fato de que as pessoas com as quais conversava sobre os reinados passados demonstrarem profundo sentimento de nostalgia, quando aludiam ao contexto atual dos festejos, com os seguintes depoimentos: “Ah, mudou demais!”; ou então, “na minha época de mais novo era assim!”; “a festa é bonita, mas não é mais como antigamente!”.

Portanto, para embarcar nessa “viagem” cheia de afetos, apegos e desafetos, entre o passado e o presente, faço uso das lembranças dos congadeiros mais velhos, e de alguns participantes, devotos e brincadores de reinado mais antigos, que presenciaram as festividades antes da proibição da festa em 1948, bem como o seu reinício, em 1961, até os dias atuais. Nesse sentido, as lembranças funcionam como veículos, metáforas utilizadas para guiar-me pelos caminhos na companhia de alguns reinadeiros, sobretudo com aqueles que vivenciaram mais diretamente as manifestações festivo-religiosas em homenagem aos santos padroeiros.

Antes de continuar com as discussões, cabe ressaltar que as reflexões sobre as transformações ocorridas ao longo das festas de reinados, e que intercambiam situações e elementos entendidos como trocas materiais e imateriais, dialogam de modo preciso com o conceito *economia das festas*, o qual estrutura esta tese.

A escassez de informações sobre os festejos antes da proibição do reinado foi o primeiro estímulo que me impulsionou a querer saber mais sobre o porquê da interrupção e como as atividades religiosa e festiva eram organizadas no passado. Inicialmente, quando perguntava para alguns santo-antonienses, independente de ser devoto ou não, quem na cidade podia falar-me sobre os reinados de antigamente a resposta era unânime: ou já eram falecidos ou não estavam *bons das ideias*, referindo-se ao mal de Alzheimer que acometiam alguns, como foi o caso de dona Janete, rainha Perpétua, falecida em 2016¹⁸. Foi quando, em 2017, tomei conhecimento, durante minhas

¹⁸ Com o falecimento da Rainha Perpétua, Dona Janete, sua neta Ana Flávia foi coroada no mesmo ano, durante a Festa de Reinado, assumindo, portanto, o posto real.

pesquisas pela cidade, que havia três irmãos dançadores de reinado, idosos, que provavelmente teria presenciado os fatos antigos relacionados às festas de reinados.

Todos os colaboradores com os quais mantive contato direto nos dois contextos de pesquisa participam ou participaram¹⁹ ativamente dos festejos na atualidade, inclusive aqueles de idade mais avançada como é o caso dos irmãos congadeiros, moradores de Santo Antônio do Monte, Geraldo, Otaviano e Fíim. Assim, para compreender os reinados passados, suas trajetórias e como eles se estruturam hoje, contei com a participação de pessoas mais antigas ligadas às comunidades reinadeiras como os capitães, integrantes da diretoria e da realeza, bem como de relatos existentes em livros, nesse caso em menor frequência. Suas lembranças sejam embasadas em vivências sejam através de relatos de parentes, foram de grande valia, pois, além do ato de lembrar, as vivências de outrora também foram fundamentais para compreender a trajetória das mudanças ocorridas nas festas, que é o foco do capítulo.

Fotografia 11: Congadeiros mais antigos em atividade no reinado em Santo Antonio do Monte



Legenda: Os irmãos congadeiros Geraldo, Otaviano e Fíim (Da esquerda para a direita). Imagem: Fonte: Fotografia do autor (2019).

A obra *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná* (2007), de Paulo Renato Guérios, fornece alguns apontamentos que são oportunos para aprimorar as discussões que seguem. Sobretudo acerca de algumas transformações ocorridas nos festejos de reinados, a partir de lembranças contadas, por alguns congadeiros mais antigos de Santo

¹⁹ Durante as pesquisas de campo, após já terem sido entrevistados colaboradores faleceram. Em Araújos: Seu Toen Bem, capitão mor do Reinado, faleceu em 22 de junho de 2019; em Santo Antônio do Monte: Seu Luiz do Tutu, faleceu no dia 2 de março de 2019, e a cozinheira de reinado, Maria de Fátima Santos, veio a óbito no dia 13 de maio de 2020.

Antônio do Monte, principalmente a respeito da interrupção da festa num dado período. Entre os diversos questionamentos que as lembranças ajudaram a pensar acerca das transformações na atualidade, Guérios (2007, p. 17) destaca, por exemplo, “as dinâmicas da política local, as questões ambientais e as transformações familiares”. No caso do meu contexto de estudo, resguardadas as diferenças pertinentes, as lembranças também trazem fragmentos que servem para pensar transformações nos ambientes festivos – relação entre as festas de reinado e os espaços urbanos e rurais -, bem como, o crescimento da cidade que apareceu nos discursos como um dos principais agentes impulsionadores de algumas mudanças existentes hoje no ritual do reinado. Essas mudanças que ocorreram e continuam em curso nos festejos de reinado são interessantes porque ajudam a pensar sobre a pluralidade de formas e sentidos que a cidade imprime às práticas culturais. A cidade está constantemente criando estímulos para as festas, da mesma forma que, estas fornecem mecanismos que reforçam e demarcam os lugares urbanos ressignificando simbólica e materialmente novos espaços festivos.

A diversidade é uma das características mais marcantes da cidade. É o que lhe imprime contorno e ritmo únicos. Nela convivem todas as possibilidades de expressão criadas pela cultura, seja em termos concretos, como os espaços físicos construídos em formas e materiais distintos, seja em termos simbólicos, com as expressões estéticas, religiosas e outras (AMARAL, 2008, p. 255).

Alguns fatos ligados à festa de reinado de Santo Antônio do Monte são o começo para refletir sobre a “função social das lembranças” (GUÉRIOS, 2007) ou o que ela representa para as pessoas que as partilham. Frases como “mas antigamente era diferente” ou “hoje não é mais como era antes”, as quais sempre ouvi de pessoas mais velhas da cidade sobre os festejos de outras épocas, permitem observar a existência de ansia por uma permanência dos espaços e dos tempos passados dos eventos. Tais atitudes quase sempre remetem a formas específicas para demarcar as temporalidades de sua existência. Segundo Alfred Gell (2014) enquanto categoria, o tempo opera em duas séries: uma delas relevando o fluxo de experiência e, a outra, a localização de eventos, também denomina “uma visão do tempo semelhante ao espaço” (GELL, 2014, p. 144).

As contribuições de Guérios (2007) sobre as condições sociais de produção de lembranças mostraram-se um bom referencial para analisar as transformações acerca dos antigos reinados, a partir dos relatos fornecidos pelos congadeiros mais velhos.

Antes de prosseguir com as análises dos relatos de lembranças, fornecidos pelos colaboradores da pesquisa, disponibilizo abaixo um quadro com a síntese dos principais fatos

históricos e transformações ocorridas nos reinados santo-antoniense e araujense até o ano de 2019. Os dados aí contidos facilitarão a compreensão dos percursos temporais e espaciais ocorridas nos festejos, além de servir como instrumento que baliza as lembranças dos congadeiros.

Quadro 3: Fatos históricos e mudanças ocorridos no Reinado de Santo Antônio do Monte

Acontecimentos	Período	Agentes	Medidas adotadas
Proibição do reinado	1945 a 1960	Igreja Católica	Sobre esse período pouco se tem notícia. Na cidade atribui-se o fato ao Padre Paulo, de nacionalidade alemã, que não gostava da festa de reinado
Retomada dos festejos de reinado	1961	Pe. Cirilo, Seu Tomas e Aquitófel (Tufico)	Na época, a festa reinicia com poucas congadas, entre elas o Congo do Peão, a Congada de Zé Carolina e a Congada do Coqueiro.
Preparação das comidas e recepção aos congadeiros	Até 1976	Residências dos reis e rainhas festeiros	Antes, as comidas do reinado (almoços e jantares) eram servidas nas residências dos reis e rainhas festeiros
Doação do galpão	A partir de 1976	Prefeitura Municipal	Uso das instalações do antigo matadouro municipal para o preparo e o oferecimento das comidas, e acolhimento dos congadeiros
Irmandade como Pessoa Jurídica e criação do Estatuto	1977	Irmandade de Nossa Sra. Rosário	A criação da associação “Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário” para gerir o prédio doado pelo poder público
Inauguração do atual galpão do reinado	1979	Irmandade de Nossa Sra. Rosário	De acordo com depoimentos as instalações eram precárias: o teto ameaçava desmoronar, o piso era esburacado, não havia banheiros e a comida era preparada em fogões a lenha e em panelas de barros e tachos de ferro
Doação do prédio do matadouro municipal	1980	Prefeitura Municipal	Lei nº 891 de 10/12/80, autoriza o executivo municipal a doar área para Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário
Lei Municipal de Utilidade Pública	1993	Prefeitura Municipal	A Lei nº 1.305 de 22 de outubro de 1993 reconhece como de Utilidade Pública para o município de Santo Antônio do Monte, o Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário
Gestão da antiga diretoria	Até 2002	Aquitófel (Tufico) e Zé Saúde	Até 2002, existia na cidade doze ternos de congadas. Em 2003 esse número diminui
Mudanças na estrutura da festa de reinado Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia			
Aumento do número ternos de congadas	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Em 2004, com a nova gestão a quantidade de ternos de congadas volta a crescer. São criados aproximadamente três grupos. De modo que em 2005, o número de ternos ultrapassa quinze
Criação dos primeiros ternos de congadas com mulheres capitãs	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Congada As Meninas do Rosário, liderada pelas capitãs Janaína e Lucélia, e a Congada Filhas de Maria, da capitã Lucélia
Divulgação da festa e expansão	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Produção de folders e cartazes, internet, rádios e patrocínio do comércio local
Exclusão da missa do domingo de reinado	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	A exclusão da missa do domingo e readequação do jantar para o almoço do 1º dia de reinado, quinta-feira, otimizariam a finalização da festa, evitando estender-se pela madrugada
Remanejamento do jantar do domingo para a quinta-feira	2006	Nova Diretoria da Irmandade	A decisão foi para agilizar o encerramento dos festejos no domingo, uma vez, que os congadeiros precisariam descansar para retornar ao trabalho na segunda-feira

Fim da trasladação dos reis e rainhas	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Com o fim da entrega dos reis perpétuos e congos às suas residências, obteve-se otimização no tempo cronológico da festa, evitando que no dia seguinte os congadeiros estivessem cansados para mais um dia de festa
Alteração no rito das promessas com os coroinhas	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Alguns entrevistados/as contaram que era comum a prática de pagamento de promessas utilizando coroinhas. Além das coroas grandes pegadas pelos festeiros, era permitido que os devotos pagassem suas promessas à santa sem a necessidade de financiar almoços e jantares. Durante os cortejos, os pagantes integravam à procissão carregando suas coroinhas em sinal de penitência
Requalificação da lista de espera	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade e Igreja	A lista de espera para dar comida no reinado já existe desde a gestão de Tufico. Atualmente há, em média, setenta pessoas aguardando a sua vez para serem chamadas
De seis, a quantidade de reis festeiros sobe para doze.	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Diminuição de custos financeiros e celeridade na “Lista de Espera”
Sorteio dos pares de festeiros, e os dias para dar as comidas	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	O principal objeto dessa modalidade é que os doze festeiros do ano seguinte sabem com antecedência o nome de seu parceiro e os dias que darão as comidas
Reordenação da missa conga	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Criação do coral e banda compostos por integrantes das congadas. Foram resgatadas cantigas de congadas antigas para cantar na missa Conga
Reformas no salão da irmandade	2004 – 2006	Nova Diretoria da Irmandade	Melhoria, requalificação e adaptação das instalações dos espaços
Criação da Congada Rosário de Maria	2018	Diretoria da Irmandade	Fundada o terceiro terno de congada comanda por uma mulher
Mudanças no Estatuto e Criação do Regimento Interno	2017	Nova Diretoria da Irmandade	Em 2004, o estatuto passa por mudanças desobrigando os ternos de congadas de buscar e levar a realeza até suas residências. O Regimento Interno teve como principal objetivo ordenar a criação de novas congadas
Permanência na presidência	2006 – 2018	Nova Diretoria da Irmandade	Esse período é marcado pela permanência de Dinho ora na condição de presidente, ora na de vice-presidente. E também pela presença de sua esposa que tem juntamente com ele reversado no cargo. O motivo da alternância se dá pela ausência de pessoas interessadas em se candidatar
Proibição da bebida	2018	Diretoria da Irmandade	Diretoria da Irmandade em comum acordo com a Pastoral da Sobriedade da Paróquia de Santo Antônio
Criação da Congada São Benedito	2018	Diretoria da Irmandade	Foi fundada o quarto terno de congada comanda por uma mulher
Alteração no período de reinado	2020	Diretoria da Irmandade	Adiamento do reinado para o mês de outubro

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 4: Fatos históricos e mudanças ocorridos no Reinado de Araújo

Acontecimentos	Período	Agentes	Medidas adotadas
Primeira festa de reinado em Araújo	1931	Agostinho Israel	Tudo começou quando Agostinho Israel comprou um caminhão usado em Santo Antônio do Monte, e resolveu levar dois ternos de dançadores (congo e moçambique) para se apresentar em Araújo. O reinado ficou paralisado durante alguns anos, quando retomou as atividades em 1951
Continuidade da festa de reinado em Araújo	1951	Capitão Dote	Sanfoneiro e capitão de reinado, à época residente na comunidade Chapada, distrito de Moema (MG), Dote, dono da congada que leve seu nome até hoje, foi convidado pelo rei congo e prefeito da cidade, Geraldo Antonio (avô de Bila), para iniciar a primeira festa de reinado de Araújo. Após seu falecimento em 1971, seu filho e segundo capitão do terno, Osvaldo, deu continuidade à brincadeira. Com o falecimento do capitão Osvaldo, em 2016, seu filho Ramon, terceira geração de congadeiros, passou a comandar o grupo com a ajuda de seu Jéssu, brincador que aprendeu a dançar reinado com o capitão Dote. O terno hoje chama-se Congada Oswaldo do Dote
Uma carta de nomeação	1985	Rei Congo ou Rei Perpétuo	O primeiro rei congo foi o ex-prefeito Geraldo Joaquim da Silva (Geraldo do Tonho), que nomeou ao cargo seu neto, Almir Antônio Silva (Bila), através de uma carta, já que à época seu sucessor não tinha alcançado maioria
Construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário	1980	Terreno doado pela irmã Juliana, esposa de Agostinho Israel	Somente na década de 1980 é que tem início na cidade a construção da Capela de Nossa Senhora do Rosário, por iniciativa dos devotos e moradores. O templo foi entregue à comunidade em 1989 e está localizado no bairro Santo Antônio, na periferia
Término da construção da igreja	1989	Prefeito, devotos e moradores	Conclusão das obras
Lei Municipal de Utilidade Pública	1992	Prefeitura Municipal	Fica reconhecida de utilidade pública a “Folia de Congado da Festa do Reinado da Cidade de Araújo”
Doação do salão da irmandade	1994	Prefeitura Municipal	O terreno foi doado à irmandade na época que o rei congo, Bila, foi vereador no município
Presença de alguns ambulantes	1995	Barraqueiros	Começam a surgir as barracas de feiras em volta da igreja matriz
Participação do rei congo na política local	1992 – 1996	Vereador	Foi vereador por dois mandatos consecutivos
Participação do rei congo Bila na política local	1997 – 2000	Vice-prefeito	Foi vice-prefeito por quatro anos. Vê-se com isso, que o reinado de Araújo em alguns momentos realizou diálogos estreitos com a política, sobretudo porque não há como separar a participação da figura do rei congo das atividades cotidianas que ele exerceu
Início das cobranças dos barraqueiros	2000	Prefeitura Municipal	Antes disso, não se cobrava pelos lotes das barracas. Os ambulantes vinham para o reinado e expunham seus produtos. Com o passar dos anos foram tumultuando. O vice-prefeito e rei congo fez um requerimento solicitando que fosse cobrada uma taxa de cada barraqueiro e a renda revertida para a irmandade.
Doação de fardas para os três ternos de congos da cidade	2000	Prefeitura Municipal	A prefeitura municipal através de Secretaria de Educação e Cultura fornece os tecidos para a confecção das fardas dos dançadores de reinado
Criação do Estatuto da Irmandade	2010	Diretoria da Irmandade	O Senhor Orlando, atual Presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, não soube informar se havia outro documento que antecedeu a esse, pois, quando começou a fazer parte da Diretoria as diretrizes do Reinado já eram regidas pelo referido estatuto

Lei Estadual de Utilidade Pública	2011	Assembleia Legislativa de Minas Gerais	Declara de utilidade pública a Folia de Congado da festa de Reinado da Cidade Araújos, com sede no município de Araújos
Homenagem	2012	Correios	Lançamento do selo em homenagem aos 80 anos da Festa de Reinado em Araújos
Título de Patrimônio Cultural Imaterial	2015	Prefeitura Municipal	A Festa de Reinado de Araújos que homenageia Nossa Senhora do Rosário, N. Sra. Das Mercês, Santa Efigênia e São Benedito é registrada pela Secretaria Municipal de Cultura, em acordo com as diretrizes do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA – MG. Os trâmites legais ocorreram no período de 7 de dezembro de 2014 a 20 de junho de 2015
Mudanças na estrutura da festa de reinado Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santo Efigênia			
Missa campal	2016	Diretoria da irmandade	Toda missa de Reinado deve ser campal em referência ao tempo em que os escravos não tinham permissão para adentrar na igreja
Organização das coroas por cores	2016	Diretoria da irmandade	Festeiros do sábado: coroa branca; festeiros do domingo: coroa dourada e festeiros da segunda: coroa azul
Cancelamento em razão da pandemia de COVID-19	2020	Diretoria da Irmandade	Cancelamento da Festa de Reinado

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A existência da Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte, apesar de remontar à segunda metade do século XIX, mais precisamente o ano de 1860 (BORGES, 1997), possui um lapso temporal marcado pela intervenção da Igreja Católica. O pouco que se sabe a respeito da proibição dos festejos é que o reinado esteve parado entre os anos de 1948 a 1960, com reinício das atividades no mês de agosto do ano seguinte. Portanto, desde 1961 a festa voltou a ser realizada, quando passou a acontecer todos os anos. As pessoas mais velhas com as quais conversei apontam o agente da igreja à época, de origem alemã, como o principal responsável por extinguir a brincadeira.

Fotografia 12: Reinício do Reinado em Santo Antônio do Monte²⁰



Legenda: Imagem do Congo do Peão datada de 1961. Fonte: Arquivo de Fernando Gonçalves (Fernandinho). *Jornal Gazeta* (2005).

Antes de prosseguir com os episódios proibitivos impostos pela Igreja Católica, em Minas Gerais, cabe ressaltar que não se tratou de um caso isolado, como alguns congadeiros relataram, atribuindo o fato a um determinado agente religioso. A onda de perseguição às manifestações “espontâneas” de louvor que, indistintamente, envolviam santos católicos e divindades de religiões de povos tradicionais, conduzidas pelo povo atingiu outros países. É o caso das festas dos santos e padroeiros do interior de Portugal, especificamente na região dos Açores. João Leal (1994) descreve nos seus estudos que as proibições são uma antiga conhecida dos devotos das celebrações religiosas populares nessa região desde o século XVII, passando pelo século XIX, e chegando a lançar seus tentáculos no início do século XX. No entanto, pelo que observei as “determinações episcopais” (LEAL, 1994) não chegavam a proibir por

²⁰ A fotografia é de 1961, quando a Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte recomeçou, porém, a matéria do *Jornal Gazeta* é de 2005, ano da coroação do atual Rei Congo, Tipaca.

completo a realização dos festejos dedicados ao Espírito Santo, mas impunham severas alterações. Muitas das medidas castradoras eram impostas à revelia dos próprios agentes da Igreja Católica nas localidades, o que não é diferente da postura de antipatia que o pároco de Santo Antônio do Monte tinha sobre a festa de reinado. O caso maior de violência simbólica com intuito de afrontar a fé e a devoção dos adeptos da Festa do Espírito Santo, aconteceu no distrito de Santa Bárbara, nos Açores, na década de 1940. O autor assim descreve o episódio:

Apresentado como particularmente adverso ao culto do Espírito Santo — aquele homem não tinha fé no Espírito Santo — esse padre tomou um conjunto de iniciativas contra os Impérios: violentas prédicas na Igreja contra os festejos, pressões sobre pessoas que estavam devendo promessas ao Espírito Santo para que as satisfizessem de outra forma, recusas em coroar imperadores, e, sobretudo, a destruição de uma das duas Coroas então afectas à Igreja paroquial, com o argumento de que a prata poderia ser melhor utilizada para o fabrico de alfaías litúrgicas de que a Igreja estava carecida; a Coroa veio efectivamente a ser fundida com esse objetivo (LEAL, 1994, p. 277).

O relato, além de demonstrar que não foram medidos esforços para perseguir e aniquilar as homenagens dos devotos, proferidas de forma espontânea, porque contrariavam os interesses da Igreja Católica, também chama a atenção para os tipos de violências que permeavam a maioria das determinações episcopais.

A respeito da questão que envolve a proibição das festas de reinado pela Igreja Católica no estado de Minas Gerais, sobretudo no município de Divinópolis e região, na passagem da primeira para segunda metade do século XX, Guilherme Guimarães Leonel (2009) apresenta alguns detalhes das interdições. Segundo o autor, a encíclica *Ubi Arcano* (1922) de Pio XI, que pregava cuidar da vida espiritual dos católicos, “insistia numa concepção de fé medida pela frequência sacramental, de forma a ignorar as manifestações populares da fé” (LEONEL, 2009, p. 58).

Mesmo com as determinações impostas pelas autoridades eclesiásticas em Minas Gerais, que contavam com o aparato policial e político do Estado, à época, para inibir qualquer manifestação religiosa organizada pelas pessoas leigas, o que se percebe é que o reinado continuava a ser celebrado. De acordo com Leonel (2009), no ano de 1932, passados mais de dez anos da determinação publicada pelo arcebispo Dom Cabral, as festas de reinado em Divinópolis continuavam a acontecer, mesmo sob a vigilância policial. As imagens, de autoria de Halim Souki, que ilustram o estudo de Leonel, assumem uma função histórica crucial, pois, mais que contar a história, elas registram que, por volta do ano de 1929, os congadeiros celebravam o reinado mesmo sob perseguição. Porém, como destaca Leonel (2009), é a partir de 1948 que ocorre um afrouxamento da intervenção da igreja nos festejos, quando algumas

idades passam a comemorar o reinado. Por outro, o clima de perseguição só começa a retrair-se de fato “após o Concílio Vaticano II, em 1962, quando a Igreja Católica mundialmente daria uma guinada definitiva que a levaria ao encontro do povo” (LEONEL, 2009, p. 146). Mas, é somente após a morte de Dom Cabral, em 1967, que a tranquilidade voltou a reinar entre os reinadeiros, e a festa passou a se espalhar por todos os municípios de Minas Gerais, acrescenta o autor.

Apesar de os escritos do autor serem preciosos para compreender historicamente a origem e os motivos que levaram as autoridades da Igreja Católica a interditar as manifestações de fé e louvor aos santos reinadeiros, conduzidas pelas pessoas leigas, os períodos de interdições dos reinados em Divinópolis e Santo Antônio do Monte apresentam divergências. Enquanto na primeira cidade a proibição ocorre entre os anos de 1924 a 1948, com os festejos acontecendo na clandestinidade, na segunda, conforme apurou Borges (1997), a interdição acontece entre 1948 e 1960. Daí, a pergunta: por que municípios relativamente próximos foram proibidos de promover seus reinados em momentos diferentes? A hipótese mais plausível pode estar relacionada à hierarquia institucional adotada pela Igreja no estado. Pois, já naquela época, a Paróquia de Divinópolis estava vinculada à Diocese de Belo Horizonte, enquanto a de Santo Antônio do Monte ligava-se à Diocese de Luz. Isso leva a acreditar que cada paroquiado, de acordo com sua abrangência, foi aderindo gradativamente às interdições de seus superiores.

As discussões de Leonel (2009) são elucidativas para compreender a descontinuidade das festas de reinados, especialmente em Santo Antônio do Monte, porque embora as pessoas mais velhas da cidade e os/as reinadeiros/as saibam do ocorrido, a impressão que se tem é que os referidos fatos são lembrados em forma de lapsos de memórias. Pelo que observei a narrativa recorrente entre os moradores recai sobre o padre de origem alemã que, por não gostar da festa dos pretos, proibiu o reinado. De acordo com o senhor Geraldo, o católico não simpatizava com o modo como a população homenageava a santa com batidas de caixas e danças. Nesse sentido, as reflexões de Leonel (2009) são significativas porque apresentam fatos históricos mais abrangentes, permitindo comprovar os mecanismos político-institucionais engendrados entre Igreja Católica em consentimento com o estado.

Logo que iniciei as pesquisas esse episódio chamou minha atenção pelo fato de não haver documentos oficiais e arquivos históricos que apontassem minimamente onde eu deveria buscar mais informações acerca do reinado antes de sua “parada”. Até cheguei a realizar pesquisa bibliográfica na biblioteca pública municipal, mas não obtive êxito. Foi quando resolvi me aproximar dos poucos “arquivos vivos”, isto é, de algumas poucas pessoas idosas da cidade que, talvez, através de suas lembranças do passado, pudessem contribuir com meus

questionamentos sobre aquele momento. Ao consultar sobre a necessidade de buscar dados sobre o reinado de antigamente, os informantes indicaram-me os três irmãos, Geraldo, Otaviano e Fiím, todos com idade avançada, conforme apresenta o Quadro 1, mas que ainda brincam o reinado.

Apesar de parte de suas vivências dos festejos antigos não serem lembradas, talvez pela idade avançada, por outro dado, o esquecimento pode dizer algo sobre o processo de apagamento institucionalizado agenciado pela igreja. Paul Zumthor (1997) discute que o esquecimento também é parte integrante da memória, pois é no tempo de agora que se escolhe o que lembrar. Percebi isso quando, em vários momentos das conversas com os interlocutores, à medida que o diálogo seguia, novas lembranças, que pareciam estar esquecidas, eram recuperadas. Frases como: “ah, acabei de lembrar...”, foram recorrentes durante as entrevistas com os congadeiros. Talvez as lembranças só foram possíveis de acontecer, porque os estímulos do momento os favoreciam.

Minha experiência durante as abordagens com os interlocutores na busca por lembranças das festas antigas não contou com os agravantes encontrados por Guérios (2007), o que o fez redefinir seu objeto empírico. Ele relatou que, no intuito de obter informações sobre as lembranças dos antigos ucranianos a partir de seus descendentes, logo era orientado a procurar por um corpus de “especialistas” (GUÉRIOS, 2007, p. 13) no assunto, existentes na cidade. Apesar de não ter contado com a ajuda desses agentes, haja vista que inexistem na cidade, considero os velhos como especialistas de saber notório, por contarem as histórias ou fragmentos delas, de uma época vivenciada por eles.

Acerca do tema, Ecléa Bosi (1979) traz algumas contribuições ao recorrer às lembranças dos velhos para compreender as mudanças nas relações de trabalho, ocorridas na cidade de São Paulo. Para a autora, apesar de as pessoas velhas, homens e mulheres, não serem mais sujeitos ativos na vida presente, referindo-se à força de trabalho, elas têm a função lembrar e contar para os mais jovens a sua história, sua origem, suas experiências e saberes.

Apesar do esforço empreendido para obter informações sobre as festas do passado, logo percebi que não seria possível ter acesso a relatos lineares, capazes de permitir re-escrever a trajetória dos festejos outrora ocorridos. Por isso, dei-me por satisfeito em obter apenas vestígios e fragmentos que apontam para os rumos tomados pela festa, ou seja, as transformações. A partir disso, foi possível estabelecer alguns diálogos e reflexões acerca do atual contexto festivo-religioso. Nesse sentido, tanto as lembranças dos mais velhos que trago a seguir, como a de outras pessoas que acompanharam a retomada do reinado, são de uma relevância ímpar.

2.2 Vivências dos devotos e histórias sobre os reinados

O mais velho dos colaboradores, Geraldo Martins de Sousa, foi o primeiro dos irmãos congadeiros com quem estabeleci contato. Neto do brincante de folia de reis Martins Luiz de Souza, o entrevistado nasceu em 1922, no distrito de Coqueiro, município de Santo Antônio do Monte. É viúvo e mora com o filho e sua esposa. É católico e vem de uma família de cinco irmãos, três homens e duas mulheres. Uma de suas irmãs, Lourdes Martins, já é falecida.

Fotografia 13: O bandeireiro Geraldo e o capitão da ongada do Pedrinho



Legenda: Uma pausa enquanto aguardavam a formação do cortejo. Fonte: Fotografia do autor (2018).

O congadeiro é muito conhecido na cidade, não apenas pela idade²¹ que possui, mas pela vitalidade com que participa dos festejos de reinado. Durante as longas conversas que tivemos mais de uma vez em sua residência, ele me contou que residiu nessa comunidade rural até os sessenta anos de idade, quando veio para a cidade. Também morou por dez anos na Fazenda Campo Alegre, também no município. Durante todo o tempo que residiu no campo exerceu a atividade de agricultor, cuidando de um pequeno rebanho de gado para um fazendeiro. Já aposentado, Seu Geraldo não é ativo apenas nas atividades relacionadas aos festejos de reinado, quando dança durante os quatro dias seguidos, ele também continua envolvido nas tarefas de trabalho. Três vezes por semana ele caminha sete quilômetros a pé até a fazenda de um amigo para cuidar do gado. Sai de casa ao raiar do dia e retorna ao entardecer. Questionado

²¹ Durante a Festa de Reinado de 2018 o capitão Rondinélcio, da Congada do Pedrinho comemorou na sua residência o aniversário de 96 anos de Seu Geraldo, com direito a bolo e muita música.

sobre o motivo de tanta vitalidade ele não hesitou em afirmar que é a fé em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Segundo ele, seus avós, que eram naturais de Candeias (MG), vieram para Santo Antônio do Monte, onde compraram umas terras no distrito de Coqueiro. “Os Nazaros todos era de Candeias, tinha dinheiro, compraro uma terra e construíram umas casinhas. Estas terras, minha mãe herdou do meu avô e eu herdei dela” (Geraldo, depoimento oral, 2018).

Contou o entrevistado que seus pais já eram devotos de Nossa Senhora do Rosário e de Santos Reis. Seu pai, inclusive, era brincador afamado de folia de reis, atuando como *caetano*, nome que se dá a um dos palhaços, personagens que faz par com *catirina*. “Na época eu já era grande, mas não brincava na folia de meu pai. Ele ganhava fumo, sabão por onde andava. Na folia, as figuras chamadas de palhaços se embrulhavam num pano vermelho” (Geraldo, depoimento oral, 2018). Aqui já é possível perceber de onde surgiu o gosto pelas festas de santos, que faz o congadeiro ficar com os olhos brilhantes quando se refere a elas.

Incentivado a falar sobre suas vivências relacionadas às festas de reinados de antigamente, seu Geraldo não apenas demonstrou-se interessado como relembrou de episódios com eloquência, parecia que acabara de presenciá-los, tamanha foi sua desenvoltura em expor os fatos. Talvez por conta da idade avançada, ele não conseguiu diferenciar se os relatos diziam respeito às festas de reinados antes ou depois do episódio da proibição. Sobre isso, em especial, afirmou que embora não fosse possível louvar os santos reinadeiros na cidade, em várias comunidades rurais os festejos continuavam a acontecer.

Na época que acabou o reinado o povo ficou muito triste. Não sei porque acabou, talvez o padre não gostava. Mesmo não tendo reinado aqui na cidade, a gente saía no reinado pra Cachoeira, pro Barro Preto, tinha um cruzeiro lá. Lá tinha uns fazendeiros velho que fazia festa pra gente lá. Ainda tem esse cruzeiro lá que faz a festa de Maria no mês de maio (Geraldo, depoimento oral, 2018).

Nota-se, a partir de sua fala que a festa não parou por completo no município de Santo Antônio do Monte, fato este também observado por Leonel (2007) na cidade vizinha de Divinópolis. A respeito de Padre Paulo, o senhor Geraldo contou que “todos do Coqueiro tinha muito medo dele, pois era muito bruto”. Por outro lado, acrescentou que a sua primeira ida a Aparecida do Norte (SP) foi realizada na companhia do padre, que pagava todas as despesas.

Seu envolvimento mais profundo com o reinado (na condição de dançador) se deu somente ao completar 26 anos de idade²², quando passou a dançar na congada do Coqueiro, cujo comando estava a cargo do capitão Valdemar.

No Coqueiro existia uma congada, o Valdemar era o capitão, um vizinho nosso. Comecei a dançar na congada dele eu tinha uns 26 anos, ainda solteiro. Nessa época não tinha mulher na congada. Brincava eu e meus irmãos. Quando uma criação [gado] morria a gente tirava o couro e mandava fazer as caixas, tinha uma pessoa que fazia. O reinado era no mês de agosto e a congada vinha pra cidade brincar (Geraldo, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

Porém, antes de se tornar dançador todos os anos durante a Festa de Reinado, toda a família vinha para a cidade durante os dias de festejos. Praticamente se mudavam. “A gente vinha de carro de boi para a cidade na época do reinado e ficava a semana toda. Ficava hospedado na casa de Maria Cândida, que meu pai alugava.” (Geraldo, depoimento oral, 2018). Seus pais usavam o carro de boi como meio de transporte para trazer as quitandas preparadas com antecedência, roupas, redes de dormir, colchões de palhas, e até galinhas vivas para se tornarem banquetes durante o período de regozijo e celebrações.

Ainda se referindo às festas de reinados antes da cassação ou, talvez, depois de seu reinício, seu Geraldo, dar um panorama amplo sobre a dinâmica do ritual como a composição do cardápio das *comidas reinadeiras*, os locais, utensílios (objetos) e pessoas envolvidas nos festejos.

Nessa época não existia salão do reinado. A gente comia nas casas. Serviam tutu de feijão, carne de vaca gorda, arroz e macarrão. A comida era servida no terreiro, naqueles panelão [fazendo sinal de circunferência unindo as duas mãos]. Me lembro que quem dava café e almoço era o Sr. Justo, próximo onde é a rodoviária. Na nossa bandeira tem o nome dele [Congada do Pedrinho e Senhor Justus] (Geraldo, depoimento oral, 2018. Observações minhas entre colchetes).

Os elementos presentes nas lembranças do congadeiro além de ajudar a pensar sobre o caráter espontâneo assumido pelas festas, que vai até o final de 1970, quando as comidas do reinado (almoços e jantares) passaram a ser preparadas e ofertadas no galpão da irmandade, dão subsídios que são úteis para refletir sobre os percursos das transformações, consequentemente entender o atual contexto de realização do reinado.

²² Seu Geraldo nasceu em 1922, e só se iniciou como dançador de reinado aos 26 anos, significa que sua estreia foi em 1948 período, sugerido por Borges (1997), como sendo o marco da interrupção da festa. O que mostra que os festejos, apesar de proibidos de ocorrer na cidade, continuaram a acontecer em outros lugares fora e dentro do município.

Dando continuidade às recordações das festas de outrora, trago as contribuições do irmão do meio, Otaviano Martins de Souza, que nasceu em 1930, e casou-se com Jandira Cândida de Souza, com quem teve um casal de filhos. É também natural do distrito de Coqueiro, onde residiu até aposentar-se como agricultor. Há trinta anos reside na cidade. Como todos eles apresentam lapsos de esquecimentos devido à idade avançada, a intenção foi que a fala de um servisse de complemento a do outro. Algumas informações trazidas pelo congadeiro podem se cruzar com aquelas já oferecidas pelo irmão mais velho, porém, no geral, elas se complementam de alguma maneira. Por isso, fiz questão de registrar todas elas.

Fotografia 14: Congadeiro Seu Otaviano



Legenda: Registro feito na sala de sua residência no bairro Bela Vista. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Além de falar sobre seus antepassados, que conforme se observa possui uma ancestralidade negra, o senhor Otaviano relatou como se deu o assentamento da família nessa localidade. Assim, sua fala complementa as informações anunciadas pelo seu irmão Geraldo.

Meus avós compraram um terreno no Coqueiro e loteou as casinhas pra todo mundo [o restante da família que conseguiu trazer para junto dele]. Ele fez a dele e fez outras ao redor para acolher outras pessoas que vinham de Candeias. Ele contava que as pessoas pensavam que ele era rico, porque tinha um conto de réis. Eles diziam: 'Nazaro é rico, tem um conto de réis' (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

Quanto às lembranças das festas de reinado antes da interrupção dos festejos na cidade, o senhor Otaviano contou o seguinte:

Aqui tinha congada, mas quando nós chegou a entender de reinado, aqui acabou. Nós vinha lá do Coqueiro num carro-de-boi e pousava aqui pra assistir o reinado. O Padre Paulo não gostava de reinado. Aí, foi quando acabou. Nessa época eu tava com 12 anos. Eu não sei o que houve (Otaviano, depoimento oral, 2018).

Mais uma vez, compartilhando do consenso que existe entre os moradores da cidade sobre a paralisação do reinado, o Padre Paulo aparece como o principal responsável. Nessa época, a família se arranchava em casa alugada, onde permanecia, por alguns dias, na cidade para participar dos ritos da Semana Santa e do Reinado. No entanto, sua participação e de seus irmãos se resumia a assistir e acompanhar os ternos de congadas e os ritos religiosos como as missas e cortejos. Era a festa, momento de alimentar-se das benesses oferecidas pelo tempo extraordinário, como sugere Da Matta (1997). Ainda no que tange a esse tempo lembrou com entusiasmo dos cheiros das comidas sendo preparadas pelos reis festeiros, que saíam das cozinhas e percorriam as ruas, aguçando o paladar de quem passava. O odor mais agradável, para ele, era das vassouras de alecrim, usadas para varrer os fornos entre uma fornalha de quitanda e outra.

Apesar de não dançar reinado nessa época lembra-se de alguns capitães de congadas que abrihantavam os festejos. Disse ele: “tinha o Corte do Satiro, tinha o de João Antônio que também era capitão, o Zé Carolina, o moçambiqueiro. E tinha um outro que vinha de Bom Despacho” (Otaviano, depoimento oral, 2018). Sua fala embora fragmentada, é pertinente porque ajuda a compreender a trajetória de algumas congadas existentes hoje em Santo Antônio do Monte. Durante as entrevistas com alguns capitães e moradores envolvidos com o reinado os nomes, acima mencionados, também apareceram nos seus relatos. Foi o caso do Capitão da Congada Luiz Carolino, Luizinho, ao expor que seu avô, Luiz Carolina e o irmão dele, Zé Carolina, tinham sido congadeiros afamados no município. Com a retomada dos festejos em 1961, ambos reativaram seus grupos e ajudaram a reerguer a festa. No entanto, com o falecimento de Zé Carolina, o terno passou para a família Piriá, recebendo o nome de Moçambique Otaviano Piriá, atualmente comandado pelo seu filho, o presidente Guel, e seu neto, o capitão João Paulo.

A congada, que Luizinho passou a acompanhar ainda criança, foi extinta com o falecimento de seu avô, Luiz Carolina, no final da década de 1960. Entretanto, em meados da década de 1970, depois de ter dançado em várias congadas, entre elas a Congada de Zé Alexandre, resolveu reativar o grupo, que continua em atividade até os dias atuais. Assim, na intenção de homenageá-lo batizou-a de Congada Luiz Carolina. Não é meu propósito aqui fazer o reordenamento de todas as congadas em atividade que possuem algum tipo de vínculo com

os grupos mais antigos e ex-capitães. Farei isso no quinto capítulo quando refletirei sobre as dinâmicas de formação dos grupos. A ideia de trazer outras falas foi para complementar as lembranças daqueles que considero os congadeiros mais antigos da cidade.

Retornando às vivências do senhor Otaviano, ele relatou que começou a brincar reinado somente aos 40 anos de idade, na Congada do Coqueiro sob o comando do capitão Valdemar Santana, após o retorno da festa. Com a saída do líder do grupo, quem assumiu a dianteira foi Pedro Pereira, sobrinho de Otaviano. É justamente nesse momento que o congadeiro a participar na linha de cantigas posição, que ele disse ter maior domínio sobre as toadas que requerem técnicas vocais²³ mais específicas. Acerca desse tempo, relatou o entrevistado:

Brinquei nesse corte ... [pausas] Eu tinha brincado já um ano... aí o meu sobrinho, rapazinho... foi de dentro de casa, criado na casa de meu pai. Aí, nós pegou a cantar junto. Eu ensinando a ele. Aí, ele aprendeu e passou a ser capitão (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

Porém, segundo ele, a congada não durou muito tempo, logo acabou. Coincidiu também com a época que se mudou para a cidade. Passados alguns anos, já nos anos 90, Tostão, que mantinha uma congada com seu irmão, Pedrinho, desfez a parceria e resolveu formar seu próprio grupo. Foi quando, disse o senhor Otaviano, recebeu a visita dele convidando-o para ajudá-lo a formar seu próprio terno.

Otaviano: Eu tava sentado aqui, olhe. Ele chegou. Ele e o Américo.
 Tostão: E vim cá porque preciso tratar de uma coisa com o senhor, pro senhor me ajudar...
 Otaviano: O que você quer?
 Tostão: Eu queria *levantar* o corte do Coqueiro, mas não consegui. Eu quero levantar um no meu nome. E eu queria que o senhor me ajudasse. Eu ouvi falar que se o senhor for, seus sobrinhos também vão brincar no corte. Se o senhor for eles vai. Agora se o senhor não for, eles não vai.
 Otaviano: Uai, mas eu tô aqui mei perrengado... Não tô dando conta de brincar reinado mais não.
 Tostão: Mas eu vou mandar buscar o senhor aqui pra nós dá um treino [ensaio].
 Otaviano: Fizemos uns quatro treinos. A Congada tá aí até hoje (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

Com base no conteúdo do diálogo acima, é possível observar que seu reconhecimento, enquanto conhecedor das cantigas e técnicas vocais, o distingue dos demais reinadeiros, dando-

²³ Poucos ternos de congadas em Santo Antônio do Monte seguem à risca o uso das vozes pelos cantadores da linha de cantiga. É uma espécie de coral cujos integrantes se dividem para manter a harmonia dos cânticos. Há os tons mais graves e os mais agudos/finos e prolongados. O timbre da voz do senhor Otaviano se encaixa nos tons agudos. Como costuma-se fala entre os cantadores: ‘os colegas passam a cantiga para o outro arrematar’. Na Congada do Tostão, grupo que Otaviano integra e faz a 6ª voz, a técnica vocal é mantida e se caracteriza como um diferencial da congada, segundo seu capitão.

lhe qualidades de mestre. Isso porque além de deter um saber raro, tem facilidade para ensinar a outras pessoas. Foi assim que fez com seu sobrinho e também com Tostão. De fato, o principal motivo pelo qual o capitão buscou sua ajuda foi por entender que Otaviano tinha conhecimento suficiente para estruturar o coral das seis vozes da congada que acabara de formar.

Depois que o Tostão começou com esse corte... ele não me larga. Quando foi agora na Levantação dos Mastro [Abertura do Reinado de 2018], eu disse: ‘ah, ele não vem cá me buscar’. Daqui a pouco o carro riscou na porta pra me buscar. Diz ele que eu faço muita falta no corte. Eu acompanho o corte por fora, mas na hora de cantar ele me chama. Têm as seis voz, eu passei a cantar na sexta, depois voltei pra quarta (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

O reinado é uma festa multifacetada, que mobiliza e engendra inúmeras atividades nos preparativos e na festa em si, descortinando diversas possibilidades de atuação dos devotos. Nas congadas, apesar de não existir um recrutamento sistemático no sentido de avaliar *a priori* quem deve desempenhar o quê no interior do grupo, cabe ao capitão definir em qual posição o dançador vai desempenhar com mais habilidade, se na *linha de cantigas* ou se na *linha de dança*. Isso aconteceu com o senhor Luiz do Tutu, que só dançou reinado uma vez, preferindo a cozinha, e também com o entrevistado, que acompanha a congada “por fora”, aproximando-se apenas no momento das cantorias. Veja que a participação do senhor Otaviano vai além de mero dançante ou cantador de reinado. Aliás, pelo que ele me falou nunca foi adepto da dança, sempre gostou mais da cantoria.

Mas, o fato é que desde criança ele cresceu numa família onde a musicalidade sempre esteve presente. “Meu pai gostava de uma folia. Meu avô, o pai de meu pai, era caetano [palhaço]. Uns gavava [elogiava] que ele era muito bom caetano. Meu pai comandava mesmo, sabia de tudo na folia.” (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes). Isso explica, por exemplo, a base de seu aprendizado sobre as técnicas vocais que ele usa tanto na folia como na congada. As lembranças que o entrevistado traz sobre as vivências em meio aos parentes folieiros evidenciam a relação que há entre a congada e a folia na cidade, embora as congadas se apresentem em maior número. Nesse sentido, observei que a maioria dos ternos de congadas santo-antonienses, com exceção dos moçambiques, apresenta similaridade com a folia de reis, principalmente no que tange à melodia das cantigas. Talvez a diferença mais marcante é que na congada o ritmo é mais frenético, enquanto na folia a batida é mais compassada e o ritmo mais arrastado.

Apesar de saber que o reinado é uma festa dinâmica e interativa no sentido de utilizar-se dos espaços públicos (igrejas, ruas, praças etc.) e privados como as residências de devotos,

há determinados espaços que servem de pontos de concentração para ternos e os assistentes. É neles, por exemplo, que se aproveita para um bate-papo descontraído, rever amigos e familiares que residem fora, afinar ou consertar os instrumentos, descansar o corpo para a próxima visita.

Assim, quando questionado sobre quais eram os espaços urbanos do passado onde o reinado acontecia, o senhor Otaviano foi enfático em dizer que a festa acontecia na frente da capela, se referindo à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, local onde ele foi batizado. De acordo com suas palavras a cidade se resumia ao *miolo*, ou seja, às poucas residências localizadas em torno da Igreja Matriz de Santo Antônio e da Igreja do Rosário. Ao caminhar poucos metros no sentido contrário ao centro, se chegaria no que ele chamou de *roça*. “Pra cá, nesse posto [Posto Foguetão], era um curral. Não tinha carro aqui não. Só tinha dois carros, um de Zé Pedro outro de Pedrinho” (Otaviano, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes). A fala do entrevistado dá a noção da dimensão exata do quanto que a cidade se expandiu, para além dos limites do centro urbano, onde costumava acontecer as festas de reinados. Provavelmente, conforme discutirei mais adiante, o processo de urbanização e expansão da cidade tenha desencadeado algumas mudanças na estrutura religiosa dos festejos. É igualmente interessante observar também que o reinado, com o passar dos tempos, foi levado para outros espaços como o galpão da irmandade, a praça da matriz e as outras duas paróquias, onde são formados os estados que saem em cortejo pelas ruas até a Igreja Matriz.

O meu encontro com o mais jovem dos três irmãos, Antônio Martins de Souza Filho, conhecido pelo apelido de *Fiím*, ocorreu no sítio Coqueiro²⁴. Nascido em 1933, é viúvo e pai de seis filhos, destes dois já são falecidos. É aposentado como trabalhador rural, mas ainda exerce a atividade de lavrador. Segundo ele, já morou na cidade por um curto período, logo que se casou. Trabalhou na siderúrgica dos Cabral, cuja família também era dona de fazendas. Nessa época também residiu em Cláudio (MG), transportando minério, sem direito a folga. Foi quando decidiu retornar para a casa de sua mãe, que residia no referido distrito onde atualmente reside. Um de seus filhos mora vizinho a ele. O outro, Maurício, falecido em 2017, exercia o cargo de príncipe do reinado.

²⁴ Foi no dia 7 de janeiro de 2018, quando acompanhei a Folia de Reis Mensageiros da Paz, do capitão Tostão, da qual Fiím também é membro, conheci a localidade. Também foi nesse evento que marquei de entrevistá-lo. Combinamos de conversar na manhã do dia 23 de janeiro. Na data marcada fui ao encontro de bicicleta.

Fotografia 15: Congadeiro Fiím ao lado do altar e sua residência



Legenda: Fiím ao lado de seu altar (esquerda) e vista frotal de sua residência (direita), no sítio Coqueiro. Fotografia do autor (2018).

Embora as lembranças relacionadas aos diversos momentos dos festejos não apresentem uma linearidade temporal, uma vez que os principais interlocutores não se lembram de algumas vivências, mesmo assim elas foram fundamentais na composição das discussões que trago aqui. Para Le Goff (2003) não parece ser novidade, já que a memória e o esquecimento caminham de mãos dadas. Mesmo assim, as lembranças de todos eles foram de suma importância para refletir sobre os reinados de antigamente.

Dos irmãos entrevistados, Fiím foi o que demonstrou maior desenvoltura ao lembrar de fatos passados, referentes às origens da família, e principalmente das festas de reinado da época em que era mais jovem. Para evitar repetições de ideias priorizei as contribuições que ainda não tinham sido ressaltadas pelos outros irmãos. Atualmente, o congadeiro integra a congada e o grupo de folia de reis, comandados por Tostão e Ari, e atua como cantador na posição de 5ª voz. Fiím, pelo que observei tem um papel fundamental de orientar os demais cantadores no uso adequado das vozes. Juntamente com o senhor Otaviano ele desempenha a função de maestro da *linha de cantiga*. Disse ele:

Aquele cara que bate a caixa na folia, que faz a 4ª voz cantava pouco. Eu fui ensinando, faça assim... suspende a voz, abaixe a voz um pouco. É preciso que as voz fiquem na mesma tuada, uma com as outras (Fiím, depoimento oral 2018).

Perceba que há uma pedagogia voltada para a transmissão de saberes que exige sobretudo a atenção nos movimentos e gestos executados pelos congadeiros mais experientes. Aos iniciantes, é preciso que fiquem atentos, com olhos e ouvidos em alerta para “pegar” os ensinamentos dos mais velhos, que acontecem na prática durante as apresentações das congadas. Os repasses de saberes não acontecem em ensaios prévios, já que são poucas as

congadas que realizam ensaios, eles são processuais e acontecem com o grupo em atividade, com o grupo na rua. Isso exige que os dançadores menos inexperientes e que queiram aprender sobre o brinquedo “colem” nos mais velhos, direcionando o olhar para os passos deles enquanto dançam e, no caso aqui, agucem as “ouças” para captar as performances de suas cantigas.

Eu e Otaviano ajuda até hoje o Tostão. Na folia eu canto na 5ª voz e Otaviano na 6ª voz. A 1ª voz é de Tostão, a 2ª de Ari, a 3ª de Antônio e a 4ª de Agnaldo, que bate a caixa. Mas antes de ir pro terno de Tostão eu brinquei no terno de Pedrinho. Nós rodava... tivemos de ir a Itaúna, Araújo, Perdigão [cidades próximas] (Fiim, depoimento oral, 2018. Acréscimos meus entre colchetes).

O naipe de cantadores e tocadores da folia é basicamente o mesmo que atua na congada. A diferença é que enquanto a primeira é formada por apenas doze homens adultos, a segunda integra, além destes, mulheres e crianças. Inclusive, a jovem Maria Eduarda, filha do capitão Tostão, segue os passos de seu pai e é cotada para ser a futura capitã do terno. Hoje, ambos os grupos são comandados por Tostão e Ari, cada um com obrigações específicas. Este último se encarrega das atividades burocráticas do grupo, como participar das reuniões da diretoria da irmandade e se responsabilizar pelos compromissos do grupo durante os dias de reinado. Ele é o guardião da pasta, que contém as obrigações impostas ao grupo pela diretoria da irmandade, como os horários das refeições e locais das visitas para os cafês, além dos contatos dos integrantes das comissões do reinado.

2.3 As *porcarias* no reinado

Sobre a interrupção do reinado, o entrevistado além de reforçar o que seus irmãos já haviam dito, isto é, que foi motivada pelo padre que não simpatizava com a festa, trouxe novos elementos. Lembrou-se que quando era criança ao acompanhar as congadas pelas ruas, na companhia de sua mãe presenciou um fato, que segundo ele, era recorrente nessa época entre os congadeiros, a prática de *jogar porcarias, sujeiras*. Ele se referia à feitiçaria, que alguns capitães antigos costumavam praticar durante os percursos pela cidade durante o reinado.

Uai, de primeiro, eu era menino... um tal de Divaldo... descendo aquela rua da ponte ali, onde é hoje a farmácia de Geraldo... tinha um corte na frente... não sei o que houve não, mas pegou um pé de vento que ninguém atravessava. A gente era pequeno, tava de junto da minha mãe. Mas foi um vento lascado. O Divaldo veio, que era avô de Tostão, foi acompanhando e cantando e balançando o bastão, e o vento pegou pra rua abaixo. Foi alguém do corte de baixo que jogou uma porcaria para ele (Fiim, depoimento oral, 2018).

Episódio como esse, que o congadeiro narrou pode, inclusive, ser um dos motivos que levou o representante da igreja, que não simpatizava com os festejos, a impedi-los de acontecer. Segundo alguns devotos, com os quais conversei durante os dias que ajudei na cozinha no preparo das comidas, o reinado antigamente era uma *bagunça*. Bagunça, que na opinião deles, envolvia bebedeira e prática de magia e feitiçaria. De acordo com Mauss (2003, p. 83), “praticava-se a magia nos limites das aldeias e dos campos, nas soleiras, nas lareiras, nos telhados, nas ruas, as estradas, nas pegadas, em todo lugar que tenha uma determinação qualquer”. Embora, continue o autor, “tanto a magia como em religião há estreitas correlações entre ritos negativos e os ritos positivos” (MAUSS, 2003, p. 161), provavelmente as práticas religiosas executadas pelos reinadeiros, que não dialogavam com os dogmas da Igreja Católica deveriam ser demonizadas e, portanto, extintas, como parece ainda ocorrer hoje. E foi o que aconteceu.

Fiím, ao lembrar do caso das *sujeiras* na ponte, logo em seguida, mencionou a técnica de proteção que o capitão Valdemar Santana, líder do antigo terno de Congada do Coqueiro recomendava a seus dançadores: atravessar de *fasto*, isto é, de costas. Este procedimento, segundo ele, além de neutralizar os feitiços que, por acaso, existissem no local, invisíveis aos olhos, funcionava como uma espécie de proteção para os dançadores que não tinham seus *corpos fechados*. Nas palavras de Cascudo [(1954) 2010], a pessoa que tem o corpo fechado está imune, invulnerável, à prova de bala, coice de animal, graças a processos secretos de feitiçaria tradicional.

Sobre essa questão, as reflexões de Liliana Porto (2007), que aborda as práticas mágicas de feitiçarias e as relações sociais em Terras Altas, em algum lugar do Vale do Jequitinhonha (MG), apresentam algumas similaridades com o contexto da festa de reinado em Santo Antônio do Monte, pelo menos no que tange aos tempos mais remotos. Segundo a autora, a ideia de feitiço é também difundida entre seus colaboradores como “porqueira”, termo igualmente usado por Geraldo, Otaviano e Fiím, ao se referirem às práticas de feitiçarias que, de acordo com eles, existiam durante o reinado. Os termos *sujo e sujeira*, ligados à ideia de feitiço, também apareceram na fala de Fiím, sobretudo quando se refere a um determinado capitão de congada pela expressão “aquele porco”.

Uma vez a gente foi brincar um reinado lá em... lá tinha um tal de... que era porco [feiticeiro]. Não sei o que ele arrumou não... o sanfoneiro do corte pelejou com a sonfona novinha mas ela não tocava. Isso deve ter mais de 40 anos. Esse tal de... só queria ser o bomzão da boca. E eles [organizadores] pegou a dar preferência pra nós... aí, ele ficou com raiva (Fiím, depoimento oral, 2018. Observações minhas entre colchetes).

Parece-me que as práticas de feitiçarias manipuladas pelos congadeiros estavam interligadas com os momentos de apresentações dos ternos, o que poderiam desencadear disputas e até inveja nos demais capitães. Ou seja, o fato de um grupo ter mais habilidade durante as apresentações, e com isso ser mais querido pelo público, poderia ser uma ameaça para outros. A esse respeito Costa (2012, p. 201) afirma que “durante a performance, os feitiços podem tanto atrapalhar a apresentação de um terno, quanto proteger os membros do grupo desmanchando os feitiços alheios que lhes são lançados”. Se, como descreveu Fiim o capitão tinha mesmo poderes especiais, é proveniente da “sua capacidade de angariar o consenso coletivo em torno de si e de seu sistema” (MONTERO, 1990, p. 63). Por outro lado, talvez, o agente enfeitiçador fosse um frustrado, pois, conforme Malinowski (1988), a magia é permeada em grande medida pelo sentimento de desilusão e fragilidade. Para Mauss (2003, p. 124), “o mágico é qualificado com frequência pela sociedade mágica da qual faz parte e, sempre, pela sociedade em geral”, o que significa dizer que a base das práticas de feitiçarias é estruturada pela coletividade. Lévi-Strauss (1996), por sua vez, reforça que a eficácia simbólica das crenças mágicas é produzida e mantida pela sociedade. Para que haja a eficácia na magia, segundo o autor, é necessário a crença numa tripla experiência: a do próprio mágico ou feitiçeiro, a do sujeito que teme ser enfeitiçado e o grupo maior que acredita em feitiçaria. Portanto, se as práticas de feitiçaria ocorriam durante a festa de reinado era porque existia uma crença *a priori*, pois a magia funciona porque as pessoas creem.

Ainda no que tange à participação da sociedade como componente central na manutenção das práticas mágicas, bem como do sentimento e medo do feitiço e os mecanismos utilizados pelos mágicos para impor seu prestígio e controle, Nogueira (2004) afirma que,

A existência mágica é uma obsessão coletiva, um catalisador de reações da sociedade, que movimenta as suas engrenagens no afã de envolvê-la e controlá-la, projetando no imaginário a realidade dos males vividos, e criando um clima social que tem a sua origem fundamentalmente naqueles que se julgam vítimas das práticas mágicas, isto é, enfeitiçados (NOGUEIRA, 2004, p. 131).

Mesmo que o contexto estudado por Porto (2007) abarque as práticas mágicas para além da religiosidade, a ponto inclusive de o território ser conhecido pejorativamente como “terra de feitiçeiros”, é possível perceber que nos ritos sagrados e profanos em homenagem à principal divindade do reinado elas também são evidenciadas. Nesse caso afirma que “a proximidade entre catolicismo, negros e feitiçaria se expressa também nos casos que esta última se relaciona com eventos específicos da Festa de Nossa Senhora do Rosário” (PORTO, 2007, p. 220).

Não obstante, é consenso entre os irmãos que as práticas de feitiçarias quase não existem nos dias de hoje. Fiím afirmou que um dos motivos é o clima de família e amizade que se criou entre os dançadores. “Igual a esses nossos aqui não. Todo mundo é amigo um do outro. Mas os cortes de fora não podem confiar não. Tem gente má. Eu tenho medo” (Fiím, depoimento oral, 2018). No entanto, quando se trata do desconhecido, o de fora, ele prefere manter-se em alerta, pois, com disse Mauss (2003), o feiticeiro se utiliza do segredo e da postura reservada para realizar suas práticas de enfeitiçamentos.

É crucial pensar, no caso do reinado, que as práticas mágicas chamadas de feitiçaria faziam parte do universo de crenças da população negra, responsável pela existência dos festejos de reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Era, inclusive, através de um conjunto de crenças mágico-religiosas que esses sujeitos se percebiam no mundo. Então, a religião através dos ritos mágicos era intercambiada tanto para a resolução de problemas práticos do cotidiano, incluindo os cuidados com a saúde física, psicológica e espiritual, e também para obter proteção através da invocação de divindades que se encontravam no plano sagrado.

A respeito da escassez de práticas mágicas, como sugerem os irmãos ao mencionar que as feitiçarias não existem mais, algumas hipóteses podem ser levantadas. A primeira foi o controle imposto pela Igreja Católica, que não mediu esforços para limpar as tais *sujeiras*, contribuindo para exclusão ritos religiosos e saberes tradicionais de curas advindos dos costumes dos negros. A proibição do uso da cachaça durante as refeições do reinado é um exemplo disso. A outra, intrinsecamente relacionada às proibições impostas pelos agentes católicos, contribuiu para minar as crenças da coletividade nas práticas de feitiçaria.

Em Santo Antônio do Monte, os discursos sobre as práticas mágicas ou feitiçaria não desapareceram por completo do reinado, apesar de os entrevistados encararem como resíduo de um passado que ficou esquecido. Isso porque “as crenças antigas não se dissolvem facilmente” (GINZBURG, 1988, p. 31), apesar de serem relatadas com se tivessem existido num passado remoto e que têm como alvo as performances dos instrumentos e das cantigas. Segundo Silvério²⁵, “lá na Pedra do Indaiá [cidade vizinha], onde meu pai foi criado, contava muito isso. Eles [congadeiros de outros grupos] faziam coisas pro cantador desafinar, o corte vinha brincando bonito e falhava o som” (Depoimento oral, 2019. Acréscimos meus entre colchetes). As feitiçarias, nesse caso, podem ser compreendidas como ações externas aos grupos, que causam impactos e desarticula a ordem estabelecida materializada nas performances dos ternos

²⁵ Conheci o casal Silvério e Abigail (Biga) durante as observações participantes que realizei na cozinha do galpão da irmandade, na Festa de Reinado em 2017.

(cânticos, bailados e afinação dos instrumentos). Refletindo sobre a questão, Patrícia Birman (1997), diz o seguinte:

Este mal extraordinário, inteiramente anômalo e também incompreensível, tem como característica o fato de colocar a própria representação da ordem em questão. Trata-se, pois, de um mal absoluto que esvazia a própria ideia de ordem (BIRMAN, 1997, p. 66).

Em Terras Altas, de acordo com Porto (2007, p. 223), “a feitiçaria é algo em extinção, uma ameaça cada vez menor no cotidiano. Um dos fatores que mais contribuiu para isso foi o desaparecimento dos velhos feiticeiros negros”. No caso de Santo Antônio do Monte, algo semelhante pode ter acontecido. Ou seja, com a morte dos capitães de congadas antigos, considerados por alguns como sendo dotados de poderes extraordinários, as práticas de feitiçarias conseqüentemente foram desaparecendo. No entanto, é preciso não perder de vista que essa dizimação contou com a participação de entidades da própria sociedade como alguns segmentos da Igreja Católica e o próprio Estado.

Porém, apesar de existir uma espécie de consenso sobre a extinção de práticas de feitiçaria, percebi que a cada edição do brinquedo, de alguma forma, ela parece reviver no discurso entre os brincadores de reinado, sobretudo entre aqueles que estão na linha de frente, como é o caso dos capitães. Digo isso porque, em 2017, no primeiro dia de reinado, ao acompanhar a saída do terno da Congada Rosário de Maria, comandada pela capitã Tida, ela chamou a atenção de seus dançadores e dançadoras para que não recebesse nada advindo de integrantes de outros grupos.

Outra crença que é difundida não apenas entre os congadeiros, mas pelos moradores ou simpatizantes do reinado, diz respeito ao costume de disponibilizar uma garrafa de aguardente (pinga) na cabeceira da mesa para o capitão de cada terno de congada beber juntamente com seus soldados. A narrativa que estrutura a prática afirma que a garrafa deve obrigatoriamente estar lacrada, caso contrário o capitão não consome. O motivo é justamente o medo de ser enfeitiçado, pois se teme que outro congadeiro possa ter jogado *porcaria* para atingi-lo. De acordo com Biga, seu pai, o capitão João Antônio, dizia que não existia feitiço. “Mas dizia: ‘você [dançadores] não vão beber nem comer antes de mim’. Meu pai bebia e falava: ‘agora já está pronto’” (Depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes).

Fotografia 16: Garrafas de pinga abertas



Legenda: Garrafas recolhidas e substituídas por outras lacradas. Fonte: Fotografia do autor (2017).

Esse costume existiu até a festa de reinado de 2017. No ano seguinte, por determinação da Diretoria da Irmandade, em consenso com os representantes da Igreja Católica local, mais especificamente, alinhados com os preceitos da Pastoral da Sobriedade²⁶, resolveu-se retirar a pinga dos almoços e jantares de reinado, evitando assim que os dançadores façam uso abusivo de bebidas alcóolicas.

O intuito de relatar os casos por mim presenciados é mostrar que as práticas de feitiçarias não são esquecidas ou estão em desuso ou ultrapassadas, como afirmaram os irmãos congadeiros, e alguns capitães. Elas passam a existir a partir do momento que se fala de suas eficácias, conseqüentemente, do temor que elas causam. Isso é uma forma de alimentar as crenças em feitiços.

Durante o período que acompanhei o terno de Moçambique Otaviano Piriá no decorrer das visitas que realizou às casas dos devotos, no reinado de 2018, algumas situações chamaram-me a atenção. A principal delas foi a atitude de alguns moradores. Mesmo que alguns abordassem a bandeireira para beijar e reverenciar, outras, acompanhavam a passagem do terno, observando de suas janelas mantidas entreabertas. Dava para perceber que ao mesmo tempo que achavam interessante o som dos tambores (caixas)²⁷ e os bailados dos dançadores e dançadoras vestidos de branco, usando guias cruzadas ao peito e lenço também de cor branca

²⁶ De acordo com a Diocese de Luz (2020), a Pastoral da Sobriedade é a ação concreta da Igreja na prevenção e recuperação da dependência química. É uma ação pastoral conjunta que busca a integração entre todas as pastorais, movimentos, comunidades terapêuticas, casas de recuperação para, através da pedagogia de Jesus-Libertador, resgatar e reinserir os excluídos, propondo uma mudança de vida através da conversão. Vale ressaltar que em Santo Antônio Monte há a Comunidade Terapêutica São Francisco, localizada na zona rural, que recebe pacientes para tratamento de dependência química de vários municípios vizinhos.

²⁷ Pode se dizer que as batidas das caixas dos moçambiques são uma de suas características marcantes. Elas assumem um sentido vital, já que a sonoridade conecta os dançadores à ancestralidade (ex-escravos negros) e aos fundamentos da origem da manifestação cultural religiosa, ou seja, ao mito da aparição de Nossa Senhora do Rosário.

amarrados à cabeça mantinham, por seu turno, certa distância, talvez alimentada por um sentimento de temor mesclado de medo. O fenômeno “feitiço do tambor”, tratado por Porto (2007) em sua pesquisa, lança luzes para ajudar a compreender a ideia acima. É que para alguns moradores santo-antonienses e até mesmo devotos do reinado, as batidas dos ternos de moçambiques remetem a batuques utilizados durante os ritos de religiões de matriz africana como a umbanda e o candomblé, e que localmente são denominados pejorativamente como *práticas de macumbaria*. Ou seja, campos mágico-religiosos onde se originam os feitiços.

Se o feitiço, um dos motivos pelos quais o reinado ficou parado por alguns anos, sempre foi associado às religiões de matrizes africanas, que estruturaram as crenças da população negra, composta por ex-escravos que habitaram o lugar e iniciaram os festejos de reinado no município e, ainda nos dias atuais, os moçambiqueiros usam sua musicalidade, dança e estética (roupas, adereços etc.) para homenageá-los, não é de espantar que surjam olhares temerosos por parte daqueles que os prestigiam ou apenas observam. Nesse sentido, a própria estética, o conteúdo das letras (exaltando Nossa Senhora), o colorido das fardas, os bailados descontraídos, a maneira como os ternos de congadas se apresentam e o clima de festa que a maioria dos ternos passa para o público durante as apresentação, faz com que se crie uma hierarquia entre os grupos.

Geralmente, por ser maioria na cidade, os ternos tipo catupé, segundo a classificação de alguns devotos e simpatizantes, são mais próximos das coisas aceitas pela igreja. Alguns grupos, inclusive, adaptam suas letras às melodias de músicas gospel (música da igreja), cantadas por padres famosos. No entanto, independente do tipo de congada se moçambique, catupé ou vilão, a crença em práticas de feitiçaria permeia o imaginário dos reinadeiros. Nesse sentido ouvi histórias a respeito da cachaça colocada na cabeceira da mesa durante os almoços e jantares do reinado, que são permeadas de rumores mágicos. Por exemplo, se um capitão abrisse e bebesse apenas uma porção (gole), o terno seguinte não poderia tocar, temendo estar enfeitiçada.

As comidas, como apresento a seguir, também são impregnadas de significados mágicos. Antigamente, contam os mais velhos, que após um terno se servir, retirava-se o que sobravam da mesa, e as reponham com comidas novas para o terno seguinte se servir. As sobras frias, após serem retiradas, não retornavam à mesa, como acontece hoje no salão. Contudo, ainda se mantém o costume antigo de entre a saída e entrada do terno seguinte, limpar-se o salão e organizar as mesas com pratos e talheres limpos, e colocação de novas comidas quentes e bem apresentadas. Por exemplo, sobre o tutu de feijão são adicionadas fatias de ovos de

cozidos para enfeitar e sobre as travessas com pelotas polvilha-se cheiro verde picados (salsinha e cebolinha).

2.4 A comensalidade, respeito aos congadeiros e as relações familiares

A partir dos relatos de Fíim acerca do feitiço, foi possível refletir sobre a dinâmica do fenômeno religioso no passado e como ainda hoje, através das narrativas, é possível perceber alguns de seus sinais no reinado. Recordando um tempo em que as comidas de reinados eram servidas nas casas, ou seja, época que os reis e rainhas festeiros recepcionavam os ternos de congadas em suas casas, o congadeiro elogia a forma de tratamento diferenciado, direcionado aos dançadores, apesar da simplicidade com que eram recebidos.

Era nas casas. As pessoas faziam as promessas pra Nossa Senhora Rosário e davam de comer os cortes em casa. Mas aí tinham os guardas na porta... só entrava os brincador. Não tinham esse negócio de quando a gente chegar lá tá cheim de gente [referindo-se aos almoços e jantares servidos hoje no galpão da irmandade]. Não. Aquilo ali, depois que nós se retirava é que os outros entravam [se serviam]. Tinha de tudo. Era broa de canjica, frango torrado, leitoa assada. Tudo era servido nas panelas. Ponha as panelas em cima da mesa... Tinha aquelas varandas grandes, lá faziam as comidas (Fíim, informação verbal, 2018. Observações minhas entre colchetes).

Os relatos do congadeiro evidenciam, pelo menos, duas características em torno das comidas e dos espaços do reinado, ou melhor, os modos como eram realizados ritos de comensalidade. Como o passar dos anos, principalmente quando as preparações e a recepção aos brincadores passam a ocorrer no salão do reinado vêm juntos alguns arranjos e readequações. Nesse sentido, o entrevistado chama a atenção para um marco significativo no festejo em Santo Antônio do Monte, quando o ritual das comidas deixa de ser nas casas dos festeiros para ser realizado no salão.

De maneira diversa, na cidade de Araújo esse costume do reinado não deixou de acontecer, conforme observei no discurso da festeira Milene. Inclusive, ela fez questão de salientar que mantém alguns costumes que aprendeu com sua mãe, que lhe deixou de herança. Ela e seus irmãos, que residem na capital Belo Horizonte, deram continuidade à devoção dos pais, após o falecimento deles. O relato abaixo mostra que além de dar tratamento especial aos congadeiros, permitindo que eles sejam os primeiros a se servirem, há também a preocupação no respeito às crenças ancestrais que permeiam os momentos de comensalidades.

Ninguém toca na comida antes deles. A gente come depois que eles estão na mesa e chamam os demais presentes para rezar a oração. Antigamente, se alguém tocasse na comida antes dos dançadores, eles não comiam. Um corte não comia o que o outro,

que veio primeiro, comeu. Naquela época, quando mamãe pegou a coroa, a gente dava comida pra todos os cortes. Então, o primeiro comia, em seguida, retirava-se tudo e colocava outra comida na mesa. Nada mexido, nada tocado. Não sei porquê, mas acredito que vem da época dos escravos, porque tinha muito aquele ritual de *fazerem coisas*, pôr *porcarias* nas comidas... Então, eles não comiam com medo de que houvesse alguma *coisa*. Isso a gente percebia bastante. Hoje em dias é mais fácil de lidar com eles. Nós já demos comida para mais de um corte, e como no barracão aqui do quintal é grande, a gente combina de entrar todo mundo juntos. Ai, se servem todos juntos. Fica até muito bonito (Festeira Milene, depoimento oral, 2019).

Há mais de 40 anos que a família *faz a festa* e tudo começou com uma promessa que sua mãe fez para o esposo, que iria se submeter a uma cirurgia cardíaca. Portanto, em sinal de agradecimento à Nossa Senhora do Rosário, que intercedeu pela saúde de seu pai, a festeira afirmou que desde esse tempo a família tem o costume de dar comida aos congadeiros. Milene disse tentar seguir alguns hábitos que sua mãe adotava quando recebia os ternos de congadas. O fazer a festa para os devotos pagantes de promessa vai além do oferecimento de comida aos congadeiros. As congadas que são recebidas nas casas dos festeiros e festeiras para almoço ou janta além de cumprir uma parte importante do rito que é dançar e cantar para as divindades, também assumem a função de animar o evento da família. O cangadeiro Jéssu da Congada do Osvaldo do Dote, disse que as visitas dos almoços acabam sendo uma grande festa, porque começa com louvores à Nossa Senhora do Rosário e termina com cantigas de folia de reis e ritmo sertanejo. A animação na casa do festeiro que confraterniza com familiares prossegue até o final da tarde, quando o terno de congada o conduz até o salão São Vicente de Paulo, no centro, para a formação do cortejo real e missa campal em frente à Igreja Matriz.

Diferente do que acontece no município vizinho, em Santo Antônio do Monte as comidas passaram a ser servidas no galpão da irmandade desde o final da década de 1970. Porém, foram mantidos os cafés da manhã e da tarde, que são servidos aos dançadores nas casas dos devotos. No tocante às visitas realizadas às casas dos devotos chamou-me a atenção o fato de alguns congadeiros usarem a expressão *trabalhar para nossa senhora*: “Enquanto ela me der vida, força e saúde eu vou trabalhar para ela. Se tá bom a gente tá ali trabalhando. Se tá ruim a gente tá trabalhando também. E Nossa Senhora do Rosário vai tocando a gente para frente” (Capitão Tônico, depoimento oral, 2019). Isso me fez pensar que a festa de reinado, apesar de denotar alegria e descontração, é também um brinquedo que requer seriedade.

No decorrer de minhas conversas com Fíim observei ainda que a estratégia de escolher os irmãos congadeiros, como viés impulsionador para compreender a trajetória da Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte, mostrava-se assertiva. É que fui percebendo sua centralidade no brinquedo, não apenas por serem brincantes nos ternos de congada, o que é evidente. Mas, sobretudo, pelo fato de haver uma herança ancestral que os liga a algumas

personagens integrantes da realeza do reinado e que, de certa maneira, se mantém atual na presença da atual Rainha Conga, dona Maria, filha de Otaviano e sobrinha de Geraldo e Fiím.

Zé Saúde comandava nós [Presidente da Irmandade até o ano 2000]. Nessa época a rainha Perpétua era Maria Vermelha, sogra de Maria de Otaviano [atual rainha conga]. Já vem puxando pela família. Zé Vermelho era meu cunhado, casado com Lourdes, minha irmã (Fiím, depoimento oral, 2018. Observações minhas entre colchetes).

É interessante observar a rede de parentesco que há por trás das vivências que marcaram e marcam a participação dos irmãos nos festejos e parte de seus familiares. Porém, as relações sociais, seja via parentesco consanguíneo seja por afinidade, não são privilégios apenas deles. Mais adiante, quando discuto sobre a formação dos grupos que compõem as Festa de Reinado e os tipos relações que se estabelecem entre eles, constata-se que em alguma medida o viés familiar define a organização, bem como sua permanência ao longo dos anos. É possível constatar, por exemplo, que um determinado terno de congada, inicialmente fundado por dois irmãos, com o passar dos anos se desmembra e dá origem a outro, de modo que cada um deles passa a presidir seu próprio grupo. Algo semelhante também se observa no posto de rei e rainha festeiros, cuja participação de alguns é movida por um costume familiar que começou com a mãe, hoje falecida, e continua sendo mantido pelos filhos.

O foco no parentesco também é observado no que diz respeito à guarda de alguns objetos rituais do reinado. É o caso da coroa perpétua do reinado em Santo Antônio do Monte, que está sob a tutela de família de dona Janete, ex-rainha perpétua, há pelo menos três gerações. Atualmente, sua neta Ana Flávia, é a guardião da coroa. Em Araújos a situação é semelhante, pois a coroa do rei congo está sob a guarda da família do Bila há duas gerações. Há também casos curiosos envolvendo a posse de coroas de alguns festeiros araujenses, como é o caso das festeiras Milene e Sônia, que não as devolvem ao final da festa. Embora surjam novos festeiros pagantes de promessas, aqueles antigos continuam presentes dando comidas às congadas. Isso revela que se trata de uma festa que não apenas nasceu no seio de alguns grupos restritos, mas que apesar de assumir grande visibilidade, ainda mantém as características de origem. Isso também mostra que se trata de um festejo em grande parte organizado pela comunidade, pelo povo, porém sem que a autoridade religiosa os perdesse de vista. Ela sempre está presente na organização dos ritos que aconteciam no interior dos festejos. É importante destacar que em ambos os contextos são irmandades religiosas as agências responsáveis pela realização do reinado e determinação de regras aos congadeiras e congadeiros, corte real, devotos e promesseiros.

2.5 Os ritos de preparação: os trajetos e os sacrifícios

No que diz respeito às atividades religiosas que integravam os ritos de reinado de outros tempos e que caíram em desuso, Fiím disse lembrar-se das novenas e peregrinações dos santos padroeiros que costumavam acontecer dias antes da festa. Segundo ele, “de primeiro tinha as novenas, nove dias, um dia numa casa, outro dia noutra. Nunca fiz promessa pra santa, mas tenho devoção, ajudo na cestinha dela” (Fiím, depoimento oral, 2018).

Suponho que o rito novenário talvez acontecesse entre o período compreendido entre o hasteamento dos mastros e o reinado propriamente dito, quando já se aproximava dos dias de festas. Informação semelhante também foi dada por José Batista, filho de dona Janete, ex-rainha perpétua, e tio de Ana Flávia, atual detentora do cargo, afirmou que quando o Zé Saúde era presidente da diretoria da irmandade, costumava-se rezar novenários e terços nas casas dos devotos. O intuito era prepará-los espiritualmente para vivenciar as homenagens a Nossa Senhora do Rosário. Porém, hoje, os únicos símbolos religiosos que sinalizam para os moradores e devotos que a cidade está prestes a vivenciar o reinado, são os mastros com as bandeiras dos santos reinadeiros afixados em frente à Igreja do Rosário.

Por outro lado, em Araújo, diferentemente de Santo Antônio do Monte, durante todo o ano acontece um rito que consiste na peregrinação da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas casas. A imagem da santa permanece, por um período de um mês, na residência de um devoto. Passado esse tempo, ela é conduzida em procissão para a residência seguinte, permitindo, assim, que mini-reinados sejam celebrados de modo contínuo.

No entanto, os preparativos que antecederiam os dias de festas de reinado e o trajeto da roça até à cidade me parecem ser os elementos que permanecem mais latentes nas lembranças afetivas dos irmãos congadeiros. As narrativas sobre os trajetos que a família realizava da zona rural para a cidade durante o período de festas são sempre uma mescla de diversão e sacrifício; a sensação de ser recompensado num futuro próximo²⁸. “Era quatro dia de festas. Começava na

²⁸ Essas passagens sobre as festas de reinados lembradas pelos colaboradores tocaram profundamente a mim. Vieram à mente as recordações da época em que residi no Sítio Cruzeta Velha, em Cruzeta (RN) até o final da adolescência, e que no mês de outubro, durante a Festa de Padroeira Nossa Senhora dos Remédios, juntamente com a família, ia para a cidade homenagear a santa e também me divertir. Era um tempo virtuoso, mas carecia de trabalho árduo durante todo ano para viver o grande momento, geralmente um fim de semana apenas. Era um tempo de vestir-se de roupas novas, igual a caatinga, que se ‘veste de verde’ logo nas primeiras chuvas, depois de um longo período de seca, assim dizia minha mamãe. O trajeto de sete quilômetros até a cidade ou era feito de canoa, quando o açude estava cheio, ou em mulas (Mulata e Boneca eram seus nomes). Mamãe também preparava biscoitos caseiros, doces de caju e goiaba, além dos frangos cevados, exclusivo para comê-los “na festa”. Era de fato uma festa, um tempo diferente, apesar de sacrificante.

quinta-feira e ia até o domingo. Alugava casa pra ficar na cidade. Nós levava os trem no carro de boi. Punha tudo dentro. Levava colchão, lençol, panela”, disse Fiím (2018).

Embora existisse um desgaste físico para viabilizar a logística, por outro lado, aceitava-se com resiliência, pois o sacrifício é a peça fundamental de preparação do espírito para o encontro com Nossa Senhora. O encontro é real, não é apenas figurativo: nos cortejos, onde acontece a trasladação das imagens santas em seus andores, Nossa Senhora do Rosário desce de seu trono celestial e se torna viva, mais próxima de seus filhos, permitindo assim que cada pedido e súplica seja atendido individualmente. O cortejo é também um ato sacrificial, meio pelo qual o devoto durante o percurso limpa-se dos pecados.

A respeito do caráter penitencial que perpassa os ritos religiosos do reinado, Hubert e Mauss (2015, p. 147) afirma “que o sacrifício implica sempre uma consagração; em todo sacrifício, um objeto passa do domínio comum ao domínio religioso; é consagrado”. O trajeto, realizado pelos congadeiros rumo à cidade, bem como os demais gestos e atos votivos que são repetidos ao longo de vários dias de festa, não somente reforçam as crenças dos fiéis, mas os transformam.

No caso dos dançadores, cujos corpos bailam e cantam incansavelmente durante os quatro dias de festas, podem supostamente funcionar como objeto dessa consagração. Eu, que acompanhei alguns ternos de congadas durante seus percursos pela cidade, observei o quanto é grande o desgaste físico, sobretudo provocado pelas altas temperaturas que costumam fazer no mês de agosto. Conforme Hubert e Mauss (2015, p. 147), é justamente aí que reside o significado do sacrifício, pois para “o fiel, não é, no fim da operação aquilo que era no começo. Adquiriu um caráter religioso que não tinha; elevou-se a um estado de graça ou saiu de um estado de pecado”. Foi exatamente isso que observei também quando ajudei nas preparações das comidas, durante a Festa de Reinado de 2017. Essa experiência fez-me sentir o quão pesadas eram as tarefas ali realizadas nos preparativos das comidas, o que inclui também a limpeza dos ambientes e utensílios. Porém, ao questionar as pessoas voluntárias se elas estavam cansadas, para minha surpresa obtinha como resposta um “não”, em alto e bom som. Pelo contrário, elas diziam estar leves e que sentiam prazer de estar *trabalhando para a Nossa Senhora*²⁹.

Afora as lembranças fornecidas pelos colaboradores de mais vivência na lida com os festejos, no decorrer da pesquisa de campo encontrei algumas fontes escritas (escassas, como já arrazoei anteriormente) que faziam menção às saudosas festas de reinado. É o caso da obra biográfica *Matando saudades*, de Geralda Normandia Ferreira (2005), que é recheada nostalgia

²⁹ Veja que a expressão *trabalhar para a Nossa Senhora* também é difundida entre alguns capitães de ternos de congadas, como foi o caso de Tônico, 2º Capitão do Congo do Peão. Em ambos os casos o sacrifício está presente.

e memórias afetivas, algumas relacionadas às celebrações de Nossa Senhora do Rosário, principalmente no que tange aos preparativos e à participação das famílias que residiam na zona rural. No trecho a seguir, Ferreira (2005, p. 32-33) descreve com detalhes os momentos antes e durante a festa, ambos considerados extracotidianos e que, conseqüentemente, demandam trabalho e esforços.

Nas festas de reinado nós vínhamos todos [da roça para a cidade]. Papai alugava uma casa, trazia as coisas mais necessárias. Fazíamos muita quitanda e doces para trazer. Nós vínhamos de carro-de-bois e dizíamos assim: ‘Vamos de carrada para pousar’. Aí ficávamos todo o período da festa. As nossas primas iam nos visitar e tínhamos o que lhes servir. Papai gostava de casa boa com luz elétrica e água encanada. E ficávamos parecendo pessoas ricas por uns dias (FERREIRA, 2005, p. 32-33. Observação minha entre colchetes).

Levando em consideração que o nascimento da autora data de 1919, e a proibição da festa só ocorreu na final da década de 1940, suponho que suas memórias remontam ao período antes da interdição dos festejos. Muitas de suas lembranças sobre as festas se assemelham àquelas já relatadas pelos irmãos. No entanto, o ato de festejar, de acordo com o relato acima, ganha ares de riqueza, ou pelo menos era como se sentia a autora. “Sentir-se rica” talvez estivesse relacionado com o fato de estar isenta, nem que fosse por pouco tempo, das obrigações domésticas que são árduas e constantes para aqueles que residem no contexto rural.

A experiência de uma viagem, que os distanciam dos afazeres do dia a dia, marcada pelo deslocamento de um lugar para outro, isto é, da zona rural para a cidade e, conseqüentemente, a permanência por alguns dias no novo ambiente, não deixa de ser um rito de passagem. Contudo, de acordo com Van Gennep (2011, p. 50) “pelo fato de partir o viajante não fica totalmente separado de sua sociedade essencial nem da sociedade a que se tinha incorporado durante a viagem”. O tempo festivo, por seu turno, ao mesmo tempo que é um vetor que leva as pessoas a viajarem, cada uma à sua maneira, para uma outra atmosfera marcada pela descontração e também pela obrigação promove um instante de folga das tarefas ordinárias. As comidas, portanto, são um vetor que aproxima os diversos grupos que integram a festa de reinado e as comunidades e que, mesmo sofrendo transformações e adequações, elas permanecem como elementos centrais no brinquedo.

2.6 A retomada do Reinado em Santo Antônio do Monte: arranjos, mobilizações e empenho da comunidade

Se, por um lado, as lembranças trazidas pelos irmãos congadeiros forneceram pistas para viajar pelas festas de reinados antes das medidas proibitivas impostas pela igreja, por outro, o rei perpétuo Betinho e o casal Silvério e Abigail (Biga) trouxeram recordações de acontecimentos relacionados aos festejos, sobretudo a partir da retomada do reinado³⁰.

Betinho, atual rei perpétuo, narrou com precisão, a partir de relatos fornecidos pela sua mãe, Maria Dometina, já falecida, como se deu a criação de alguns cargos do Reinado em Santo Antônio do Monte, especificamente na ocasião da retomada dos festejos em 1961, bem como as lideranças locais que estiveram à frente da organização, a trajetória da coroa na sua família, e o processo que o conduziu ao posto real.

Segundo depoimento da minha mãe, Maria Dometina, que trabalhava numa pastelaria aqui no cento da cidade, de propriedade do senhor Raul. Ela falou que, na época, o seu Zé Saúde mais uma outra pessoa foram lá tomar café e comer um pastel e entraram no assunto, que estavam precisando de uma pessoa para o cargo de rei perpétuo, pra reiniciar a festa de reinado. Na época minha mãe, moça solteira, eles perguntaram se ela não conhecia alguém que tivesse interesse de participar da festa como rei perpétuo. Aí ela pensou: 'Ó, o meu pai, Vicente Tomas de Oliveira'. Ela foi embora pra casa, e conversando como meu avô, falou que estava-se precisando de uma pessoa pro cargo de rei perpétuo, pra retomar o reinado. Ela disse que ele falou: "olhe, filha, eu sou um homem muito simples, mas se eu servir pra ser o rei perpétuo eu tô a disposição deles. Eu participo sim." Aí, ele foi e participou da festa durante apenas dois anos, porque veio a falecer. Então, como a família estava gostando da festa, o pessoal (congadeiros) visitando, aquela coisa toda. Entra no lugar de meu avô um tio que atendia pelo nome de Tenente, irmão da minha mãe. Ele participou da festa só um ano, porque veio a morrer logo em seguida. E, nesse meio entra meu pai que tinha ficado viúvo, e começou a namorar com minha mãe. Como ele mexia já com folia de reis e tocava sanfona e cantava muito, meu pai foi convidado pra entrar na festa. Nisso, meu pai participou da festa durante vinte e quatro anos como rei perpétuo. Meu pai assumiu o cargo em 1964³¹ e permaneceu até sua morte em 1988. Nesse ano ele ainda chegou a participar da Levantação do Mastro, mas morreu na semana seguinte, que foi no dia 23 de julho (Betinho, depoimento oral, 2019).

Com o falecimento do pai de Betinho, Geraldo Leite da Costa, em 23 de julho, a coroa ficou, por volta de dois meses, sob a guarda de sua família, até que a diretoria da irmandade, à época comandada por Tufico e Zé Saúde decidisse em assembleia quem seria o sucessor do objeto sagrado, para participar do reinado daquele mesmo ano.

³⁰ Por eles terem nascido durante o período em que a festa estava proibida, suas lembranças acerca do reinado são a partir de 1961, quando o reinado retorna às atividades.

³¹ A ata da reunião realizada no dia 1 de outubro de 1967 menciona pela primeira vez o rei congo, o senhor Geraldo Leite da Costa. Um detalhe interessante é que pelo visto ainda não havia o cargo de rei perpétuo do reinado. Nas atas de reuniões de 1962, o senhor Francisco Benedito dos Santos (Chico Trigueiro) é citado como Rei Congo ao lado de Dona Dozina da Silva.

O dia que meu pai morreu, durante o velório teve o acompanhamento de algumas congadas, com seus dançadores tocando e cantando da casa do papai até o cemitério. E tinha uma mulher Maria Augusta, já falecida, que foi na frente levando a coroa de rei perpétuo, de meu pai. Eu, na época, já era um rapazinho de dezoito anos, mas não tinha aquela preocupação de ficar prestando atenção nas coisas do reinado. Eu era um adolescente. Aí, ela fô e levou essa coroa até o túmulo de meu pai. Após o enterro, me deu aquele negócio na cabeça de pegar a coroa. Então, eu falei para essa senhora que queria a coroa pra mim. Nesse momento, ela me entregou e os brincadores me levaram até em casa. Aí, bom. Na época eu era novinho e não tinha a firmeza de decidir as coisas como eu tenho hoje. A coroa ficou lá em casa e minha mãe guardava ela a sete chaves. Nesse mesmo ano, um mês depois, ao se aproximar a festa ela falou: ‘eu quero que você participe da festa como rei’ (Betinho, depoimento oral, 2019).

Enquanto a coroa ficou sob a guarda da família de Betinho, a diretoria da irmandade, por sua vez, se mobilizava e corria contra o tempo para providenciar outro rei perpétuo para assumir o cargo, sobretudo, alguém de mais idade. A resistência em aceitar o sucessor em linha direta, por parte de seu presidente, era motivada, principalmente, por ele ser muito jovem e não ter maturidade suficiente para assumir um cargo de tamanha responsabilidade.

Zé Saúde, que organizava o reinado, não queria que eu ficasse no lugar de meu pai, devido à minha pouca idade. Então, ele propôs uma eleição para ver quem seria o novo rei a receber a coroa. Na época, três pessoas se apresentaram querendo a coroa. Uma era seu Luizinho Sapateiro, a outra era Neném, eu e teve outra pessoa. Tanto é que teve uma reunião extraordinária para resolver isso, mas eu não fui convidado. Só que os capitães das congadas que foram à reunião não concordaram com Zé Saúde, que questionava a minha idade. Ele queria colocar um daqueles que estavam interessados em assumir o posto, que hoje já são falecidos. Fizeram uma votação para decidir. No dia, parece que eu tive dez ou onze votos a favor. Eu lembro que eu e mamãe ficamos aflitos, esperando a resposta. A minha mãe tinha muito medo de perder essa coroa. Mas como Nossa Senhora do Rosário me tem como um filho amado ficou consumado que eu era o Rei Perpétuo do Reinado de Santo Antônio do Monte. Aí, foi meu primeiro ano como rei (Betinho, depoimento oral, 2019).

Ao contrário de Betinho, cuja trajetória no reinado é longa, Silvério, ajudante assíduo na cozinha durante as festas de reinado, afirmou que nunca dançou reinado, e que se aproximou do brinquedo depois que conheceu sua esposa, Biga, filha do ex-capitão João Antônio, cuja congada recebia seu nome.

Na minha família não tem ninguém do reinado. O que eu lembro da festa é que a gente vinha da roça, onde eu fui criado, no Diamante, para a cidade. Vinha de carro de boi, em caminhão leiteiro, e tinha as pousadas na cidade para hospedar as pessoas que vinham da roça. As pousadas eram embaixo do assoalho dos casarões antigos. Onde tem a torre [prédio], vizinho a quitanda era casa da dona Heloisa Neves, casa grande que ficava até quatro famílias lá embaixo (Silvério, depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes).

Apesar de reforçar que não havia familiares brincantes de reinado, seus pais eram devotos, e no período da festa pousavam na cidade para acompanhar os festejos. Constata-se,

portanto, que com a retomada da celebração o clima festivo continuava sendo um vetor que atraía os moradores da zona rural para a cidade, assim como constatado nas lembranças dos irmãos congadeiros, antes da paralisação dos festejos.

Ao contrário de seu esposo, Biga afirmou ter nascido dentro do reinado e começou a trabalhar nos festejos ainda quando era criança. Ela certamente referiu-se à trajetória de longos anos de envolvimento de seu pai João Antônio e de seu tio Vidal, ambos capitães de ternos de congadas. Nessa época, é importante ressaltar que as mulheres não atuavam como dançadoras nos ternos. Na rua, era permitido a elas apenas exercer as atividades de princesa cuja função era esmolar e de bandeireira. Já no ambiente doméstico era de responsabilidade das mulheres providenciarem as costuras e os bordados das fardas dos dançadores da família além da preparação das comidas utilizadas nos pagamentos de promessas.

A gente começava a trabalhar antes do reinado, quinze dias antes. A gente bordava as farda dos capitão a mão. Fazia desenho e bordava com vidrilhos. A gente passava noites bordando. A camisa de todos os capitães era bordadas. A do Joaquim era toda bordada de lantejoula. Minha mãe bordava todas as camisas de meu pai, João Antônio (Biga, depoimento oral, 2019).

A entrevistada também relatou que quando a festa reiniciou houve, por parte de alguns congadeiros, uma mobilização para recrutar dançadores homens entre os próprios familiares, rapazes jovens, para formar os grupos. Seu pai, João Antônio, foi um deles que, segundo ela, recrutou os soldados entre os sobrinhos.

Quando começou de novo o reinado meu pai, João Antônio Alves, foi na Ponte Nova, nas casas dos familiares, onde cada uma tinha de oito a dez filhos, tudo violeiros. Era tudo cantador. Também foi na casa da irmã dele e falou que queria todos os meninos reunidos. Os meninos que tocava violão e cavaquinho, pois ia formar o corte pra recomençar o reinado. Minha tia Maria foi rainha festeira, de dar aquele tanto de comida, na coroa grande (Biga, depoimento oral, 2019).

Contudo, observa-se que o envolvimento de Silvério, atuando como cozinheiro de reinado, só acontece após conhecer sua esposa Biga.

Depois a gente foi envolvendo em termos de conhecimento, quando eles pedia pra ajudar. O Zé Vidal [cunhado de João Antônio], tio da Abigail [Biga], que foi festeiro um ano, a gente ajudou. De rapazinho eu acompanhava os corte, mas eu nunca dancei. Meu envolvimento é mexer com comida (Silvério, depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes).

Foi inclusive durante os almoços e jantares que aconteciam na família que ele disse ter aprimorado seus conhecimentos sobre as preparações das comidas e envolvimento na cozinha

do reinado. Os processos de aprendizagens referente aos modos de fazer que o reinado demanda, na maioria das vezes, acontecem dentro do núcleo familiar. Portanto, é lá, observando o envolvimento dos pais em torno dos preparativos que os filhos desenvolvem o gosto pela dança, pelos preparos dos alimentos, pelas cantigas e tantas outras atividades que integram o universo reinadeiro.

À medida que nossas conversas avançavam, fui observando que o galpão do reinado exercia um certo fascínio no casal. Biga sugeriu que a doação do prédio do antigo matadouro municipal foi um pedido de seu pai, Capitão João Antônio, ao então prefeito Getúlio Pereira, quando ele foi visitá-lo no hospital, no mês de julho de 1976. No ano seguinte, em 1977³², registrou-se, em cartório, o primeiro Estatuto do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio do Monte (MG); documento este que subsidiará a formalização da entidade enquanto associação no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Tais procedimentos foram necessários para que o poder executivo municipal oficializasse a doação do imóvel para a referida instituição, através da Lei nº 891 de 10 de dezembro de 1980, portanto, quatro anos depois da cessão do direito de uso do galpão para a realização dos festejos de reinados.

Meu pai era funcionário da prefeitura. Ele estava internado no hospital de Dr. Wilmar. Seu Getúlio foi visitar meu pai, aí ele disse que tava preocupado, porque faltava quinze dias para o reinado e estava preocupado se chovesse, porque todos que iam dar comida era muito pobre. Foi quando ele disse que ia dar um jeito. Lá era o matadouro velho. O Silvério, meu marido, era mestre de obra na época, e tinha uma turma que trabalhava com ele. Ele levou eles pra lá, desmancharam lá, e improvisou um galpão. Por isso chama galpão até hoje (Biga, depoimento oral, 2019).

A relação afetiva que Silvério nutre pelo galpão parece ir além daquela que circunda a maioria dos brincantes que habitam o espaço durante o reinado. É que ele, juntamente com outros companheiros, transformou um lugar feio e carregado de maus presságios e sofrimentos num lugar cuja atmosfera exala alegria, devoção, encontros e partilhas. Ou seja, ele usou seus

³² Alguns anos antes, em 1974, mais precisamente no dia 20 de julho, foi instituído um estatuto composto por quatro artigos, sem que seu registro fosse lavrado em cartório (ATA, 1974). Passados três anos é criado outro Estatuto Social mais completo, que entrou em vigor a partir do dia 20 de julho de 1977. Porém, seu registro em cartório dá-se somente no dia 5 de agosto do mesmo ano. Assim, consta ao final do documento: “Certifico e dou fé que, nesta data, sob o número oitenta e quatro (84), às 95 a 96 do livro A, n 2, de Registro de Pessoas Jurídicas foi o presente Estatuto do CONGADO DA IRMANDADE DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, da cidade Santo Antônio do Monte, REGISTRADO, juntamente com a ATA de constituição, a aprovação do estatuto e eleição da diretoria, forma da legislação em vigor”. Por seu turno, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, junto à Receita Federal ocorreu no dia 16 de agosto. Quarenta anos depois o estatuto passou por modificações e foi aprovado em assembleia geral no dia 23 de março de 2017.

conhecimentos de pedreiro para fazer os reparos necessários que o prédio carecia. Lembrou que a participação da comunidade foi fundamental para o custeio das despesas de construção:

O material foi todo doado, e foi fazendo aos poucos. A primeira parte feita foi aquela mais alta, onde os convidados almoçam hoje, feito de madeira e telha de amianto, e o piso era cimento grosso. No primeiro ano foi no chão carraspeno, pois não teve tempo de terminar, porque estava chovendo. A gente fez só essa parte maior, e depois um puxado com telha de amianto, e um fogão de lenha. Eram dois banheirinhos muito simples, sem acabamento. As coisas foram acontecendo de forma improvisada com mão de obra voluntária (Silvério, depoimento oral, 2018).

De acordo com o entrevistado, as obras de benfeitorias e adequações no galpão da irmandade começaram ainda no ano de 1976 e se estenderam pelos anos seguintes. Sempre que se aproximava do reinado, a comunidade se mobilizava e fazia os reparos necessários para acolher os reinadeiros.

O caso de Silvério é semelhante à trajetória de outros voluntários que trabalham na cozinha e que se sentem realizados. Foi o que aconteceu com Luiz do Tutu, falecido em 2019, dois meses após fornecer-me a entrevista, que não escondia sua preferência pelo espaço da cozinha e os significados que ela empresta ao reinado, como o de ser o *coração da festa*. Ele disse que, apesar de já ter dançado reinado, seu encantamento foi pela cozinha. Já seu irmão, Divino Luiz Ferreira, que é major do terno do Vilão, optou pela função de dançador de reinado.

Eu já mexo com comida de reinado há uns quarenta e tantos anos. Minha mãe gostava muito. Ela dava comidas aos cortes dentro de casa. Fazia as comidas no lote [quintal], nos fogões improvisados de tijolo, debaixo de cobertura de lona. Aí, entrava um corte, comia, depois entrava o outro... Era aquela beleza. Depois foi mudando [referindo-se principalmente ao período que as comidas passaram a ser preparadas na cozinha do galpão e a contratação de buffet] (Luiz do Tutu, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

O fato de a família do cozinheiro ser natural de Araújo dá indícios de que as situações que aproximam os dois festejos são mais intensas do que aparentam ser. No entanto, apesar de o reinado araujense não ter vivenciado situação semelhante ao reinado de Santo Antônio do Monte, que teve sua festa interrompida, verifica-se a existência de diálogos e trocas relacionais entre os dois festejos, que marcam, por exemplo, a influência que um teve e ainda exerce sobre o outro.

2.7 O início dos festejos em Araújo e suas relações com o reinado em Santo Antônio do Monte

No que tange à origem do reinado dos araujenses, verifica-se que há proximidade com o reinado vizinho, sobretudo no que diz respeito às relações de trocas e circulação de bens simbólicos e materiais, conforme propõe uma das hipóteses de minha tese. No entanto, a história também sinaliza que os intercâmbios já ocorriam antes mesmo da proibição do reinado em Santo Antônio do Monte pela Igreja Católica. Conforme Empresa do Brasil (2015), o Reinado de Araújo começou quando Agostinho Francisco das Chagas, conhecido como Agostinho Israel comprou um caminhão usado em Santo Antônio do Monte no ano de 1929. Foi nesse mesmo caminhão que, dois anos mais tarde, em 1931³³, ele foi à sede do município e trouxe para Araújo dois ternos de dançadores: congo e moçambique. A festa, de origem religiosa e em devoção a Nossa Senhora do Rosário, já era tradição na cidade vizinha e logo conquistou os araujenses, passando a acontecer todos os anos. Se considerada essa data como início dos festejos por lá, já se vão mais de oitenta e cinco anos de reinado.

A primeira festa de Reinado da cidade foi simples, mas atraiu moradores de toda a região. Os dançadores alojaram-se na Escola Reunida Araujense, onde hoje é o Centro Paroquial. Os uniformes também eram simples, mas muito enfeitados com rendas e fitas. Os festeiros foram Francisco Coelho e sua esposa, Emília. Sendo eles Rei e Rainha, eram responsáveis pela alimentação dos dançadores. Teodora, então esposa de Agostinho Israel, foi escolhida para ser a Rainha Conga, hoje chamada Rainha Perpétua, cargo que significa a reverência dos negros a Nossa Senhora do Rosário (EMPRESA BRASIL, 2015).

Há também no perfil do Facebook “Fala aí Araújo” (2020) um vídeo que narra o início da trajetória da história do reinado da cidade. O referido episódio é considerado o marco oficial dos festejos, já que sua memória é recorrente não somente entre os moradores locais, mas também entre os reinadeiros e o poder público. O vídeo, inclusive, mostra a fotografia do antigo caminhão que teria transportado os dois ternos de congadas de Santo Antônio do Monte para uma apresentação na cidade. O moçambiqueiro e capitão mor do reinado, Toen Bem, também o referenciou. Ele afirmou que “o velho Agostinho Israel, assistiu o reinado lá em Santo Antônio do Monte, achou bom demais e trouxe pra qui. Tem muitos anos, eu tenho mais de 70 anos (Toen Bem, depoimento oral, 2019).

33 Há também um vídeo na página do Facebook intitulada “Fala aí Araújo”, que conta a história do reinado da cidade. Uma das imagens, inclusive, é do caminhão que teria transportado os dois ternos de congadas de Santo Antônio do Monte, para uma apresentação na cidade vizinha.

Fotografia 17: Capitão mor do reinado em Araújos – Toen Bem



Legenda: O entrevistado na sua residência ao lado da imagem de Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Fotografia do autor (2019).

O senhor Vicente, capitão do terno de Moçambique do João Jacó, do qual Toen Bem foi dançador por cinquenta e três anos, foi outro colaborador da pesquisa que fez referência à vinda dos dançadores da cidade vizinha para uma apresentação de reinado em Araújos.

Tinha um homem aqui, Agostinho Israel, que foi em Santo Antônio do Monte e observou o reinado lá. Aí, ele voltou e falou assim pro meu pai, João Jacó: ‘você quer ordenar [realizar] uma festinha aqui, que eu vou lá buscar uns cortes pra vocês? E ele trouxe dois ternos. Eles dançaram e o povo ficou doido. Aí, começou o reinado daqui, meu pai formou o corte e começou. Daqui a pouco um homem na Chapada [Dote], já formou um corte. Ele já faleceu, mas o neto dele tá dançando [referindo-se a Ramon, neto de Dote]. O pai dele, o Oswaldo, que era o capitão morreu há pouco tempo. Então, o Dote foi quem ordenou o corte que tá aí até hoje. E meu pai ordenou o moçambique tá comigo até hoje também. Aí foi, lá vai... arrumou dois cortes. Quando dar fé Antônio Jacinto ordenou um corte também. Tadinho, até já morreu também (Capitão Vicente, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

A partir das lembranças do moçambiqueiro Vicente é possível não somente observar os primórdios do reinado araujense, mas também como foram a receptividade da população e a criação dos ternos de congadas e moçambiques locais, alguns, inclusive, em atividade até hoje, como é o caso da Congada do Dote e do Moçambique do João Jacó, criado por seu pai. Já outros ternos apenas existem como referência temporal pois, em decorrência da morte de seus idealizadores, foram extintos.

A outra versão apresentada por Bila, atual rei congo, atribui o início do reinado à vinda do capitão Dote, dono do terno de congada que recebia seu nome, do distrito de Chapada, localizado no município vizinho de Moema (MG), para Araújos, em 1951, a pedido de seu avô, o rei congo da época, Geraldo Joaquim. Desde então o reinado nunca mais parou.

Após o falecimento do capitão Dote em 1971, seu filho, Oswaldo, segundo capitão do terno, deu continuidade ao brinquedo. Por conseguinte, com o falecimento deste, em 2016, seu

filho, Ramon, terceira geração de congadeiros, passou a comandar o grupo com a ajuda do senhor Jésu, um dos capitães, que aprendeu a dançar reinado com o capitão Dote. O terno hoje chama-se Congada Oswaldo do Dote, cujo objetivo, segundo Ramon, é homenagear o pai e o filho.

Ao comparar alguns marcos institucionais e formais entre reinados de Santo Antônio e de Araújos observei que neste, o processo de reconhecimento do grupo perante os órgãos públicos ocorreu um pouco mais tardiamente. É o caso da inscrição da Folia de Congado da Festa do Reinado Cidade Araújos (MG) no CNPJ, que acontece em 2 de julho de 1987. No entanto, não foi possível obter a data de criação de um possível estatuto elaborado à época. O senhor Orlando, atual presidente da diretoria da irmandade, apenas enviou-me, através do aplicativo WhatsApp, a cópia integral do documento cuja data de criação é de 26 de novembro de 2010. Segundo ele, o fato de ter começado tardiamente a integrar a entidade pode ser a razão porque não tem conhecimento da existência de outro contrato. Também afirmou que talvez o fato de o documento ter passado por diversas reformulações as versões anteriores foram descartadas. Inclusive, a última atualização sofrida pelo documento ocorreu em 2020. Porém, não foi possível disponibilizá-la, porque em virtude da pandemia do coronavírus (COVID-19) o atual estatuto ainda não foi registrado em cartório. Porém, se por um lado pode significar ausência de informação, por outro é bom para refletir as dinâmicas processuais que aconteceram e continuam acontecendo nas festas de reinado. Ou seja, a necessidade de ajustar, suprimir e adequar etapas dos festejos às circunstâncias em cada contexto pesquisado, conforme tratarei no tópico seguinte, e que também se encontram descritas nos Quadros 3 e 4.

Contudo, é provável que, para realizar o registro da associação junto à Receita Federal, era necessário a apresentação do documento comprovando a existência da entidade representativa dos reinadeiros. Já no que tange à posse do prédio do salão da irmandade, Bila, que também é um dos organizadores da festa de reinado na cidade, afirmou durante a entrevista que foi uma doação de José Roberto Batista, quando atuou como prefeito do município em 1994. “Na época eu era vereador. Eu pedi o lote e o prefeito deu. Tem mais de 20 anos” (Bila, depoimento oral, 2019). Nesse quesito, ao que parece, as sedes das irmandades (salão ou galpão) de ambas as cidades tiveram origens semelhantes ao serem objeto de doação do poder executivo municipal.

Porém, no quesito uso do salão, o reinado de Araújos apresenta algumas peculiaridades em relação ao reinado vizinho. Embora um ou outro festeiro utilize as dependências do local, equipadas com utensílios os mais variados e móveis como mesas, cadeiras etc., para oferecerem as comidas aos congadeiros, a maioria deles mantém o costume dos tempos antigos. Isto é,

recebem os ternos de congadas em suas casas, onde aproveitam para festejar juntamente com familiares. As congadas são as estrelas da festa, além de animarem o ambiente com seus toques e bailados.

Contrariamente ao que ocorre em Santo Antônio do Monte, onde se percebeu uma resistência, por parte da diretoria, de vincular as atividades do reinado a questões relacionadas à política local, parece-me que em Araújos não há esse tipo de preocupação. Para isso basta observar, por exemplo, a vasta trajetória na política local de alguns integrantes do reinado, como é o caso de Geraldo Joaquim da Silva, ex-prefeito de Araújos por dois mandatos (de 1955 a 1958 e 1963 e 1966) e também rei congo; e o atual rei congo, Bila, do qual herdou a coroa, e que exerceu as funções de vereador e de vice-prefeito da cidade. Bila, inclusive, atribui a seu parente a fundação do reinado araujense.

É a partir desses episódios históricos que deve ter sido iniciada a participação do poder público local de forma mais intensa, inclusive dando liberdade à diretoria da irmandade de Araújos de comercializar os lotes da feira comercial, bem como o apoio material, através de repasse direto de recursos financeiros para a realização da festa³⁴. Apesar de Santo Antônio do Monte também contar com a ajuda da prefeitura municipal tanto na organização (fornecimento de alvarás, limpeza pública etc.) como na disponibilização de recursos financeiros, os preparativos e a realização da festa ficam sob a responsabilidade da diretoria da irmandade. Para isso, durante o ano são promovidos vários eventos como almoços beneficentes cujo cardápio é composto por *comidas reinadeiras*, festivais de truço e sorteios de brindes, com o objetivo de angariar recursos para promover a festa. Sobre isso tratarei no capítulo três. Para Dinho, presidente da diretoria da irmandade, não se conta apenas com os recursos vindos da prefeitura, pois pode haver algum imprevisto e ele não ser repassado, inviabilizando a realização do reinado.

Outro detalhe interesse que evidencia a aproximação entre os dois reinados pode ser observado no Livro de Ata da Irmandade em Santo Antônio do Monte, de agosto de 1961, a

³⁴ Segundo afirmaram o ex-presidente, Eduardo, e o atual presidente da diretoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Araújos, anualmente os recursos públicos destinados à realização da festa de reinado giram em torno de trinta, quarenta mil reais. Por sua vez, os recursos financeiros disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Monte não passam de doze mil reais, o que é uma quantia bem abaixo se comparada ao valor repassado aos reinadeiros pelo município vizinho. Durante a última reunião de prestação de contas Pós-Festa de Reinado 2018, quando o presidente da diretoria expôs o valor recebido (doze mil reais), através da política de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais – ICMS Cultural, os congadeiros presentes ficaram desapontados. Alguns, inclusive reclamaram do ínfimo valor, se comparado à cifra que é disponibilizada pela administração pública municipal para a realização da “Expo Samonte”, festa agropecuária do município, que acontece no mês de julho. O montante de recursos públicos que é aplicado à Festa de Reinado de Araújos explica em alguma medida a visibilidade e alcance que a celebração atinge na região a partir dos primeiros anos da década de 2000.

partir de uma nota emitida pela diretoria da irmandade da época agradecendo aos ternos de congadas de Araújo pela participação na festa daquele ano. Consta no documento:

O nosso agradecimento a todos que compareceram em nossa festa, aos cortes de Moema, **Araújo** e os de nossa terra. Que Nossa Senhora os protejam, que em 1962 estejamos todos juntos para o brilhantismo de nossa festa (ATA DE REUNIÃO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, 1961, p. 5-6. Grifo meu em negrito).

A pequena nota de agradecimento não é somente uma gentileza, um gesto de agradecimento, mostra sobretudo que as relações de troca entre os dois municípios no que tange às festas de reinado vem de longa data. No linguajar reinadeiro esse tipo de intercâmbio é chamado de *pagas de visitas*. Isto é, quando os grupos prestigiam as festas de outra localidade que não a sua, o que se caracteriza como uma estratégia de reforço dos laços de solidariedade.

Além disso, observei a existência de alguns elementos ritualísticos e performáticos entre os dois festejos que, de certa forma, os aproximam. Referem-se sobretudo aos processos de realização dos festejos e ao reconhecimento perante o poder público. Nota-se, por exemplo, semelhanças no fazer a festa entre os dois reinados como o levantamento dos mastros, a centralidade da comensalidade, as personagens da corte real, os tipos de ternos de congadas, a participação dos festeiros como agentes patrocinadores das comidas, entre outras. Além do mais, ambos buscaram junto às agências do poder público mecanismos para reforçar a institucionalização da manifestação cultural como a formalização perante o erário e a obtenção do título de utilidade pública.

2.8 A institucionalização dos reinados e as esferas políticas

Dando prosseguimento aos acontecimentos ou marcos importantes que ocorreram no e com os reinados das duas cidades, alguns podem ser percebidos através de documentos escritos. São os casos dos títulos que foram concedidos pelas esferas de poderes estadual e municipal, reconhecendo as Festas de Reinado como sendo de “utilidade pública”, por prestarem relevantes contribuições à preservação da cultural local e, conseqüentemente, para a formação da identidade cultural brasileira.

Nesse sentido, a Lei municipal nº 1.305, de 22 de outubro de 1993, reconheceu como de utilidade pública, nos termos da Lei nº 1.305, de 22 de outubro de 1993, o “Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário de Santo Antônio do Monte” (SANTO ANTÔNIO DO MONTE, 1993). Porém, um ano antes, através da Lei nº 683, de 31 de

dezembro de 1992, o município de Araújos já havia reconhecido a “Folia de Congado da Festa de Reinado da cidade de Araújos” (ARAÚJOS, 1992), também pelo mesmo motivo.

Passados aproximadamente dez anos, após ter recebido o título de utilidade pública pelo poder executivo municipal, o reinado de Araújos é reconhecido também pela Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, através do Projeto de Lei nº 2.723, de 1 de dezembro de 2011, sob a justificativa de que a Folia de Congado e da Festa do Reinado da Cidade de Araújos – ASREI, “é uma associação sem fins lucrativos, que tem como finalidade difundir as atividades culturais e folclóricas das festas do congado e reinado como tradição popular” (MINAS GERAIS, 2012).

A partir do momento que as associações civis receberam o título de Utilidade Pública Municipal, passam a usufruir de alguns benefícios como isenção de taxas de cartórios e imunidade fiscal. De acordo com Eduardo, ex-presidente da Diretoria da Irmandade de Araújos, como a entidade também tem o título concedido pelo Estado de Minas Gerais, há outros benefícios como o acesso gratuito ao transporte público intermunicipal de passageiros, desde que comprovado que o objetivo do deslocamento é em prol da associação.

Além de contabilizar esses dois títulos de “utilidade pública”, a Festa de Reinado de Araújos ainda acumula o título de Patrimônio Imaterial a nível municipal. De acordo com Canedo (2016, p. 5), “a Festa de Reinado em Araújos foi registrada pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural como patrimônio imaterial e seu dossiê aprovado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG”.

Há também um inventário das práticas culturais locais, dos monumentos arquitetônicos, arqueológicos e ambientais existentes no município. No tocante às ações de patrimônio cultural, Santo Antônio do Monte também dispõe de um Inventário Cultural, semelhante ao realizado no município vizinho, e que foi executado no âmbito das políticas de cultura do Governo de Minas Gerais – cujo objetivo final é receber recursos por realizar atividade de preservação na área da cultura local. Essa política conhecida como ICMS³⁵ Patrimônio Cultural

é um programa de incentivo à preservação do patrimônio cultural do Estado, por meio de repasse de recursos para os municípios que preservam seu patrimônio e suas referências culturais através de políticas públicas relevantes. O programa estimula as ações de salvaguarda dos bens protegidos pelos municípios por meio do fortalecimento dos setores responsáveis pelo patrimônio das cidades e de seus respectivos conselhos em uma ação conjunta com as comunidades locais (IEPHA/MG, 2016).

³⁵ Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

Entre as práticas culturais inventariadas nos dois municípios encontram-se as Festas de Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Uma das exigências da política para conceder recursos financeiros aos municípios que realizaram as ações de inventários³⁶ é que sejam criados os Conselhos Municipais de Patrimônio Cultural. Parte dos recursos públicos que as prefeituras municipais repassam às irmandades anualmente para a realização das celebrações dos reinados é oriundo deste programa de incentivo público. Observa-se, portanto, que as transformações nas festas de reinado são sistemáticas, e nunca pararam, embora ora fosse mais lenta ora mais rápida, conforme exponho abaixo.

2.9 Transformações, ajustes e adaptações nos reinados

As transformações ocorridas, ao longo dos tempos, são visíveis nas festas de reinados das duas cidades e, possivelmente, estão relacionadas a vários aspectos, entre eles a expansão do espaço urbano, o falecimento de ex-capitães de congada e, sobretudo, a adequações realizadas pelas próprias diretorias, responsáveis pela organização e realização dos festejos. São mudanças que ocorrem na estrutura da festa, conforme relataram os integrantes das diretorias que são essenciais para a continuidade dos festejos.

Em Santo Antônio do Monte, um marco temporal que talvez tenha sido crucial para o desencadeamento das mudanças seguintes foi o episódio da proibição da festa, conforme já expus. Provavelmente, quando os festejos foram reiniciados em 1961, alguns costumes que existiam antes passaram a não acontecer. E que, ao longo dos anos, foram sendo implementadas novas alterações na celebração. Porém, a década de 2000 alavancou algumas mudanças que são consideradas impactantes e ao mesmo tempo necessárias, segundo os organizadores, para a vitalidade e continuidade das festas de reinado. O reinado de Araújos, por seu turno, apesar de não compartilhar do mesmo processo de interdição, também apresenta transformações sistemáticas nos ritos que compõem os festejos, ao longo de sua existência, principalmente a partir dos anos 2000.

Durante as conversas com os congadeiros ouvi muito se dizer que algumas passagens do reinado não seguem mais a tradição, referindo-se as partes da festa que deixaram de existir ou não ocorrem como nos tempos antigos, de seus avós e de seus pais. Frequentemente o sentido

³⁶ Em Santo Antônio do Monte o inventário da Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, no distrito sede, ocorreu em 2008. Por sua vez, em Araújos, o inventário da Folia de Congado da Festa do Reinado da Cidade de Araújos, ocorreu alguns anos mais tarde, em 2013.

de tradição aparece assumindo características inflexíveis, como se as práticas culturais permanecessem inalteradas com o passar dos anos.

Ao afirmar que “a vontade da tradição está em querer-se tradição”, Bornheim (1997, p. 18) expõe o poder que ela possui de permanecer imutável, alimentando-se sempre de um passado distante. Talvez o que motiva os indivíduos a reivindicarem uma tradição fixa e temporal esteja no pressuposto de que somos organizados pela tradição e que ela é nosso princípio, complementa o autor.

Contudo, a tradição enquanto fenômeno cultural, por mais que os indivíduos busquem protegê-la, na tentativa de mantê-la pura, sempre obedecerá aos fluxos e às dinâmicas culturais. Portanto, ao contrário do senso comum que insiste em manter as tradições estáticas e livres de mudanças, para Hobsbawm e Ranger (2002) elas sempre são mutáveis e não são conceituadas apenas em função de marcos temporais que atestam sua longa existência. Nesse sentido, a noção de “tradições inventadas” (HOBBSAWM; RANGER, 2002) questiona o entendimento de que uma prática cultural só é tradicional se, obrigatoriamente, for antiga.

Na verdade, todas as tradições são inventadas, pois foram criadas por alguém ou grupo em um dado momento histórico. O sentido de tradição não é algo estanque e eterno, pelo contrário, está em constante transformação, e deve ser analisado de forma processual. Pois, se há algo que é fixo na sociedade, esse algo são as transformações. Assim sendo, considero essas contribuições oportunas pois ajudam a compreender as transformações ocorridas ao longo das festas de reinados em Santo Antônio do Monte e Araújo.

Prosseguirei com as reflexões sobre as principais transformações³⁷ ocorridas nos dois reinados, cujos marcos temporais e os registros estão descritos nos Quadros 2 e 3, trazendo para a discussão as contribuições oferecidas pelos reinadeiros. A primeira grande transformação, após o reinício da festa de reinado em Santo Antônio do Monte, segundo Biga e Silvério, foi a transferência de parte significativa das atividades do reinado para o salão da irmandade em 1976. Isso incluiu o preparo e o oferecimento das comidas, que antes eram realizadas nas residências dos reis e rainhas festeiros, conforme já foram abordados por alguns reinadeiros e simpatizantes, ao relatarem sobre suas lembranças das festas passadas.

Segundo discorreu o casal, em 1979, durante o período de reinado, o galpão foi inaugurado após receber as adequações mínimas que precisava para funcionar. Foram, portanto, três anos de reformas lentas até que o prédio ficasse pronto para acolher com o mínimo de

³⁷ Não discuto todas as transformações que constam nos Quadros 3 e 4, ocorridas nas festas de reinados das duas cidades. Optei por escolher apenas aqueles aspectos que considero mais relevantes e que permitem estabelecer comparações.

conforto os congadeiros, devotos e toda comunidade reinadeira. Somente um ano depois é que a Prefeitura de Santo Antônio do Monte faz a doação do imóvel, em caráter definitivo, à Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, conforme a Lei nº 891, de 10 de dezembro de 1980 (SANTO ANTÔNIO DO MONTE, 1980).

Essa transformação em torno da “espacialidade” do lugar desempenha um caráter importante, do ponto de vista da dinâmica territorial do reinado. Pois, como argumentou Dinho, ela tem o poder de dar “unidade” ao festejo, pois é para lá que converge a atenção e as intenções dos devotos e simpatizantes da festa. De acordo com Lyra (2011, p. 139), “a própria realidade material do espaço é percebida, vivenciada e ativamente apropriada pelos atores por meio dos discursos e representações simbólicas que eles mantêm sobre ela”. Isto é, a festa, embora, aconteça em várias partes da cidade, com as congadas visitando as residências dos devotos em praticamente todos os bairros, é no galpão que, nos horários de almoços e jantares, a comunidade reinadeira se confraterniza e expressa seus agradecimentos aos santos padroeiros e aos reis e rainhas festeiros.

Mesmo que os discursos reforcem a ideia de que o reinado em Santo Antônio do Monte é mais religioso e menos comercial, sobretudo porque não fomenta uma feira comercial de rua semelhante ao que ocorre na cidade vizinha, percebi que ela não está ausente. Durante a última festa que participei havia alguns hippies comercializando bijuterias e adereços confeccionados a mão, barraca de produtos e brinquedos importados, óculos, bem como barracas de comidas como cocadas e cachorro quente, barraca de tiro ao alvo e de utensílios domésticos (cobertores, panelas, canecas etc.). Portanto, desde quando comecei a acompanhar os festejos em 2014, percebi um aumento significativo e gradativo de vendedores ambulantes, tanto da cidade como de fora, ao redor da Igreja Matriz de Santo Antônio, onde estava montado o palco destinado a receber as congadas para os agradecimentos. Obviamente que em termos quantitativos a feira, com aproximadamente dez barraquinhas, não possui a magnitude que assume em Araújo na época do reinado.

Apesar de compreender que ambas as localidades possuem características peculiares em relação às suas festividades – o que torna instigante as reflexões aqui realizadas –, alguns colaboradores santo-antonienses arriscaram-se a afirmar que a geografia da cidade e, conseqüentemente, sua mobilidade contribui favoravelmente para a manutenção de um reinado, que prioriza a parte religiosa do brinquedo. É o caso de Silvério, ao se posicionar a respeito do evento em Araújo.

Acho que Samonte³⁸ não está pior, cheio de barracas por causa do local. O local da festa não tem espaço pra isso. Se ali na porta do galpão tivesse uma rua larga, estaria cheia de barracas. No início eles começaram a colocar barracas naquelas ruas laterais, mas como a prefeitura começou a exigir alvará, eles pararam (Silvério, depoimento oral, 2019).

Parece-me que, de acordo com o morador, o traçado das ruas influencia uma maior ou menor predisposição para o comércio ambulante na cidade, durante a festa de reinado. Na verdade, como o festejo em Santo Antônio do Monte concentra grande parte de seus ritos no galpão da irmandade, cujas ruas próximas são estreitas e acidentadas, talvez não seja vantajoso para a colocação de barracas. Observa-se ainda que a cobrança de alvará referente às barracas, mencionada por ele, se caracteriza como um obstáculo, ao passo que em Araújos, a arrecadação gerada pelos “alvarás”³⁹ não é motivo de dispersão. Pelo contrário, as transações comerciais dos terrenos para instalação das barracas acontecem antes da festa, pois alguns ambulantes chegam a comprar seus lotes com antecedência.

Em Araújos, assim como em Santo Antônio do Monte também há um espaço ritual para o qual convergem as atenções, intenções e devoções dos sujeitos que visitam a cidade no período do reinado. Não se trata do “salão da irmandade”, como é conhecida a sede da irmandade, apesar de ser utilizado por alguns festeiros e festeiras no preparo e oferecimento das comidas aos congadeiros, como já expus anteriormente. O reinado dos araujenses acontece no centro da cidade, ou *centrão*, como denominou o rei congo Bila, ao fazer alusão ao espaço onde se concentram todas as atividades religiosas e de lazer da festa de reinado, localizadas nas imediações da Igreja Matriz de São Sebastião. O *centrão* é composto por um complexo de lazer que inclui bares, barraquinhas de comidas, ambulantes, feira comercial a céu aberto com bancas de brinquedos e artigos importados, parque de diversão, e pequenas reuniões organizadas nas calçadas das residências de moradores próximas ao movimento, que se tornam ponto de encontros de amigos e familiares para vivenciar a festa. Em meio a essa vastidão de incentivo ao consumo que saltam aos olhos dos visitantes e congadeiros também tem espaço para aqueles que desejam levar para casa um pouco da memória da festa, como fotografias de alguma cena dos festejos que ficam expostas à venda.

³⁸ *Samonte* é a forma utilizada pelos moradores para se referirem à cidade de Santo Antônio do Monte.

³⁹ Na verdade, não é a prefeitura que se encarrega do serviço. Ela cedeu o direito de uso do espaço para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que, por sua vez, aluga os lotes aos vendedores ambulantes. É com esse recurso, por exemplo, que são pagas as ajudas de custo aos dançadores de congadas dos municípios, que visitam a cidade durante o reinado. A maior parte dos ternos usa o recurso para custear as despesas com o fretamento de ônibus.

Fotografia 18: Lembrança do Reinado de Araújo



Legenda: Fotografias do reinado expostas no banco da praça para comercialização. Fonte: fotografia do autor (2017).

É também no *centrão* onde que se observa a realização das práticas religiosas que compõem o reinado como os mastros e as bandeiras dos santos reinadeiros, o palco armado no adro da igreja, usado durante as celebrações das missas campais, e a tenda que abriga a imagem de Nossa Senhora do Rosário e que serve para a rainha perpétua dar boas-vindas aos ternos de congadas que a visitam. Ali próximo encontra-se também a sede da Sociedade São Vicente de Paulo, onde é formado o estado do reinado que sai em cortejo até a igreja matriz, durante os três dias de festa ao final da tarde.

É interessante observar que as mudanças mais emblemáticas que se tem registros, nos dois reinados, cada um à sua maneira, ocorreram no século XXI. Em Santo Antônio do Monte, segundo Fernandinho, ex-presidente da diretoria da irmandade e membro do Conselho Fiscal da Diretoria, e um dos agentes a introduzir mudanças no reinado, ainda nos primeiros anos da década de 2000, quando assumiu o cargo, juntamente com Dinho, na vice-presidência, foi necessário repensar a entidade não apenas em termos de pessoal, mas também no que se referia à festa de reinado e seus diversos ritos. A prioridade inicial deles, ao assumirem o cargo, foi com a organização interna da confraria.

Nomeei o tesoureiro, nomeei os secretários, o diretor de patrimônio, porque nosso patrimônio precisava de alguém para organizar. Coloquei pessoas muito competentes nos cargos. Eu chamei essa diretoria de *diretoria tipo João Batista*. Foi a diretoria que veio para arrumar a estrada para quem viesse depois. O Estatuto nosso tem vinte e cinco anos. Eu reformulei de dois para quatro anos de mandato, porque dois anos era muito pouco para fazer algum trabalho. Embora eu tenha tomado posse no antigo estatuto com dois anos de mandato apenas (Fernandinho, depoimento oral, 2019. Grifo meu em itálico).

A fala do colaborador no que se refere à reorganização da administração da diretoria e também a outras esferas do reinado se aproxima do que Max Weber (1999) denomina por “racionalidade moderna”. Fica evidente também que a irmandade demandava disciplina e ordem nos processos para continuar existindo enquanto instituição, sobretudo em atividades que exigem fundamentalmente princípios burocráticos. Percebe-se, no caso da nova diretoria, elementos específicos da “burocracia moderna”, amplamente discutidos por Weber (1999), entre eles: “desdobramento quantitativo das tarefas administrativas, superioridade técnica da organização burocrática e concentração dos meios administrativos, e uma ‘racionalização’ da formação e educação” (WEBER, 1999, p. 198).

Quando a nova gestão modificou o Estatuto e criou o Regimento Interno, que regulamenta a criação de ternos congadas e impõe regras a serem seguidas, tem-se aí vestígios de elementos próprios da burocracia moderna, conforme expôs Weber (1999). Ou seja, métodos e procedimentos a serem seguidos, semelhantes às “organizações típicas da empresa moderna”. Outras formas de controle utilizados pela entidade, que se apresentaram como transformações no reinado, podem ser percebidos a partir das alterações realizadas em alguns ritos: celeridade na *lista de espera*, sorteios dos dias que os reis e rainhas festeiros ofertarão às comidas, definição das *visitas dos cafés*, compromissos a serem cumpridas pelos ternos de congadas, término das “amarrações⁴⁰”, predefinição do percurso do cortejo (procissão), desobrigação de pegar e levar os membros do reinado às suas casas, exclusão das coroinhas e, por último, a proibição do consumo de pinga durante as refeições servidas aos congadeiros no galpão. Com exceção dessa última restrição, as anteriores foram implementadas nas gestões iniciadas nos primeiros anos da década de 2000, o que evidencia que os ajustes continuam acontecendo. Todos esses ajustes feitos nos rituais festivos que compõem o reinado, tenham surgido de necessidade de reinvenção da própria festa. Pois, conforme Duvignaud (1983, p. 233), “a festa nos lembra o que se deve demolir para continuar existindo”. É interessante também não perder de vista que outras situações, externas ao reinado, também contribuem para a tomada de decisões que acabam resultando em transformações como o aumento do número de ternos de congadas e as normas impostas pelos órgãos municipais de fiscalização como Corpo de Bombeiros e Vigilância Sanitária Municipal.

Segundo Dinho, todos os anos, antes da festa de reinado, as duas entidades realizam vistorias no galpão para verificar se as instalações físicas estão em conformidade com as

⁴⁰ *Amarrar* é quando um dos reis ou rainhas parava (empacava) durante o cortejo, obrigando os ternos de congadas a cantarem para ele ou ela. Geralmente colocava-se uma cédula de dinheiro sob os pés, e aquele cuja cantoria fosse de seu agrado, levava o prêmio.

exigências de segurança e higiene. Somente após a inspeção é que são emitidos os alvarás autorizando o funcionamento. Afirmou ainda que uma das exigências do órgão de saúde foi que as paredes da cozinha fossem revestidas de cerâmica, tal como é exigido nos estabelecimentos comerciais que manipulam alimentos.

Mais especificamente sobre a racionalização burocrática no campo das religiões no Brasil, Renato Ortiz (1991) aborda algumas questões que são pertinentes para pensar o processo de transformação dos reinados enquanto instituição religiosa. A respeito das novas regras impostas por um corpo de especialistas, que no caso da diretoria da irmandade é formado pelo presidente e vice-presidente, secretários, diretores de patrimônio e de finanças, fica evidente a necessidade de se ter um controle racional de suas ações através de processos burocráticos, típicos de uma “racionalidade cidadina” (ORTIZ, 1991, p. 181).

O discurso de que o processo de crescimento da cidade é um dos motivos, senão o mais importante, usado pelo corpo de especialistas da irmandade para continuar com as transformações no reinado, possui uma estreita relação com as transformações econômicas e sociais ocorridas no meio urbano. Alguns costumes existentes no reinado como os traslados dos reis e rainhas, que consistiam nas congadas irem buscá-los em suas casas para a formação do cortejo diário e, ao final dos festejos, já tarde da noite, acompanhá-los ao local de origem, foram retirados. Fernandinho e Dinho alegaram que a expansão da cidade foi um dos motivos que os levou a excluir o rito. Apesar de justificarem os motivos que os levaram a executar as modificações, alguns devotos não concordam. É o caso de Biga, que argumentou o seguinte: “Buscar os reis em casa, não deveria ter acabado. Concordo que a cidade ficou grande, que ficou longe, mas poderiam sim buscar porque era bonito” (Biga, depoimento oral, 2019). No entanto, alguns capitães avaliaram a mudança de forma positiva: “ter que levar os reis e rainhas de volta pra casa, era muito pesado, e ainda voltar para jantar e cantar. A festa ia madrugada adentro. Ficava muito cansativo (Antônio Alves, depoimento oral, 2018).

Algumas mudanças, sobretudo aquelas que foram suprimidas como traslado dos membros da corte real (reis e rainhas congos e perpétuos), receberam como justificativa de seus idealizadores o fator estrutural de crescimento do núcleo urbano. Isto é, a cidade se expandiu, surgiram novos bairros distantes e as pessoas passaram a residir fora do centro, inviabilizando a realização do ritual. Foi por esse mesmo motivo também que se excluiu da programação da festa a missa de encerramento, que ocorria no domingo da festa, após o cortejo de formação dos estados. O jantar, que era servido logo após o ato litúrgico, foi remanejado para o almoço da quinta-feira, primeiro dia de festa. Permaneceu apenas o cortejo real, o descimento dos mastros e a bênção final dada pelo pároco. Maria Geralda, atual rainha conga, disse ter

alcançado esse período que as congadas trasladavam os membros da corte real da igreja até suas casas.

Assim, antigamente os cortes levavam a gente nas casas, buscavam nas casas [os reis e as rainhas]. Parece que as pessoas ficaram cansadas. Se bem que a cidade ficou grande. Então, vai modificando, né. A festa era mais simples, agora fica mais visível (Maria Geralda, depoimento verbal, 2018. Observação minha entre colchetes).

Em Araújios, são celebradas duas missas campais, uma no domingo, quando há o maior número de ternos de congadas visitando a cidade, e na segunda-feira, último dia de festa, para marcar o encerramento do reinado. No domingo, após a missa, os festeiros e festeiras do ano em exercício entregam suas coroas; na segunda-feira, durante o rito de encerramento, é a vez dos pagantes de promessas do ano seguinte pegarem suas coroas. Vale salientar ainda que no domingo à noite, após a missa, é servido o jantar aos congadeiros nas casas dos festeiros.

O rito de buscar e levar os reis e rainhas a suas casas também existiu no reinado em Araújios, mas acabou. Porém, a causa não foi a mesma. Segundo Bila e Orlando, como há horários a serem cumpridos, o rito de buscar os reis nas residências estava atrasando os cortejos. Também alegaram que ao final da missa de domingo, que termina de noite, os ternos de congadas visitantes têm pressa para retornar às suas cidades, não sendo mais possível acompanhar os reis e rainhas às residências. Nesse quesito, o rito ocorre de forma semelhante nas duas cidades, ou seja, os reis e rainhas do reinado se deslocam até o lugar de saída do cortejo, para de lá saírem em procissão pelas ruas da cidade. Em Araújios, o cortejo sempre parte da sede do Salão São Vicente de Paulo, que fica a poucos metros da Igreja Matriz. Já em Santo Antônio do Monte, o percurso é infinitamente maior, pois a cada dia de reinado o cortejo parte de uma paróquia diferente, sediadas em bairros distintos.

No que tange à Missa Conga, ritual que relembra os cânticos e os danças da época dos escravos, e que é acontece em Santo Antônio do Monte no primeiro dia de reinado, à noite, após o cortejo real, foi introduzido na região inicialmente através do reinado em Divinópolis (MG), conforme relato a seguir.

No ano de 1977, a Missa Conga chega à região Centro Oeste de Minas e passa a ser celebrada, primeiro na cidade de Divinópolis, por Frei Leonardo Lucas Pereira. No princípio havia uma certa distância entre as guardas do Reinado e o povo, pois apenas estas cantavam. A Missa Conga veio fortalecer movimentos iniciados nos anos 60 para proteger e preservar essa expressão da cultura popular, mais precisamente o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que conserva alguns rituais do Congado que antes era arredo, temeroso, e hoje se apresenta exuberante, triunfante (PEÇANHA, 1990).

Provavelmente o ritual tenha sido introduzido no reinado santo-antoniense mais ou menos no mesmo período. Segundo Fernandinho, a celebração sempre contou com a participação dos ternos de congadas em vários de seus atos, mas na sua gestão também sofreu ajustes no tocante à sua realização. Intervenções que visaram adaptá-la às necessidades impostas pelo tempo cronológico que rege a existência dos festejos na atualidade. Ressaltou o colaborador que tradicionalmente cada terno ficava responsável por um cântico da liturgia. Por exemplo, no cântico de entrada alguém conduzia o microfone para determinada congada. Para o cântico do ofertório uma outra pessoa cantava e assim por diante. Chegou-se à conclusão que se gastava muito tempo até que o microfone chegasse às congadas. Foi quando decidiu-se criar o coral da irmandade, que integra alguns congadeiros que cantam durante a missa. Portanto, hoje não há mais a participação de todas as congadas presentes no interior da igreja, como havia antes. De fato, observei que nem todos os congadeiros permaneciam no interior do templo, alguns preferiam ficar circulando pela praça e conversando com os companheiros.

O diferencial desse rito é que os dançadores de todos os ternos de congadas adentram na igreja bailando, cantando e batendo suas caixas em louvor aos santos. A igreja perde o semblante de austeridade e passa a ganhar ares de alegria, se deixa embalar pelas batidas dos tambores.

Ao contrário do que ocorre em Santo Antônio do Monte, no reinado em Araújo não se celebra a Missa Conga, aliás, todas as missas que acontecem no período da festa são campais, celebradas no palco montado em frente à Igreja Matriz, com a condução da liturgia sendo realizada pelo pároco.

No passado, quando a cidade de Santo Antônio do Monte era menor, compreendendo basicamente o centro, apesar de existir zonas periféricas habitadas pela população mais pobre, onde residia grande parte dos congadeiros, rituais dessa natureza que demandavam tempo eram possíveis de acontecer. Conforme mencionou o colaborador Otaviano, as festas de reinados do passado estavam diretamente ligadas ao tamanho da cidade. Para ele, a cidade, além de ser pequena, só possuía dois caminhões. Ou seja, os modos de vidas citadinos daquela época se aproximavam das dinâmicas existentes no meio rural. Com o tempo a cidade se expandiu, novos bairros surgiram, dificultando assim o traslado dos reis e rainhas perpétuos e congos, e das congadas também.

Para cumprirem as *visitas dos cafés da manhã e de tarde*, ritual que ainda se mantém no reinado de hoje, os ternos de congadas precisam utilizar o serviço de transporte para se locomoverem entre o centro e os bairros mais distantes que surgiram a partir da década de

2000⁴¹. Em 2018, quando acompanhei alguns grupos durante as visitas aos pagantes de promessas que residiam em bairros afastados, como Vilma de Oliveira e Planalto, foi necessário a utilização de ônibus como meio de transporte. Sem ele era impossível que os dançadores dessem conta de atender aos compromissos do reinado sem comprometer a logística exigida pela diretoria da irmandade, que incluía rígidos horários a serem cumpridos. De acordo com o Artigo 6º do Regimento Interno (2017) do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, que disciplina a criação de novos ternos de congadas e dá outras providências:

Todas as congadas têm que cumprir fielmente suas obrigações com a Irmandade nos dias de Festas, deverão visitar os Reis Festeiros, os Reis e Rainhas Congos e Perpétuos, os Mordomos das Bandeiras e tomar somente os cafés previamente agendados pela diretoria (CONGADO DA IRMANDADE DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, 2017).

Como se observa, o reinado é uma brincadeira séria, que exige dos dançadores disciplina e esforço físico para dar conta das obrigações durante os dias de festas. Não há, inclusive, espaço para visitas a devotos fora da programação definida pela diretoria, pois todos os passos dos ternos de congadas são vigiados pelos fiscais da diretoria, que ao cometerem alguma infração, seus capitães ou capitãs serão chamadas a atenção ou, em caso de persistência, levada ao conhecimento ao presidente da entidade, que aplicará as penas cabíveis. As penalidades vão de advertências até, se for o caso, destituição do grupo, sobretudo se for o caso das congadas recém-criadas, que estejam cumprindo estágio probatório de dois anos.

Alguns ritos do reinado que foram suprimidos se afastavam da lógica do tempo cronológico. É caso do ritual de *amarração* que foi extinto da festa. Mas, segundo Fernandinho, o motivo de sua exclusão dos festejos foi o tempo que ele ocupava no reinado. O capitão Luizinho, da Congada Luiz Carolina lembra-se do ritual de amarração executado pelo seu avô, o capitão Luiz Carolina.

A amarração era mais assim. Vamos supor, eu saía com a minha congada um dia, aí na hora que chegava na esquina tinha uma turma encostada, e lá eles mandavam parar pra cantar. Um exemplo, eu lembro do meu avô, aí eles paravam e punha o dinheiro no chão, debaixo do pé, ajoelhado em cima, pra ver a força do canto do capitão. Na hora que ele cantasse um verso que agradasse era que entregava o dinheiro. Aqui em Itapeverica e Pedra do Indaiá ainda é assim. Mas, aqui, em Santo Antônio do Monte, o reinado modernizou muito (Luizinho, depoimento oral, 2019).

⁴¹ Alguns bairros residenciais fundados a partir dessa época, que marcam a expansão imobiliária na cidade foram: Planalto, Mangabeiras, Bairro do Davi, Retiro do Lago, Belvedere e outros.

Hélio, capitão da Congada Soldados de Maria, não apenas confirmou a permanência do ritual no Reinado em Itapecerica (MG), como disse que é um dos rituais de sua preferência. Pois, além de se divertir, dá para faturar alguns trocados, que serão revertidos em benefícios do próprio grupo como ajudar na compra de fardas para dançador que não dispõe de recurso financeiro.

Lá não, é reinado de amarração. A pessoa joga lá o dinheiro pra você, e você tem que cantar pra pegar o dinheiro dela. Tem que agradar a pessoa para ela te entregar o dinheiro. Ali, não tem como fazer um verso decorado, tem que inventar na hora. Porque você vai depender do seu repente (Hélio, depoimento oral, 2019. Grifo meu em itálico).

Para alguns capitães de terno de congadas as medidas que foram implementadas pela diretoria acabaram dificultando a execução de alguns rituais, pois eliminaram o clima de *espontaneidade* que é a marca fundamental dos festejos.

Por exemplo, esse ano que passou, deu uma chuva forte, aí não teve jeito de subir no palanque, não teve jeito de pegar o microfone. Eu gosto de ser brincalhão pra'qui se tornar uma coisa espontânea. Aí, chamei os festeiros pra descer pro chão e nós agradecemos no chão, debaixo da tenda. Foi juntando gente... eu tive de cantar pra um, pro outro. Pessoas que tá ali te assistindo, eu cantei pra todo mundo e não excedi meu tempo. Eu acho que eles ficaram satisfeito e eu mais ainda, a ponto do pessoal da diretoria vir e falar: 'nossa, foi um dos melhores agradecimentos!' Não tinha microfone, não tinha palanque, eu estava no chão (Hélio, depoimento oral, 2019).

As modificações que se sucederam na festa de reinado, segundo Fernandinho, serviram para dinamizar os festejos. Logo, foram necessárias para adequá-los aos novos tempos. Retirar os excessos e, por vezes, criar novas restrições. Nesse sentido, parece-me que o objetivo das mudanças foi a tentativa de adequar o reinado ao ritmo imposto pela dinâmica da cidade.

A institucionalização de batismo de novas congadas também foi uma mudança introduzida na sua gestão. Segundo o entrevistado, nunca antes havia sido realizado esse tipo de ritual. Pelo menos, desde os seus seis anos de idade, quando começou a acompanhar seu avô no reinado. Foi também durante o seu mandato que a irmandade aceitou, pela primeira vez, um terno comandado e composto somente por mulheres dançadoras de reinado⁴².

Essa mudança começou no meu mandato. Logo que assumi a presidência da irmandade fui procurado pela Janaina e Lucélia [capitãs do terno de Congada As Meninas do Rosário], elas queriam fundar uma congada só com mulheres. Muito bem. Em momento algum eu vou barrar vocês. Pelo contrário, vai enriquecer a festa. Foi aonde começou mulher com capitã de congada aqui. No batismo dela, a Secretaria de

42 Em 2018, durante a 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Brasília, apresentei a comunicação "Mulheres capitãs de ternos de congada: breve reflexão sobre as relações de gênero em Santo Antônio do Monte (MG)".

Cultura e Turismo serviu um café comunitário aqui em frente à Estação [sede do órgão]. Foi bonito. Foi a primeira congada feminina do reinado de Santo Antônio do Monte. E aí, surgiram outras depois. A participação feminina é muito importante porque dá um colorido na festa (Fernandinho, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

Um ponto citado pelo ex-presidente, do qual ele se orgulha, é o fato de ter dado celeridade à *lista de espera* dos reis e rainhas festeiros. Conforme relatou, até a sua gestão somente um rei ou rainha oferecia uma refeição (jantar ou almoço). Ou seja, eram seis pagadores de promessas (festeiros) que davam comida aos congadeiros durante os dias do reinado. A diretoria aumentou esse número de seis para doze, dando agilidade à fila. Além disso, diminuiu a preocupação do pároco da época, Monsenhor Olavo, que temia que os devotos morressem sem pagar suas promessas aos santos, levando a cabo a ideia de que “promessa é dívida”. Ou seja, era uma falta grave, segundo o líder religioso, que os devotos morressem sem cumprir as obrigações perante a igreja.

Apesar de muitos devotos e congadeiros queixarem-se que as mudanças impostas afetaram a festa, distanciando-a do que era antes, para Fernandinho elas foram necessárias, caso contrário não seria possível dar continuidade aos festejos. No entanto, os elementos centrais, aqueles que dialogam com a tradição, permanecem, ele enfatizou. Ele defendeu, por exemplo, que foi preciso criar novas estratégias de organização do reinado, sobretudo no que dizia respeito à agilidade dos processos.

Embora, Fernandinho não cite nos relatos a extinção dos rituais de promessas envolvendo o uso de “coroinhas” no reinado o fato é que, eles, executados nos moldes tradicionais deixaram de existir. A maioria delas era simples, consistia numa armação de lata e enfeitada com papel crepom. No entanto, ao que parece, antigamente a apropriação de tais objetos tinha um caráter espontâneo, ou seja, não carecia de passar pelo controle da diretoria da irmandade. Hoje só é permitido pegar coroas (grandes), os devotos que estão inscritos na lista de espera para dar almoço e jantar. O depoimento de Terezinha, esposa do Capitão Chico de Nininha, expressa justamente seu saudosismo em torno do rito das coroinhas.

Oferecia a coroa de papel colorido para Nossa Senhora do Rosário. O importante era o seu coração. Aí, nós levava na procissão. Eram os reis com as capas e nós atrás. Era rico, era pobre. Tudo carregando, a gente que era pobre. Tinha umas mais pobrinhas feita de papel crepom, mas tinha umas feitas de papel alumínio, mas era aquela turma lá atrás. Os mais pobres recebia suas graça e falavam assim ‘oh minha mãe querida, eu sou pobre, eu recebi aquela graça, eu vou oferecer pra Senhora uma simples coroa’. Mandava fazer uma armação, cortava armação de lata enfeitava de todo jeito, e no dia da procissão era aquela turma se esbarrando, as velas queimando a gente. Mas na hora que o padre abria a missa você olhava lá assim de um lado, o altar tava cheinho de coroinha (Terezinha, depoimento oral, 2019).

É interessante também perceber o processo de circulação e apropriação que acontecia em torno desses objetos sagrados. A partir do momento em que as coroinhas eram depositadas no interior da igreja, ao lado do altar mor, para receberem as bênçãos do padre acontecia uma espécie de troca de coroas. Intercâmbios que reforçavam e, de certa forma encorajavam os devotos a fazerem seus pedidos à santa, de modo a repetir o mesmo gesto ano após ano.

Aí, trocava. Uma pessoa pegava a coroa da outra. Vamos supor, você fazia o pedido de entregar uma coroa e pegar outra de novo, pegava outra qualquer não precisava ser a sua de novo não. Você pegava e trazia para sua casa e tinha que ir lá no outro ano é assim que reviver o reinado (Terezinha, depoimento oral, 2019).

Refletir sobre os elementos ritualísticos excluídos da festa de reinado e, conseqüentemente, suas transformações, é crucial para pensá-la na atualidade. Somente através de análise sistêmica e integrada, dialogando com o passado e o presente da festa, é possível perceber os processos que contribuem para sua continuidade. Nas falas de Fernandinho logo se percebe que, embora tenha ocorrido algumas transformações, o que ele chama de estratégia, alguns elementos essenciais da tradição do reinado não foram sistematicamente alterados. “Mantemos a tradição da comida *reinadeira*, que é o tutu, o macarrão grosso e a pelota. Na estrutura da festa, muita coisa continuou como no passado” (Fernandinho, depoimento oral, 2019). Ele também se refere aos ritos que estão presentes na história do reinado e que o caracterizam, tais como: as visitas que as congadas realizam às residências da realeza e dos pagantes de promessas, a oferta de comidas aos congadeiros e a formação dos estados com as guardas de moçambiques puxando os santos e cortejo real.

Apesar de as mudanças mais significativas das festas de reinados nas duas cidades terem ocorrido a partir da década de 2000, elas não pararam. A cada nova edição do festejo é possível observar ajustes, adaptações em vários segmentos. O ajuste mais recente tratou de excluir do ritual de comensalidade do reinado a aguardente (*pinga*), que era ofertada aos capitães dos ternos antes das refeições, no galpão da irmandade. Pelo que averigüei, foi uma decisão adotada conjuntamente entre a diretoria da irmandade e os agentes da igreja, mas especificamente, aqueles que integram à Pastoral da Sobriedade. Segundo Dinho, o exemplo moral deve sair da irmandade enquanto entidade que faz parte da igreja e que tem obrigação de zelar pela reputação da entidade.

No entanto, conforme averigüei durante as conversas com os capitães de congadas, foram vários os que afirmaram se tratar de um rito tradicionalmente usado pelos mais velhos e que continuava desde os tempos antigos. Era de praxe, nos tempos em que as refeições eram

oferecidas nas residências, que os reis e rainhas festeiros oferecessem uma garrafa de *pinga*, que era posta na mesa para os dançadores beberem. Contudo, a prática continuou existindo, mesmo quando os almoços e os jantares foram concentrados no galpão.

A decisão pela supressão do rito ocorreu na reunião de pré-reinado em 2018, com a presença de alguns capitães e capitãs e membros da diretoria. A notícia foi acatada, por alguns como bem-vinda, mas também provocou o descontentamento de outros. Na ocasião também se alegou que a obrigação de disponibilizar uma garrafa de cachaça lacrada para cada terno que adentrava o recinto aumentava as despesas dos patrocinadores das refeições (festeiros), já que alguns congadeiros abriam o recipiente, bebiam uma porção e devolviam-no pela metade. Embora essa questão tenha algum efeito prático, observa-se aqui outro detalhe, que se relaciona com a crença em feitiço que existe no contexto das festas de reinado, conforme tratei anteriormente. O consumo em excesso de aguardente, embora provoque efeitos práticos no organismo do dançador através da embriaguez, também pode ser pensada simbolicamente como atuando no papel de hospedeira para jogar feitiço no outro. Nesse caso, a garrafa aberta por um terno de congada, não pode retornar à mesa onde comerá o terno seguinte.

Por sua vez, durante minhas incursões etnográficas, na intenção de obter dos congadeiros araujenses suas próprias maneiras de *fazer a festa*, o que me chamou a atenção foi a espontaneidade com a qual tratam o consumo de bebidas alcólicas pelos congadeiros durante os momentos de comensalidade. Nos almoços e jantares o comum é que se ofereça vinho, ao invés de *pinga*, como ocorria no reinado vizinho. Mas também há casos em que se oferece cerveja. Porém, conforme frisou a festeira Milene, a liberação da bebida para todos os integrantes do terno cabe ao capitão decidir.

Eu costumo dar um vinho. Tem gente que dá pinga também. Às vezes, os capitães pedem. Ultimamente, alguns não estão querendo bebida. Esse ano eu falei pro capitão: ‘tem um vinho, se vocês quiserem’. Ele falou que não queria. ‘Porque nós começamos a dançar agora, sabe. Então, se os dançadores começarem a beber cedo, quando chega no final do dia estão alterados’. Tem muita gente que dá muita bebida alcoólica. Mas a gente prefere dar mais o refrigerante (Festeira Milene, depoimento oral, 2019).

Portanto, nesse quesito, os araujenses diferem dos santo-antonienses quanto à manutenção de alguns costumes tradicionais que são repassados aos reinadeiros de geração a geração. Isso não significa dizer que lá não haja um processo de evangelização por parte da igreja, uma vez que os agentes da igreja também participam ativamente do reinado, sobretudo nos ritos religiosos com as missas e os cortejos. Porém, o fato de as refeições serem servidas

nas casas e não num espaço coletivo, como é o salão do reinado, permite uma maior espontaneidade e descontração.

Por último, em se tratando de mudanças nos dois festejos na atualidade, não poderia deixar de mencionar a pandemia do novo coronavírus (COVID-19). A doença de alcance global atingiu em cheio as festas de reinado, e todas as manifestações festivo-populares cuja característica principal de sociabilidade é a aglomeração de pessoas. Nesse sentido, atendendo às orientações das autoridades em vigilância sanitária, as Diretorias das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte e em Araújos decidiram por não celebrar o reinado em 2020, nos moldes tradicionais, ou seja, com aglomeração de pessoas nas ruas e nos espaços com igrejas, praças e salões.

Mesmo diante das adversidades impostas pelo atual cenário, a Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte não deixou de comemorar os festejos de reinado. Para isso, fez-se uso de carreatas ao invés de cortejos, e lives, que foram transmitidas pelo canal do YouTube, evitando assim aglomerações. O projeto denominado “Congado traz esperança” ocorreu no período de 13 a 16 de agosto, datas da celebração da festa. Os organizadores montaram um cenário com altares e os santos reinadeiros na área de lazer do condomínio Valter Ferrão, onde as congadas se apresentaram. Para isso foram seguidos os protocolos de segurança como distanciamento entre os dançadores e uso de máscaras. Além das apresentações foram realizadas entrevistas com os capitães de ternos de congadas mais antigos, reis e rainhas perpétuos e congos e também com alguns reis e rainhas festeiros, que expuseram suas trajetórias. Também foram comercializadas as *comidas reinadeiras* através do serviço de entregas, que as pessoas ligavam ou faziam os pedidos através do WhatsApp. Durante o encerramento do reinado os devotos percorreram as principais avenidas de carro e, ao parar em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi efetuado o descimento dos mastros. Como disse Dinho, a festa não passou em branco, apesar de não ter pessoas se confraternizando nas ruas.

A comissão organizadora da Festa de Reinado em Araújos também decidiu por não realizar o evento. Contudo, celebrou, sem aglomeração de pessoas o ritual de levantamento dos mastros em frente à Igreja Matriz, que contou com presença dos três capitães de congada local, a rainha perpétua, o rei congo e o padre. No dia 30 de agosto, seguindo o calendário festivo, aconteceu uma carreta com as imagens dos santos reinadeiros e os membros da corte real trajando seus figurinos de rei e rainha, pelas principais ruas e avenidas da cidade e, por fim, a descida dos mastros. Nesse sentido, seguiu-se os mesmos propósitos da diretoria da irmandade santo-antoniense de não deixar os festejos passarem em branco.

Por fim, após refletir sobre as festas de reinado do passado, seus rituais, as transformações e adaptações pelas quais passaram para continuar existindo, o capítulo terceiro discute através da observação participante as ações e eventos promovidos pelos grupos envolvidos na organização da festa. Refiro-me aos processos de mobilização, agenciamento e parcerias que ocorrem durante a fase de preparação da festa seja com intuito de divulgar e manter a comunidade envolvida seja para obter recursos materiais para financiar a celebração.

3 PREPARATIVOS E ORGANIZAÇÃO DA FESTA DE REINADO

Para compor esse capítulo farei um percurso que talvez seja invisível para uma parcela significativa dos moradores da cidade de Santo Antônio do Monte, qual seja, os eventos que acontecem na festa de reinado e que são imprescindíveis para sua realização. É uma forma de acompanhar e ver de perto como o festejo acontece. Isso porque, como diz Fleischer (2020, p. 21), os estudos antropológicos primam por “ver de perto, estar no terreno onde os fenômenos acontecem, ouvir diretamente das pessoas que estão vivendo tudo aquilo”.

Nesse sentido o objetivo é realizar uma etnografia das instituições que organizam os festejos, os diversos ritos, os espaços rituais, os atores e como estes estão envolvidos nas fases de preparação e elaboração da festa de reinado nas duas cidades. Em linhas gerais, abordarei as atividades que aconteceram durante o ano e como elas se relacionavam com as estruturas e os eventos celebrativos dos reinados. Durante meu percurso pelos micro eventos contei com a colaboração dos integrantes da diretoria da irmandade, voluntários da cozinha, e congadeiros envolvidos diretamente com a organização da festa. Enfim, exponho como são as festas de reinado na atualidade, a partir de descrições etnográficas dos principais acontecimentos e passagens que integram os festejos, sobretudo os preparativos. Em virtude de não ter realizado uma etnografia semelhante dos preparativos da festa de reinado em Araújos, as comparações que realizei no decorrer do capítulo foram produzidas com base nas entrevistas com os organizadores do festejo, reis e rainhas e capitães de ternos de congadas.

Antes de prosseguir com a descrição das estruturas que antecedem as festas de reinado, contextualizo e historicizo as irmandades de Nossa Senhora do Rosário, instituições civil-religiosas, fundamentais na realização dos festejos de reinado.

3.1 As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e suas funções

A presença de entidades religiosas formadas por devotos e simpatizantes que compõem a seara de seres celestiais elegidos pela Igreja Católica, cuja ênfase recai na organização das celebrações em homenagem a divindades que integram o catolicismo popular, é recorrente em alguns países que integram os continentes europeu e americano. Refiro-me às festas de santos lusitanas estudadas por Sanchis (1983) e Leal (1994) e ao papel das irmandades ou “cofrarias” responsáveis por orquestrar e realizar os festejos de santos no México, discutido por Monaghan (1996). Os autores oferecem subsídios para compreender a magnitude das festas em louvor aos santos católicos, conduzidas por populares – mas sempre sob o olhar vigilante dos agentes

eclesiais e sob a direção das irmandades–, permitem também que se observe a existência de elementos em comum com o contexto festivo brasileiro.

Em seus estudos, Leal (1994) descreve a existência de irmandades ligadas à Igreja Católica, que atuam de modo formal e são conduzidas por agentes institucionais e, outras, cuja posição na comunidade possui um caráter mais informal. O trecho a seguir mostra essa diferença.

Entre estas destacam-se, para além da Comissão Administrativa da paróquia e da catequese, a irmandade das Almas e a irmandade do Sagrado Coração de Jesus. A primeira tem como objetivo (sic) fundamental assegurar um certo número de missas de sufrágio pelas almas dos irmãos já falecidos. A segunda visa promover formas de devoção em relação ao Sagrado Coração de Jesus, cuja festa constitui a festa «patronal» da freguesia. Simultaneamente a estas modalidades institucionais, desenvolve-se um conjunto de outras formas de religiosidade de características mais independentes, ligadas a celebrações cíclicas, a devoções pessoais aos santos ou à Virgem, a práticas e crenças relacionadas com a morte, etc... Nestas várias formas de religiosidade, um motivo é particularmente importante: a promessa como instrumento regular e privilegiado de relação com Deus. É por seu intermédio que cada indivíduo e cada casa tenta resolver muitos dos pequenos e grandes problemas com que se defronta (LEAL, 1994, p. 67-68).

O segundo tipo de irmandade é o caso que mais se aproxima do modelo de entidade religiosa dedicada à promoção das festas de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, de que trata esta tese.

As contribuições acerca das festas de santos trazidas por Monaghan (1996), cujos estudos abordam as trocas realizadas durante os festejos na cidade de Santiago de língua mixteco nuyoo, no estado mexicano de Oaxaca, no sul do México, igualmente oferecem elementos que ajudam a ampliar a compreensão sobre o papel das irmandades. Em território mexicano as irmandades também podem variar de tamanho e sentido. Nesse caso, Monaghan (1996) descreve pelo menos dois tipos de “irmandades”: a primeira é dedicada à organização aos cultos de santos particulares, cuja organização mobiliza apenas o pequeno núcleo familiar, a segunda, mais geral, é encarregada pelos cultos coletivos. Porém, ambas têm o propósito de manter vivas as festividades religiosas.

As *cofrarias* [irmandades], geralmente possuem cinco ou seis cargos, cujos deveres são compartilhados entre esposas e maridos. Cada casal é responsável por contribuir com tempo e recursos financeiros para o santo da irmandade, culminando no patrocínio de uma festa no dia santo festeiro. As *mayordomias* [festeiros] também organizam cultos de santos, mas geralmente são mais numerosas que as *cofrarias*. Ao contrário das *cofrarias*, apenas um casal serve como mordomo em algum momento. Não há, portanto, uma hierarquia interna de cargos na *mayordomia* como existe em uma *cofraria*, e em vez de cinco ou seis famílias patrocinando a festa de um santo,

apenas uma família assume a responsabilidade (MONAGHAN, 1996, p. 502. Observações minhas entre colchetes. Tradução minha⁴³).

Ambos os arranjos que estruturam as festividades religiosas lusitanas, em homenagem a santos, suscitam de algum modo aproximações com as formas que encontrei nas festas de Reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújos. Refiro-me às irmandades que organizam os eventos e os personagens dos reis e rainhas festeiros, ou festeiro e festeira, por serem eles os responsáveis por mobilizar, recolher e transformar recursos materiais em alimento para os congadeiros nos dias de festas.

Após o preâmbulo, que consistiu em apresentar a existência de agremiações religiosas que se encarregam de organizar as festas de santos em outros contextos, dedico-me a partir de agora às irmandades religiosas no Brasil e, em especial em Minas Gerais.

Essas instituições tiveram um papel preponderante para a perpetuação do poder da religião católica, que mantinha estreita relação com a principal atividade econômica, a mineração, cuja base era forjada no trabalho escravo. As irmandades, portanto, aliadas a outras instituições exerciam um tipo de controle, se não total, pelo menos de amplo espectro sobre a população. A ponto de os sujeitos só serem reconhecidos se estivessem vinculados a tais entidades. Além disso, elas operavam como instrumento ideológico para a manutenção da cultura escravocrata vigente no período da colonização. De acordo com a literatura que versa sobre o assunto (RAMOS, 1949, 1954; BASTIDE, 1971; SILVA, 2010; COSTA, 2012), os termos confrarias, corporações, agremiações e associações religiosas são citados amplamente como sendo sinônimos.

As irmandades leigas tiveram um protagonismo expressivo na religiosidade da Capitania de Minas Gerais. Elas conduziam a vida religiosa, realizavam as festas, as procissões e os cortejos fúnebres. No território mineiro as Irmandades do Rosário mais antigas datam do século XVIII. De acordo com Borges (1999, p. 15), “a primeira foi fundada em São João Del Rey em 1708. A capela de N.S. do Rosário de Ouro Preto data de 1711 e a de Sabará foi erigida em 1713”.

Segundo Roger Bastide (1971), ao contrário do que ocorreu na Europa, onde corporações atuavam junto aos trabalhadores formados por brancos inferiores e negros livres,

⁴³ *Cofradías* usually have five or six ranked positions, or cargos, each of which has duties that a husband and wife share. Each married pair in the *cofradía* is responsible for contributing time and resources to the *cofradía's* saint, culminating in the sponsorship of a fiesta on the saint's feast day. *Mayordomías* also organize cults of saints, but are usually more numerous than *cofradías*. Unlike *cofradías*, only a single couple serve as *mayordomo* at any time. There is therefore no internal hierarchy of cargos in a *mayordomía* as there is in a *cofradía* and instead of five or six households sponsoring a saint's fiesta, only one household assumes the responsibility.

no Brasil, elas focam apenas nas festas. Observa-se que o funcionamento das confrarias apresentava especificidades, dependendo do contexto onde atuavam. Nesse sentido, afirma o sociólogo francês Bastide (1971, p. 164) que “enquanto no Nordeste dos engenhos do século XVII a religião é uma religião doméstica, nas minas do século XVIII a religião é uma religião de confrarias”. O autor ainda acrescenta que “as confrarias eram extremamente numerosas, ciumentas umas das outras, em concorrência mútua, para ver qual ornaria melhor sua capela, qual seria mais poder, qual seria a mais rica. E que os homens de côr [sic] se contagiaram por esse movimento” (BASTIDE, 1971, p. 164).

O fato de existir confrarias formada por pessoas brancas, que não permitiam a participação de pessoas não-brancas fez com que os negros criassem suas próprias irmandades, conseqüentemente, erigindo capelas dedicadas a santos e santas também negros, como é o caso de São Bendito e Santa Efigênia. Desse modo, ressalta Arthur Ramos (1954), que as irmandades negras possuíam uma estreita relação com os rituais de coroação dos reis congos, conseqüentemente, com as festas de reinados, característica que lhe confere “uma herança de um costume histórico na própria África e ainda repetido no Brasil” (RAMOS, 1954, p. 82-83). O autor prossegue descrevendo o processo de formação e constituição das confrarias, sobretudo, no que se refere aos atores que compõem os cargos e as personagens que as integram.

Os reis Congos segundo as informações de Pereira da Costa, eram negros, eram escolhidos por eleição geral procedida entre os próprios negros. Tinham a sua côrte (sic), os seus secretários, mestre de campo, arautos, serviço militar, etc. Cada cabeça de comarca possuía o seu rei e rainha e, após a eleição, era feita a cerimônia solene de coroação e posse no dia da festa de N. S. do Rosário (RAMOS, 1954, p. 83).

Embora resguardadas as devidas diferenças, é possível observar que, apesar de passados alguns séculos da existência da manifestação religiosa e cultural, algumas aproximações entre elas permanecem nos dias atuais, como os cargos que compõem as *diretorias das irmandades*⁴⁴ e a coroação de reis e rainhas. É interessante observar ainda, conforme escreve Edson Carneiro (1964, p. 87), que “as primeiras confrarias do Rosário compunham-se exclusivamente de negros vindos de Angola, e às vezes constava dos seus estatutos, a exigência expressa da afiliação

⁴⁴ A diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antonio do Monte, segundo consta no artigo nº ...Estatuto de 2017, é constituída pelos seguintes cargos: Presidente e vice-presidente, primeiro e segundo secretário, e primeiro e segundo tesoureiro. Também faz integra à estrutura organizacional da entidade o Conselho Fiscal. Já em Araújo, de acordo com artigo nº 16, do estatuto de 2010, compõem a diretoria: um rei congo e uma rainha conga, um rei preto e uma rainha preta, um presidente e um vice-presidente do conselho diretor, um primeiro e um segundo secretários gerais, um primeiro e um segundo tesoureiros, um marechal, um general, um major, um delegado, um fiscal geral, um meirinho para cada equipe de corte, um guarda para rainha da coroa, um alfeire de bandeira para cada equipe de corte, e capitães de corte. Cabe destacar que principal motivo da atualização desse estatuto em 2020, do qual não tive acesso, foi suprimir o número de cargos, alguns inclusive não têm mais efeito prático nos reinados atuais, conforme destacou Orlando, diretor da irmandade.

tribal”. Tal constatação mostra, por exemplo, que “a religiosidade do negro em Minas esteve na dependência das Confrarias (...), através das Irmandades, a Igreja estende seus braços sobre o povo mineiro, engendrando o catolicismo de confraria” (GOMES; PEREIRA, 1988, p. 20).

De acordo com Bastide (1971) a confraria do passado desempenhou duas finalidades. A primeira era a permissão de negros assumirem os cargos de reis e rainhas, a outra “era assegurar a cada membro uma sepultura e um entêrro adequados” (BASTIDE, 1971, p. 167). Contudo, apesar da ênfase que é dada ao caráter assistencialista das irmandades negras, é crucial atentar para fato de que elas constituíram, segundo Boschi (1986), espaços também políticos, que permitiam demarcar as lutas e resistências dos afrodescendentes contra o modelo escravocrata vigente à época. Nesse caso, verifica-se o sentido de cunho social que favorecia o processo de filiação às irmandades, por parte da população negra composta pelos indivíduos livres.

Ao analisar a trajetória das irmandades negras, Silva (2010) aponta como sendo um dos legados delas o fato de manterem viva a tradição das festas do reinado ao longo dos séculos.

Os registros deixam entrever que, se por um lado as irmandades representaram um meio que possibilitou ao contingente afro integrar-se, de algum modo, à sociedade colonial; por outro, constituíram-se em um espaço intersticial que favoreceu àquele segmento manter viva e preservada as suas tradições culturais e religiosas (SILVA, 2010, p. 24).

E não é sem propósito que atualmente as irmandades do Rosário em Santo Antônio do Monte e em Araújos, com as quais mantive contato direto, são as principais entidades responsáveis pela organização e realização das festividades em homenagem aos santos reinadeiros. Tal característica evidencia que sua capacidade de promover as festas não é recente, vem dos tempos antigos. Assim, à medida que algumas “finalidades das confrarias” (BASTIDE, 1971) caíram em desuso, como é o caso da promoção de uma boa morte aos membros associados, outras ainda permanecem nos dias de hoje, reforçando o sentido de uma grande família composta por irmãos na fé em Nossa Senhora do Rosário. É o caso das irmandades das duas localidades, cujos membros se reconhecem como uma espécie de irmãos ou *irmandados*. Também é comum usarem a saudação “Salve, Maria!”, quando se encontram.

Assim, seguindo essa linha de pensamento, Borges (1997) concorda com Silva (2010) acerca da importância das irmandades para a preservação das festas de reinado como uma expressão religiosa-cultural, ao ressaltar que “as irmandades religiosas permitiram a conservação de crenças, tradições e valores africanos” (BORGES, 1997, p. 16).

Ambas as irmandades em concordância com seus associados têm liberdade para gerir e decidir de que forma usarão os recursos adquiridos através de esmolas, repasses públicos e

outros, nas festas. Enquanto a irmandade em Araújos aluga seu salão para a realização de eventos particulares como recepção de casamentos, aniversários e festas de final de ano, a entidade em Santo Antônio do Monte realiza eventos beneficentes, utilizando as dependências de sua sede para obter recursos financeiros que serão revertidos em benefícios para apoiar a festa de reinado.

Em Serra do Salitre (MG), Costa (2012) também observou que, se por um lado, a irmandade perdeu alguns de seus propósitos, sobretudo a função assistencialista, por outro lado ressignificou e alargou alguns significados tradicionais, passando a ser entendida com uma grande família. Nesse sentido, “tanto as irmandades quanto os ternos de congada são percebidos pelos integrantes como famílias rituais ou simbólicas” (COSTA, p. 239). O caráter familiar que permeia as relações de sociabilidade entre os diversos grupos e atores envolvidos com as festas de reinados será mais detidamente abordado no capítulo 5.

Atualmente, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte e na cidade vizinha, instituições civil-religiosas com status de associação, são responsáveis pela organização e realização dos festejos de reinado. Por trás das irmandades há um corpo técnico burocrático conhecido por diretorias, responsáveis pelas atividades administrativas. Além dos cargos tradicionais como presidente e vice-presidente, o secretário e o tesoureiro, que são recorrentes na formação das irmandades, há outras estruturas de controle como os conselhos fiscal, patrimonial etc. Para cada posto há a figura de um vice ou um segundo para representar o titular em casos de ausências.

Além da composição desses cargos, que são escolhidos através de eleições, em Santo Antônio do Monte a irmandade também possui algumas comissões cujos membros são encarregados de definir e implementar atividades relacionadas ao processo de organização, preparação e realização da festa de reinado.

Fotografia 19: Diretoria da irmandade e a comissão organizadora



Legenda: Membros da diretoria e equipes de apoio em frente à Igreja do Rosário, durante a festa de reinado em Santo Antônio do Monte. Fonte: Fotografia de Dinho/Acervo pessoal (2019).

Integram ainda a entidade os membros da corte real formada pelos reis e rainhas perpétuos e congos, e os capitães e capitãs dos ternos de congada, merinhos, marechais, coronéis, fiscais e outros. Segundo os estatutos das duas irmandades, esses atores compõem o corpo de associados e, portanto, têm direito de participar dos processos de eleições para as escolhas de seus representantes. Contudo, é dever dos capitães e capitãs seguir rigorosamente as regras impostas pelos dirigentes das irmandades, uma vez que sua institucionalização e reconhecimento perante a comunidade depende de seu vínculo associativo com ela. Inclusive, para que um novo grupo de dançadores seja criado é preciso a chancela da irmandade, que decidirá em plenária pela aceitação ou não.

De acordo com o presidente Dinho, promover a realização dos festejos de reinado é uma das principais atribuições da entidade. Afirmativa que está alinhada com o Artigo 2º, inciso I, do Estatuto Social da irmandade (2017). Porém, há outras ações que visam a boa convivência entre os congadeiros, a irmandade e a comunidade, e a preocupação com a manutenção de uma moral religiosa-cristã que seja compatível com os interesses da Igreja. E foi justamente por observar que a irmandade realizava diversas atividades beneficentes ao longo do ano, que resolvi participar de seus eventos.

Nesse sentido, conforme sugeri anteriormente, percorro os diversos eventos relacionados com o reinado para perceber os múltiplos arranjos que são engendrados e que garantem a continuidade da festa ano após ano. Para conhecer a dinâmica do reinado, a aproximação com a irmandade foi crucial, já que todas as estratégias e atividades que acontecem antes, durante e após as festas de reinados são responsabilidade do corpo burocrático-administrativo que compõe a associação civil-religiosa.

3.2 Os preparativos para o reinado: os ritos que antecedem a festa

3.2.1 As reuniões ordinárias no salão da irmandade

As reuniões ordinárias envolvendo os membros da diretoria e do conselho fiscal acontecem uma vez por mês, ao passo que as extraordinárias podem ocorrer por determinação do presidente da irmandade. Em Santo Antônio do Monte as sessões sempre acontecem no galpão da Irmandade do Rosário. Há alguns anos ficou estabelecida uma regra que fixava o dia das sessões à primeira ou à última segunda-feira de cada mês, de modo que todos os participantes sabiam com antecedência do compromisso assumido e que, portanto, não se comprometeriam com outra atividade. Porém, atualmente embora fossem mantidas as reuniões

mensais, Dinho afirmou que fazia uso das redes sociais (WhatsApp e Facebook) para manter uma comunicação direta e em tempo real com os integrantes da irmandade. As facilidades tecnológicas permitiam ao mesmo tempo maior flexibilidade quanto à escolha dos horários e mais agilidade na comunicação. Apesar de as reuniões serem direcionadas à comunidade reinadeira, mais especificamente aos sujeitos que lidam diretamente com o reinado, ela acontecia de forma aberta, permitindo o acesso livre de qualquer morador às discussões e às decisões que eram definidas em assembleias.

Como já acompanhava a festa como simpatizante desde 2011, já conhecia mais ou menos quais eram as pessoas que estavam à frente da organização da festa. Meu primeiro contato com a diretoria da irmandade foi através das reuniões, que são abertas à população e acontecem no galpão da irmandade. Lembro-me que a primeira vez que participei da reunião da irmandade foi no início do ano 2014. O fato de estar na cidade recentemente, portanto, me sentindo como um forasteiro, fez com que eu me aproximasse dos espaços do reinado, inicialmente como curioso. Comecei pela fase da preparação, os estágios que muitas pessoas desconheciam. Porém, alguns dias antes, ao encontrar o Dinho na rua, apresentei-me e falei que gostaria de assistir às reuniões da irmandade. Nessa época não pensava estudar o reinado. Ele acolheu meu pedido e no dia do evento eu compareci.

Entrei e me sentei um pouco distante, mas que dava para ouvi-los. Na ocasião já havia alguns poucos participantes, inclusive os membros da diretoria entre eles, o presidente e a secretária. Momentaneamente um fato chamou-se a atenção, o público era predominantemente masculino, o que não difere muito do perfil dos participantes das reuniões conforme o registro das atas das décadas de 60 e 70. Aos poucos, ao participar das sessões seguintes, percebi que a presença dos homens era maior que a participação das mulheres. Além da secretária da diretoria, cuja atividade consistia em relatar os assuntos discutidos, as duas capitãs dos ternos de congadas que estavam em estágio probatório também participavam das reuniões. A reunião aconteceu no espaço reservado aos convidados dos reis festeiros nos dias de festa, onde ficam alguns bancos inteiros, semelhantes aos que existem nas igrejas.

Como era de praxe antes do início da reunião rezou-se o terço. A reza era iniciada por algum membro da mesa diretora que, em seguida, passava a vez para o outro, que conduzia a reza, e os demais respondiam em forma de coro. O terço⁴⁵ foi tirado (rezado) coletivamente, à medida que cada participante rezava um mistério composto por dez ave-marias e um pai nosso,

⁴⁵ A dinâmica da reza era distinta da ocorrida nos terços rezados na comunidade rural onde eu nasci, que os *tiradores de terços*, Zefinha Dantas e seu irmão, Manoelzinho Dantas, conduziam as rezas, e os fiéis respondiam.

passava-se a vez para o colega ao lado, e assim sucessivamente. Após a reza os trabalhos começaram.

Apesar de ser minha primeira aproximação, digamos mais orgânica, com as pessoas que trabalhavam arduamente para promover a festa de reinado, deu para perceber que havia uma ausência significativa de capitães de ternos de congadas, e que entre os participantes existia algumas tensões e disputas. Nesse sentido, participar das reuniões ajudou-me a perceber os conflitos internos entre os diversos sujeitos e a instituição. Disputas que se avultavam entre grupos, entre capitães, entre estes e os membros da diretoria e vice-versa, e ainda divergências de opiniões em relação à festa de reinado em Araújo. Foi numa dessas reuniões mensais inclusive que um capitão de terno de moçambique (hoje afastado do posto) falou-me que seu grupo não participava do reinado vizinho, porque lá os festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário tinham se transformado em “carneval”. Parece-me que ele quis dizer que embora se trate de um brinquedo, sua brincadeira é séria, na medida que diz respeito a reverenciar aos santos. Brincar reinado não deve ser confundido com diversão. Conforme observou Lopes (1995, p. 28) “brincar sempre, mas não confundir brincadeira com respeito ao santo parece ser um lema”. Por outro lado, o discurso também podia ser interpretado a partir de uma perspectiva de disputa, cuja intenção era a valorização de uma festa em detrimento da outra. Foi em princípio a fala do ex-capitão que me fez ter a curiosidade de ir verificar o festejo *in loco*, ainda em 2014. Foram, portanto, as reuniões da irmandade que me apontaram por onde seguir em busca dos sinais do reinado.

As irmandades, por congregar diversos grupos e representantes, ambos marcados por pontos de vista e interesses distintos, não são ambientes simples. Pelo contrário, são tensos e complexos. À medida que minhas incursões em campo avançavam, principalmente quando decidi entrevistar alguns capitães e capitãs de congadas, os afetos vinham à tona. Há, portanto, uma dimensão política que perpassa os meandros das irmandades, sobretudo a partir do momento que os grupos lutam por assegurar o controle sobre a manutenção de uma prática cultural e religiosa.

O sentimento de luta (árdua), perseguido por seus integrantes, pode ser observado através dos discursos de alguns reinadeiros: “não podemos deixar a festa morrer!”⁴⁶ Daí, a

⁴⁶ Em 2020, em virtude da pandemia do coronavírus (COVID-19), a diretoria da Irmandade do Rosário em Santo Antônio do Monte resolveu adiar a Festa de Reinado, que tradicionalmente ocorre no mês de agosto, para o mês de outubro. No entanto, os dirigentes mudaram de opinião, e mantiveram o calendário dos festejos. Para isso, o ritual passou por algumas adaptações: durante o levantamento dos mastros, que ocorreu no dia 12 de julho, ao invés de uma procissão, foi realizada uma carreata, evitando assim aglomerações de pessoas. Ao ser questionado por mim o que teria provocado a mudança de planos, Dinho, foi direto ao afirmar que foi para não deixar a festa

importância para os envolvidos de *fazer a festa*, e não simplesmente delegá-la a terceiros. Segundo Dinho, o engajamento em todos nos eventos, que acontecem durante o ano, contribui para que o reinado não fique totalmente dependente da ajuda do poder público. Contudo, há uma questão simbólica inerente às festividades religiosas: que a doação seja através de trabalho voluntário seja através de recursos materiais, como forma de agradecimento aos santos pelas graças alcançadas ou simplesmente pela dádiva da vida. Embora a irmandade esteja aberta para receber recursos públicos oferecidos pelo poder executivo municipal, tanto a organização como a realização dos festejos ficam sob seu controle. Por isso que ao longo do ano são promovidos vários eventos no galpão com a finalidade de levantar recursos financeiros para subsidiar a festa. Sobre as dinâmicas dos eventos detalharei mais adiante.

Outra pauta de luta que compõe a agenda dos irmanados santo-antonienses diz respeito à manutenção da concepção tradicional ou essência do reinado: o foco na parte religiosa em detrimento da parte de lazer. Suponho que para os reinadeiros a resistência em delegar a agentes públicos a responsabilidade de realização da festa, principalmente no que tange à dependência de recursos materiais, reside no temor de haver perda nos princípios religiosos do reinado. Isto é, os rituais e saberes que ligam o passado e o presente, e, portanto, fundamenta a celebração.

Contrariamente à cidade vizinha, os dirigentes da Irmandade do Rosário em Araújo pareceram-me não ter a mesma preocupação com perda de uma possível essência religiosa inerente ao reinado. Isso porque, segundo Bila, rei congo, a festa é feita para agradar os diversos públicos que a prestigiam, conseqüentemente, é necessário a coexistência da parte religiosa e da parte de lazer. Além do mais, observei que há entre os dirigentes da entidade promotora do reinado e a prefeitura municipal uma relação bilateral, que pode ser evidenciada através de algumas parcerias. Entre elas estão a transferência de recursos públicos para a irmandade, a doação dos recursos oriundos da locação das barracas da feira e a compra das fardas dos congadeiros dos três ternos de congadas existentes na cidade.

Durante minha participação numa outra reunião fui convidado pelo vice-presidente, Dinho⁴⁷, para apresentar-me. Até então, minha participação tinha sido marcada apenas como expectador e observador dos trabalhos. Em seguida, falei que era professor e que gostaria de conhecer mais de perto os trabalhos que eram realizados durante o ano, cujo foco era a festa de reinado. Porém percebi que alguns dos presentes olharam-me com ares de desconfiança,

cair no esquecimento. Portanto, observa-se a evidência de um compromisso que se renova a cada edição da festa, ao colocar o reinado na rua.

⁴⁷ Na época Dinho estava como vice-presidente da irmandade e, sua esposa, Nena, como presidente.

contudo, encarei o episódio como um pequeno avanço rumo à construção de um contato. Assim, fui cada vez mais me fazendo presente e sempre que podia participava das reuniões.

Mesmo que eu tivesse a autorização do presidente da irmandade para participar das reuniões, para os presentes eu era um estranho (e talvez ainda seja). Para uns, talvez, eu não passava de um estranho bisbilhoteiro, para outros eu era simplesmente indiferente. Porém, persisti e aos poucos fui me fazendo ser visto pelos participantes das reuniões. Costumava ficar a certa distância, ouvindo as discussões e aproveitando para fazer algumas anotações. Até que com o passar dos tempos fui deixando de “representar um elemento perturbador” (MALINOWSKI, 1978) entre os congadeiros.

Apesar de não compartilhar por completo do incômodo o qual relatou Malinowski (1978), na tentativa de estabelecer os primeiros contatos com os povos nativos que pesquisou, a sensação que senti era um pouco semelhante. O relato do etnógrafo demonstra de fato a importância do contato para o trabalho de campo. Disse ele: “Lembro-me das longas visitas que fiz às aldeias; do sentimento de desespero e desalento após inúmeras tentativas obstinadas, mas inúteis para tentar estabelecer contato real” (MALINOWSKI, 1978, p. 19). Portanto, a construção do processo que envolve o contato com o outro requer persistência e perseverança. Nesse caso, o acesso às reuniões serviu como porta de entrada para compreender a outra face do reinado: os preparativos, por exemplo. Estes, por seu turno, acabaram me mostrando as pistas para o acesso aos significados dos rituais que compõem o reinado, as lideranças dos ternos, bem como os espaços utilizados pela comunidade reinadeira durante a festa.

Esse processo, independente do contexto de pesquisa etnográfico, é lento e requer paciência, pois envolve sentimentos de confiança e troca. Trocas, por sinal, de várias naturezas, e que exigem a participação de ambos os envolvidos, pesquisador e pesquisado. O contexto de pesquisa, portanto, é o tempo todo permeado por negociações.

Conforme relatei anteriormente na introdução, numa determinada reunião, ao final da sessão, pedi a palavra ao presidente para perguntar aos presentes se eles tinham conhecimento sobre o processo de patrimonialização das Congadas de Minas, que estava em curso pelo Iphan. O fato de realizar a intermediação entre irmandade e o instituto acerca do processo, que estava em curso à época, e que ainda não foi finalizado, facilitou minha inserção nos assuntos relacionados ao reinado. Essa foi a maneira que encontrei para entrar no universo dos irmãos do Rosário. Porém, ainda não me sentia *aceito* de acordo com o sentido do termo discutido por Geertz (1989).

Depois disso, ainda em 2014, ajudei o Dinho a construir uma proposta para inscrever a Festa de Reinado em Santo Antônio do Monte no Edital Prêmio Culturas Afro-Brasileiras, da

Fundação Palmares⁴⁸. Na ocasião, foi realizada uma reunião com os associados para comunicar sobre a ação e também coletar as anuências através de assinaturas. Tive a oportunidade de falar aos presentes sobre o que se tratava e como é a dinâmica dos concursos através de editais e tirar algumas dúvidas. A proposta não foi contemplada, porém o fato de eu ter colaborado na mobilização dos congadeiros ajudou a reforçar minha presença nas reuniões e também nos eventos beneficentes realizados pela irmandade.

Embora na maioria das reuniões que acompanhei a ausência de público fosse evidente, em outras, como era o caso das reuniões pré e pós-reinado, o aumento no número de associados presentes surpreendia. O lado bom foi que pude conhecer muitos dos capitães dos ternos de congadas, que não costumavam participar das reuniões ocorridas ao longo do ano. Após a festa de reinado as reuniões de prestação de contas eram sempre as mais tensas e conflituosas. Era um momento que a diretoria ouvia as reclamações que iam desde o familiar de um determinado capitão que foi barrado na portaria do salão, por não ter ingresso, até denúncia de que um determinado terno deixou de cumprir um compromisso. Porém, era também um momento de receber as críticas e aprimorar para a festa seguinte.

O aumento de participantes nas reuniões de pré-reinado também pode ser explicado por ser o momento destinado à entrega das pastas aos capitães de cada terno de congadas, contendo os compromissos a serem cumpridos, os horários dos almoços e jantares, os locais de saídas dos cortejos (Ver Anexo A). Geralmente durante as sessões acontecia o rateio de recursos financeiros entre os capitães dos ternos cujos dançadores conseguiram vender as senhas dos dois almoços beneficentes realizados durante o ano. Era também o momento para reforçar aos presentes o foco na postura moral dos congadeiros, condizente com o *modus operandi* da igreja durante a festa. Entre elas destacavam-se a importância de cada integrante dos ternos confessar-se e comungar, participar ativamente das missas, e evitar o consumo de bebida alcoólica.

A Portaria n. 1, de 13 de junho de 1961 (Ver Anexo B), documento registrado em ata, que normatiza a primeira festa após sua proibição, e que antecede o Estatuto Social da Irmandade do Rosário em Santo Antônio do Monte, determina que todos os capitães de ternos e seus soldados (dançadores) deverão comparecer às missas nos dias de festa. Seguindo essa perspectiva, observei através das atas que um dos pontos recorrentes nas pautas das reuniões, realizadas antes dos festejos de reinado naquela década, era a preocupação de reforçar a obrigatoriedade dos dançadores nos rituais oficiais da igreja, sobretudo, nos sacramentos de

⁴⁸ O nome da ação inscrita foi “Projeto de Fomento e Fortalecimento das Congadas: Encontros de Congadeiros de Santo Antônio do Monte e Região”.

confissão e comunhão⁴⁹. No geral, é perceptível a existência de um controle institucional, numa parceria entre irmandade e igreja, com o objetivo de manter uma ordem religiosa.

A última reunião que acompanhei foi realizada no final do mês de maio de 2019, e teve como novidade a presença do recém-chegado ao município, o pároco da Igreja Matriz de Santo Antônio, Pe. Luiz Henrique, que veio para ocupar a vaga deixada por Pe. Adelize. Na ocasião também estiveram presentes a rainha e o rei perpétuos, Ana Flávia e Betinho, e as dirigentes dos ternos recém-criados, Congada Rosário de Maria e Congada São Benedito, de Tida e de dona Aparecida. Esta foi a única sessão que participei com a presença de membros da igreja.

Fotografia 20: Reunião da diretoria da irmandade



Legenda: Reunião de boas-vindas ao novo pároco. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Em linhas gerais, a presença do novo padre teve duas finalidades. A primeira, talvez a principal, foi conhecer e se inteirar sobre o que é a festa de reinado, como acontece e qual a participação da igreja, pois, no seu discurso, só conhecia a festa de ouvir falar a respeito. Na ocasião, mostrou-se interessado em conhecer e apoiar o festejo. A segunda era para reforçar o discurso evangelizador com foco nos congadeiros, empreitada que já vinha sendo posta em prática tanto pela diretoria como pelos membros locais da igreja. Após a reunião, Dinho me apresentou e falou para o pároco que eu estava desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sobre a festa de reinado. Em seguida, pedi permissão à mesa e aos presentes para agradecê-los pela oportunidade de conhecer o reinado nos seus meandros e aproveitei para anunciar que iria mudar de cidade, mas que manteria contato. E que, ao finalizar a pesquisa, retornaria para compartilhar os resultados.

Iniciado a partir de minhas participações nas reuniões da diretoria da irmandade, o processo de apropriação dos caminhos da festa de reinado foi se alargando e me conduzindo a

⁴⁹ A Ata da reunião da irmandade ocorrida no dia 4 de julho de 1965 diz que a pedido do vigário todos os brincadores terão de se confessar e comungar antes da festa. Por seu turno, o Estatuto de 1977, no artigo 4º, determina entre outras medidas a expulsão de dançadores de terno de congada por fazer uso de bebida alcoólica.

outras atividades que a irmandade realizava. Refiro-me aos eventos promovidos com fins a arrecadar fundos para investir na realização da festa. Destacarei os almoços beneficentes e os festivais de truço. Infelizmente não acompanhei as atividades que antecederam a festa de reinado em Araújos. O material etnográfico que disponho foi coletado com base nas visitas que realizei durante o domingo de reinado, considerado o ápice do festejo quando a cidade recebe os ternos de congadas das cidades vizinhas. Portanto, o exercício comparativo entre as duas festas será baseado nas entrevistas que realizei com os membros da irmandade.

3.2.2 O almoço beneficente com comidas reinadeiras

Geralmente a irmandade promove dois almoços de reinado, fora do período da festa, um no início do ano e outro no mês de junho, ambos realizados em um domingo. Se as reuniões da diretoria da irmandade me apresentaram aos eventos, estes, por seu turno, levaram-me até o *coração do reinado*, a cozinha onde são preparadas as comidas da festa. Como a característica principal desses eventos é angariar recursos para investir na festa de reinado, as *comidas reinadeiras* que foram preparadas, ao contrário do que ocorre durante o reinado, são comercializadas. A venda das senhas de acesso ao almoço era feita de duas formas. A primeira, consistia na distribuição de senhas aos capitães de ternos, e este, por sua vez, repassariam a seus dançadores, que se encarregaram de comercializar entre amigos e familiares; a segunda, são as vendas diretas feitas por membros da diretoria. Lembro-me que para o evento que aconteceu em 2019 vendi dois talões, cada um contendo dez senhas. É um evento que mobiliza não somente a comunidade dos reinadeiros, mas grande parte da cidade. Compete aos congadeiros à comercialização dos bilhetes.

Fotografia 21: Reunião de pré-evento (almoço beneficente)



Fonte: Congadeiros rezando o terço antes do início dos trabalhos. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Os preparativos para o evento demoraram em torno de um mês e incluem a venda de senha e também o peditório de esmolos (alimentos para a preparação das comidas), principalmente aos donos de comércios da cidade. Embora o foco seja os comerciantes, muitas pessoas da comunidade, devotas ou não, também fizeram suas doações. O objetivo de investir na estratégia das esmolos é diminuir as despesas com os custos, de modo que o valor líquido obtido com a comercialização das senhas ficasse livre de qualquer gasto.

Em março de 2019, quando participei ativamente do primeiro almoço beneficente do ano da irmandade, depois de ter participado das reuniões de planejamento, de entrega das senhas e, por último, ajudando na cozinha, observei que a dinâmica dos preparativos servia de ensaio preparatório para o reinado. O cardápio contemplou os mesmos pratos servidos na festa como o tutu de feijão, arroz, macarrão grosso, pelotas (almôndegas), frango e salada de legumes. Foram adquiridos, em média, vinte quilos de feijão para fazer o tutu, trinta quilos de arroz, vinte pacotes de macarrão, duzentos quilos de carne moída para fazer pelotas, oitenta quilos de coxas frango e uns quarenta quilos de legumes para saladas. A carne para as pelotas também foi doação.

No que tange às atividades realizadas na cozinha, alguns especialistas no preparo de alguns pratos foram acionados, como é o caso do tutu de feijão. Foi o caso do senhor Juliano de Zé Alexandre, que aprendeu a fazer a iguaria com sua mãe, que costumava alimentar os dançadores do terno de seu marido (Congada de Zé Alexandre), e de sua esposa, Fátima, que era merendeira e também especialista no preparo de pelotas de carne. Os almoços beneficentes, assim como os que são oferecidos durante a abertura do reinado (isto é, no levantamento dos mastros), servem de *treino* para a festa de reinado, em agosto.

Fotografia 22: Equipe de voluntárias/os da cozinha durante o reinado



Legenda: Da esquerda para direita: Juslene, Biga, eu e Lena. Fonte: Fotografia do autor (2017).

Minha experiência na cozinha do galpão da irmandade durante a Festa de Reinado de 2017 me garantiu mais abertura para participar dos preparativos dos almoços beneficentes como o que aconteceu em março de 2019. Realizei tarefas como limpar piso e panelas, cortar legumes, mexer o tutu e tantas outras, ao mesmo tempo que procurava saber dos voluntários presentes sobre as lembranças em relação aos reinados passados. Porém, em ambos os momentos, o fato de saber cozinhar foi decisivo. Lembro-me que ao pedir permissão ao presidente para ser voluntário no salão enfatizei que gostaria de continuar meu trabalho de campo pelo coração do reinado, ou seja, pela cozinha, haja vista ter afinidade com o preparo de comida. Vi aí uma oportunidade para observar o modo de fazer as *comidas reinadeiras* e também de me aproximar das pessoas que lidam diretamente com o brinquedo e de suas trajetórias e histórias de vida. Em relação a muitas das entrevistas que realizei, os contatos prévios foram obtidos na cozinha. Posso citar alguns como Luiz do Tutu, Juliano de Zé Alexandre e Aparecida, Silvério e Biga, Ção do Arroz e vários outros. Portanto, as habilidades que tenho na cozinha também me ajudaram na árdua tarefa de adentrar o universo do outro.

Fotografia 23: Especialistas em comida reinadeira



Legenda: A cozinheira Ção do arroz (à esquerda) e Luiz do tutu (à direita). Fonte: Fotografias do autor (2017).

Os preparativos na cozinha começaram um dia antes, no sábado à tarde. As comidas começaram a ser preparadas na tarde do sábado, a partir das 13 horas. Ao chegar ao salão já havia alguns voluntários enrolando as pelotas de carne moída (em formato de esfera), ao qual logo me juntei.

Fotografia 24: Preparativos para o almoço beneficente de 2019



Legenda: Primeira imagem - voluntários da cozinha fazendo as pelotas (sentido horário – Darci, Fátima, eu, Aparecida, Nena, Juliano e Mendonça). Segunda imagem: Pelotas enroladas. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Logo integrei a equipe e tratei de reproduzir o que estava observando. Inicialmente foi impactante, pois, embora goste de cozinhar, não simpatizo com o manuseio de carnes vermelhas. Mas penso que me sai bem. Não durou mais que uma hora para o grupo acabar a tarefa. Em seguida fui descascar batatas, cebolas, alho e cenoura. Outra turma foi catar feijão, outra foi cuidar da limpeza do salão. Quando terminei de cortar os legumes fui ajudar na organização e na limpeza do espaço. Por volta das 18 horas as tarefas que deveriam ser adiantadas foram concluídas. É um momento de descontração, mas cansativo. Porém, não era novidade para quem já tinha ajudado na cozinha durante o reinado de 2017.

Na manhã do dia seguinte, cheguei ao salão às 7 horas, e a equipe que havia chegado mais cedo já tinha adiantado algumas tarefas como colocar o feijão, o frango e as pelotas para cozinhar. A cozinha possui uns dez fogões industriais movidos a gás, com seis bocas cada um, o que adiantava bastante o cozimento dos alimentos em grandes quantidades. À medida que as fomalhas de pelotas e frango ao molho ficavam prontas, eram armazenadas separadamente em recipientes de metal retangulares, semelhantes a freezers horizontais (provavelmente foram equipamentos feito sob encomenda).

Fotografia 25: Preparo, cozimento e armazenamento das carnes



Legenda: No sentido horário tem-se o casal Juliano e Fátima limpando as coxas de frango, depósitos com fragos, caixa armazeandora com pelotas prontas e tachos no fogão com carnes em processo de cozimento. Fonte: Fotografias do autor (2019).

A cozinha do galpão é viva. É um ambiente magnífico que mescla cheiros, sabores, barulhos de pessoas com os chiados das panelas de pressão, que resulta em alegria e descontração, também. Às vezes me afastava um pouco do grande núcleo e ficava da escada que dava acesso ao subsolo, onde está a cozinha, e observava o vai e vem frenético das pessoas, cujo objetivo era um só: preparar comida de reinado, conseqüentemente contribuir para a realização da festa de reinado que se avizinhava.

Fotografia 26: Vista panorâmica da cozinha



Legenda: Cozinha do reinado e os voluntários durante a preparação das comidas. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Logo me juntei ao senhor Juliano de Zé Alexandre, “general” da irmandade, para ajudá-lo no preparo do tutu de feijão. Apesar de parecer um processo relativamente simples, a iguaria requer alguns cuidados durante o preparo. Primeiro, o cozinheiro separou um tacho de alumínio com capacidade para uns trinta litros, colocou uma porção generosa de óleo, em seguida refogou umas duas cebolas cortadas. Reservou.

Fotografia 27: Início da preparação do tutu de feijão



Legenda: Tachos de alumínio com capacidade para cinquenta litros usados na preparação. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Paralelamente, triturou o feijão carioquinha cozido com auxílio de liquidificador (o que existia na cozinha da irmandade era industrial), e foi adicionando, aos poucos, a farinha de mandioca à mistura, com a máquina ligada até formar uma espécie de redemoinho no centro do recipiente. É sinal de que a mistura está pronta para ir à panela.

Fotografia 28: Processo de escolha e cozimento do feijão



Legenda: A voluntária Mendonça catando o feijão para ser cozido nas panelas de pressão. Fonte: Fotografias do autor (2019).

O processo de trituração foi repetido até encher o tacho. Feito isso, levou o tacho ao fogo, adicionou sal. Desse momento em diante coube a mim dar prosseguimento, isto é, mexer cuidadosamente a mistura de feijão e farinha, para não deixar pegar no fundo da panela. Segundo seu Juliano, se por acaso isso acontecer o tutu, além de ficar com gosto de queimado, também fica com sabor de farinha crua. À medida que mexia a iguaria, puxava assunto com ele sobre sua relação com as festas de reinado e também sobre seu pai, que foi um afamado capitão, cujo legado perdura até hoje no terno que leva seu nome (Congada de Zé Alexandre).

Fotografia 29: O uso de liquidificador para bater o feijão



Legenda: O congadoiro Juliano triturando o feijão com auxílio do liquidificador e acrescentando farinha de mandioca à mistura. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Coube a mim a tarefa de mexer o tutu de feijão. Entre uma conversa e outra seu Juliano ia me passando as dicas do preparo do tutu de feijão. Depois de aproximadamente uma hora de cozimento, a joia do banquete de reinado mostrava os primeiros sinais do final do preparo. Era chegada a hora de sua finalização.

Fotografia 30: Mexida do tutu de feijão



Legenda: Eu e Juliano durante o preparo do tutu de feijão. O segredo de um bom é mexer com frequência para a farinha não grudar no fundo tacho. Fonte: Fotografia do autor (2019).

O sinal indicador que a iguaria estava pronta é sensorial, e podia ser observado quando ao passar a colher de pau pelo meio da mistura, formar uma espécie de *canalzinho*, deixado por ela. Aliás, não apenas os elementos que integram a cozinha são sensíveis, o reinado na sua totalidade engendra e arrebatava as capacidades sensoriais dos sujeitos. Basta portanto sentir os cheiros e odores que exalam das comidas reinadeiras, os batiques das caixas e das cantigas dos ternos de congadas que enchem os ouvidos do público, os brilhos e os coloridos das fardas e seus acessórios, e as indumentárias usadas pela corte real, tudo isso sequestra os órgãos dos sentidos dos participantes da festa.

Fotografia 31: O *canalzinho* – acerto do ponto do tutu



Legenda: Juliano mostrando ponto do tutu. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Quando esse sinal se apresenta, acerta-se o tempero e desliga-se o fogo. O colaborador me contou que na época de menino, na casa de seus pais, era costume finalizar o prato com um copo de cachaça. Esse fato é curioso porque mostra o quanto a aguardente estava presente nos vários momentos da festa.

Pouco antes da comida estar posta à mesa, as pessoas começaram a chegar ao galpão, entre elas congadeiros à paisana e familiares. Por volta das 11 horas a mesa começou a ser posta. Para isso entraram em ação as equipes encarregadas da logística de distribuição das comidas. Para isso foram formados três grupos: um que colocava os pratos no elevador, outro que os retirava no andar de cima e, por fim, um grupo que os conduzia à mesa. Enquanto isso, os presentes aproveitavam para colocar as conversas em dia e degustar as bebidas que eram comercializadas, não estando inclusas na cota do almoço.

Fotografia 32: Colocação das comidas no elevador para repor as mesas do salão



Legenda: As comidas sendo colocadas no elevador e conduzidas pelos voluntários até às mesas no salão. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Os almoços beneficentes são mais que eventos de confraternização, visam arrecadar fundos para o reinado. Sem dúvida também são momentos de sociabilidades propícios para reunir a comunidade em volta da boa comida e reafirmar os votos com a festa que está se aproximando. Portanto, como afirmam os reinadeiros, são um *treino*, uma espécie de ensaio preparatório.

À medida que as equipes trabalhavam no preparo das comidas, um grupo de voluntários se dedicava à limpeza dos banheiros e organização do salão. O capricho com que cuidavam de cada detalhe do espaço foi o mesmo que era dedicado aos dias de reinado, e incluía a ornamentação do altar dos santos reinadeiros, a montagem da mesa grande onde serão postas as comidas, a colocação das mesinhas, cadeiras e forros. Tudo isso para proporcionar ao público presente bem-estar e ambiente agradável.

Fotografia 33: Detalhes do salão do reinado durante o almoço beneficente





Legenda: Altar com as imagens dos santos reinadeiros, salão pronto para receber as pessoas, o público do evento acomodado nas mesas e as mesas com as comidas postas (sentido horário). Fonte: Fotografias do autor (2019).

Como tudo que é relacionado aos festejos de reinado tem que ter música e comida, os eventos beneficentes não fogem à regra. Durante o evento não houve dança, apenas música para animar os santo-antonienses que prestigiaram o evento. O repertório era diverso, incluía desde algumas cantigas de congadas e de folias, até ritmos como o sertanejo e o forró.

Fotografia 34: Animação do evento



Legenda: Capitão Pontinelli no teclado e voz, acompanhado do seu sanfoneiro. Fonte: Fotografia do autor (2019).

O público presente no evento era diverso, formado por pessoas de todas as idades, a maioria ligada às congadas, aproveitou a oportunidade para confraternizar-se em volta da boa comida. Porém, havia poucos capitães de ternos. Contudo, havia outras possibilidades de participar, sem necessariamente permanecer no galpão. Para isso, a diretoria preparou o serviço de entrega de marmitas, o que permitia às pessoas trocarem suas senhas por quentinhas, já guarnecidas, ao invés de irem se servir à mesa. A grande vantagem de saborear o banquete no local era poder se servir mais de uma vez.

Fotografia 35: Montagem, entrega e comercialização das marmitas



Legenda: Da direita para esquerda as imagens mostram um grupo de mulheres preparando as marmitas, outro que as levam até o andar de cima para serem entregues aos clientes na portaria do salão. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Todo o processo de realização de um evento envolve também seu desfazimento, ou seja, após as pessoas se confraternizarem e retornarem às suas casas é chegado o momento da organização invertida (recolhimento), que inclui a limpeza dos ambientes (salão e banheiros), das panelas, pratos e talheres, desfazimentos das mesas e do altar etc. Algumas pessoas que ajudaram no primeiro turno foram embora, contudo outras se apresentaram para ajudar no fechamento das atividades. Eu continuei com as novas equipes para acompanhar a desconstrução do evento.

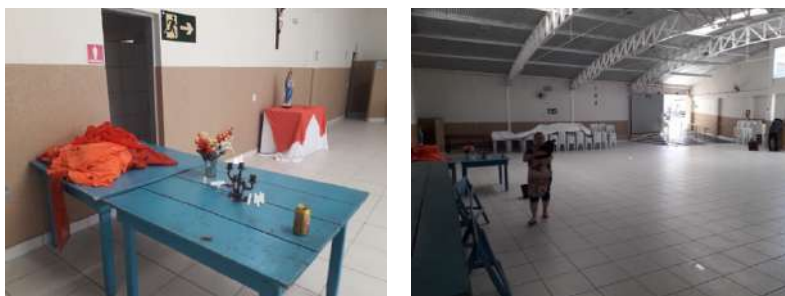
Fotografia 36: Limpeza dos equipamentos e piso da cozinha



Legenda: Da esquerda para a direita vê-se a equipe de limpeza dos equipamentos, utensílios e pisos da cozinha, e aspectos do espaço organizado. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Lá embaixo na cozinha, as turmas se dividiram. Algumas se encarregavam das limpezas dos tachos, outras dos pratos e talheres, e ainda uma outra pela limpeza pesada do piso. Lá em cima, um grupo cuidou por juntar as mesas e cadeiras, limpar o piso do salão e os banheiros. Participei ativamente dos processos de elaboração, realização e desfazimento do evento. A minha participação no evento nesse ano foi marcante não apenas pela dedicação e entrega aos trabalhos, mas pelo que estaria por vir.

Fotografia 37: Desfazimento do altar e organização do salão



Legenda: Altar desmontado e cadeiras e mesas recolhidas. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Lembro-me que numa de minhas idas ao salão uma cena curiosa me chamou atenção: dona Aparecida, ao mesmo tempo que cuidava do desfazimento do altar, segurava com cuidado a imagem de São Benedito contra o peito, e interagia com ela. Observar tal episódio me deu a devida noção das relações afetivas que se estabelecem entre os devotos e os santos reinadeiros. Eles são tratados com intimidade, como pessoas, fazendo com que as distâncias entre os humanos e os santos se encurtem. A imagem do santo, por exemplo, está presente nas cozinhas de muitos congadeiros que os visitei, o que me pareceu seguir essa lógica. Os devotos acreditam que mantendo a imagem do santo na cozinha nunca vai lhes faltar o alimento. Isso porque conta a narrativa mítica que o santo fez a multiplicação de pães, saciando a fome dos pobres.

3.2.3 O torneio de truco no salão da irmandade

Alguns dias após a realização do almoço beneficente aconteceu no salão a reunião de prestação de contas, da qual também participei. Como era de praxe, cheguei, cumprimentei os presentes e fiquei aguardando pelo momento da reza do terço. Ao final da reza e da exposição do presidente sobre o evento, ele me chamou à mesa, e perante todos agradeceu a ajuda (trabalho) e dedicação nas atividades realizadas na cozinha. Nesse momento senti que havia sido aceito pelo grupo, apesar de ser de fora. Não parecia ser mais um estranho em meio aos

membros da irmandade. As vivências na cozinha foram importantes por várias razões: estabelecer contatos, ouvir depoimentos, contribuir de fato com a força de trabalho além, é óbvio, de me fazer presente. Suas palavras fizeram-me perceber que a partir dali eu passava confiança para os membros da diretoria. E mais que isso, que minha pesquisa tinha uma importância para a comunidade. O lado ruim é que agradei e em seguida, comuniquei minha mudança para Cuiabá (MT), para assumir o cargo no Iphan. Mas outro fato também contribuiu para perceber que as trocas entre o pesquisador e seus colaboradores estavam indo certo foi quando, ao final da reunião, Dinho entregou-me os livros de atas de reuniões antigas, da diretoria da irmandade. Na verdade, por eu já ter solicitado há algum tempo, e ele mostrar-se reticente, imaginei que não iria disponibilizá-los para consulta. Então, foram gestos de confiança que foram sendo construídos cuidadosamente, ao longo das interações e também pela persistência de me fazer presente nas atividades relativas ao reinado.

O costume de promover almoços beneficentes pela diretoria da irmandade do Rosário em Santo Antônio do Monte, ao longo do ano, não faz parte da rotina da entidade responsável pelo reinado em Araújos. Isso mostra que em cada localidade os usos atribuídos aos salões da irmandade são diferentes. Nesta última, ao invés de realizar eventos com o intuito de obter recursos para investir na realização da festa ou até mesmo ajudar nas despesas de manutenção do imóvel, os dirigentes preferem alugar o espaço para a realização de festas de aniversários, casamentos e correlatos.

Curiosamente, o galpão da irmandade na cidade vizinha, apesar de possuir excelentes instalações como cozinha equipadas com freezers, fogões industriais, mesas e cadeiras e outros utensílios, conforme mostrado acima, não desperta interesse nas pessoas para alugar o espaço. Segundo Dinho, a falta de procura no aluguel do espaço para a realização de eventos particulares está relacionada à lei do silêncio, pois o alvará de funcionamento limita a utilização de som alto até às 22 horas. Ele também relatou que as poucas pessoas que se interessaram pelo uso das dependências do salão achavam que poderiam usufruir de forma gratuita. Desconfio que o motivo da ausência de procura pelo espaço seja outro, já que em Araújos o salão também está localizado no centro da cidade. Nesse caso, o motivo que inviabiliza a locação do salão da irmandade para acomodar eventos é a grande oferta desses espaços de festas em Santo Antônio do Monte, pois, atualmente, há aproximadamente duas empresas especializadas nesse tipo de serviço.

Outro evento promocional que já faz parte do calendário de diretoria da irmandade do Rosário em Santo Antônio do Monte é o Torneio de Truco. Sua décima edição aconteceu alguns dias após a realização do almoço beneficente, mais precisamente no 31 de março de 2019. O

jogo de truco é uma atividade recreativa que adquiriu popularidade na América do Sul e varia de região para região. De acordo com Santos (2011, p. 9), “na região Sul do Brasil utiliza-se o baralho espanhol (Truco Cego ou Gaudério), enquanto nas regiões Sudeste e Centro-Oeste geralmente utilizam-se o baralho francês. O truco pode ser jogado por duas e até oito pessoas”.

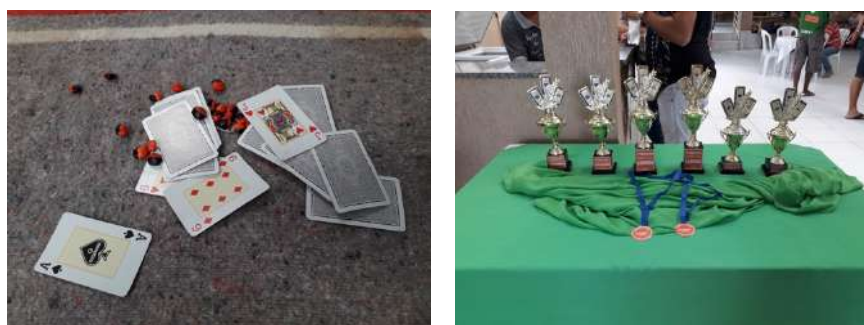
Fotografia 38: Salão da irmandade e as duplas de jogadores



Legenda: Visão panorâmica das duplas de jogadores ocupando as mesas do salão. Fonte: Fotografia do autor (2019).

A abordagem epistemológica utilizada pelo autor para refletir sobre o jogo de truco, que é o “mecanismo de evasão do real”, também é útil para pensar algumas peculiaridades acerca do jogo. Isso porque conforme relatou o senhor Antônio de Zé Alexandre, responsável por acompanhar a dinâmica do jogo no salão da irmandade, é que existe histórico de alguns jogadores alterarem seus ânimos a ponto de emitir gritos, bater forte sobre as mesas dando murros e socos, e até subir e ficar de pé sobre elas. Durante minha estada no local, apesar de não presenciar pessoas sobre as mesas, vi que as emoções chegavam ao ápice, o barulho de muitas pessoas gritando ao mesmo tempo era intenso, sobretudo, quando uma dupla ganhava e passava para etapa seguinte.

Fotografia 39: Objetos usados no jogo de truco



Legenda: Cartas do baralho francês e sementes coloridas usadas na contagem das partidas e os troféus para as equipes vencedoras. Fonte: Fotografias do autor (2019).

Ainda pensando sobre o jogo como válvula de escape, observei que, ao contrário do que ocorre nas festas de reinado, enquanto a brincadeira requer dos dançadores uma postura séria e de respeito aos santos, no truco isso não acontece. É um momento espontâneo que permite aberturas para os participantes expressarem suas emoções, muitas vezes motivadas pela ideia da competição⁵⁰. Havia nos gritos um misto de poder e vitória, talvez uma necessidade de demonstrar superioridade perante o outro. Embora houvesse a participação de apenas uma mulher no torneio, que foi eliminada nas primeiras rodadas, não deixa de ser um movimento positivo que contribui para a diversidade de pessoas no jogo. Talvez o movimento de inclusão percebido no jogo de truco da irmandade tenha seguido o exemplo dos ternos de congadas da cidade, que passaram a aceitar mulheres dançadoras, de forma tímida, a partir da década de 1980⁵¹.

Fotografia 40: Duplas concorrentes



Legenda: Da esquerda para a direita estão as duplas concorrentes formada majoritariamente por jogadores homens, e na outra mesa uma integrante mulher. Fonte: Fotografias do autor (2019).

O truco é uma brincadeira que está no limiar entre a descontração e a seriedade, pois, as duplas concorrentes disputam entre si pela vitória. Ao mesmo tempo que são compostas por pessoas amigas, durante o jogo (blefe), elas se tornam inimigas. Por se tratar de um jogo que requer algumas estratégias e pensamento rápido, sem que para isso se use a linguagem verbal, os dois parceiros se comunicam através de gestos sutis, discretos (piscadelas, movimentos com os dedos etc.), para sondar ou confirmar qual tipo de carta do baralho deve ser apresentada.

⁵⁰ Mesmo assim a diretoria da irmandade responsável pela organização do torneio de truco impôs algumas regras através de um regulamento. O documento foi entregue aos participantes, e apresentava algumas proibições e penalidades para aqueles que descumpriam como: “Não será permitido sinal de terceiros, ou seja, sapo; e não é permitido ofensas a adversários”.

⁵¹ Segundo Neiva Aparecida, 38 anos, em 1983 o senhor Dorcelino criou o primeiro terno de congada da cidade composto por mulheres dançadoras de linha de frente, e até capitãs. O grupo perdurou por poucos anos, e se desfez com o falecimento do capitão em 1989. Apenas no início da década de 2000 são criados os primeiros ternos de congadas liderados e composto por mulheres dançadoras de linha de frente.

Fotografia 41: Divulgação do torneio de truco 2019



Legenda: Esse cartaz é afixado nos veículos dos rifeiros, que se encarregam por divulgar o evento nas cidades vizinhas. Fonte: Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (2019).

O décimo Torneio de Truco, assim como o evento anterior, isto é, o almoço beneficente, requereu divulgação, que foi realizada através de cartazes afixados em alguns estabelecimentos da cidade como supermercados e bares, além de adesivos afixados nos carros de passeios e também nos carros dos rifeiros que visitam frequentemente as cidades vizinhas. Era domingo e quando cheguei ao salão do galpão as duplas inscritas participantes já estavam a postos em suas mesas.

No salão havia dezessete mesas com quatro cadeira, ou seja, duas duplas em cada uma. Para participar do torneio, cada dupla pagou no ato da inscrição 40,00 reais. Além dos recursos provenientes dessa modalidade, a diretoria também comercializou bebidas (cervejas e refrigerantes) e feijão tropeiro.

Fotografia 42: Pratos comercializados durante o festival



Legenda: O cardápio é simples, não foi composto por *comidas reinadeiras* como aconteceu no almoço beneficente. Apenas foram servidos arroz, feijão tropeiro e ovo frito. Fonte: Fotografias do autor (2019).

O trabalho voluntário durante o torneio seguiu a mesma lógica adotada no almoço beneficente. Isto é, basicamente eram pessoas próximas ou ligadas à diretoria da irmandade, que atuaram em várias atividades. Betinho, que é o rei perpétuo, desempenhou a função de garçom, servindo bebidas aos jogadores; a vice-presidente, Nena⁵², e o congadeiro Erli se responsabilizaram pelo preparo das comidas (tira-gostos); Aparecida, a secretária, era encarregada por acompanhar o preenchimento do placar; e Antônio, presidente do terno de congada Zé Alexandre, fiscal do jogo.

Além das duplas de jogadores havia também pessoas assistindo ao evento, que observavam o movimento e torciam, em torno das mesas. No entanto, o público era bastante diverso daquele que participou do almoço há alguns dias. Também não havia crianças. Portanto, o público presente era formado majoritariamente por pessoas do sexo masculino, casadas, porém desacompanhadas de suas esposas ou companheiras, e por senhores já de meia idade e alguns jovens. Essa especificidade me levou a acreditar que, embora haja mulheres santantonienenses que jogam truco nos ambientes domésticos, trata-se de uma disputa entre homens. Constatei que entre os jogadores que disputavam as partidas alguns residiam nos municípios vizinhos de Nova Serrana, Moema e Lagoa da Prata.

Chamou-me a atenção ainda uma dupla em que um de seus integrantes era um adolescente, que dominava com destreza a arte do truco. Os gritos e atitudes firmes, até rudes, que permeavam o ambiente talvez tivesse a função de rito de passagem para aquele jovem adentrar ao universo adulto-masculino. Suas feições e gestos eram atentamente reproduzidas conforme observava os comportamentos dos jogadores experientes que estavam sentados a seu lado.

Não consegui acompanhar o torneio até o final. Quando saí do salão, por volta das 18h, ainda não tinham sido definidas as duplas que estariam concorrendo à fase final. Porém, meu objetivo de acompanhar esse evento foi justamente para poder comparar com outros que havia participado como por exemplo o almoço beneficente. Também porque era um momento para ser visto e fazer contatos com pessoas ligadas ao reinado. Depois eu encontrei o Antônio de Zé Alexandre, responsável pela atualização do placar e pela fiscalização do jogo, e fiquei sabendo que o torneio terminou por volta da meia noite.

⁵² Conceição Aparecida Santos Silva (Nena) foi presidente da irmandade na gestão 2014 a 2017. Teve como vice, seu esposo Dinho.

3.2.4 A levantação dos mastros: as bandeiras anunciam a proximidade da festa de reinado

A abertura das festividades reinadeiras em Santo Antônio do Monte acontecem, anualmente, em meados do mês de julho, quando os mastros em homenagem aos santos reinadeiros são afixadas no topo de longas hastes de metal, pintadas na cor azul, que por sua vez serão fincadas e mantidas em frente ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. As festas de reinado, apesar de não se caracterizarem como festividades que obedecem ao tempo motivado pelas colheitas agrícolas são, conforme Victor Turner (1974), ritos marcados pelo calendário, pois quase sempre se referem a grandes grupos e em geral abrangem sociedades inteiras. O autor ainda destaca que frequentemente “as festas realizadas em momentos bem assinalados dentro do ciclo produtivo anual e atestam a passagem da escassez para abundância” (TURNER, 1974, p. 204). Nesse sentido os reinados também são “ritos de passagem” (VAN GENNEP, 2011), pois contemplam os ritos de agregação como a comensalidade e as trocas, e também “pontuam e regulam o curso de nossas vidas, marcam os tempos fortes, poetizam e estetizam nossa vida e sua passagem”, afirma Perez (2011, p. 101). Esses múltiplos sentidos que emanam do tempo festivo estão presentes nas festas de reinado.

Para Costa (2012), os mastros possuem um significado simbólico que remontam aos momentos de segregação vividos pelos negros, pois quando estes não podiam entrar na igreja o louvor à santa era realizado em torno da fogueira e do mastro. Desse momento em diante, inicia-se a contagem regressiva de mais ou menos trinta dias até o grande momento: a Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Geralmente a festa de reinado na cidade coincide com a data do dia 15, quando a Igreja Católica comemora a Assunção de Nossa Senhora. Como são três divindades homenageadas, conseqüentemente são três mastros com a bandeira de cada santo. A figura de Nossa Senhora do Rosário fica ao centro, ladeada pelas outras imagens.

Fotografia 43: Mastros do Reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos



Legenda: Da esquerda para a direita as imagens mostram os mastros hasteados em Santo Antonio do Monte e em Araújos. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Já em Araújos, a estrutura metálica dos mastros é composta apenas por uma haste de ferro, com outra estrutura cilíndrica fixada no topo, onde são encaixadas as bandeiras. A estrutura foi pensada de modo a permitir o protagonismo de vários outros santos e santas além de Nossa Senhora do Rosário, tradicionalmente homenageada nos festejos de reinado. Portanto durante a temporada reinadeira os estandartes com as bandeiras de São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida abençoam das alturas todos os devotos da cidade.

Fotografia 44: Mordomos com suas bandeiras antes da cerimônia de levantamento dos mastros



Legenda: O rei perpétuo ao lado dos três mordomos das bandeiras (festeiros). Fonte: Fotografia do autor (2017).

No evento de levantamento dos mastros nas duas cidades os mordomos são as personagens que patrocinam as comidas de reinado ofertadas aos congadeiros. Os mordomos

das bandeiras⁵³ em Santo Antônio do Monte têm as mesmas responsabilidades que os reis e rainhas festeiros como, por exemplo, o oferecimento dos banquetes aos dançadores de reinado no salão da irmandade. Geralmente são três pagantes de promessas ou simpatizantes, um para cada bandeira. Lembro-me de presenciar durante o almoço beneficente, ocorrido em março de 2019, um mordomo que iria dar almoço no levantamento do mastro convidar os voluntários para ajudar na preparação das comidas. Inclusive anotou os contatos das pessoas que aceitaram o convite.

Fotografia 45: Os mastros antes do levantamento



Legenda: Os mastros das bandeiras momentos antes de serem levantados, sob a proteção da Congada do Vilão.
Fonte: Fotografia do autor (2018).

O levantamento dos mastros é uma prévia ou preparação, ou ainda um *treino* para a festa. É o momento dos congadeiros afinarem seus instrumentos, acertarem os passos de dança e harmonizarem as cantigas. Os festejos acontecem durante apenas um dia, o domingo, e obedecem a uma extensa programação definida pela diretoria da irmandade. Portanto, não há ternos visitantes, pois a prévia acontece apenas com os ternos de congadas cujos dançadores residem na cidade. Geralmente os grupos radicados nas cidades vizinhas de Lagoa da Prata e Divinópolis, que são registrados na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, como é o caso do Congo Sereno e do Congo do Peão, não participam da abertura. Embora ainda não seja a festa oficial, apenas a abertura, há todo um cuidado com a ornamentação de alguns espaços.

⁵³ Os mordomos das bandeiras assim como os reis e rainhas festeiros das coroas grandes, são coroadas no sábado de reinado do ano anterior. Durante a cerimônia que é realizada no interior da igreja matriz acontecem os sorteios que determinam quais dos presentes (selecionados previamente conforme a lista de espera), se serão contemplados com as bandeiras ou coroas, e quais são os dias que cada um ofertará comida aos ternos de congadas. Aqueles contemplados com as bandeiras patrocinarão o almoço no levantamento dos mastros, os demais ficarão responsáveis pelos almoços e jantares durante os quatro dias de festa de reinado.

Fotografia 46: Preparativos para a anunciação do reinado



Legenda: Equipe responsável pela ornamentando a cidade enfeitando o pátio da Igreja Matriz com fitilhos prateados. Fonte: Facebook Festa de Reinado – S. A. Monte (2017).

A diretoria, através de suas comissões, se encarrega de enfeitar com fitilhos prateados o pátio do salão da irmandade, os adros do Santuário e da Igreja Matriz, bem como as frentes das residências dos reis e rainhas festeiros.

Fotografia 47: Detalhes do levantamento das bandeiras



Legenda: No sentido horário tem-se a frente da Igreja do Rosário antes do levantamento dos mastros e depois com eles já hasteados exibindo as bandeiras dos santos. Fonte: Fotografias do autor (2018).

As atividades se iniciam às 8 horas com a formação das congadas e visitação aos reis e rainhas festeiros que ofertarão os almoços e os jantares em agosto, mês que acontece o reinado. Não há necessidade de concentração na igreja para bênçãos ou algo semelhante; cada grupo se organiza e segue com seus dançadores pelas ruas da cidade visitando os festeiros que ofertarão as comidas no ano vigente. As visitas de cafés da manhã nas casas dos devotos, comum nos dias de reinado, não são realizadas no dia do levantamento dos mastros. Nesse momento, os ternos de congadas também não farão visitas aos reis e rainhas perpétuos e congos. Eles serão visitados no mês seguinte durante os dias de festa de reinado.

Às 11 horas as congadas começam a se dirigir para o pátio em frente ao galpão, quando tem início o almoço. A entrada ao salão é definida por sorteio que foi realizado dias antes durante reunião. Após o almoço cada congada se dirige ao santuário onde há uma tenda para prestar os agradecimentos aos mordomos. Em seguida, seguem dando continuidade às homenagens aos festeiros que ainda não visitaram. No final da tarde, por volta das 17 horas, os ternos de congadas se concentram em local determinado pela organização dos festejos, para a formação do estado, e seguir em procissão com os mordomos das bandeiras em direção à Igreja do Rosário. O local de saída do cortejo muda a cada ano. Por exemplo, em 2018, saiu da residência do Dinho, presidente da diretoria da irmandade.

Por último, após os ternos de congadas conduzirem o cortejo com as imagens dos santos reinadeiros, a corte real e os mordomos das bandeiras pelas principais ruas e avenidas da cidade, chega-se à igreja. Enquanto alguns devotos e simpatizantes acompanham a procissão, outros preferem esperar para ver a chegada das congadas puxando o cortejo. A missa acontece do lado externo do templo, com o padre posicionado no palco e os fiéis acomodados nos bancos da praça e também de pé. O coral dos hinos de louvor conta com a participação de alguns membros das congadas. Os ritos que abrem os festejos de reinado acontecem na Igreja do Rosário, enquanto que os demais, isto é, aqueles que acontecem durante os quatro dias de reinado ocorrem na Igreja Matriz de Santo Antônio e no pátio do salão da irmandade.

Após a reza da missa acontece a bênção das três bandeiras. Em seguida são fixadas na parte superior de cada mastro, que serão fincados em frente ao santuário. O ritual é um momento de frenesi, as pessoas querendo acompanhar de perto, algumas querendo tocar nas bandeiras no intuito de serem ungidas. Os pesados mastros de ferro requerem a ajuda de várias pessoas para colocá-los de pé, fincados no chão da praça em frente ao santuário. A partir desse momento, no alto, as girândolas de fogos de artificios multicoloridos anunciam que a cidade está em festa. Cá embaixo sob os mastros, entram em cena os ternos de congadas, que com seus batuques e bailados transitam entre os mastros, homenageando os santos e dando boas-vindas a mais uma edição do reinado que está a caminho.

Apesar de se tratar de um momento singular, bastante aguardado, o levantamento dos mastros também causa temores. De acordo com alguns congadeiros com os quais conversei, é preciso ficar atento ao momento de fincar os mastros, pois se alguém quiser prejudicar uma pessoa porque tem rixa, basta escrever no papel o nome dela e colocar nos buracos que receberão as hastes, que ela será alvo de feitiço, e poderá até morrer. É interessante perceber que mesmo que alguns afirmem que as práticas de feitiçarias pertencem ao passado, durante os festejos elas sempre vêm à tona, seja em volta das comidas, na afinação dos instrumentos, nas

proibições de trocas de objetos entre os congadeiros. Costa (2012) aponta algumas pistas para compreender os motivos pelos quais as crenças nas feitiçarias são reavivadas durante o reinado. É que

a feitiçaria emerge como elementos constitutivo do louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito realizado através da congada, sendo, portanto, prática vinculada ao catolicismo popular compartilhado pelos envolvidos nessa forma específica de devoção (COSTA, 2012, p. 199).

Ao contrário do senso comum, que associa as feitiçarias do reinado a atos diabólicos, na verdade trata-se de heranças dos antigos cujo objetivo é estabelecer uma relação direta entre os congadeiros, os devotos e os santos. A crença, por exemplo, de que ao manter a imagem de São Benedito na cozinha se garante a fartura, é um ato mágico que remonta à lógica da feitiçaria. Nesse sentido, segundo Costa, a feitiçaria necessariamente não está relacionada a fenômenos religiosos praticados pela umbanda, mas que “está restrita ao universo congadeiro” (COSTA, 2012, p. 201).

Após os mastros serem fincados, dá-se início à contagem regressiva. Contam-se 30 dias para a grande festa. Os quatro dias de festa são esperados com muito entusiasmo e fé pela comunidade reinadeira. O marco temporal que sinaliza o fim do tempo extracotidiano é, portanto, o descimento dos mastros com as bandeiras dos santos.

Desse momento em diante o movimento de pessoas e mercadorias na cidade é intenso, os comerciantes renovam os estoques de tecidos, instrumentos musicais como pandeiros, chapéus, e também de mantimentos para abastecer os reis e rainhas festeiros durante as compras dos alimentos para o preparo dos banquetes de reinado. Portanto, se por um lado os ternos de congadas focam nos últimos preparativos como compras e afinação de instrumentos e compras dos panos para confeccionarem as fardas novas, por outro, a diretoria agiliza os detalhes referentes aos preparativos da festa como montagem do palco em frente à igreja matriz, iluminação pública, banheiros químicos, definição das comissões, alvarás de funcionamento, ajustes na cozinha do salão, pequenos reparos nas instalações do salão e outros detalhes. Como se costuma dizer na cidade, todo o comércio fica aquecido durante os preparativos e a realização da festa.

Fora isso, também é preciso mobilizar a Secretária Municipal de Obras, para cuidar da organização das vias públicas, interditando os trechos por onde os cortejos irão passar nos dias de festa, e a Polícia Militar, que cuidará da segurança pública durante os dias de festas. Toda essa gama de atividades administrativas é essencial não apenas para a realização da festa, mas

para a sua continuidade, haja vista que em todos os anos será necessário contar com o apoio daquelas instituições. Parece-me que não é tão simples como alguns capitães falam que sem o empenho da irmandade, através da diretoria, a festa também aconteceria. No entender de alguns dançadores o reinado restringe-se à parte devocional e performática da festa, não percebem que há uma série de ritos administrativos que dão suporte para que os festejos aconteçam. Esse é um dos principais pontos de tensão que envolve a organização do reinado e uma parte dos capitães, que resiste em aceitar as transformações introduzidas no brinquedo.

Em Araújos, a logística que envolve a preparação e realização da festa de reinado é semelhante à festa dos santo-antonienses, porém mais complexa. Bila, o rei congo, e Orlando, atual presidente da irmandade, contaram-me que, além do contingente de policiais militares locais, são deslocados mais viaturas e policiais do quartel do município vizinho de Nova Serrana (MG), para garantir a segurança do público da festa. A preocupação da organização do reinado de manter o policiamento ostensivo para garantir a segurança do público durante a festa aconteceu após um caso de homicídio e alguns tiroteios envolvendo gangues rivais. Portanto, segundo os membros da diretoria da irmandade uma das primeiras medidas a serem definidas, meses antes da festa, é a questão da segurança policial.

Fotografia 48: Articulação com o poder público



Legenda: Diretoria Irmandade de Nossa Senhora do Rosário após reunião no 60º Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais, para garantir a segurança durante os dias de reinado. Fonte: Facebook Reinado Araújos (2017).

Também são contratados, em média, doze seguranças particulares. Afirmaram ainda que uma das exigências do Comando de Polícia para emitir o alvará autorizando a realização do evento é a cópia do contrato já firmado entre a empresa prestadora dos serviços de segurança privada e a Prefeitura Municipal.

Então, quando nós temos a reunião com o comandante da Polícia Militar, que ele chama a gente lá no batalhão em Nova Serrana, ele fala pra nós quantos seguranças é pra contratar. Como a festa aqui é muito grande o policiamento público não dá conta. Em 2018, na quinta-feira foram contratados vinte segurança, fora a polícia. No sábado

e no domingo foram vinte e cinco seguranças para cada dia. No período da festa todo a gente contratou quase noventa seguranças. É uma das coisas que fica mais cara, na festa (Bila, depoimento oral, 2019).

A fama do reinado na cidade acabou atraindo um contingente expressivo de pessoas e, com isso, também vieram problemas como violência, obrigando os organizadores a investir em segurança policial para garantir que os congadeiros e o público do reinado pudessem homenagear seus santos e também ter momentos de diversão. Durante o domingo de reinado em Araújo, o público que visita a cidade, segundo Bila, é de aproximadamente 10 mil pessoas, um total que ultrapassa a população do município, que é 8.768 habitantes.

Contrariamente, em Santo Antônio do Monte, pelo menos até a última festa que acompanhei, em 2018, a questão da segurança pública ainda não era motivo de preocupação por parte da diretoria da irmandade. Aliás, na reunião pós-reinado, Dinho elogiou o trabalho da polícia local, enfatizando que não houve no período da festa nenhuma ocorrência policial.

Por diversas vezes me deparei com a afirmação de que a festa de reinado é uma manifestação cultural e religiosa cuja circulação de dinheiro se restringe apenas a Santo Antônio do Monte. Ou seja, os recursos financeiros gerados pela festa beneficiam os próprios moradores, diferentemente de outras festas que acontecem no município, que deixam poucas divisas. A festa de reinado, ao contrário, mobiliza e gera oportunidade em benefício de diversos grupos quer sejam comerciantes donos de supermercados, padarias, pousadas, lojas de tecidos e outras, quer sejam pequenos empreendedores como quitadeiras, ambulantes, costureiras e artesãos. A senhora Aparecida, presidente da Congada São Benedito, é uma dessas pessoas que, através da confecção de tamborins, consegue ter uma renda com a venda de instrumento. Ela aprendeu o ofício com seu pai, que era seleiro e confeccionava selas e arreios para montaria.

Fotografia 49: Dirigentes da Congada São Benedito (mãe e filha)



Legenda: Da esquerda para a direita estão as congadeiras Aparecida, na sala, exibindo o tamborim ao lado do altar com as imagens dos santos reinadeiros e a Capitã da Congada São Benedito, Viviane, sua filha. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Apesar de não ter presenciado o ritual de levantamento dos mastros em Araújos, observei durante as entrevistas realizadas com os membros do reinado local que as sequências não diferem da festa na cidade vizinha. Geralmente os mastros com as bandeiras dos santos são levantados mais ou menos um mês antes da festa em si, e tem como principal função comunicar que está se preparando para o grande evento, a Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Porém, diferentemente do ocorrido em Santo Antônio do Monte, onde os mastros ficam hasteados em frente à Igreja do Rosário, em Araújos eles são fincados no pátio da Igreja Matriz de São Sebastião, local onde a festa de reinado acontece.

Fotografia 50: Mastros hasteados



Legenda: Largo da Igreja Matriz de São Sebastião em Araújos com os mastros e o palco.
Fonte: Fotografia do autor (2018).

Outro detalhe interessante a respeito do reinado entre os araujenses diz respeito ao status permanente ou perpétuo que algumas personagens possuem dentro do brinquedo. Há festeiros de bandeiras que já estão no cargo há mais de trinta anos, como é o exemplo de dona Dora, mordoma que oferta comidas aos ternos no dia do levantamento dos mastros.

Fotografia 51: Mordoma Dora



Legenda: Dora segurando sua bandeira durante a missa. Fonte: Facebook Reinado Araújos (2014).

A mesma dinâmica também ocorre com festeiros e festeiras de coroas grandes, como é o caso de Milene e Socorro, que deram continuidade à tradição de ofertar comida no reinado, tarefa iniciada pelos pais já falecidos. Para essas pessoas o termo *pegar a coroa* não se aplica, porque os objetos sagrados permanecem sob a sua guarda todos os anos. No entanto, assim como acontece na cidade vizinha, já se adotou a lista de espera, permitindo que outros devotos ou simpatizantes possam participar da festa e até pagar suas promessas.

No geral, após os ritos que compõem o levantamento dos mastros como a missa campal, bênçãos das bandeiras, assentamento dos mastros, os ternos de congadas dançam e cantam diante das imagens dos santos e do público presente. Outros congadeiros preferiam sentar-se no meio fio da rua, ao lado de seus instrumentos para uma pausa e bate-papo com outro colega antes de seguir para casa. Na certa, as conversas giravam em torno das expectativas para a festa de reinado que se aproximava.

Concluída a tarefa de abordar como foi percorrer os preparativos da festa, isto é, os diversos eventos e rituais que antecedem o reinado, sigo a trajetória com o desafio de seguir os caminhos da festa de reinado em Santo Antônio do Monte e seus rituais durante os três primeiros dias de reinado, na companhia de ternos de congadas. O capítulo seguinte, portanto, é dedicado à etnografia de realização das festas de reinado em Santo Antônio do Monte e Araújo.

4 SEGUINDO OS CAMINHOS DAS FESTAS DE REINADOS E SEUS RITUAIS

Esse capítulo tem por objetivo refletir sobre a economia das festas a partir de alguns rituais e passagens que ocorrem durante os festejos de reinado em Santo Antônio do Monte e Araújos. Seguir os caminhos da festa na companhia de alguns ternos de congadas foi fundamental para compreender as múltiplas possibilidades de festejar os santos reinadeiros. Ou como sugeriu Chianca (2018) observar a existência de várias festas dentro da festa. Com isso, foi possível observar as interações que acontecem entre os dançadores e seus capitães, entre estes e os devotos durante as visitas, as performances presentes nas cantigas e bailados, as trocas de objetos sagrados (coroas e bandeiras), a disposição de cada grupo nos cortejos, a espacialidade dos ritos no espaço urbano e as obrigações impostas pelas diretorias das irmandades às congadas durante os dias de festa. Foi somente acompanhando de perto a extensa rede de relações que os festejos mobilizam, que pude compreender a complexidade e riqueza dos ritos que traduzem o reinado. É, portanto, através de uma expressiva circulação de bens simbólicos e materiais em torno das homenagens a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que a economia da festa, discussão central da tese, ganha visibilidade.

Os dados aqui analisados são referentes às etnografias que realizei durante os festejos de 2018, quando escolhi três ternos de congadas santo-antonienses para acompanhar, um em cada dia de reinado. No dia 16 de agosto de 2018 (quinta-feira) segui a Congada do Pedrinho e Seu Justus, do capitão Rondinério; no dia 17 de agosto (sexta-feira) acompanhei a Congada Congadeiros de Maria, do capitão Tostão, e no 18 de agosto (sábado) segui o Moçambique Otaviano Piriá, do capitão João Paulo. O domingo, dia 19 de agosto, último dia de festa, dediquei à observação de alguns eventos e situações como o café da manhã comunitário, que foi servido em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a concentração de pessoas no pátio do salão da irmandade e na frente da Igreja Matriz, locais mais visitados durante o dia, o cortejo de encerramento do reinado, o descimento dos mastros e a bênção final dada pelo padre à comunidade reinadeira.

Embora as vivências de campo se concentrem mais sobre o reinado em Santo Antônio do Monte, no decorrer das discussões analiso elementos e situações acerca da economia da festa em Araújos, cujos dados foram produzidos através de visitas à cidade nos anos de 2015, 2016 e 2017. Oportunamente, acompanhei os festejos sempre nos domingos da festa, quando há uma maior concentração de ternos de congadas e público visitantes de outras cidades do estado. Além dessas informações, oriundas da observação participante, também reflito sobre os dados etnográficos através de entrevistas realizadas com os participantes do reinado e membros da

diretoria, que ocorreram em 2019. Durante as conversas foi possível obter, sobretudo dos festeiros, informações sobre as dinâmicas dos rituais de comensalidades, a circulação de bens simbólicos como coroas e bandeiras, e também de bens materiais na forma de trabalho voluntário, esmolas, doações em dinheiro e mantimentos que mobilizam o reinado. Dessa forma, não há prejuízo à estrutura central da tese, que se pauta por uma perspectiva comparativa e relacional envolvendo as festas nas duas localidades⁵⁴.

O uso de fotografia como recurso narrativo e textual foi uma estratégia que utilizei na produção do capítulo da tese. Antes de iniciar o processo de escrita revia todas as imagens, o que me permitiu ter *insights* e situações que não constavam na caderneta de campo. Portanto, as imagens foram aliadas na reconstrução dos caminhos da festa que percorri na companhia das congadas, quando me deixei guiar pelos diversos momentos celebrativos que integravam os festejos, conforme descrevo a seguir.

Reforçando a ideia de seguir os caminhos da festa tratarei mais demoradamente sobre alguns aspectos e acontecimentos da festa de reinado com base na observação participante realizada. Contudo, elas não chegam a destoar das programações oficiais do reinados elaborada pelas diretorias da irmandades (Anexos D e E). Nesse sentido, as abordagens acerca dos reinados nas duas cidades, as visitas dos ternos aos devotos, a apropriação dos espaços urbanos, as performances, as comidas e seus significados, bem como as trocas internas entre os membros das congadas, traduzem de forma basilar os sentidos da economia da festa.

4.1 Pelos caminhos da festa de reinado na companhia das congadas

4.1.1 Primeiro ato – a quinta-feira de reinado

Aproximadamente um mês após o evento de levantamento das bandeiras acontece, em meados do mês de agosto, a tão esperada festa de reinado em Santo Antônio do Monte. Com seu início na quinta-feira os festejos seguem até a noite do domingo seguinte. São, portanto, quatro dias de festa que a cidade se enche de alegria e cores para homenagear as divindades reinadeiras. A começar pelas fábricas de foguetes que através de um acordo com o sindicato da

⁵⁴ O planejamento da pesquisa ainda previa acompanhar a Festa de Reinado em Araújos no ano de 2020, ou seja, realizar o mesmo percurso feito na cidade vizinha, de modo a compará-las e observar quais elementos as aproximavam e distanciavam. Pretendia acompanhar especialmente o preparo das *comidas reinadeiras* que acontecem nas casas dos festeiros. No entanto, devido à pandemia do coronavírus (COVID-19), a festa foi cancelada. Contudo, constato que não houve prejuízo à tese, pois os dados de campo produzidos foram satisfatórios.

categoria liberam seus operários, que também são dançadores de reinado, para participar das comemorações. De acordo com Dinho, presidente da diretoria da irmandade, os acordos entre patrões e empregados das unidades fabris variam, eles tanto podem adiantar as horas trabalhadas, para folgar nos dias de festa, como também podem optar por repor as horas trabalhadas após as festividades. Pelo que observei nas conversas com os membros da irmandade e com os capitães das congadas, o reinado em Araújos não realiza esse tipo de mobilização envolvendo patrões e operários, embora aqui existam algumas fábricas de calçados. Talvez seja pelo fato de que três ternos existentes na cidade sejam compostos na sua maioria por dançadores oriundos de outras cidades vizinhas como Perdígão, Divinópolis, Bom Despacho e Leandro Ferreira.

Para o primeiro dia de reinado, a diretoria da irmandade em Santo Antônio do Monte determina que os ternos de congadas se concentrem, por volta das 9 horas, na Igreja Matriz para o momento penitencial, que inclui, entre outros, receber as bênçãos do padre. Em 2018, cheguei à igreja um pouco mais cedo que os grupos, pois a intenção era observar o momento da chegada e as expectativas dos dançadores. Aos poucos as congadas chegavam, se dirigiam até o altar e depositavam seus instrumentos para serem benzidos. Adultos, jovens e crianças vão ocupando os lugares nos bancos no interior do templo. Alguns casais entram, outros permanecem fora conversando, enquanto o padre não dá início ao ritual. Os congadeiros e congadeiras eram facilmente identificados através das fardas coloridas e cheias de brilhos que vestiam. A rainha perpétua estava presente, porém em roupas comuns. Apesar de já ser festa, as estruturas e ornamentação ainda passavam pelos últimos retoques. Foi o caso do palco onde as congadas se apresentam para prestar homenagem aos reis e rainhas festeiros. Trata-se de uma estrutura instalada ao lado do portão principal da Igreja Matriz, em formato retangular, medindo aproximadamente 15 metros quadrados. Ao contrário do palco de Araújos, que recebe uma decoração especial com pequenos estandartes pendurados ao teto, em Santo Antônio do Monte a estrutura apenas dispõe de cortinas brancas em suas laterais, cobertura em lona, piso de madeira e uma escada de acesso com corrimão. Também há iluminação especial e serviço de som (mesa de som, caixas acústicas e microfone com pedestal).

Fotografia 52: Estruturas usadas pelos ternos para agradecer aos festeiros e reza das missas.



Legenda: Detalhes dos palcos do reinado em Santo Antônio do Monte (à direita) e Araújos (à esquerda). Fonte: Fotografias do autor (2018).

Padre Adelzire, pároco da Matriz de Santo Antônio à época, entusiasta das festividades de reinado e que durante os cortejos dançava entre os ternos, foi o responsável pelas bênçãos. Antes de iniciar a cerimônia de abertura ele convidou a todos para permanecerem no interior da igreja e pediu para fechar as portas do templo. Suas primeiras palavras foram: “Esse momento é autorizado pelo bispo”. Em seguida, pediu que todos os instrumentos musicais, rosários, escapulários e bandeiras fossem depositados próximos ao altar. Enquanto a rainha perpétua lia o evangelho, o padre ungiu os objetos com água benta e gestos em forma de cruz.

Apesar de que, num primeiro momento, atendendo ao chamado do padre, todos entraram na igreja, durante o ritual percebi um entra e sai frenético, principalmente entre os jovens. Situação que talvez se explicasse pela ânsia de sair às ruas em ritmo de festa. No entanto, foi possível observar uma certa calma, que contrastaria logo mais com a efervescência das batidas das caixas dos ternos de congadas durante suas andanças pelas ruas da cidade. Em suma, o ato penitencial, além de ser um rito ordinário da igreja, tem o objetivo de reforçar no fiel os mandamentos católicos que eram lembrados pelo celebrante, sobretudo no tocante à manutenção da ordem durante os dias de festas. Apesar das recomendações da diretoria da irmandade de convocar a participação de todas as congadas, observei que algumas não estavam presentes. Certamente, os grupos decidiram formar na casa de seus capitães e de lá mesmo seguiram para cumprir as obrigações dos cafés da manhã. A bênção das congadas, pelo que observei em documentos da irmandade datados das décadas de 60 e 70, é descrita com um momento crucial, cuja participação dos brincadores soa como obrigatória. Analisando o conteúdo das atas de reunião de pré-reinado realizadas entre a diretoria e congadeiros, é recorrente a exigência por parte do vigário de que os brincadores terão de se confessar e comungar antes do reinado (ATA, 1965). Aliás, a Igreja Católica sempre teve uma posição

estratégica na organização da festa de reinado. Nesse sentido, o segundo Estatuto do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio do Monte, diz que “A diretoria será o órgão que manterá uma ligação entre a Paróquia [...] e a parte social da festa só poderá ser feita em comum acordo entre diretoria e o vigário” (ESTATUTO, 2º Artigo, 1977).

Durante o sermão, o padre, apesar de mencionar a trajetória de São Benedito, não fez referência à existência do reinado como um legado dos ancestrais negros. Essa herança aparece com maior ênfase nos cânticos de alguns ternos de congadas e nas performances executadas principalmente pelos moçambiqueiros. No entanto, o primeiro dia de reinado, para muitos congadeiros, possui um atributo a mais, pois é o dia da Missa Conga, que acontece à noite após o cortejo real. O celebrante, ao final, lembrou aos presentes que durante o rito à noite haverá o batizado da recém-criada Congada São Benedito⁵⁵. Cabe aqui ressaltar algumas diferenças entre as festas de reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújo, no que diz respeito aos ritos que antecedem às homenagens aos santos padroeiros.

Fotografia 53: Igreja de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja Matriz de São Sebastião em Araújo



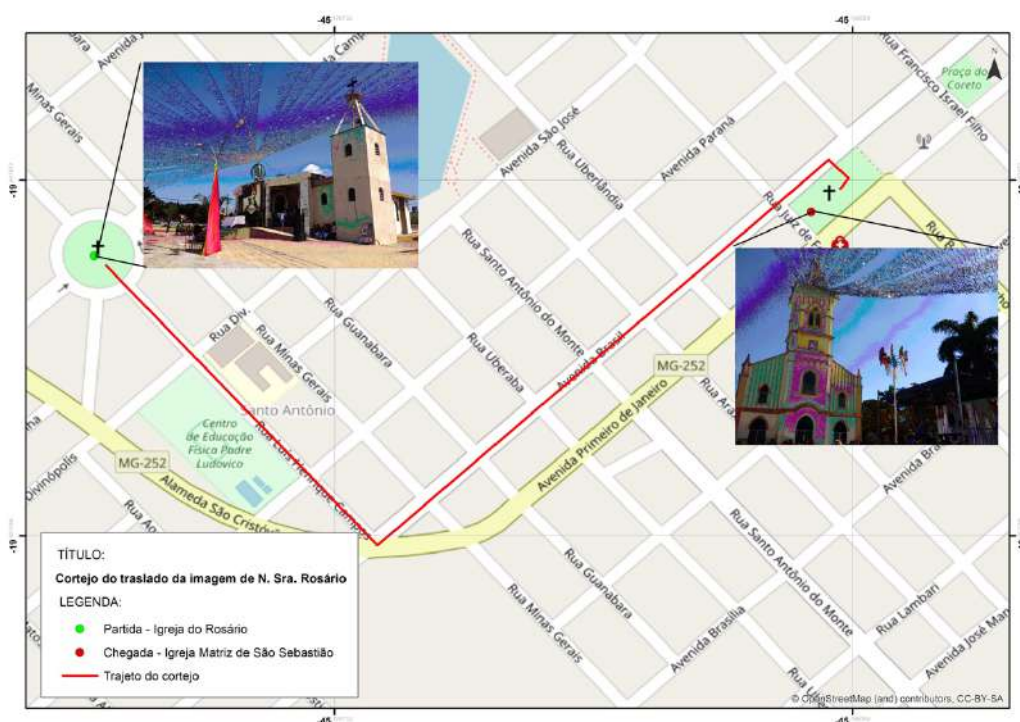
Fonte: Fotografias do autor (2017).

Enquanto na primeira cidade, entre o levantamento dos mastros e a festa propriamente dita, não se realiza qualquer ritual, a não ser algum terno que resolva ensair (dar um treino), no segundo contexto celebra-se o tríduo, isto é, a reza de três terços na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada na periferia da cidade, mais ou menos um mês após o ritual de levantamento na semana da festa, com início na quarta-feira e término na sexta-feira. Após a reza do último

⁵⁵ Com intuito de ordenar a solicitação e criação de novas congadas a Diretoria da Irmandade expediu em 2017 um Regimento Interno que especifica as diretrizes para os interessados em criar novos ternos (Ver Anexo C). Pelo que averigui em Araújo, a necessidade de disciplinar e tornar mais rígida a criação de novas congadas não é preocupação dos membros da diretoria, porque lá a situação preocupante é a escassez ou desinteresse da comunidade em criar novos ternos.

dia, a santa segue em procissão até a Igreja Matriz de São Sebastião, onde permanecerá lá de sábado à segunda-feira, período oficial da festa de reinado entre os arauajenses.

Mapa 2: Cortejo de transladação da imagem de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

Terminadas as bênçãos dadas pelo pároco na Igreja Matriz de Santo Antônio, já era quase início do horário do almoço no salão do galpão. Aos poucos, cada terno saiu da igreja e reuniu-se para receber as últimas orientações de seus capitães. Em seguida, já organizados em duas fileiras seguem em direção ao pátio do galpão percorrendo parte da cidade. Esse percurso marca a primeira apresentação dos dançadores, uma espécie de abertura do reinado para os moradores. Entre as várias congadas que estavam na igreja escolhi acompanhar a Congada do Pedrinho e Seu Justus, comandada pelo capitão Rondinélío, que tem o senhor Geraldo como bandeireiro.

Fotografia 54: Congada do Pedrinho



Legenda: Após receberem a benção do padre, antes de partir para a primeira visita, o capitão reúne seus dançadores passar os últimos informes. Fonte: Fotografia do autor (2018).

O terno saiu no primeiro dia com quarenta e três dançadores, incluindo homens, mulheres, adultos, jovens e também crianças. Criada pelos irmãos Pedrinho e Tostão no início da década de 80, a congada do Pedrinho e Seu Justus é formada majoritariamente por familiares como filhos, sobrinhos, irmãos, primos e amigos. O nome Justus foi incorporado ao grupo em homenagem ao senhor Justiniano que dava apoio ao grupo, inclusive permitindo que os ensaios fossem realizados em sua casa. Com o falecimento de Pedrinho em 2006, seu filho Rondinério passou ao lugar de capitão. Nesse período, Tostão resolveu criar seu próprio terno, denominado Congadeiros de Maria ou Congada do Tostão.

Fotografia 55: Os irmãos congadeiros Pedrinho e Tostão



Fonte: Congada do Pedrinho/Acervo particular (2020).

Fotografia do autor (2018).

Durante os primeiros dias de reinado, quinta e sexta-feira, os dançadores e dançadoras se apresentam com as fardas antigas caracterizadas por camisas de seda num tom de rosa xadrez,

com franja branca no peito e nas costas, calças bege e chapéu de feltro marrom. Um detalhe interessante é que nas costas das camisas havia a letra da cantiga composta pelo patrono do terno, Pedrinho. Essa cantiga é a identidade sonora da congada, que diz o seguinte:

Eu vou embora
Vou pra onde
A lua vai (2 vezes)

A lua vai e volta
Também quero
Voltar mais (2 vezes)
(Autoria: Pedrinho)

Antes de seguir em direção ao galpão, o capitão Rondinélío convocou os membros do terno para uma breve reunião na lateral externa da igreja matriz. Aproveitou o momento para dar alguns avisos e recomendações. Ele pediu para que não parrassem de dançar durante as visitas, que mantivessem a atenção nas rainhas e reis, e que ficassem atentos aos tocadores guias, pois são os sons dos instrumentos que avisam quando a dança deve parar. Dito isso, o grupo formou-se em duas fileiras e seguiu para o local do almoço. No trajeto foi interessante observar as pessoas formarem pequenas aglomerações nas calçadas e esquinas para assistir às performances do grupo. Alguns devotos e simpatizantes paravam o bandeireiro para se benzerem e beijarem a bandeira e também colocarem esmola na sacolinha presa à haste. Na chegada ao pátio notou-se que as primeiras congadas a adentrar o recinto para apreciar o banquete oferecido pelos dois casais de reis e rainhas festeiros, já estavam aguardando a liberação da portaria.

Nos quatro dias de festas, durante os horários de almoço e jantar, as dependências do galpão atingiram a lotação máxima. O local divide-se em dois espaços. O maior, onde ficavam as quatro mesas, destinava-se a acomodar os quatro ternos de congadas que entravam por vezes. Havia também uma parte suprida com cadeiras de plástico para que os congadeiros pudessem fazer suas refeições devidamente acomodados. À medida que cada terno de congada entrava no recinto, realizavam uma pequena apresentação em frente ao altar e se dirigiam para uma das mesas, onde o banquete de reinado já estava posto⁵⁶.

⁵⁶ Os almoços começam a ser servidos às 11 horas. A ordem de entrada dos ternos se dá através de sorteio, que acontece antes da festa, durante a reunião com os membros da diretoria e os capitães. Essa informação, e também as obrigações que cada grupo deve cumprir estão descritas nas pastas que são entregues a cada um dos representantes de congada. Para estabelecer a logística de acesso ao galpão, a organização do reinado estipulou que, adentram o recinto quatro ternos por vez. Entre um intervalo e outro, a equipe de voluntários responsável pela limpeza do piso, das mesas e de repor as comidas apressava-se para receber a outra leva de ternos. Por seu turno, os jantares têm início após os cortejos que acontecem todo final de tarde e terminam por volta das 19 horas. A logística de acesso dos ternos ao galpão segue a mesma descrita para o almoço.

Além deste, há outro espaço menor, onde ficam os convidados dos festeiros. Por ter um desnível e uma balaustrada, eles têm uma visão privilegiado para acompanhar as congadas quando adentram ao galpão. Foi com o intuito de dar privacidade aos brincadores que a diretoria providenciou esse espaço para abrigar os convidados. Nele havia também uma mesa, justamente para evitar que alguém que não fosse integrante de ternos se servissem no local destinado aos dançadores. No entanto, na prática isso não acontecia. As pessoas acabavam circulando por todos os espaços do interior do espaço, inclusive se servindo junto com os congadeiros. Virava uma grande festa, onde a comensalidade determinava a sociabilidade. Tudo ali regado a comidas reinadeiras.

Após a autorização, entraram no salão quatro congadas, uma de cada vez, obedecendo à ordem do sorteio realizada previamente pela diretoria da irmandade. Para entrar no salão os ternos formavam duas fileiras no portão principal⁵⁷, à espera de receber as boas-vindas dos reis e rainhas festeiros. No momento da entrada da Congada do Pedrinho os anfitriões se posicionaram em frente ao terno, receberam a bandeira, e de costas para o recinto, conduziram o grupo, que entoava cânticos acompanhados dos instrumentos, até o altar dos santos reinadeiras. Em seguida, dançadores e dançadoras se ajoelharam, descansaram os chapéus sobre os corpos curvados, e com os olhares voltados para o chão repetiram os vivas em homenagem aos santos, após seu capitão. Terminada a oração, a congada seguiu para ocupar os lugares ao redor da mesa cuidadosamente posta com o abundante banquete de comidas reinadeiras. Mais uma vez com todos os membros ao redor dela, reza-se um Pai Nosso e uma Ave Maria. Enquanto isso, o casal de reis festeiros dava as boas-vindas a outra congada e repetiam-se os procedimentos descritos anteriormente.

Passados os quarenta minutos de permanência no recinto, tempo determinado pela diretoria para que os membros das congadas façam as refeições, o capitão deu sinal ao som das batidas do tamborim, anunciando a hora de partida. A saída dos ternos acontece pelo portão lateral. Lá fora, o grupo se organizou em duas fileiras e seguiu rumo ao palco armado em frente à matriz, para prestar as homenagens aos reis e rainhas festeiros que patrocinaram o almoço⁵⁸.

Um detalhe interessante que perpassa todos os rituais realizados durante o reinado diz respeito ao tempo cronometrado que é adotado no cumprimento das atividades. O maior controle é com a permanência das congadas no interior do salão, durante as refeições e as visitas

⁵⁷ Se o grupo não estiver presente no horário definido, entra no salão o próximo da sequência, e aquele passa a ocupar o último lugar, isto é, *volta para o rabo da fila*, como dizem os congadeiros.

⁵⁸ Em alguns casos, durante os agradecimentos os reis e rainhas festeiros são representados por outros membros da família, geralmente filhos e filhas crianças. Isso porque eles necessitam permanecer no salão para dar as boas-vindas aos ternos de congadas.

de café, que são monitoradas pelos fiscais da diretoria, para não haver atrasos. Esses dois momentos exigem maior vigilância por parte dos fiscais, pois se acontecer algum problema aqui poderá desencadear outros atrasos, atingindo diretamente a procissão de fim de tarde.

No tocante a visitas, foi comum ouvir de capitão queixas como “quando a coisa tava ficando boa era hora de seguir para outra visita”. Ele referia-se ao momento das doações que os devotos e familiares visitados colocam na sacolinha presa à bandeira enquanto os congadeiros cantam e dançam para eles. O tempo utilizado para prestar as homenagens aos reis e rainhas festeiros no palco, que atualmente é de aproximadamente oito minutos para cada grupo, é outro ponto criticado por alguns capitães. Eles consideram pouco tempo para que as congadas possam apresentar de forma satisfatória suas performances. Alguns ainda reclamam que essa disciplina aplicada aos ternos, retira a espontaneidade do improviso, característica central nas cantigas de agradecimentos.

A preocupação da organização do reinado em Santo Antônio do Monte em controlar a logística de tempo dos ritos e obrigações das congadas durante a parte da manhã é para evitar atrasos nos almoços no salão. À tarde a preocupação se mantém com foco na concentração das congadas para a formação do cortejo de fim de tarde. Assim é preciso esforço e atenção das congadas no cumprimento da logística sincronizada adotada pela diretoria. Em Araújos, conforme relataram as festeiras perpétuas Milene e Socorro, não carece de tanto controle envolvendo logística e tempo, haja vista que elas recebem os congadeiros e congadeiras como se eles fossem amigos e familiares para confraternizarem e homenagearem a Nossa Senhora. Não há pressa, pois a festa é feita para eles. Ou como dizem alguns dançadores santo-antonienses, eles estão em missão, trabalhando para a santa.

Ainda sobre o reinado em Araújos, além do palco onde são realizadas as missas campais aos fins de tarde, há também uma tenda. Ambos ficam localizados na praça da matriz. A tenda é cuidadosamente ornamentada com bandeiras e flores, enfeitando o andor com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, que tem lugar de destaque no espaço. É nesse lugar que rainha perpétua, Agostinha, e o rei congo, Bila, recebem as homenagens dos ternos de congadas que, aos poucos, chegam à cidade no domingo de festa. Somente após prestar-lhes as devidas reverências é que o meirinho, as conduzem até a residência do festeiro responsável pelo oferecimento do almoço.

Quando a Congada do Pedrinho chegou ao palco, o outro terno ainda não havia concluído os agradecimentos. No entanto, seus membros permaneceram concentrados próximo à escada para agilizar a apresentação tão logo o espaço fosse desocupado. Com o palco vazio, o casal de reis festeiros se dirigiu à escada, recebeu a bandeira das mãos de seu Geraldo e de

frente para o grupo, caminhando de costas, dirigiu-se ao local onde havia duas cadeiras de madeira. Lá, diante dos reis o capitão retirou o chapéu, assentou-o na altura do peito, curvou o corpo em sinal de respeito e fez rezas de agradecimentos pedindo proteção para os reis em nome de Nossa Senhora do Rosário, São Bendito e Santa Efigênia.

Em seguida, diante do microfone ele cantou com auxílio de seus dançadores e dançadoras em agradecimento pela comida ofertada. Os versos pronunciados pelo capitão eram mesclados. Ora tendiam ao improvisado ora repetiam trechos de cantigas tradicionais de reinado, porém tinham como propósito pedir aos santos reinadeiros que beneficiassem os reis festeiros e seus familiares com saúde, prosperidade e outras graças. Apesar do sol escaldante, havia um público que assistia atentamente às apresentações. Para alguns capitães, o curto tempo de apresentação é um fator que interfere na espontaneidade, pois para alguns quando o grupo está aquecido já é hora de se despedir para dar lugar à congada seguinte. Após ser avisado pelo fiscal que seu tempo havia esgotado, o capitão tratou de incluir na cantiga palavras de sentido de despedida, fazendo sinal para os membros próximos à escada de acesso ao piso começarem a descer do palco. À medida que a congada desocupava o local, o casal de reis festeiros conduzia bandeira até o bandeireiro.

Rapidamente a congada se organizou em duas filas e seguiu para cumprir os compromissos da tarde. Inicialmente o grupo se dirigiu até a residência de um dos reis festeiros, que recebeu a congada na garagem. Ao chegar à frente da casa, o casal recebeu a bandeira e caminhou de costas para o altar e de frente para o grupo, permanecendo ali para apreciar a homenagem. O singelo espaço sagrado continha as imagens dos três santos reinadeiros e um jarro com flores artificiais coloridas. A mesa estava forrada com toalhas de ceda rosa e renda branca e havia também uma delicada fita de cetim branco que descia até o chão. Com o casal segurando a bandeira, todos os membros da congada se aproximaram do local sagrado e num gesto de referência aos santos levavam uma das mãos à boca, beijavam e devolviam ao altar através de um toque suave. Após esse tempo, o capitão deu início à cantoria: ele no centro do cômodo e seus dançadores e dançadoras em volta, tocando pandeiros, tamborins, caixas e sanfona. O teor das cantigas seguiu a mesma linha de intenções, ou seja, rogava aos santos que intercedessem e protegessem os patrocinadores responsáveis pelos banquetes de reinado. A homenagem terminou com o hino do grupo, que também era usado para anunciar a despedida: “Eu vou embora, vou pra onde a lua vai [...]”. Os anfitriões agradeceram a visita e entregaram a bandeira a seu Geraldo, que se posicionou na frente do grupo e os conduziu para o próximo compromisso.

Andou-se poucos metros de distância e logo se chegou à residência dos pais de Eloisa (Lolô), uma rainha festeira veterana, que inclusive já fez parte da diretoria da irmandade. Porém, a festeira da vez era uma de suas filhas que havia pegado a coroa grande. A congada foi recebida na área de entrada, onde havia um cuidadoso altar montado sobre um tapete felpudo de cor bege, cuja mesa estava forrada com tecido na cor amarelo pastel e recoberto por outro tecido rendado e bordado com flores douradas. Sobre a mesa, ao centro, estavam as imagens de Nossa Senhora do Rosário, no meio, e ao lado São Benedito e Santa Efigênia. Sob os pés dos santos, desciam até o chão fitas de cetim brancas. Ainda ornando o altar havia dois jarros dourados com muitas flores naturais em tons de rosas e dois castiçais com velas acesas, também dourados. É digno de nota a diversidade dos altares expostos nas residências dos devotos e as mesas de comidas dos cafés.

O rito de recepção seguiu o mesmo protocolo, ou seja, o bandeireiro se aproximava da porta de entrada e entregava a bandeira a festeira. Ela, por sua vez, a recebeu e seguiu de costas para o altar onde ficou posicionada na companhia dos demais membros da família. Antes de iniciar a cantoria foi oferecida água fresca para a congada. Após uma breve pausa, o capitão convocou seus dançadores para dar início à cantoria. Foram aproximadamente trinta minutos de permanência entre chegar, cantar e despedir-se, pois, já havia outra congada para cumprir sua visita.

Terminado o rito, a festeira se dirigiu até à calçada, entregou a bandeira e seguimos para a próxima visita. Dessa vez, o destino seria a residência da rainha conga, dona Maria Geralda, que residia atrás do posto Foguetão. No entanto, durante o trajeto nas proximidades do cemitério, ao passar em frente a um bar, o seu dono, por certo um devoto dos santos reinadeiros, parou o bandeireiro para dar uma esmola. Em agradecimento ao gesto o capitão convocou os membros da congada para fazer uma cantoria no interior do estabelecimento. Como nele havia duas mesas de sinuca grandes, os dançadores e dançadoras se ajeitaram como puderam. As festas de modo geral têm o poder de promover aberturas que cotidianamente não ocorrem. Por se tratar de um ambiente de lazer específico para o público masculino adulto, talvez em outras ocasiões as jovens e crianças não entrassem no bar. Assim, a congada cantou por alguns minutos, quando seguiu com seus membros enfileirados, para cumprir a tarefa que estava programada.

Embora a participação de mulheres nos ternos de congadas atuando como dançadoras ou como capitã, seja uma realidade nas festas de reinado, talvez a permissão para que elas frequentem ambientes cotidianamente definidos pela comunidade de uso exclusivo masculino tenha relação com as aberturas provocadas pelos festejos de reinado. Da Matta (1997) ao se

referir às festas como um período *extraordinário*, chama atenção justamente para a existência de diálogos profícuos entre a festa, como um domínio especial, e as diversas possibilidades de aberturas que ela permite.

A rainha conga, que também é sobrinha do bandeireiro Geraldo, já aguardava na calçada a visita da congada. Aliás, durante os dias de festa de reinado, é obrigação dos ternos de congadas visitarem os membros da corte real. Antes mesmo do grupo chegar à calçada da casa, dona Maria Geralda veio ao encontro do grupo, beijou a bandeira e se dirigiu com eles para a garagem, posicionando-se ao lado do altar com as imagens dos santos. Durante essa visita observei a existência de um outro objeto que compunha o contexto de sacralidade do reinado: sua coroa. Assim, à medida que os membros da congada se dirigiam para reverenciar os santos também incluíam o beijar a coroa, que sua guardiã segurava enquanto recebia as homenagens.

Prestadas as devidas solenidades à integrante da corte real do reinado, que é uma das personagens de maior vulto a quem todos os congadeiros devem obediência, seguiu-se para cumprir mais uma obrigação. Dessa vez, o destino final foi a sede da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), localizada na saída para a cidade de Bom Despacho, trajeto que requereu dos dançadores e dançadoras um pouco de preparo físico, dada a distância de onde estávamos. O percurso até o local durou uns vinte minutos. O grupo foi recebido com entusiasmo pelo público heterogêneo assistido na instituição, composto por crianças, jovens e adultos. Foi uma visita diferente das outras, já que a intenção era também de integrá-los, de modo que os instrumentos foram compartilhados com os alunos. Ao final foram servidos picolés para aliviar o calor.

Concluída as obrigações de visitação do dia, o próximo compromisso da congada foi a formação do cortejo de reinado. Nesse ano, a concentração ocorreu na residência do senhor Natalino, sede da Congada Nossa Senhora do Rosário, que havia falecido há poucos dias. Portanto, em sua homenagem a procissão saiu da residência de seus familiares, no bairro do Davi, com destino à Igreja Matriz, onde foi celebrada a Missa Conga. A cada dia de reinado o cortejo sai de um lugar diferente, mas, no geral, costuma privilegiar as duas paróquias, como mostrarei ao longo do capítulo.

Fotografia 56: Concentração dos ternos de congadas antes do cortejo



Legenda: Congadeiros jovens sentados nas calçadas enquanto aguardam pela formação do cortejo. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Ao chegarmos ao local, próximo ao Beco do Acácio, por volta das 17 horas, já havia muitas pessoas aglomeradas, incluindo os membros das outras congadas, os reis e rainhas perpétuos, congos, reis e rainhas festeiros, devotos e simpatizantes aguardando o momento de saída do cortejo. Enquanto aguardavam pela chegada dos outros ternos de congadas, os grupos presentes homenageavam Nossa Senhora do Rosário⁵⁹, cuja imagem se encontrava ornada com flores, no seu andor, pronta para ser conduzida em procissão. Nas proximidades, alguns fiéis aproveitavam para conversar e beber uma cerveja comprada do comerciante ambulante que transitava pelo local. Os jovens, sentados pelas calçadas enquanto aguardavam o comando de seus capitães, permaneciam navegando pelas redes sociais, através de seus *smartphones*.

⁵⁹ Nesse dia apenas a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi trasladada, ritual que revive a retirada da imagem da água pelos congadeiros.

Mapa 3: Cortejo do primeiro dia de reinado



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

Um fiscal da irmandade passou avisando aos presentes que o cortejo estava prestes a sair, e que, portanto, as congadas já podiam se organizar, uma após a outra, em fileiras duplas, ocupando o espaço da rua. O primeiro terno a se posicionar na extremidade do cortejo foi o Vilão. Tradicionalmente, ele se encarrega de puxar os demais ternos do cortejo, e ao chegar à igreja, que está de portas fechadas, pedirá permissão ao padre, para que os demais possam entrar. Essa passagem faz parte da performance da Missa Conga.

Fotografia 57: O cortejo de reinado pelas ruas de Santo Antônio do Monte



Legenda: Cabeça do cortejo onde estão posicionadas a corte real e as imagens dos santos. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Na outra extremidade, seguindo a hierarquia, se posicionaram os reis e rainhas festeiros, os mordomos de bandeiras, os reis e rainhas perpétuos e congos, e logo em seguida, a imagem de Nossa Senhora do Rosário. O grupo que compõe a realeza do reinado estava vestido a caráter com capas de veludo contendo bordados dourados, conduzindo suas coroas pousadas à frente do peito. Alguns contavam com a ajuda de familiares que seguravam as sombrinhas. Esses objetos hoje não são mais enfeitados como antigamente. Segundo dona Aparecida, da Congada São Benedito, as sombrinhas costumavam-se receber um acabamento em tecido de seda e fios dourados, combinado com as capas das rainhas.

Fotografia 58: Cortejo de reinado e o moçambique



Legenda: Terno de Moçambique puxando a santa e os membros da corte real. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Outros aspectos distintos entre o reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújos estão relacionados à extensão do trajeto dos cortejos. Enquanto no primeiro a procissão costuma percorrer uma distância longa (Ver Mapas 3, 4, 6 e 8), que demora mais de uma hora para ser realizada, no outro, o caminho é curto e todos os anos segue o mesmo trajeto (Ver Mapa 7). Isto é, parte do Salão São Vicente de Paulo, localizado a cerca de quinhentos metros da igreja, segue pela avenida paralela à igreja, contornando-a e termina na Praça da Matriz.

De acordo com a tradição do festejo santo-antoniense, conforme já mencionado no capítulo anterior, o cortejo de reinado foi puxado por um terno de moçambique. Portanto, o escolhido do dia foi o Moçambique Otaviano Piriá, cuja obrigação era pajear a corte real durante o trajeto até à igreja matriz⁶⁰. Desde o momento da retirada da imagem que estava na casa do congadeiro, alguns membros da *linha de frente do terno* (como caixeiros e capitães) acompanhavam-no de frente para a corte real e de costas para o restante do cortejo. O gesto reproduzido relembra o mito de origem do reinado, quando um terno de moçambique retirou

⁶⁰ A cada dia de cortejo é escolhido um terno de moçambique para puxar o reinado.

a imagem de Nossa Senhora das águas, e a conduziu até a igrejinha, conforme já relatado no capítulo 1, quando discuti sobre as narrativas que estruturam o festejo.

Dois aspectos interessantes que observei entre os cortejos de reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújos dizem respeito ao título de rei e rainha e ao rigor das vestimentas. Entre os araujenses, por exemplo, os patrocinadores são chamados apenas de *festeiro* e *festeira* e não acompanhavam os cortejos trajando as vestes de realeza. Os únicos que usavam trajes de festa eram os membros da corte, ou seja, rainha perpétua, rei congo e o casal de reis morenos. Mas o fato de não seguir o rigor das vestimentas para todos não significa participar da festa com qualquer tipo de roupa. Pelo contrário, costuma-se se confeccionar roupas novas, pois afinal trata-se do maior festejo religioso e cultural da cidade. Conforme mencionou Dora, a festeira/mordoma de bandeira, ela sempre compra uma roupa nova para usar no reinado.

Ainda era dia quando a procissão começou. Durante boa parte do trajeto o cortejo foi acompanhado por fogos de artifício (foguetes) que explodiam nos céus, anunciando o tempo festivo em homenagem aos santos. Desse momento em diante o cortejo caminha devagar ao som dos cânticos e batuques. Cada terno baila e canta à sua maneira, formando uma grande orquestra pelas ruas da cidade. Os devotos que não acompanharam o cortejo do ponto de partida o aguardavam em locais estratégicos e a partir dali o seguiam. Isso incluía alguns reis e rainhas. À medida que ele avançava, aumentava ainda a adesão de pessoas, que passavam a acompanhar a multidão, inclusive alguns membros da corte real que integravam o grupo que havia acompanhado o cortejo desde o ponto de partida.

Fotografia 59: Membros da corte real



Legenda: Reis e rainhas que aguardavam o cortejo ao longo do percurso. Fonte: Fotografia do autor (2018).

As ruas e avenidas por onde o cortejo passava eram bloqueadas com cavaletes e os fiscais de ruas avisavam aos motoristas os pontos de saída. A liberação ocorria à medida que o

cortejo acabava de passar. Por se tratar de um trajeto longo, da periferia da cidade ao centro, algumas congadas adiantavam o passo, tendo que parar e esperar pelo restante. Enquanto isso, seus dançadores e dançadoras sentavam-se no meio-fio das calçadas ou na rua mesmo. Ao se aproximar da região central, o trajeto priorizou passar em frente à residência da ex-rainha perpétua falecida em 2016, Dona Janete, e também em frente ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, onde encontravam-se os mastros hasteados.

Por volta das 19 horas, horário estabelecido pela organização da festa, o terno do Vilão chegou ao pátio da igreja matriz, posicionou-se próximo à porta principal enquanto aguardava o restante do cortejo. No interior da igreja, os fiéis e devotos que não acompanharam o cortejo já aguardavam pela celebração da Missa Conga⁶¹. A celebração é um ato simbólico inserido nos festejos de reinado a partir da década de 2000, visando incluir e reconhecer as crenças e costumes dos povos africanos que homenageiam Nossa Senhora do Rosário. É provável que sua celebração tenha sido introduzida por se tratar de uma prática já comum na região. Segundo Leonel (2009. p. 86), “a Missa Conga passou a ser rezada em Divinópolis no ano de 1977, pelo Frei Leonardo Lucas Pereira”. O rito se popularizou a tal ponto que a Fundação Municipal de Cultura de Divinópolis (MG) e a Comissão de Organização do Reinado no Largo do Rosário produziram na década de 90 um LP denominado *Missa Conga*. O conteúdo pensado didaticamente parecia ter um propósito maior: disseminar a prática para ser reproduzida em outros reinados. Certamente as cópias distribuídas gratuitamente ou vendidas inspiraram muitas comunidades reinadeiras a introduzir o rito nos festejos.

O ritual que antecedeu a celebração foi composto por uma encenação que rememorava à época que Igreja Católica proibia a entrada dos congadadeiros para prestar homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Com as portas da igreja fechadas, o capitão do terno do Vilão bateu com sua varinha, e entoando um bendito de súplica, pediu ao padre, que estava do lado de dentro do templo, para deixá-los entrar. Em seguida, o celebrante deu a permissão, os dançadores entraram e se posicionaram de frente um para o outro, formando duas fileiras ao longo do corredor central. O efeito foi de um túnel formado pelas varinhas em formato de

⁶¹ Apesar de celebrar-se missas campais durante a festa de reinado em Araújos, os organizadores não fizeram menção à missa conga, nem se ela acontece nos moldes do reinado em Santo Antônio do Monte. Nesse sentido, durante os anos que acompanhei os festejos do domingo de reinado não observei a inclusão de congadeiros no coral da celebração. Porém, os sermões do padre Antônio Carlos, da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Bom Despacho, de origem negra e responsável pela Diretoria das Congadas no âmbito da Diocese de Luz, evocavam os mitos de origem da manifestação, sobretudo, ao refletir sobre a festa de reinado e a escravidão dos negros, como costuma acontecer na missa conga. No entanto, eles ressaltaram que já faz alguns anos que o celebrante conduz a missa do domingo de reinado em Araújos. Pelo menos desde 2014, quando comecei a acompanhar com mais frequência o reinado em Santo Antônio do Monte, esse padre é o celebrante oficial da missa conga, inclusive ele já gravou alguns CDs com cantigas de congadas.

triângulo cujos vértices apontavam para o alto. Por esse caminho colorido passaram todas as congadas. Em seguida, a Congada São Benedito, que foi batizada durante a cerimônia, cruzou o túnel e seus dançadores se posicionaram no altar.

À medida que as outras congadas entravam no recinto, paravam em frente ao altar e cantavam um verso para homenagear o novo terno. As batidas dos tambores ecoavam no interior do templo e reverberavam longe. O chão estremecia, parecia som de trovoadas cortando o céu. A calmaria que geralmente parece reinar na igreja no cotidiano, convidando o indivíduo à meditação, naquele instante se transformaria numa grande festa.

A diferença entre a missa conga e a missa convencional conforme os preceitos da Igreja Católica é que na primeira, ao invés dos hinos, são cantadas cantigas de congadas acompanhadas por instrumentos dos congadeiros (caixas, pandeiros, gungas, sanfonas, tamborins e pandeiros) e os sermões dão ênfase à história ancestral dos negros escravizados, inclusive contextualizados a partir das narrativas míticas da vida de São Benedito e Santa Efigênia, ambos de origem africana.

Fotografia 60: Batismo da Congada São Benedito



Legenda: Membros da congada posicionados em frente o altar-mor recebendo as homenagens de cada um dos ternos que entrava na igreja. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Após receber as homenagens, a congada sai do altar, que recebeu os membros da igreja para o início da celebração. A missa conga é um dos eventos mais esperados da festa de reinado em Santo Antônio do Monte. A celebração daquele ano, bem como dos anos subsequentes foi conduzida pelo padre Antônio Carlos. Ele incluiu em seus sermões não somente as passagens bíblicas de cunho evangelizador, mas sobretudo aqueles que induziam à reflexão crítica sobre a questão negra e o período histórico da escravidão no Brasil. A fala do padre refletia seu

posicionamento enquanto membro da igreja e descendente de africanos, portanto herdeiro legítimo da religiosidade de seus ancestrais negros, e demonstrava afinidade com os congadeiros.

Fotografia 61: Objetos do reinado



Legenda: Bandeiras dos ternos e coroas depositados em frente para o altar, sob os pés dos santos. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Desde quando a celebração foi integrada aos festejos de reinado é possível observar que ela passou por alguns processos de adaptação, conforme já mencionado no capítulo anterior. Alguns deles levaram em consideração a otimização do tempo, que aliás, tem aparecido frequentemente nas falas de alguns membros da diretoria da irmandade como um desafio a ser constantemente enfrentado. Para Dinho, o aumento no número de congadas associado à expansão territorial da cidade, através da criação de novos bairros, tem demandado a utilização de uma logística pautada na temporalidade do relógio.

Nesse sentido, ao contrário do que ocorria nos anos passados, que cada passagem da missa contava com as cantorias dos ternos, atualmente esse tipo de participação não acontece. Ao invés disso, foi criado um coral com alguns membros da linha de cantiga de congadas, que cantam toadas reinadeiras no lugar dos hinos católicos.

Já passava das 20 horas quando o celebrante deu a benção final. Em seguida, os dançadores e dançadoras dos ternos tomaram posse de seus instrumentos que repousavam próximo ao altar e saíram da igreja bailando em direção à Praça da Matriz. Diferentemente do que ocorrerá nas noites seguintes, quando após o cortejo os ternos seguem em direção ao galpão para o jantar e, em seguida, retornam ao palco para agradecer aos reis e rainhas festeiros, os compromissos de reinado do dia encerraram-se após a celebração da missa conga. O que não significa que todos os membros retornem às casas, afinal, é festa, momento de encontrar amigos e celebrar na rua.

A quinta-feira de reinado, portanto, apesar de marcar o início do reinado, passava a sensação de que a festa não tinha começado, faltava alguma coisa. Primeiro, porque os ternos das cidades vizinhas (Divinópolis e Lagoa da Prata), que são vinculados à irmandade, não estavam presentes e segundo, porque alguns dançadores de reinado que residiam fora não haviam se integrado a seus ternos. Ao longo dos dias é que a festa foi ganhando grandeza, ou como diziam os congadeiros, “foi ficando animada”.

Como no primeiro dia reinado não há jantar no salão, somente na sexta-feira e no sábado, o movimento à noite ficou concentrado em torno da igreja matriz. Enquanto alguns congadeiros permaneceram por mais um tempo no local, apreciando as poucas barraquinhas de comidas, tiro-ao-alvo, bijuterias e brinquedos, que já estavam instaladas na avenida lateral da igreja, outros preferiram ir para suas casas, para no dia seguinte logo cedo darem início as obrigações dos cafés da manhã.

4.1.2 Segundo ato – a sexta-feira de reinado

Como a maioria dos ritos se repete durante os dias de festa, a partir dessa sessão, darei ênfase apenas àqueles que considero relevante descrevê-los como as visitas de cafés da manhã e tarde, as entregas e pegadas das coroas, as homenagens aos reis e rainhas festeiros e o cortejo do final do dia. Para esse dia resolvi acompanhar a Congada Congadeiros de Maria, do capitão Tostão, que tem como membros os dois irmãos congadeiros, Fiím e Otaviano. Juntamente com o outro irmão, Geraldo, são seguramente os dançadores mais antigos e em atividade no reinado da cidade. O capitão conta com a ajuda de seu secretário, Ari, encarregado pela pasta que contém os compromissos do dia, e de sua filha, Eduarda, com quem divide algumas tarefas, entre elas as cantorias. Ela se iniciou na congada quando tinha apenas sete anos de idade. Trajetória essa que tem servido de inspiração para sua sobrinha ainda criança que acompanha o terno durante os dias de festa. A postura da dançadora-mirim tem um único foco: o olhar atento aos passos da tia que já tem experiência. Isso é recorrente em outros ternos que têm crianças, como é o caso da filha do moçambiqueiro João Paulo, que já arisca entoar alguns versos de agradecimentos. Ou seja, que o aprendizado acontece na prática durante as apresentações.

No geral, a concentração matinal dos ternos acontecia nas residências dos capitães, porém não era uma regra. Em 2016, enquanto realizava uma pesquisa exploratória pela cidade acompanhei os preparativos da Congada Congadeiros de Maria, durante a saída da residência do capitão Tostão.

Fotografia 62: Ritual de saída da congada



Legenda: A esposa do capitão Tostão segurando a bandeira, enquanto ele a beija e pede proteção. Fonte: Fotografia do autor (2016).

Já em 2018, no segundo dia de reinado, a congada do capitão Tostão concentrou-se por volta das 9 horas, no bairro São Lucas, próximo à residência da família do devoto que ofereceu o café da manhã. Quando cheguei próximo ao local só estava o senhor Antônio, o sanfoneiro que acompanhou o terno naquele dia. Ele me relatou que aprendeu a tocar o instrumento ainda quando era criança e que não cobrava para acompanhar a congada. O sanfoneiro oficial, um jovem que residia em outra cidade, só acompanhou o grupo nos dois últimos dias. Em seguida, chegaram de carro o capitão Tostão e o congadeiro Otaviano, que por conta de dificuldade de mobilidade carece do auxílio de transporte. Mas aos poucos o restante dos dançadores e dançadoras do terno foram chegando e se posicionando em fila, no início da rua, para seguir formado até a residência.

A congada dirigiu-se à casa do devoto para tomar o café, distante a poucos metros, com seus membros organizados em duas fileiras. Cada um tocando seus pandeiros. À frente estavam posicionados os adultos, e atrás os jovens e crianças. Ao centro os tocadores de caixas e o sanfoneiro. Na linha de frente da congada atrás do bandeireiro, estava o capitão do terno, que dava o comando com as batidas do tamborim.

Fotografia 63: Chegada da congada à residência dos devotos



Legenda: A congada seguindo a pé para uma visita e recepção do devoto. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Ao chegar ao local, o casal de devotos, que já estava posicionado sobre a calçada, recebeu a bandeira e seguiu de *fasto* conduzindo os dançadores para o interior da residência, onde havia um altar com as imagens dos santos. Sobre uma singela mesa ornada com uma toalha branca rendada, estavam os vultos dos três santos reinadeiros e um rosário preto, que dava boas-vindas para quem entrava na casa. O senhor Ari, de frente para o altar, retirou o chapéu em sinal de respeito, ato que é reproduzido pelos demais membros; rezou um Pai Nosso, uma Ave Maria e proferiu saudações de vivas na intenção dos santos homenageados.

Fotografia 64: Congadeiros em volta à mesa de café da manhã



Legenda: Congadeiros em volta da mesa de café durante a reza de agradecimento conduzida pelo capitão. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Em seguida, o grupo foi convidado a dirigir-se até à sala de estar onde estava posta a mesa do café da manhã com quitandas (pastel de carne, bolos, biscoito frito, cachorro quente, café e refrigerantes). O momento de partilhar o banquete é visto e sentido como um gesto que envolve sentimentos como doação, partilha e renovação de votos. E nada mais propício para celebrar que reunir amigos e familiares em torno da comida farta. Enquanto alguns membros permaneciam ao redor da mesa, outros saíram e ficaram em frente à casa, esperando o comando do capitão para prestar homenagem aos devotos.

Fotografia 65: Os irmãos Fiím e Otaviano



Legenda: Congadeiros da linha de frente de cantiga da congada. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Não demorou o líder chamou seus dançadores para se reunir em volta do altar e começar a cantoria. Uma das performances que talvez seja um dos diferenciais do grupo é a harmonização das seis vozes. Na linha de frente de cantigas, na primeira e na segunda estavam Tostão, Ari e Eduarda, na terceira, Agnaldo caixeiro, e na quarta, quinta e sexta vozes os irmãos Fiím e Otaviano. Em linhas gerais, a técnica de uso das vozes nas cantorias consiste em sustentar ao máximo o comprimento das notas musicais dos versos, prolongando a musicalidade e trazendo harmonia ao canto. Após a cantoria de agradecimento, os membros posicionados na rua, de frente para a casa, cantaram e bailaram; não demorou muito que os vizinhos saíssem de suas casas para prestigiar a apresentação. Em seguida, com os dançadores organizados em filas, seguimos em direção ao salão do reinado, distante cerca de um quilômetro, pois o horário sinalizava para o início do oferecimento do almoço. Porém, por estar distante do pouso, a congada levou 30 minutos para chegar ao local. Quando o grupo chegou ao pátio do salão choveu muito, obrigando as congadas que estavam aguardando o momento de entrar no recinto a procurar algum abrigo, enquanto esperavam a saída das que estavam almoçando.

Fotografia 66: Almoço no salão do reinado



Legenda: Congadeiros posicionados ao redor da mesa. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Recebida pelo rei e rainha festeiros, a congada seguiu os ritos de praxe nesse momento: entrada solene no recinto, reverência aos santos no altar e direcionamento para a mesa disponibilizada para o grupo. Com os membros reunidos em volta das comidas, o secretário Ari⁶², posicionado na cabeceira da mesa, rezou em agradecimento pelo alimento. Só depois os congadeiros foram autorizados a iniciar as refeições. Passado o tempo determinado pela

⁶² Durante as reuniões e eventos ocorridos no salão da irmandade, Ari sempre esteve presente representando a Congada do Tostão. Ele, além de cantador e rezador, desempenha também a função de relações públicas do terno. Isso reforça o engajamento do congadeiro não apenas nos ritos durante a festa, mas na mediação entre o terno e a diretoria.

diretoria para estar no salão, a congada se retirou, formou e seguiu em direção ao palco para homenagear os reis e rainhas.

Fotografia 67: Agradecimentos à rainha festeira no palco



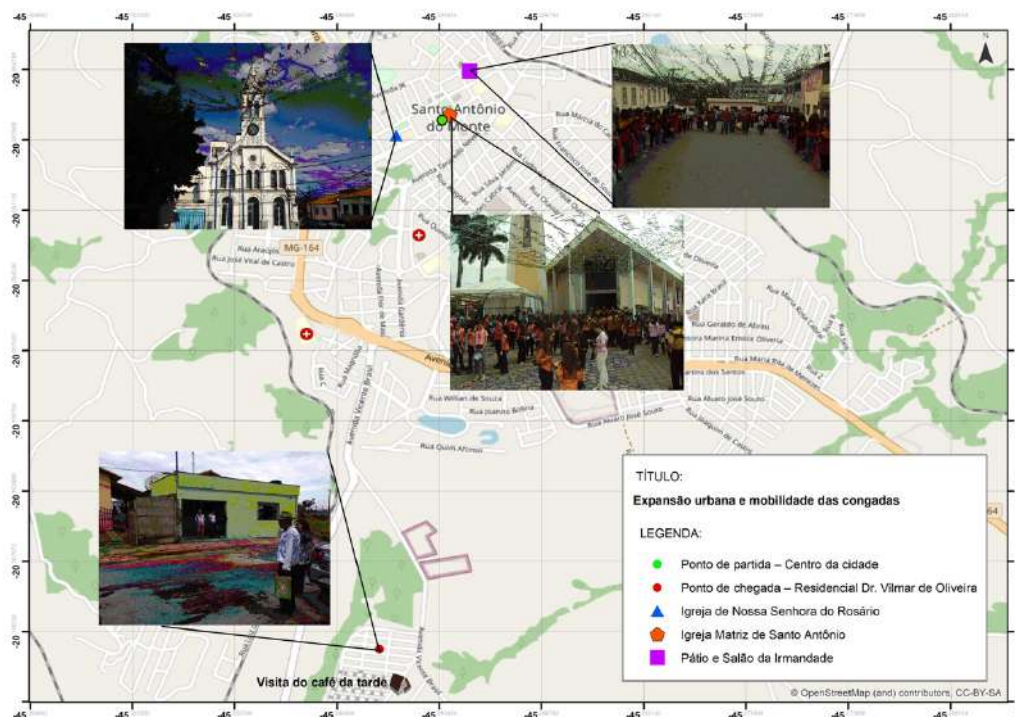
Legenda: Rainha festeira recebendo a bandeira da congada (esquerda) e a cantoria de agradecimento feita pelos congadeiros Tostão, Ari e Otaviano (esquerda). Fonte: Fotografias do autor (2018).

Após todos os membros do grupo subirem ao palco, iniciou-se a cantoria. Os congadeiros da linha de frente de cantigas aproximaram-se das rainhas e diante do microfone cantaram toadas em agradecimento. O senhor Otaviano, responsável por sustentar as últimas notas das melodias, ou seja, a sexta voz, aproximou-se, integrando o grupo. Ao contrário do dia anterior, em que havia poucas pessoas assistindo às performances dos grupos, o público se mostrava um pouco mais expressivo.

Terminadas as homenagens, a congada foi se concentrando na lateral da igreja como se aguardasse por alguém. Na verdade, todos esperavam pela chegada do ônibus que os levaria para cumprir a tarefa de visita do café da tarde, na residência de um devoto, que morava no Residencial Dr. Vilmar de Oliveira⁶³, distante a aproximadamente uns quatro quilômetros do centro.

⁶³ O residencial foi criado por volta do ano 2005 e evidencia o quanto a cidade cresceu para além do núcleo urbano central. O mesmo fenômeno ocorreu com os bairros Mangabeiras e Belvedere.

Mapa 4: Espacialidade da festa de reinado em Santo Antônio do Monte



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

Sem o uso de transporte de passageiros seria inviável atender ao pedido e ao mesmo tempo cumprir com os compromissos determinados pela diretoria da irmandade, como estar nos locais de partida dos cortejos no horário exato. Para mim foi uma surpresa acompanhar o processo de mobilidade da congada pela cidade, utilizando o ônibus como meio de transporte. Até o momento só havia acompanhado os ternos a pé. Pude de fato vivenciar uma transformação do reinado, considerada significativa pelos congadeiros. Se, por um lado, a demanda por transportes para a condução de congadeiros dentro da cidade era recente, por outro dizia muito sobre as transformações impostas pela expansão urbanística.

Enquanto aguardávamos o transporte conversei com o congadeiro Sebastião, esposa da capitã Tida, para saber sua opinião a respeito das mudanças do reinado, especialmente, no quesito utilização do ônibus para o cumprimento das vistas aos devotos.

Antigamente a gente ia de a pé, na época deu menino, a gente ia de a pé visitar as casas. Era tudo pertinho. Mas a cidade se desenvolveu, cresceu muito, e as pessoas foram morar longe. Comparação, a casa que nós vamos agora, fica fora da cidade, não dá pra ir caminhando. Pra gente cumprir com as obrigações de Nossa Senhora e chegar no lugar no horário marcado pela irmandade, só é possível com ajuda de transporte (Sebastião, depoimento oral, 2018).

A partir da fala do congadeiro e de outros, que relataram sobre os processos de transformações ocorridos na dinâmica do festejo, foi possível perceber que o reinado vem se adaptando a novas condições. É bem provável que sua continuidade não apenas hoje, mas desde as épocas passadas, só foi possível graças a possibilidade de adaptação às mudanças aí ocorridas.

Tem-se presente na festa de reinado um contexto de mobilidade na cidade, fenômeno sociocultural que ganha espaço reflexivo nas ciências sociais na chamada modernidade, a partir dos movimentos de seres humanos e de suas produções no tempo e no espaço. Autores contemporâneos como Tim Cresswell (2011) e Paola Jirón (2010) têm se destacado nas discussões a respeito desse tema e foi a partir de suas contribuições teóricas que Guilherme Eugênio Moreira (2017) analisou o fenômeno da mobilidade para pensar os percursos realizados pelas folias de rei na cidade de Belo Horizonte.

Fotografia 68: Uso do transporte de passageiros



Legenda: Congadeiros no ônibus seguindo para uma visita de café da tarde. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Em poucos instantes o veículo estacionou, os membros da congada entraram e seguimos viagem rumo a mais uma visita para realizar o pagamento da promessa do devoto, deixando para trás as apresentações dos outros ternos. A viagem demorou uns dez minutos, mas como a turma era animada a impressão que tive é que gastou menos tempo. O uso do transporte de passageiros se faz necessário, conforme mencionaram alguns congadeiros, porque permite o cumprimento das obrigações impostas pela diretoria da irmandade aos ternos de congadas, evitando assim que eles sejam penalizados por não chegarem aos eventos do reinado nos horários exatos. No entanto, a mudança é vista por alguns congadeiros como um gasto a mais já que, em alguns casos, chegam a ser custeados pelos próprios dançadores.

O bairro, por estar distante da cidade, mais parecia uma comunidade rural, apesar de lá avistar-se a cidade ao lado. O ônibus parou a uma certa distância, de modo que a congada seguiu a pé, executando suas performances até a residência dos devotos. Os anfitriões já estavam à

espera na calçada de casa para recebê-la. Embora, como já foi dito, eu não tenha acompanhado os ternos das congadas em Araújo durante o reinado, de acordo com os relatos dos entrevistados, lá não se utilizava o transporte de passageiros para auxiliar nas visitas às residências dos devotos e dos festeiros. Os percursos pelas ruas da cidade ainda são feitos a pé. O fretamento de ônibus era usado apenas para conduzir os membros das congadas de seus municípios de origem para participarem dos festejos no domingo de reinado.

Talvez o lado negativo de *trabalhar para Nossa Senhora* realizando os trajetos em transporte como meio de locomoção é que o grupo não recebia mais a reverência dos devotos por onde passava. Tradicionalmente, quando se realiza os percursos a pé é comum que as pessoas saíam de suas casas e dirijam-se até à bandeira do terno para beijá-la e depositar uma esmola. Também é costume local de pessoas doentes se posicionarem na frente de suas casas para serem agraciadas pelas rezas e cantorias dos reinadeiros. Alguns capitães, como é o caso de Tônico do Congo do Peão, referem-se a atos dessa natureza como *fazer curas*. Contudo, à medida que cresceu a necessidade de aderir ao uso de transporte, esse tipo de ritual de curar as pessoas vai aos poucos sendo suprimido ou se restringindo apenas aos lugares estabelecidos pela diretoria. Portanto, com a ajuda do veículo que certamente encurtou as distâncias e deu celeridade às atividades ritualísticas, a congada seguiu fiel cumprindo os imperativos do tempo cronológico que rege a festa de reinado na atualidade, e conseguiu pagar as obrigações do dia.

Nesse sentido, como em toda transformação há ganhos e perdas, a inserção do ônibus trouxe um ônus para a parte qualitativa do reinado, que é a perda do contato direto com os devotos e a realização de curas espontâneas. E também acrescentou ao reinado uma despesa a mais que antes não havia. É interessante observar que através dos registros das atas de reuniões a diretora da época já expressava resistência em aceitar ritos espontâneos por parte das congadas durante o reinado, como visitas a devotos não programadas pela organização da festa. Conforme documento antigo da Diretoria da Irmandade: “Fica expressamente proibido a todos os cortes quer de Congada quer de Mossambique (sic) fazer visitas particulares nos dias de festa, podendo, entretanto, fase-las (sic) nos dias de ensaio e decimento do mastro depois de decido este” (IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, 1961).

Fotografia 69: Chegada da congada ao bairro



Legenda: Dançadores da congada descem do ônibus, formam duas fileiras e seguem dançando e cantando em direção à casa do devoto que os espera para receber a bandeira. Fonte: Fotografias do autor (2018).

O grupo fez uma apresentação demorada na rua, em frente à residência dos devotos. Em seguida foi conduzido pelos donos da casa até a cozinha. Lá, havia uma mesa posta com vários quitutes como broa de fubá, pasteis, bolos, farofa de cenoura e refrigerantes. Diante da mesa o devoto fez um discurso de agradecimento e boas-vindas, e em seguida foi feita a reza. Somente após o ritual de agradecimento pelo alimento os dançadores foram liberados para degustar as iguarias. Enquanto se comia, ouvi que os assuntos das conversas giravam em torno do reinado, principalmente dos tempos passados. Também observei que no alimento ofertado aos congadeiros é que o pagamento da graça aos santos acontece no mundo social.

A preparação das *comidas reinadeiras* é uma etapa primordial da festa, pois além de possibilitar a circulação de serviços, mercadorias e pessoas, sabores, texturas e cheiros com intuito de homenagear os santos, “são simbolicamente fundamentais para mediar as relações entre os integrantes da comunidade de devotos, entre a comunidade e o seu exterior, entre o Espírito Santo e os seres humanos, entre ricos e pobres” (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 28). Toda essa pluralidade de coisas engendradas pelos reinados é essencial para tornar visíveis os sentidos de economia da festa que se apresentam durante os festejos. Talvez o esmero com que as comidas são preparadas e os sentidos simbólicos que as revestem durante esse período seja o diferencial. Algumas pessoas com as quais conversei em Santo Antônio do Monte mencionaram que as comidas de reinado têm um sabor excepcional, diferente de quando são servidas fora do contexto festivo. Isso evidencia que a centralidade da comensalidade no reinado pode ser observada através dos diversos planos semânticos que são articulados.

As mediações operadas pelo sistema culinário se fazem no plano dos alimentos que são consumidos; no plano de sua preparação (crus, cozidos, assados); no plano da redistribuição (reciprocidade); no plano da apresentação e das amaneiras à mesa; e no modo como se dispõem dos restos (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 28).

Concordo com a reflexão dos autores, porém acredito que o alimento no reinado também possui sua importância enquanto substância, uma vez que é ele que supre os corpos dos congadeiros com energia e vigor para “trabalhar para Nossa Senhora” durante os dias de festa. Além disso, o ato de comer festivo, que requer elaboração e ritual, concebe inúmeros significados incluindo respeito, agradecimento e devoção, sentimentos que ordinariamente passam despercebidos.

Fotografia 70: Mesa posta para os congadeiros



Legenda: Devoto agradecendo a visita da congada e devotos se servindo da comida oferecida. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Na visita a essa residência, contrariamente ao que observei nas anteriores, não havia um altar dedicados aos santos. No entanto, não foi motivo para que a congada deixasse de homenagear aos santos, visto que a bandeira do terno carregava as imagens dos santos reinadeiros impressas no tecido.

As cantorias da congada certamente agradaram aos convidados e familiares dos devotos, que ao término de cada música se dirigiam à bandeira e depositavam cédulas de dinheiro, sinalizando para o terno continuar as toadas. A apresentação durou cerca de 40 minutos, quando o capitão inseriu nas estrofes da última cantiga versos que sinalizam a necessidade de partida e, consequentemente, de despedida do grupo. Por fim, após todos os membros dançarem e cantarem, de frente para os anfitriões, que seguravam a bandeira, era chegada a hora de seguir viagem de volta. Enquanto isso, o ônibus já os aguardavam em frente à residência para seguir rumo ao Centro Social São Lucas, ponto de concentração das congadas para formação dos estados e partida do cortejo real. Chegando ao local, já havia um movimento de ternos aguardando o momento da procissão. A congada, portanto, seguiu para o interior da capela para rezar diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Mapa 5: Cortejo do segundo dia de reinado



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

A formação do cortejo da sexta-feira partiu do pátio do Centro Social São Lucas com destino à Igreja Matriz de Santo Antônio, por volta das 17:30 horas, e teve como propósito principal conduzir os reis e rainhas festeiros de 2018 no ato de entrega das coroas. À medida que cada terno de congada chegava no local se dirigia até o altar com os santos e a corte real para prestar-lhes homenagens. O trajeto percorrido pelo cortejo até a Igreja Matriz concentra vários pontos de comércio da cidade, onde há intenso tráfego de veículos, principalmente nos fins de tarde, porém, este se modifica nos dias de procissão. Há, portanto, uma mudança na paisagem, já que “o espaço físico da rua modifica-se para a passagem da procissão” (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 23).

A estrutura do cortejo, cujo formato lembra uma *cobra* e que foi apresentada no capítulo 1, é esquematizada da seguinte forma: na *cabeça* vinham os reis e rainhas festeiros de 2019 (pegaram as coroas), os de 2018 (entregaram as coroas⁶⁴), os reis e rainhas perpétuos e congos, e as imagens dos santos nos andores. Logo a seguir, puxando a corte real, era a vez do Moçambique São Benedito, seguido pelos ternos Moçambique Otaviano Piriá, Congo do Peão

⁶⁴ Os reis e rainhas festeiros que devolveram as coroas nesse dia eram os mesmos que estavam ofertando as comidas na festa de reinado de 2018.

e Moçambique Messias Alexandre. Desse ponto em diante, organizadas uma após a outra, vinha o restante das congadas.

Fotografia 71: Moçambique São Benedito e o Capitão mor



Legenda: Capitão mor, personagem responsável por receber as coroas dos reis feiteiros atuais e coroar aqueles que exercerão seu reinado no ano seguinte (à esquerda), e vista do cortejo ao longo da avenida (à direita). Fonte: Fotografias do autor (2018).

Do total de vinte e quatro congadas vinculadas à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte, estavam presentes no cortejo vinte e uma delas. As outras três, cujos membros residiam em Lagoa da Prata, só participaram do evento no sábado e no domingo. A hierarquia da organização do cortejo segue a lógica e criação das congadas. As mais antigas ficam próximas à corte real (cabeça do cortejo), ao passo que as mais novas ficam localizadas na outra ponta (nos pés do cortejo), como foi o caso da Congada São Benedito, batizada na noite anterior.

Ao término do trajeto, as congadas entraram na igreja, uma após a outra, até que os membros da corte real, último grupo da procissão, se acomodassem nos bancos de frente para o altar. Com todos no interior do templo, deu-se início à cerimônia de entrega (devolução) das coroas. Antes uma representante da irmandade fez uma fala agradecendo aos guardiões das coroas, isto é, os festeiros de 2018, que com zelo e devoção as mantiveram em suas residências por um período de um ano:

As coroas que lhes foram confiadas a abrigá-las no conforto de seus lares representam o compromisso e devoção para com Nossa Senhora do Rosário. É sinal de imensas graças recebidas. Essas coroas significam as bênçãos recebidas (Secretária da Diretoria, Informação verbal, 2018).

Após proferir essas palavras de agradecimentos, os reis e rainhas festeiros são convidados, um a um, a devolverem suas coroas ao capitão mor, que as depositou sobre uma mesa no altar. Todos entregam seus objetos reais para serem coroados na noite do dia seguinte.

Passava das 19 h quando o ritual se encerrou, e muitos ternos de congadas já haviam se dirigido ao pátio do galpão, pois o jantar havia sido liberado. Portanto, estavam presentes à cerimônia apenas os membros da corte real e os reis e rainhas festeiros daquele ano e do ano vindouro. Estes, apesar de estarem presentes, só receberão suas coroas na cerimônia do dia seguinte, a de *pega das coroas*, mediante o sistema de sorteio.

Fotografia 72: Reis e rainhas festeiros entregando suas coroas



Legenda: No interior da igreja matriz na presença de poucos devotos e todos os integrantes da corte real, são devolvidas, uma a uma, as coroas dos reis e rainhas festeiros do reinado atual. No dia seguinte, acontece a coroação dos novos integrantes que reinarão por um período de um ano. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Enquanto a cerimônia prosseguia no interior da igreja, os ternos de congadas se dirigiram para o pátio do galpão para a janta. Após a apreciação do banquete reinadeiro, eles retornaram ao palco para homenagear os reis e rainhas festeiros que ofertaram as comidas daquela noite. Entre os dias de sexta-feira e sábado o público se dividia entre o pátio do galpão e a praça da Igreja Matriz, sem dúvida os dois espaços mais frequentados do reinado. As sequências de rituais no interior do salão e no palco eram semelhantes àquelas que ocorreram durante os almoços, como já descrevi anteriormente.

O grande diferencial foi que em torno da igreja, enquanto aguardavam o momento de agradecer aos patrocinadores, os congadeiros se misturavam ao público que assistia às apresentações e circulavam pelas poucas barracas de vendedores ambulantes instaladas ao redor. Outro detalhe interessante foi que, a partir da sexta-feira à noite, as congadas eram convidadas a subirem ao palco por um locutor. Entre os intervalos de saída e entrada dos ternos, ele realizava propagandas das empresas que patrocinavam a festa. As marcas também eram anunciadas no telão instalado no pátio da igreja. À medida que cada terno terminava o jantar, seguia para o último compromisso do dia, os agradecimentos. As regras eram as mesmas: oito minutos para se apresentarem. O público desse dia já era bem maior que o da noite anterior, o que, de certa forma, aumentava a responsabilidade de fazer bonito das linhas de cantigas dos

ternos. Por volta das 22 horas retirei-me do local quando algumas congadas ainda subiriam ao palco. Antes procurei o capitão do Moçambique Otaviano Piriá para alinhar o horário do dia seguinte, pois eu deveria me apresentar para acompanhá-los durante as visitas do dia.

4.1.3 Terceiro ato – o sábado de reinado

A jornada realizada na companhia do Moçambique Otaviano Piriá teve um diferencial se comparada às outras experiências já mencionadas. Cheguei à residência da família do capitão no Bairro São Geraldo antes das 7 horas, quando os dançadores e dançadoras ainda estavam se organizando, alguns ainda davam os últimos acabamentos nas fardas e indumentárias. Fui recebido pelo seu Guel, presidente do terno, que me convidou a entrar e sentar no sofá da sala, de onde dava para observar o frenético movimento de entrada e saída de pessoas, enquanto aguardava o momento da saída. Poder acompanhar os processos de arrumação, benzeção, formação do terno e sua partida para realizar os trabalhos do dia foi mais uma experiência única durante minhas aproximações com as congadas de Santo Antônio do Monte. Na sala também havia um altar com duas imagens, uma do Coração de Jesus de braços abertos e outra do Coração de Maria, e, junto a elas, a bandeira do terno e o bastão do capitão.

Os membros do terno, na maioria, possuem uma relação de parentesco. O presidente, Guel, é filho de Otaviano Piriá patrono do grupo, sua esposa Fátima, é a bandeira, e seu filho, João Paulo, o primeiro capitão. Os demais dançadores são tios, primos e vizinhos. Essa característica familiar faz parte da formação de todas as congadas com as quais estabeleci contato.

Aos poucos, os moçambiqueiros começavam a chegar e o clima era de muita descontração. As preparações dos corpos consistiam em colocar os adereços como turbantes brancos, guias e rosários cruzados ao peito, sendo que os brincadores se ajudavam durante a colocação das indumentárias. Os sons das afinações das caixas e do brulho das gungas, presas às pernas das pessoas que entravam e saíam da casa, eram intensos. O primeiro e o segundo capitão se diferenciavam dos demais dançadores, sobretudo porque usavam guias no pescoço e rosários transpassados pelo peito, e também pelo uso de turbantes e túnicas brancas. O mais velho, Roberto, também usava uma espécie de saia na cor azul. Além disso, eles também utilizavam bastões para emitirem os comandos aos dançadores. No caso das congadas tipo catupé e vilão, os comandos são realizados com o uso de batidas no tamborim ou silvos emitidos pelo apito.

A chegada do segundo capitão, Roberto, sinalizou que a hora de saída do terno estava próxima, e já se percebia uma pequena concentração na frente da casa. Antes do grupo se

formar, todos entraram e se acomodaram na pequena sala para receber as bênçãos dos capitães. A cerimônia, portanto, foi restrita aos membros do terno, incluindo a mim que os acompanhava. Primeiramente, de frente para o altar, o segundo capitão rezou. Em seguida, cumprimentou a todos os presentes tocando em suas mãos, inclusive nas minhas, e na sequência cantou alguns versos reverenciando a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Por último, se dirigiu a alguns dançadores e os benzeu: ajoelhados, um de frente para o outro, com as mãos unidas, o capitão fez o sinal da cruz nos seus corpos. Ainda se saudaram tocando ombro com ombro. Na ocasião ele também me benzeu. Entendi seu gesto como uma mensagem de acolhimento e de boas-vindas. Mas o propósito do rito foi trazer proteção para os membros do grupo.

Depois disso, os membros saíram da casa, cada um com seus instrumentos⁶⁵ e se posicionaram em duas filas na rua. Uma integrante conhecida por Baiana, que também ajudava no moçambique, tinha suas vestes cuidadosamente produzidas com tecidos de cetim. Nesse dia, ela usou um vestido rodado longo na cor branca, turbante da mesma cor, pulseiras, colares/guias de pérolas e também um cajado ornado com pedrarias e búzios. Os demais dançadores e dançadoras, cerca de quarenta, usavam calças e camisas brancas, alguns tocavam gungas, e outros as patangongas.

Mas, antes da partida, foi realizada uma última benção pública, dessa vez acompanhada da percussão. Embora tenha sido rápida, a reza consistiu em rogar aos santos reinadeiros para livrá-los do mal durante as visitas e dar paz. Já passava das 8 h quando o moçambique seguiu viagem para mais um dia de trabalho para a santa, o que incluía a visita de café a poucos metros dali, na residência de um dos dançadores. A caminho da visita, o primeiro capitão puxava o terno, caminhando atrás da bandeireira como se fosse abrindo caminhos, enquanto o segundo caminhava no outro extremo, na ponta. Os olhares mostravam que ambos se comunicavam como se estivessem atentos a algo vindo de mundos invisíveis, era como se eles observassem cada movimento ao redor do grupo.

O senhor Guel seguiu o terno à paisana, conduzindo a pasta de compromissos do dia. Chegando ao local da visita, a bandeireira do terno passou a bandeira às mãos dos donos da casa, que a beijaram e conduziram os moçambiqueiros até o quintal, onde foi servido o café da

⁶⁵ Os ternos de moçambiques usam apenas instrumentos de percussão como gungas, patangongas (chocalho metal tocado com as mãos) e caixas (tambores). As gungas são chocalhos feitos de metal atados aos tornozelos. O formato das patangongas lembra duas bateias de minerar, contendo pedrinhas no seu interior que ao serem movimentadas emitem sons.

manhã. Enquanto nos servimos das quitandas, observei que um grupo de mulheres se encarregava de consertar a bandeira, que havia descosido.

Fotografia 73: Mulheres dando os últimos retoques na bandeira



Legenda: Mulheres reunidas realizando os últimos retoques na bandeira antes do terno prosseguir com as visitas aos devotos. Fonte: Fotografia do autor (2018).

A cena me fez refletir sobre os imprevistos como parte do cotidiano dos grupos durante seus trajetos, que incluía desde a criação dos versos de agradecimentos até uma visita de cura que não estava programada pela diretoria. Foi possível perceber também como a transmissão dos saberes acontecia e era disseminada no grupo. A filha do capitão, uma criança de uns sete anos de idade, cujos olhares estavam bem atentos aos gestos e movimentos dos dançadores adultos, foi encorajada pelo pai a cantar seus primeiros versos de agradecimentos. O fato de estar entre familiares e amigos contribuiu para dar segurança à menina, reforçando que o aprendizado seguia uma sistemática própria e espontânea, além de considerar as limitações de cada um.

Após o ritual realizado em torno da mesa e com a bandeira pronta, os capitães iniciaram as toadas e rezas acompanhados pelos instrumentos de percussão e bailados dos dançadores, em agradecimento aos anfitriões e familiares. O grupo ainda realizou a sua última apresentação de agradecimentos, com os moçambiqueiros bailando em frente à casa. Em seguida, partimos em direção ao local onde se pegaria a condução para seguir rumo à próxima visita, no bairro São José, próximo à paróquia cuja igreja encontrava-se em construção. Enquanto aguardavam o ônibus, alguns dançadores aproveitaram para sentarem-se na calçada ao lado de seus instrumentos, outros foram ao bar da esquina, atitude que desapontou os capitães. Ouvi da Baiana que os membros não deveriam beber, pois ficavam mais susceptíveis a receber entidades que não eram bem-vindas ao moçambique. Depois de alguns minutos, o ônibus chegou, e após todos se acomodarem o grupo foi conduzido para mais um trabalho.

Fotografia 74: Moçambiqueiros no ônibus para uma visita de café da manhã



Legenda: Momento de descontração dos dançadores no interior do ônibus durante o percurso a caminho da casa de um devoto. Fonte: Fotografia do autor (2018).

No interior do veículo o clima era de descontração, mas não havia toques nem cantorias, como aconteciam geralmente quando os trajetos se davam a pé. Nem houve paradas pelo caminho para atender pedidos de última hora de algum devoto. Em poucos minutos o ônibus parou em frente à igreja que estava em construção. A partir daquele ponto o terno seguiu a pé com suas performances em direção à casa onde cumpriu duas tarefas: cantou para os devotos e convidados presentes e fez a entrega do tamborim que pertenceu ao moçambiqueiro Joaquim do Zé Ernesto, à família dele. O objeto foi recuperado por um dos integrantes do terno, responsável pela guarda dos instrumentos.

Fotografia 75: Família do ex-congadeiro Joaquim do Zé Ernesto recepcionando o terno



Legenda: Bandeireira passando a bandeira do terno à devota e familiares sendo homenageados pelos moçambiqueiros na calçada da residência. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Ao chegar ao local o grupo foi recebido pelos familiares do ex-reinadeiro, que acolheram a bandeira, beijaram-na e os conduziram para o interior da residência. O caminho de acesso estava enfeitado por um túnel de folhas de palmeiras com leques de papel coloridos. Próximo à mesa de café da manhã havia um altar com as imagens dos santos do reinado, um painel verde escrito com frases em dourado que faziam referência à festa e alguns outros esculpidos em papel crepom. No local já estava a Congada Luiz Carolina.

Fotografia 76: Mesa de café da manhã



Legenda: Refrigerante, pastéis de carne, pão de queijo e biscoito de povilho foram oferecidos aos dançadores durante a visita. Fonte: Fotografias do autor (2018).

O episódio que chamou a minha atenção, além de todas as performances que aconteceram nessa visita, foi a devolução ocorrida naquela ocasião. Para alguns dos presentes pode ter sido apenas a devolução de um tamborim que pertenceu a alguém no passado, porém, o gesto foi mais profundo. O objeto, portanto, amalgamava uma série de sentimentos e memórias afetivas relacionadas às festas de reinado, que tocavam profundamente os anfitriões.

Após rezar, cantar, prostrar e degustar as comidas ofertadas pelos devotos, era chegado o momento de seguir rumo ao galpão, pois o horário do almoço já se avizinhava. Sem o uso do transporte para fazer a viagem de volta, seguimos todos a pé. Foi um percurso longo, pois o terno se encontrava na saída da cidade, distante uns dois quilômetros do galpão. Mas o moçambique não demonstrava cansaço, seguindo firme tocando e bailando sob o sol. Ao longo do percurso vários devotos e simpatizantes pararam a bandeireira para se benzer, passando o objeto sagrado pelo corpo, em seguida depositava uma esmola na sacolinha.

Fotografia 77: Devota beijando a bandeira durante a passagem do terno



Legenda: Bandeireira que segue na frente no terno para devota beijar a bandeira. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Por onde o moçambique passava, suas batidas e performances provocavam reações nas pessoas. A mais comum era a aproximação da bandeira para beijá-la e depositar as esmolas. Muitos moradores saíam de suas casas e paravam nas calçadas para vê-lo desfilar. Outros, apesar de não deixarem de apreciar, se contentavam em observá-lo de dentro de suas casas.

Quando o grupo chegou ao pátio do galpão para o almoço, havia uma concentração de outros ternos de congadas que aguardam pela sua vez de entrar e de um público que os assistia das escadarias do Casa de Padrinho Vigário⁶⁶. Porém, os moçambiqueiros, sem se dispersar, continuaram a fazer suas performances enquanto aguardavam a sua vez. O ritual de acesso à comida seguiu o procedimento padrão já descrito anteriormente. Isto é, o moçambique se posicionou na porta de entrada, foi recepcionado pelos reis festeiros responsáveis por ofertar o almoço, que o conduziu até o altar e em seguida à mesa para realizar a refeição. Esgotado o tempo de permanência, os quatro grupos desocupam o salão para que outros pudessem entrar. Em seguida, dirigiram-se ao pátio para prestar as homenagens aos reis e rainhas festeiros.

Fotografia 78: Agradecimentos dos capitães moçambiqueiros aos reis festeiros



Legenda: O primeiro capitão João Paulo e o segundo capitão Roberto prestando as homenagens aos reis e rainhas festeiros no palco. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Terminada a sessão de homenagens, o terno seguiu para dar continuidade aos trabalhos de visitação. De todos os ternos de congadas que acompanhei, o moçambique foi o mais solicitado para se apresentar por onde passava. Refiro-me às visitas extraoficiais, que embora sejam combatidas pela diretoria sempre acontecem. No entanto, não deixou de cumprir aquelas atividades programadas pela diretoria como o café da tarde e as homenagens aos reis e rainhas festeiros do ano seguinte. A primeira parada da tarde pareceu-me um pouco diferente do que costumava acontecer. Ela ocorreu na porta de entrada de um dos prédios conhecidos na cidade

⁶⁶ A residência onde morou o Monsenhor Otaviano José de Araújo foi tombada como patrimônio cultural pelo município em 2007.

por *torres gêmeas* pelo fato de se tratar de dois edifícios altos, um de frente para o outro. Os agradecimentos aconteceram com parte dos moçambiqueiros na calçada e parte na rua.

Fotografia 79: Visita a devoto na rua em frente ao prédio



Legenda: Devoto recebendo as bênçãos dos moçambiqueiros posicionado na frente ao edifício onde reside.
Fonte: Fotografias do autor (2018).

Essa situação vivenciada pelo moçambique na verdade é mais uma forma de adaptação que os rituais do reinado constantemente estão buscando para continuar existindo. Ela vai ao encontro das transformações promovidas pela dinâmica estrutural da cidade, isto é, do processo de urbanização que inclui a verticalização das moradias e seu crescimento territorial através da criação de novos bairros em torno do núcleo urbano, estendendo-se cada vez mais para os espaços considerados há pouco tempo como zona rural.

O grupo não se demorou, partindo para as visitas às famílias de dois futuros reis festeiros, antes de seguir para o café da tarde que foi na casa da família do ex-capitão, patrono da Congada do Pedrinho. O sol era intenso, mas mesmo assim os dançadores seguiram firmes com seus bailados. Após as duas paradas para prestar as homenagens, o que demorou de trinta a quarenta minutos cada uma, o grupo deu prosseguimento ao grande destino, que era ajudar no pagamento das graças recebidas pelos devotos que estavam à sua espera.

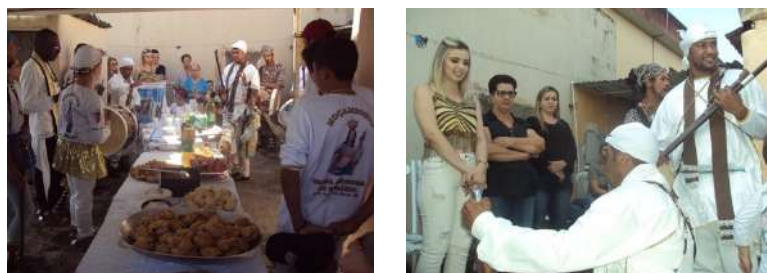
Fotografia 80: Visita do moçambique aos reis festeiros de 2019



Legenda: Devotos segurando a imagem da santa e a bandeira enquanto assistem à apresentação do terno. Fonte: Fotografia do autor (2018).

A bandeira do moçambique foi recebida pela viúva do ex-capitão, juntamente com sua neta. Inicialmente de frente para o altar dos santos reinadeiros e para um painel na parede com a fotografia do ex-congadeiro, ornados na garagem da casa, os capitães prestaram as primeiras saudações. Em seguida, os integrantes foram conduzidos para uma tenda no quintal, onde estava preparada uma mesa com quitandas e frutas.

Fotografia 81: Café da tarde na casa da família do ex-capitão Pedrinho



Legenda: Capitão João Paulo em volta da mesa rezando em agradecimento aos devotos (à esquerda) e o capitão Roberto, nos agradecimentos de despedida (à direita). Fonte: Fotografias do autor (2018).

Quando o ritual se encerrou por volta das 17 h, o terno que estava próximo à Igreja de Nossa Senhora da Assunção, no bairro Dom Bosco, seguiu para concentração e formação do cortejo. Naquele dia o moçambique era o encarregado de puxar a corte real, daí a necessidade de não atrasar.

Fotografias 82: Concentração das congadas e formação do cortejo



Legenda: Congadeiros e congadeiras em frente à Igreja de Nossa Senhora da Assunção aguardando o momento da saída do cortejo (à esquerda) e corte real sendo puxada pelo moçambique (à direita). Fonte: Fotografias do autor (2018).

O cortejo de reinado, além de fazer parte das comemorações e certamente prestar referência a Nossa Senhora do Rosário e às demais entidades, tinha o propósito de puxar os reis e rainhas festeiros do ano seguinte (2019) até a Igreja Matriz, onde seriam coroados. Por isso

Já era noite quando o cortejo chegou à Igreja Matriz. O público que preferiu aguardar no local juntou-se àquele que o acompanhou. Conforme os ternos iam chegando, entravam na igreja, passavam pelo altar onde as coroas estavam depositadas, viravam pela esquerda e seguiam para o galpão do jantar. Por último, conduzindo as imagens dos santos e os membros da corte real, que ocupavam a cabeça do cortejo, entrou o terno de moçambique conduzindo os membros da corte vitalícia e os futuros reis e rainhas festeiros a receberem as coroas. Após ocuparem os acentos das primeiras fileiras de bancos da igreja deu-se início ao ritual de coroação ou *pegas de coroas*. Naquele momento estavam presentes os principais membros da diretoria da irmandade, como presidente e vice-presidente, secretária e outros. Durante o ritual, toda a realeza, incluindo os reis e rainhas perpétuos e congos, foi coroada pelo capitão mor. O rito seguiu um costume antigo do reinado que é a renovação do rito de coroação, que se repete a cada ano.

O ritual de *pegas de coroas* representa mais que um ato simbólico, pois garante a existência da festa do ano seguinte, assegurando sua continuidade material através da nomeação dos principais patrocinadores, os reis e rainhas festeiros. A isso denominei de “a festa acontecendo dentro da festa”.

Fotografia 83: Detalhes do rito de coroação dos reis e rainhas



Legenda: Rainha festeira e o rei congo sendo coroados pelo capitão mor. Fonte: Fotografias do autor (2017).

Além do ato simbólico de coroação dos doze reis e rainhas festeiros de coroas⁶⁷ e dos três festeiros das bandeiras (uma para cada santo), aconteceram também os sorteios para definir

⁶⁷ Os três reis de bandeiras darão comida no levantamento dos mastros, os doze reis de *coroas* patrocinarão os almoços e os jantares durante a festa de reinado: dois para o almoço de quinta-feira, quatro para o almoço e jantar de sexta-feira, a mesma quantia para o sábado e dois para o almoço de domingo.

a ordem dos dias da semana em que eles ofertarão as comidas aos congadeiros. A dinâmica de escolha seguiu o seguinte critério: numa sacola estavam os nomes dos futuros reis e rainhas e na outra os dias da semana. Retirava-se aleatoriamente um papel com o nome do candidato, e outro contendo o dia. Em seguida, a pessoa era chamada para ir até o altar onde receberia a coroa das mãos do capitão mor. O rito prosseguiu até que todos os membros da corte fossem coroados, inclusive os reis e rainhas perpétuos e congos. Os três reis guardiães das bandeiras receberão seus objetos sagrados, após a cerimônia de descimento dos mastros, ato simbólico que marca o encerramento dos festejos no domingo à noite. Não presenciei qualquer manifestação referente a troca de dias, após os resultados dos sorteios, até porque o dia escolhido é visto pelos devotos como tendo sido uma escolha realizada pela santa, o que provavelmente permite que todos se sintam satisfeitos.

Fotografia 84: Coroas de rainha festeira do reinado em Santo Antônio do Monte



Legenda: Coroas de duas rainhas festeiras (irmãs) expostas na sala de visita. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Fotografia 85: Coroa de festeira vitalícia do reinado em Araújo



Legenda: A festeira mantém sua coroa guardada na cristaleira. Fonte: Fotografia do autor (2019).

O ritual de coroamento da corte real do reinado vai muito além de confiar a guarda da coroa de Nossa Senhora aos devotos pagantes de promessas, pelo período de um ano. Trata-se, pois da “encarnação visível de um domínio invisível, ela não é apenas uma aparência, ela não é um objeto, mas uma entidade” (GONÇALVES; CONTINS, 2008, p. 25). Durante as visitas que realizei aos festeiros e festeiras nas duas cidades, além de perceber que todos eles mantinham suas coroas em locais de destaque em suas salas de visita como estantes, altares e cristaleiras, eles também afirmaram que ter a coroa dentre de suas casas significa conviver diariamente com a presença de Nossa Senhora do Rosário. Alguns disseram que conversam com a coroa como se fosse a santa. Nesse caso, o objeto sagrado é a personificação da santa.

Outra prática recorrente no reinado em Santo Antônio do Monte é os pais pegarem as coroas para os filhos crianças representá-los. É o caso do festeiro Gustavo, que registrou o momento que seu filho foi coroado. Percebe-se, portanto, que a pedagogia da festa de iniciar as crianças desde cedo, estende-se por todos os espaços e ritos, seja no rabo das filas das congadas seja atuando na função de reis festeiros.

Fotografia 86: Criança recebendo a coroa de rei festeiro



Legenda: É comum na cidade que os pais deixem seus filhos os representarem durante as cerimônias que acontecem no reinado. Fonte: Fotografia do autor (2017).

Provavelmente o sábado à noite foi o dia que a festa recebeu o maior público, concentrado principalmente em frente ao palco, para apreciar as apresentações das congadas. O pátio do salão também teve bastante movimento, enquanto os ternos esperavam pela vez de entrar para fazerem as refeições. Os vendedores ambulantes que comercializavam suas mercadorias com auxílio de carinhos (cachorro-quente, picolés, balas e algodão doce) ou a pé dividiam-se entre os dois espaços. Na área próxima ao palco em frente à igreja havia alguns brinquedos destinados ao lazer das crianças como cama elástica e piscinas de bolinhas, mas não se comparava à quantidade de equipamentos existentes na área de lazer do reinado em Araújo.

Havia também, e todos os anos marcava presença, uma barraca de vendas de doces (cocadas), cujas vendedoras usavam vestimentas de baianas, outra de tiro ao alvo e também uma barraca grande comercializando algumas comidas apreciadas localmente como macarrão na chapa, feijão tropeiro e caldo de feijão com torresmo. Não chegavam a atingir a dimensão da tradicional feira ao ar livre que acontecia no reinado em Araújos, porém já apresentava sinais de existência de um nicho de lazer, paralelamente à festa religiosa.

Mas a atração principal, pois demandava a formação de fila de espera, era a máquina de fazer sorvetes de casquinhas, cujas garrafas com líquidos/sucos coloridos artificialmente ficam fixadas nas duas laterais. Embora para muitos jovens e crianças parecesse uma novidade, a presença do objeto era comum nas festas do interior das décadas passadas. Foi um retorno ao passado, pois remeteu-me às festas da padroeira Nossa Senhora dos Remédios em Cruzeta (RN), onde nasci e vivi parte de minha vida, quando a presença dessa máquina de sorvete era uma novidade.

Fotografia 87: Máquina de sorvete tipo casquinha



Legenda: Máquina de sorvete - atração de crianças e adultos. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Nesse sentido, a festa de reinado em Santo Antônio do Monte não é composta somente pela “vertente religiosa e alimentar” (LEAL, 1994), com destaque para as missas, os cortejos, as visitas aos festeiros, banquetes de comidas reinadeiras, rezas e agradecimentos, como argumentam alguns congadeiros ao compará-la, por exemplo, com a festa em Araújos. Havia também uma vertente da festa cujo foco era proporcionar divertimento e lazer. No reinado em Araújos, além dos ritos religiosos, observei que no domingo de festa haviam várias atividades e eventos voltados para o deleite do público visitante como feira comercial, vendas de bebidas em bares, formação de grupos de jovens e adolescentes com intuito de apenas divertir-se, namorar, paquerar e ouvir músicas da moda que tocavam nos bares. Todo esse complexo estava situado também em torno da Igreja Matriz, onde os ternos de congadas da cidade e de fora

realizavam suas apresentações. Pelo que constatei nos dois reinados, é possível vislumbrar que a festa dos santo-antonienses, embora com pouca ênfase, quando comparada à dos vizinhos, também apresentava algum tipo de lazer para os participantes.

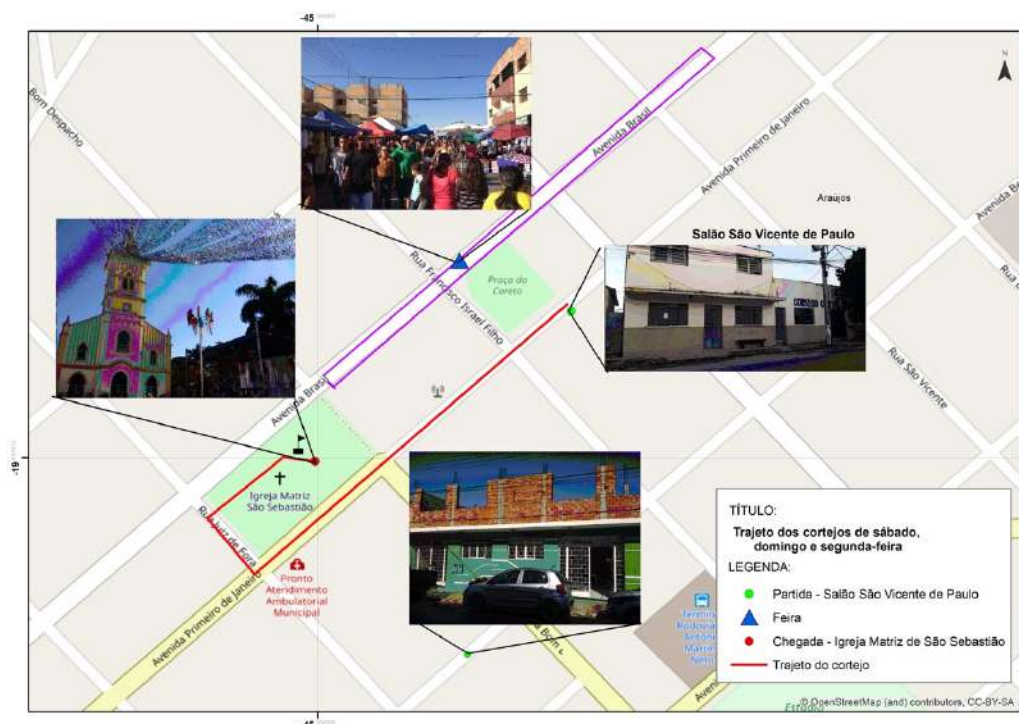
Em ambos os contextos o centro da cidade funcionava como uma espécie de ímã que abrigava uma diversidade de práticas e atores. Durante os dias de reinado em Santo Antônio do Monte, o trânsito e a circulação de pessoas aconteciam em torno da Igreja Matriz⁶⁸ e do pátio da irmandade, onde se localizava o Casarão de Padrinho Vigário. Da calçada da edificação centenária, o público tinha uma vista privilegiada para assistir as chegadas e partidas dos ternos de congadas. Os ternos posavam para o registro fotográfico posicionados nas suas escadarias, principalmente no dia de sábado, quando estreiam as fardas novas. Nesse sentido, os reinados nas duas cidades apresentavam características semelhantes por explorarem com mais ênfase os espaços das igrejas matrizes e menos os templos dedicados à Nossa Senhora do Rosário. Porém, os festejos dos araujenses, conforme verifiquei, ocupavam efetivamente o *centrão* (as áreas em torno da praça da Igreja Matriz), utilizando-se muito pouco do salão da irmandade, apesar de sua proximidade.

A festa de rua durante a noite teve como principal atração as apresentações das congadas que se apresentam no palco para agradecer aos reis festeiros. Embaixo, o público assistia atento às performances das cantigas principalmente os improvisos e rimas dos versos. Mesmo que o tempo de apresentação para cada grupo fosse rigorosamente controlado, a festa acabou indo até as primeiras horas da madrugada. No entanto, alguns dançadores, que haviam cumprido seus compromissos mais cedo, já retornaram às suas casas, para no outro dia cedo estar de pé e continuar os trabalhos. Alguns inclusive precisaram fazer alguns ajustes nas fardas ou até mesmo lavar a tempo de estarem secas e prontas para o uso na manhã seguinte.

Ainda a respeito das trocas de coroas (entrega e pega), existem algumas peculiaridades que definem o ritual nos dois contextos de pesquisas. Em Araújos, a cerimônia de coroação da corte real aconteceu em um único dia, no domingo. Tanto os festeiros e as festeiras que estavam entregando as coroas, como aqueles que as pegariam para fazer a festa no ano seguinte (rei congo, rainha perpétuos e rei e rainha morenos, príncipes e as princesas) se encontraram no Salão São Vicente de Paulo, quando seguiram em cortejo (ver Mapa 7), juntamente com todas as congadas, até a Praça da Matriz, onde lá foram feitas as trocas de coroas.

⁶⁸ Na parte externa da Igreja do Rosário, também conhecida como Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, aconteceram a missa campal e o rito de levantamento das bandeiras. Os demais eventos foram realizados dentro e fora da Igreja Matriz de Santo Antônio.

Mapa 7: Cortejo e espacialidade da festa de reinado em Araújo



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

Após o cortejo real e a celebração da missa campal, realizada no palco, deu-se início ao ritual. Os festeiros e as festeiras do ano em curso foram convidados pela locutora a depositarem suas coroas sobre o altar no palco. Em seguida, iniciou-se a coroação dos novos⁶⁹, bem como o ato simbólico de coroação dos membros perpétuos da corte real do reinado. Um detalhe que chama a atenção é que enquanto no reinado vizinho a corte real é coroada pelo capitão mor, aqui, o rito é realizado pelo padre.

Fotografia 88: Rito de coroação dos reis e rainhas em Araújo



Legenda: Coroação do rei congo e da rainha morena realizada pelo padre. Fonte: Página do Facebook Reinado de Araújo (2019).

⁶⁹ Como já indicado anteriormente, em Araújo há festeiros e festeiras perpétuos, ou seja, que oferecem comidas há mais de trinta anos, estando inclusive na terceira geração. Contrariamente, em Santo Antônio do Monte essa categoria não existe.

A solenidade foi acompanhada por todos os devotos que assistiam ao rito em praça pública. Portanto, enquanto em Santo Antônio do Monte os ritos de entrega e pega de coroas ocorreram em dias diferentes, em Araújo ambos foram reunidos em um único dia.

Fotografia 89: Missa campal do domingo de reinado



Legenda: Missa campal conduzida pelo padre posicionado no palco armado no pátio da igreja matriz. Fonte: Fotografia do autor (2018).

No palco, além do celebrante, também estavam a imagem de Nossa Senhora do Rosário, os reis e rainhas congo, perpétua e morenos, e a locutora que convidava os novos festeiros e festeiras para subirem e receberem suas coroas. Ao contrário do que costuma ocorrer no reinado em Santo Antônio do Monte, em que a irmandade conduz o rito, em Araújo, a cerimônia de coroação é realizada pelo padre.

4.1.4 Quarto ato – o domingo de encerramento do reinado

No último dia de festa não acompanhei as cortes de congadas com fiz nos dias anteriores, procurei ficar mais livre para observar outros eventos que aconteciam pela cidade como, por exemplo, o café da manhã comunitário, visitas às residências dos devotos para ver as comidas postas sobre as mesas, antes da chegada dos ternos, bem como dar uns giros pela cidade observando o movimento.

Em conversas com alguns reinadeiros mais antigos o último dia de festa começava antes dos primeiros raios de sol, com as congadas na rua celebrando a alvorada, isto é, o novo florescer. O rito consistia nos ternos percorrerem as ruas da cidade, seguidos de queima de fogos. O objetivo era acordar a população em ritmo de festa, ao som da cantoria e batida de caixas. Talvez fosse uma forma também de prolongar os festejos, uma vez que a festa estava chegando ao fim. No entanto, atualmente, o evento não reproduz o rito com o rigor dos tempos atrás. Alguns capitães de ternos nas suas casas realizaram a queima de fogos em homenagem

aos santos. Porém, o café da manhã comunitário servido em frente à Igreja do Rosário foi o primeiro rito que marcou o início dos festejos do último dia de reinado. Foi servido em grande mesa posta em frente à Igreja do Rosário, sob os mastros.

Fotografia 90: Café da manhã comunitário em frente à Igreja do Rosário



Fonte: Fotografias do autor (2018).

Cheguei al local por volta das 6 horas, quando só havia a equipe de voluntários da irmandade escalada para trabalhar e poucos fiscais de rua. Fazia frio, mas nada como um copo de café que ajudou a aquecer. A mesa estava posta com bolos, pães de queijo e broas de milho. Quem ia chegando se aproximava da mesa e já se servia. Os assuntos giravam em torno das resenhas do reinado fosse da noite anterior fosse dos tempos antigos. Entre uma conversa e outra ouvi de uma senhora que antigamente o reinado era dos pretos, os brancos não participavam.

A primeira congada que chegou ao local foi “As Filhas de Maria”, sob o comando da capitã Gracielle, formada majoritariamente por mulheres, agradeceu os presentes como sua musicalidade e bailados. Em primeiro lugar, as dançadoras dirigiram-se ao interior da igreja e no altar de frente para a imagem de Nossa Senhora do Rosário, elas rezaram e cantaram. Algum tempo depois, chegou ao local o terno “Soldados de Maria”, do capitão Hélio. Em seguida, o Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Aos poucos, convidados pelas batidas das congadas, os devotos e simpatizantes começaram a chegar para abrilhantar o evento.

Fotografia 91: Banquete de café da manhã comunitário



Legenda: Bolos, pães de queijo e broas de milho compõem o cardápio servido aos ternos de congadas e a comunidade. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Talvez esse tenha sido um dos poucos momentos marcados pela espontaneidade, pois não havia pressa para parar a cantoria nem para se apresentar sobre o palco. Tudo aconteceu na rua sob os mastros das bandeiras dos santos. A congada por certo estava agradando os devotos, porque as pessoas não paravam de pôr esmolas na sacola da bandeira. E conforme a tradição do festejo, enquanto tiver alguém disposto a fazer as doações, o terno tem de cantar.

Fotografia 92: Apresentação da Congada Soldados de Maria durante o café comunitário



Legenda: Enquanto o capitão canta e dança, o público coloca as esmolas na sacolinha afixada à bandeira do terno. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Ao contrário do reinado em Araújos, que contava com a presença dos ternos de congadas de outros municípios, e que no domingo costumava receber aproximadamente quarenta grupos, em Santo Antônio do Monte, a festa acontecia somente com a presença das congadas locais. Como a primeira cidade possui apenas três ternos, havia a necessidade da participação de outros grupos para a festa acontecer. Não era o caso do reinado santo-antoniense que possui vinte e quatro congadas, o que por si só já fazem a festa. Por esse motivo, não é costume da diretoria da irmandade convidar as congadas dos municípios vizinhos para participarem dos festejos. A

preocupação da organização é principalmente com a alimentação, pois os reis festeiros dimensionam a quantidade de alimento de acordo com o número de integrantes que pertencem às congadas locais, que deve chegar à marca de dois mil dançadores. Porém, nesse dia um terno de moçambique de Perdões (MG) visitou a cidade para participar do festejo e participou do café comunitário⁷⁰.

Por volta das 10 horas deixei o local e fui dar um giro pela cidade de carro para observar as marcas visuais da festa, ou seja, como o reinado se materializava na cidade. Não demorou para perceber que as residências dos reis e rainhas festeiros tinham suas frentes enfeitadas com fitilhos prateados iguais aos que adornavam as frentes das igrejas e pátio da irmandade. Durante a festa essas casas também se tornam lugares de visita não somente dos ternos de congadas, mas também de devotos que rezavam em frente aos altares domésticos, montados geralmente no primeiro cômodo de entrada da casa.

Fotografia 93: Ornamentação das casas dos reis e rainhas festeiros durante do reinado



Legenda: As casas dos reis e rainhas festeiros ganham decoração especial com fitilhos iguais aos que enfeitam os pátios das igrejas e o salão da irmandade. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Aproveitei o percurso para acompanhar os preparativos nas casas de alguns devotos que aguardavam a visita do terno para ajudá-los a pagar suas promessas⁷¹. O tempo de espera entre o momento de dar o nome na lista de espera até o dia de retribuir aos santos pela graça recebida pode levar alguns anos. Nesse caso, o fator tempo é crucial no processo de quitação da dívida, uma vez que mantêm diálogo profícuo com as dádivas estabelecidas nos pactos realizados com os santos. Algumas famílias aguardavam pacientemente pela visita das congadas para tomar o

⁷⁰ Segundo Dinho, quando ocorre esse tipo de visita de última hora o grupo é acolhido e recebido. E que a diretoria através de seus contatos estabelece parcerias com devotos que os recebem em sua casa para dar-lhes almoço. Foi isso que aconteceu com a congada visitante.

⁷¹ Embora as promessas tenham sido realizadas pelos devotos elas só são pagas mediante a presença das congadas. Isso vale tanto para os almoços como para os cafés. Daí alguns capitães afirmarem que “trabalham para Nossa Senhora”.

café da manhã. Afinal, era o momento esperado para retribuir as graças recebidas, que seriam pagas com a ajuda delas. Conforme Pierre Bourdieu (1996), nos processos que envolvem o dom e o contradom a temporalidade é algo a ser levado em consideração, posto que haverá um tempo determinado tanto para receber a graça (arrumar um emprego, conseguir a cura de uma enfermidade etc.), como para retribuir à entidade pela obtenção da graça.

Nesse sentido, há devotos que entre dar o nome para constar na lista de espera da irmandade até a quitação da dívida sagrada esperaram alguns anos. Portanto, nas transações que envolvem trocas de dádivas “a pressa, torna-se sinal de impaciência com a dependência e, por isso, quase ingratidão” (BOURDIEU, 1996, p. 13). De fato, a relação com a espera por parte dos devotos pagantes de promessas segue o “tempo de Deus”, para usar expressão local. No entanto, em 2004 uma das principais mudanças ocorridas na dinâmica do reinado, conforme descrevi no capítulo 2, foi o aumento do número de reis e rainhas festeiros, que passou de seis reis festeiros para doze, por ano. A proposta foi colocada pelo representante da igreja à época, alegando que os devotos estavam morrendo sem conseguirem quitar suas obrigações com os santos, e foi prontamente aceita pela diretoria da irmandade⁷².

Fotografia 94: Mesa de café da manhã em casa de devoto



Legenda: Mesa posta com pão de queijo, cachorro-quente e broas de milho aguardando a chegada da congada.
Fonte: Fotografia do autor (2018).

Após meus giros pela cidade, retornei ao pátio do galpão para acompanhar o movimento de visitantes e congadas. Como era esperado, o espaço estava apinhado de pessoas. Alguns ternos já estavam no interior do salão, outros aguardando a vez de entrar, mas já organizados no portão e atentos ao comando do fiscal para entrar. Enquanto isso, permaneciam tocando e

⁷² Já se cogita a possibilidade de aumentar esse número caso os requerimentos solicitando a criação de novas congadas sejam deferidos. Isso porque aumentará a quantidade de pessoas para serem alimentadas durante a festa.

bailando. A congada “As Filhas de Maria”, um dos ternos que concentrava a maior quantidade de dançadoras, se posicionou em duas longas filas, ocupando grande parte da área do pátio.

Fotografias 95: Movimentação de congadas em frente ao portão do salão



Legenda: Os ternos de congadas posicionados no portão do salão aguardando o momento de entrar para almoçar. Fotografias do autor (2018).

Após transitar um pouco pela área, resolvi entrar e observar o movimento no interior do salão. Somando as quatro congadas que estavam lá, mais os convidados, a lotação do ambiente estava na sua capacidade máxima, aproximadamente umas oitocentas pessoas⁷³. Pelo que observei nos outros dias, o almoço de domingo é o que mais concentra pessoas. Além dos participantes, que receberam convites de familiares e dos reis festeiros, haviam aqueles que ficavam na expectativa de conseguir um convite de última hora.

No intervalo de saída dos ternos e entrada dos próximos as equipes de voluntários encarregados pela limpeza do piso, retiradas das comidas que sobraram, colocação de novas comidas, trabalharam arduamente para manter o espaço impecável para receber os protagonistas da festa, os reinadeiros. É uma logística que exige entrosamento entre os voluntários da cozinha, localizada no porão do galpão e aqueles que ficavam na parte superior do salão da irmandade. São dois espaços distintos, mas que se complementam, porém, muitos dos visitantes e até congadeiros que frequentam apenas a parte de cima, onde são servidas as comidas, não têm a dimensão exata da dinâmica que se estabelece na cozinha.

⁷³ Capacidade máxima especificada no alvará de funcionamento do estabelecimento emitido pelo Corpo de Bombeiros.

Fotografia 96: Trabalho das equipes de voluntários no salão durante as refeições



Legenda: Equipes de voluntários em trabalho no salão. Enquanto uma desfaz as mesas e repõem novas comidas, a outra limpa o piso para receber as congadas. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Como dispunha de livre acesso pelo salão fui à cozinha (o coração do reinado, por onde comecei a observação participante em 2017) para observar o movimento e também cumprimentar os voluntários especialistas com os quais havia trabalhado como Luiz do Tutu e Cão do Arroz. Para surpresa eles não estavam lá, pois os reis festeiros responsáveis pelo oferecimento do almoço haviam contratado os serviços de um buffet, que levou sua equipe de colaboradores. Essa já é uma prática comum durante o reinado, pois ao pagar pelos serviços estão incluídos desde a aquisição dos alimentos, o preparo das comidas, a responsabilidade de levar às comidas às mesas e de repô-las, bem como entregar a cozinha limpa e organizada ao término do almoço.

No entanto, conforme observei através dos relatos de alguns entrevistados, os novos hábitos interferiram de alguma maneira na estrutura simbólica da festa no que diz respeito ao pagamento de promessas. Muitos voluntários que trabalhavam durante o reinado, retribuindo aos santos pelas graças recebidas (e o salão me parece ser um lugar por excelência para isso) deixaram de participar. Por outro lado, segundo relatou-me Biga, já aconteceu de um pagante de promessa contratar os serviços e sentir que não havia cumprido o compromisso perante Nossa Senhora, tendo inclusive entrado na fila de espera para renovar os votos. Esses são alguns dos dilemas desencadeados pelas transformações que aconteceram e continuarão a ocorrer no reinado.

Após permanecer no pátio e no salão, e já partindo para o final do almoço, segui para a Igreja Matriz, onde os ternos ainda prestavam as homenagens aos reis e rainhas festeiros patrocinadores da última refeição de reinado. Como era esperado, haviam muitas pessoas, algumas conversando, outras bebendo sua cerveja, mas atentas às congadas. Com o corpo já apresentando os primeiros sinais de cansaço, encontrei uma sombra e resolvi sentar e observar

o movimento enquanto chegava o momento de ir para o local da formação e saída do cortejo de reinado.

Fotografia 97: Comércio de rua durante as festas de reinado



Legenda: Durante os dias de reinado em Santo Antônio do Monte o comércio de rua ou feira resume-se a poucas barracas (à esquerda), ao passo que em Araújo a quantidade de barracas é infinitamente maior (à direita), tornando-se uma atração à parte para alguns visitantes, que aproveitam para fazer compras. Fonte: Fotografias do autor (2018; 2017).

Ali, de frente para as poucas barraquinhas instaladas na lateral da igreja, dava para perceber que a feira, embora não atingisse as proporções da que ocorria em Araújo, fosse pela área ocupada ou pela quantidade de ambulantes, visitantes e devotos, seduzia o público presente que a via como uma opção de lazer. Entre as poucas barracas instaladas duas pelos menos chamaram minha atenção: a que expunha utensílios de cozinha confeccionados em alumínio, o que com certeza atrairia as donas de casas e os simpatizantes da cozinha, e alguns hippies que comercializavam seus artesanatos e expunham na calçada. Conforme pude averiguar, eles eram de Belo Horizonte, mas costumavam fazer o circuito das festividades religiosas em algumas regiões do estado. Soube também que para economizar o dinheiro ganho com as vendas nas praças dormiam sob as marquises de alguns prédios da cidade.

Após essas observações dirigi-me ao Centro Social São Lucas, de onde partiu o cortejo de encerramento do reinado em direção à Igreja do Rosário para a cerimônia de descimento dos mastros, e finalmente terminar na frente da Igreja Matriz, quando o padre abençoou as congadas e os fiéis presentes, dando por encerrada a festa. O percurso foi semelhante ao realizado o mesmo realizado no cortejo da sexta-feira. Porém se prolongou um pouco mais passando em frente à Igreja do Rosário para a cerimônia de descida dos mastros.

Mapa 8: Cortejo do último dia de reinado



Fonte: Elaborado por Marina Vilaça (2020).

O primeiro terno de congada estrategicamente posicionado na ponta do cortejo, isto é, nos pés, com a missão de puxar os demais grupos que integrava a procissão, foi a Congada do Vilão. Ele também se encarregou do descimento das três bandeiras dos mastros, que seriam entregues aos reis e rainhas festeiras detentores desses objetos.

Fotografia 98: Cortejo de encerramento do reinado



Legenda: Terno de Vilão posicionado nos pés do cortejo, encarregado de puxá-lo. Ele segue na frente para chegar primeiro à Igreja do Rosório, onde os mastros estão hasteados e, assim providenciar o seu descimento.

Fonte: Fotografias do autor (2018).

Na outra ponta, a cabeça do cortejo ou estado, estavam os membros da corte real, composta pelos reis e rainhas perpétuos e congos e os reis e rainhas festeiros, dessa vez puxados

pela Congada do Peão, considerada a mais antiga em atividade na festa de reinado em Santo Antônio do Monte. Note que durante o cortejo os três reis festeiros vinham imediatamente à frente dos demais membros da realeza (ver Fotografia 98), indicando que eles receberiam suas bandeiras após elas descerem dos mastros.

Fotografia 99: Congada do Peão puxando a corte real



Legenda: Fonte: Fotografias do autor (2018).

Resolvi apressar o passo e ganhar dianteira para observar a extensão do cortejo e também para acompanhar os preparativos da cerimônia de descimento dos mastros. À medida que caminhava ultrapassando o desfile foi possível observar a quantidade de pessoas que participavam dos festejos de encerramento da festa. Assim como acontecia em Araújo, domingo era o dia de maior público de dançadores e de devotos, que visitavam a festa em Santo Antônio do Monte.

Fotografia 100: Cortejo de encerramento de reinado ao longo da Avenida Manoel Borges



Legenda: A procissão de encerramento é o momento de maior aglomeração de devotos que residem fora do município. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Ao chegar à Igreja do Rosário não havia quase ninguém, inclusive os refletores que iluminavam a fachada do templo e as bandeiras dos mastros estavam apagadas, pois todos caminhavam junto com o cortejo. Logo em seguida, chegaram os fiscais da diretoria e prepararam o espaço para o ritual. Enquanto isso as batidas das caixas das congadas já davam sinal de que o cortejo se aproximava. Alguns devotos também começaram a ocupar os espaços em torno da igreja e da praça para acompanhar a descida dos mastros. Quando a Congada do Vilão chegou ao local, o público que estava aguardando foi se somando ao que acompanhava a procissão. Enquanto isso, as demais congadas seguiram o trajeto em direção ao ponto de chegada, a Igreja Matriz, até que a corte real aportou sob os mastros.

Fotografia 101: Descimento dos mastros e entrega das bandeiras aos mordomos



Legenda: Detalhe do descimento dos mastros à esquerda, e à direita os três mordomos carregando as bandeiras, que as guardarão em suas casas por um período de um ano. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Nesse momento anunciado por rajadas de fogos de artifícios e intensas batidas de caixas foi iniciada a descida dos mastros, uma tarefa um pouco perigosa, pois requereu habilidade dos congadeiros para evitar machucar os devotos que insistiam em tocar nas imagens dos santos das bandeiras. Ao descer, elas foram entregues a seus guardiões, os mordomos festeiros, que permanecerão com elas em suas residências pelo período de um ano, e que na abertura da festa do ano seguinte ofertarão almoço aos brincadores de reinado. Antes de prosseguir ao destino final, as congadas que permaneciam no local reverenciaram às bandeiras com suas cantorias e bailados. Nesse momento, o padre Adelzire, pároco da cidade, seguiu dançando com as congadas. Foi o último reinado que ele participou, antes de sua transferência para a cidade de Pains (MG).

Fotografia 102: Encerramento da procissão e bênção final no pátio da Igreja Matriz



Legenda: Devotas conduzindo os santos nos andores e as imagens chegando ao pátio da igreja matriz. Fonte: Fotografias do autor (2018).

Nessas alturas a frente da Igreja Matriz já estava ocupada por fiéis e visitantes à espera da chegada do cortejo real. A quantidade de pessoas que acompanhavam a passagem da procissão contribuía para que o fim dos festejos fosse prolongado o máximo possível, pois as congadas de fato paravam durante o trajeto para fazer suas últimas apresentações. Do palco, o locutor acompanhava a chegada de cada congada e não poupava elogios e agradecimentos. Ao mesmo tempo que se referia a cada capitão e capitã de congada também fazia os agradecimentos a diversos patrocinadores locais, inclusive ao proprietário do estabelecimento comercial de um dos integrantes da realeza reinadeira. Após a bênção dada pelo pároco, que foi breve, as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia foram conduzidas para o interior do templo, onde permaneceram nos andores para uma última despedida de seus devotos. Por alguns instantes permaneci nas proximidades para observar o último adeus, e de fato causava emoção ver os olhares de alguns devotos enquanto realizavam suas preces, outros não se contentavam apenas em proferir suas preces de agradecimentos, queriam levar algo material de lembrança, como uma flor que adornava os andores.

O percurso que acabei de descrever teve como propósito refletir sobre as diversas celebrações em homenagem aos santos reinadeiros. Para isso realizei descrições etnográficas dos principais ritos que compõem os festejos de reinado em Santo Antônio do Monte e em Araújos, começando pelas comemorações de abertura, a missa conga, os rituais de comensalidade, as visitas aos devotos, as homenagens aos reis e rainhas festeiros, as procissões, o cortejo final e o descimento das bandeiras. Ao longo das reflexões também foi possível realizar comparações entre os festejos nas duas cidades.

No capítulo seguinte, abordarei as diversas congadas do reinado em Santo Antônio do Monte no que se refere em especial à formação e dissidências, interações e afetos, de modo a compreender os processos de intercâmbio que existem entre elas e os outros grupos internos e

externos que integram os festejos. Em resumo, interessa-me pensar as relações que se estabelecem entre os grupos que favorecem a continuidade das festas nas duas cidades.

5 FORMAÇÃO DOS GRUPOS NOS REINADOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: INCERTEZA, CONEXÃO, VÍNCULOS DE PARENTESCO E DESFAZIMENTOS

5.1 Passado e presente: a fotografia como instrumento de atualização das congadas

Esse capítulo reflete sobre os grupos de congadas que integram as festas de reinado. O propósito é analisar o processo de formação e rupturas, as interações, os conflitos, as parcerias e, principalmente, com eles contribuem para a continuidade do reinado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte e Araújos. Interessa-me compreender ainda, as trocas que são estabelecidas interna e externamente entre os integrantes e os demais grupos que compõem o reinado como a corte real, a diretoria da irmandade, os reis e rainhas festeiros. Trazer à tona todas essas tramas que conectam os ternos de congadas aos demais grupos que integram os festejos de reinado é crucial para compreender as dinâmicas da economia da festa, ponto central da pesquisa.

Latour (2012) aponta algumas pistas para compreender as conexões e inter-relações entre os diversos grupos de congadas, seus legados, vínculos e afetos, quando afirma que “não existem grupos, apenas formação de grupo, e que a todo instante um grupo está sendo feito e desfeito” (LATOURE, 2012, p. 49). Com isso, ele propõe uma maneira diferente de apreensão dos agregados sociais. Para isso, é imprescindível obter as percepções dos membros dos grupos a serem pesquisados, já que eles são os sujeitos responsáveis por criar, desfazer e recriá-los conforme as circunstâncias que lhes apresentam.

Ainda com o intuito de refletir sobre processo de formação, continuidade e rompimentos dos grupos, tomei como ponto de partida a análise de duas fotografias que registram a presença de alguns congadeiros antigos, cujos legados estão presentes nas festas de reinado das duas cidades, através dos grupos criados por eles, e outros que de alguma maneira estabelecem relação com esse legado. Vale salientar que não há intenção de pensar esses processos de forma linear, ou seja, alguns grupos, como mostrarei, não existem mais, mas seus integrantes passaram a atuar em outros. Porém, não se trata apenas de meras fotografias com intuito apenas de guardar na memória um determinado momento. É mais que isso. Elas permitem pensar sobre o que José de Souza Martins (2002) chama de “fotografias dos atos de fé”. Nesse sentido, tanto a primeira, que foi tirada na fachada da Basílica Velha de Aparecida do Norte (Ver Fotografia 102), cujo ex-capitão Luiz Carolina segura no colo a imagem de Nossa

Senhora Aparecida, como a fotografia da Congada Dote, tirada em Araújos (Ver Fotografia 103), cuja bandeira, objeto de proteção divina, possui lugar de destaque entre os brincadores, reforçam a existência de uma atmosfera religiosa e, portanto, devocional.

As análises realizadas por Martins (2002), acerca das fotografias capturadas em contextos religiosos, especificamente no que diz respeito às expressões de fé no catolicismo popular demonstradas através de romarias, penitências, promessas e outros, chegam a ser proféticas, quando se observa os elementos contidos na fotografia da congada em frente à igreja e seu contexto. Segundo o autor,

Nos lugares de romaria, é comum a realização de uma foto de família defronte a uma imagem do santo ou, sobretudo, defronte à fachada da igreja. Até hoje os romeiros que vão a Aparecida do Norte querem ser fotografados diante do santuário antigo, quase contemporâneo da aparição da santa (MARTINS, 2002, p. 244).

Apesar de não se saber as reais intenções que levaram o grupo, comandado por Luiz Carolina, a escolher a porta de entrada principal da igreja para registrar o momento, uma das hipóteses é de que ao contemplar uma fotografia as pessoas têm o poder de voltar no tempo. Fazer “congelar” no tempo algo vivido, através de uma imagem posta no papel, pode ser um veículo de diálogo com o divino, além de permitir a renovação e fortalecimento da fé⁷⁴.

A fotografia dos congadeiros e congadeiras de Santo Antônio do Monte no centro de romaria em São Paulo além de servir como um objeto conexão entre os grupos do passado e os do presente, também é interessante como testemunho histórico de uma prática bastante recorrente nos dias de hoje, que é a participação das congadas na Festa de São Benedito em Aparecida do Norte (SP)⁷⁵. Segundo o capitão Luizinho, a devoção a São Benedito no reinado em Santo Antônio do Monte foi intensificada a partir das romarias das congadas à festa do estado vizinho:

Antigamente aqui era só Nossa Senhora do Rosário, aí depois pegou a ir a Aparecida do Norte/SP, de caminhão, para a festa de São Benedito. Mas mesmo assim, não trouxe de início, ficou uns tempos. Foi quando o Célio, que morava em Aparecida do Norte, começou levar as congadas daqui para a festa, porque ele tinha um hotel lá e era apaixonado pela festa de reinado daqui. E como em Aparecida tinha as imagens

⁷⁴ O capitão Luizinho, neto de Luiz Carolina, não soube informar se ele mantinha essa fotografia emoldurada na parede ou se no altar juntos aos santos e santas de devoção. No entanto, toda essa atmosfera sagrada, envolvendo objetos visuais sagrados lembrou-me a minha avó paterna. Ela costumava rezar olhando um monóculo antigo que continha uma fotografia dela posando em frente à estátua de Padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE). Ela mantinha esse instrumento guardado no interior de seu oratório juntos aos santos de sua devoção.

⁷⁵ Durante o período que participei das reuniões da diretoria da irmandade observei, mais de uma vez, o presidente Dinho comunicar aos presentes sobre a carta recebida da organização da Festa de São Benedito, convidando as congadas para se fazerem presentes ao evento que acontece no mês de abril.

de São Benedito e Santa Efigênia no reinado, ele pegou e trouxe pra cá também (Luizinho, depoimento oral, 2019).

O livro de ata, mais especificamente o registro da reunião realizada em 12 de agosto de 1971, também menciona o senhor Clélio Batista Leite, como sendo a pessoa que propiciava (convidava) as congadas de Santo Antônio do Monte para se apresentarem em Aparecida do Norte (SP).

Atualmente, no mês de abril várias congadas da cidade mantêm a tradição iniciada pelos antigos capitães, quando visitam o santuário de Aparecida e também participam dos festejos em homenagem a São Benedito. A festa reúne ternos de congadas de várias cidades da região centro-oeste do país. A congada de Zé Alexandre, conforme relatou Seu Juliano, frequentemente participa do evento. Para conseguir custear as despesas com transportes e hospedagens, a diretoria do terno realiza alguns eventos durante o ano como feijoadas, bingos e festivais de trucos.

Uma das imagens antigas com alguns congadeiros e congadeiras de Santo Antônio do Monte em visita ao santuário de Aparecida, cuja análise é o ponto das reflexões desse capítulo, reforça que se trata de uma prática devocional e que ainda hoje se mantém em evidência. Ela foi tirada em 1961 e mostra o ex-capitão de congada Luiz Carolina, que dá nome ao atual terno comandado por seu neto, Luizinho Carolina. Nela também estão presentes congadeiros como Zé Alexandre (2º capitão) e Sué (Josué Alexandre), personalidades reinadeiras que contribuíram para a formação dos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário na cidade. Atualmente seus familiares (filhos e netos) dão continuidade as congadas que recebem os nomes de seus criadores: Congada Zé Alexandre e Congada Josué Alexandre. De acordo com Juliano, seu pai, Zé Alexandre, nomeou um dos filhos, Ronan, para o cargo de capitão do terno, que está no comando até hoje.

O recurso à fotografia como ferramenta de análise permite observar as possíveis interconexões e transformações existentes entre os grupos do passado e do presente. A partir dessa imagem é possível observar quais daqueles congadeiros que posaram para o retrato estabelecem vínculos com os grupos atuais. Por exemplo, o ex-capitão em destaque permanece presente nos dias atuais, através do terno de congada que leva seu nome, e que está sob o comando de seu neto, Luizinho Carolina.

A outra fotografia antiga, embora não tenha sido tirada nas mesmas circunstâncias, ou seja, no centro de romaria, é da Congada do Dote, de Araújos, datada de 1964, que foi disponibilizada pelo congadeiro Jesus, conhecido em Araújos por Jésus. No entanto, mesmo que as duas fotografias não permitam a realização de leituras diretas sobre os possíveis tipos de

interações entre as congadas das duas cidades, como foi possível fazer entre os congadeiros da primeira fotografia e sua relação com algumas congadas atuais, observa-se através das atas das primeiras festas de reinado em Santo Antônio do Monte (a partir de 1961), a existência de algum tipo de vínculo entre os grupos das duas localidades, que à época eram contemporâneos. Como a Congada do Dote é o terno mais antigo de Araújos, e que certamente costumava participar do reinado vizinho, é provável que os agradecimentos proferidos pela diretoria da irmandade fossem dedicados a ela.

A seguir, além de descrever os contextos e os congadeiros e congadeiras que posaram para as fotografias antigas, também apresento análises que reforçam a relação entre os antigos capitães e as congadas de hoje, visto que algumas carregam seus nomes. O exercício analítico de mostrar as influências dos antigos congadeiros nas atuais festas de reinado, seja por meio dos elos familiares e das transmissões dos saberes entre gerações diferentes, seja através das heranças ancestrais que perpetuam e dão continuidade ao brinquedo, não apenas dialoga, mas se insere diretamente na economia da festa.

Fotografia 103: Antiga Congada Luís Carolina



Legenda: Descrição de alguns congadeiros e congadeiras posando para foto na antiga Basílica de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte (SP), em 1961: 01) Luís Carolina, primeiro capitão do terno; 02) Luizinho Carolina (filho do capitão), 03) Sué (Josué Alexandre); 04) Juliano de Zé Alexandre; 05) Zé Alexandre, segundo capitão do terno; 06) Geraldo Crioulo (pai de Fátima cozinheira); 07) Seu Tomaz, membro da irmandade; 08) Maria Flávia, esmoleira; 09) Filha de Tomaz, rainha do terno, e 10) Memeca, sonfoneiro.

Fonte: Capitão Luizinho/Acervo pessoal (2018).

Para sistematizar a descrição da fotografia contei com a ajuda de Luizinho, neto do ex-capitão e criador da Congada Luís Carolina, e atual capitão do grupo, que reconheceu alguns de seus integrantes conforme cujos nomes estão descritos na legenda. Ele descreveu os principais congadeiros e congadeiras que posaram para a foto. Também contribuíram no reconhecimento das pessoas que estão na foto o casal Juliano, filho do ex-capitão Zé Alexandre, e sua esposa Fátima⁷⁶, cozinheira do reinado. Já em relação à descrição da fotografia da Congada do Dote, a contribuição na descrição dos membros veio do congadeiro Jésus. Ele e seus irmãos, ainda meninos, que na época eram vizinhos do Dote, estão entre os dançadores do terno. Disse ainda que a congada era formada basicamente pelos familiares do capitão (filhos e sobrinhos).

Fotografia 104: Antiga Congada do Dote



Legenda: Descrição de alguns congadeiros posando para foto durante a Festa de Reinado em Araújo, no ano de 1964: 01) Capitão Dote; 02) Osvaldo (filho do capitão Dote) e 03) Jesus (Jésu). Fonte: Congadeiro Jésus/Acervo pessoal (2019).

⁷⁶ Dona Fátima faleceu em 2019, poucos meses após eu entrevistá-la.

Fotografia 105: Congada do Osvaldo do Dote no Reinado de 2018



Legenda: Descrição de alguns congadeiros que integram o terno atualmente, registro realizado durante o reinado de 2018: 01) Capitão Ramon; 02) congadeiro Jésus. Fonte: Congadeiro Ramon/Acervo pessoal (2019).

Para além do valor documental de uma temporalidade, a fotografia 23 permite reconhecer o legado deixado pelo capitão Luiz Carolina, sobretudo no que tange à formação de outros ternos de congadas, que existem atualmente no reinado santo-antoniense. Por seu turno, a fotografia 24, apesar de ser também um instrumento de memória, que reforça a herança cultural deixada pelo capitão Dote, em prol do festejo, não permite que se faça a mesma leitura. Ou seja, diferentemente dos congadeiros que brincavam com Luiz Carolina, como é o caso de Zé Alexandre e Sué (Josué Alexandre), que com o passar dos anos criaram suas próprias congadas, os integrantes da Congada do Dote, permaneceram dançando no mesmo grupo. Porém, sem deixar o grupo se extinguir. Segundo Jésus, a maioria dos congadeiros do terno já são falecidos, inclusive dois filhos do capitão que deram continuidade ao legado do pai, Evair e Osvaldo do Dote.

Fotografia 106: Descendentes do capitão Dote



Legenda: Filhos do ex-capitão Dote - Osvaldo do Dote e Evair, já falecidos. Fonte: Congadeiro Ramon/Acervo pessoal (2019).

Com a morte do capitão Dote em 1971, Osvaldo do Dote assumiu o posto de 1º capitão, e seu irmão Evair, o de 2º capitão. Os irmãos permaneceram à frente do terno por mais de quatro décadas, quando vieram a falecer⁷⁷. Diante de tantas perdas significativas para o grupo, assumiu o posto de líder da congada, o jovem Ramon Santos, filho de Osvaldo, com a incumbência de não deixar o terno acabar. No entanto, ele me relatou que apesar de ter brincado reinado quando era criança e ter se ausentado por algum tempo, aceitou o desafio de dar continuidade ao legado da família. Porém, fez questão de evidenciar que sempre acompanhou seu pai durante as apresentações, e que sua mãe era bandeira do terno, dando a entender que mesmo distante mantinha vínculos com o brinquedo:

Eu brinquei quando era menino pequeno. Fiquei afastado uns tempos. Aí, depois que meu pai faleceu eu entrei para dar continuidade. Na verdade, eu assumi o lugar dele como capitão, mais ainda não canto não. Vou aprender ainda. Tô só ainda como uma figura de capitão. Eu só fico lá pra dar um apoio. Eu cuido mais da organização, onde vai ter as visitas, marcar os *trem*, porque cantar mesmo eu não conto não (Ramon, depoimento oral, 2019. Grifo meu em itálico).

De acordo com o relato acima, o herdeiro da congada se considera mais presidente do grupo do que propriamente capitão, porque para exercer o cargo carece de outros tipos atributos que pressupõem vivências adquiridas ao longo do tempo. Contudo, ele conta com o apoio do veterano dançador e cantador Jésus, um dos poucos membros do grupo vivos, e que integra a congada desde à época do capitão Dote.

⁷⁷ Osvaldo e sua esposa que era bandeira do terno faleceram em 2017. No ano seguinte veio a óbito seu irmão, Evair.

Quando me aproximei de Ramon, por indicação de outros brincadores e integrantes do reinado de Araújo, imaginava que a entrevista seria apenas entre nós dois. No entanto, no dia marcado, ele me conduziu até à residência do senhor Jésus, sob a justificativa que ele tinha mais assuntos acerca da trajetória da congada. Já era fim de tarde e a entrevista, portanto, aconteceu na cozinha de sua casa. Aos poucos compreendi o porquê de sua presença, visto que além de ser um congadeiro experiente, também detinha a função de “arquivo vivo” da congada.

Fotografia 107: Congadeiros Jésus e Ramon



Fonte: Fotografia do autor (2019).

Jésu é um dos poucos congadeiros antigos vivos, ou em atividade, formados pelo capitão Dote. No entanto, não se considera capitão, prefere dizer que “ajuda a congada” a continuar existindo para as futuras gerações. Observei ainda que sua especialidade no terno é mais voltada às performances dos cânticos, ou seja, o uso das vozes, semelhante ao que acontece na congada do Tostão, diferencial que aprendeu com o antigo mestre.

Lá no Planalto [bairro de Nova Serrana], seu Zé Pretinho que é mais velho, deve tá com 80 anos, disse que minha segunda voz é uma beleza. Nós quando tá cantando, eu faço igual o avô dele fazia [Dote]. Eu paro de cantar pra mim ouvir e ver se lá pra trás tá entoado, introsadinho. Se tiver eu bato no tamborim e digo que tá bom. Agora se não tiver eu chamo atenção: ‘Gente, nós sabemos cantar, mas desse jeito não tá bom não. Aí, eu troco eles de lugar até ficar no ponto (Jésu, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

Essa seara que envolve as qualidades de um capitão de congada é complexa e plural. Na opinião de Jésus um bom capitão é aquele que possui a mente boa para fazer versos, entrosar as vozes. Para Hélio, capitão do terno Soldados de Maria, um bom capitão precisa saber tratar seus *soldados* bem e com respeito. Há ainda aqueles, como é o caso do capitão Tostão, que

disse o seguinte, ao referir-se aos ensinamentos recebidos de seu falecido mestre João Antônio⁷⁸ (pai de Biga):

Aqui tinha um capitão, o melhor capitão da época, o João Antônio. Quando foi na época do reinado, ele me chamou pra ver um treino dele. Aí eu fiquei de longe, em cima de um barranco. Aí, ele falou: “Você vai querer ser capitão?” Eu falei: ‘Ah, eu estou olhando o senhor cantar aí... é custoso.’ Ele: ‘Não, não é custoso não.’ Eu segurava o tamborim só na haste. Quando eu batia. Ele foi e disse: ‘para você ser um bom capitão, nunca segure o tamborim só na haste.’ Você pega a haste e põe ele aqui na palma da mão e cuide pra ele não escapar. Aí eu comecei, ele mandou. Puxou uma tuada e eu cantei na tuada dele. Depois ele me deu um abraço e disse: ‘Oh, menino, você segue em frente, você vai ficar o melhor capitão que já teve na região. Nem eu vou ganhar de você’ (Capitão Tostão, depoimento oral, 2019).

Percebe-se a partir do fragmento acima que são múltiplas as possibilidades que definem as qualidades de um líder de congada. O acúmulo de experiências é uma delas. Essas vivências envolvem tanto os saberes práticos sobre os cânticos, percussão, senso de improvisação, apaziguamento de conflitos, lideranças bem como conhecimentos de manipular elementos do sagrado como rezas, preces e curas espirituais. É sobretudo nesse quesito que o capitão Tônico, do Congo do Peão, afirma “brincar reinado é *trabalhar* para Nossa Senhora do Rosário”.

Mas o fato é que não se nasce capitão, a autoridade máxima de um terno de congada é “feita” na convivência com seus pares nos momentos festivos. Embora alguns já tenham sido iniciados no terno desde criança, vir a assumir o comando de um grupo pode ser uma tarefa árdua. É o caso do congadeiro araujense que herdou do pai, Chico de Paula, a incumbência de dar continuidade a tradição do grupo da família. Nicolas, de 18 anos, juntamente com sua mãe, Desiree, viúva, 64 anos, são encarregados de dar continuidade à Congada Chico de Paula. Segundo o capitão, seu avô, Francisco de Paula Couto dançou na Congada do Dote até 1988, quando faleceu. Em 2009, seu pai, que também se chamava Chico de Paula, criou com a ajuda do capitão Lúcio uma corte. Antes, Chico, sua mãe e ele dançaram na extinta Congada do Cabelo Loiro. Em seguida foram para a Congada do Dote. Observa-se, portanto, que a família possui uma vasta trajetória e envolvimento com a história do reinado local:

Minha família já dançava junta no corte do cabelo loiro. Depois meu padrinho [segundo esposo de sua mãe] passou a ter um corte, como existe até hoje. Em 2001 eu nasci. Ele já era festeiro... eu nasci com problema, aí meu padrinho fez a promessa que se eu melhorasse eu dançava reinado enquanto vida eu tivesse. Eu tinha um ano quando ele fez a promessa pra acabar uma bronquite que eu tinha. Eu vivia constantemente indo pro hospital em Divinópolis. A primeira vez pegamos a bandeira pra dar a janta. Nisso, eu já tinha inteirado dois anos de idade. Desde essa época eu já

⁷⁸ Consta no livro de ata de reuniões, que a Congada de João Antônio foi criada no dia 29 de maio de 1966 (ATA, 1966).

entrei dançando reinado. Eu dancei de 2003 até hoje (Nícolás, depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes).

O capitão Nícolás, apesar de pouca idade, demonstrou não apenas conhecer em detalhes a participação de seus familiares nas congadas, o que motivou sua inserção no reinado ainda criança e sua devoção a Nossa Senhora do Rosário, como transpareceu dominar as habilidades inerentes ao cargo de capitão. Quando questionado sobre quais os maiores desafios de levar adiante um trabalho iniciado por familiares, sua resposta foi semelhante à de muitos capitães experientes, que lidam com grupos heterogêneos e com pensamentos distintos:

Muita paciência, porque você escuta cada coisa. Você carrega, como se diz, cada bomba nas mãos. A gente que buscar dançador fora. Assim, o dançador diz: vou ali. Aí, a gente tem horário marcado... tem que ir atrás do dançador, porque tem que ser de acordo com a diretoria da irmandade. Compromissos. Ter dedicação por aquilo. Tem que dar valor, porque se não gostar não sai não (Nícolás, depoimento oral, 2019).

Embora o jovem capitão conte com a ajuda de outros capitães mais experientes que os ajudam durante o reinado em Araújo, principalmente no tocante às cantigas, sua postura proativa diante das dificuldades que lhes são impostas e de procurar conhecer sobre a origem do envolvimento de seus antepassados nos festejos, são indícios que demonstram seu interesse e gosto pelo reinado. Ele, inclusive, se diferencia dos colegas da mesma faixa etária que não levam a brincadeira a sério. Seu envolvimento afetivo com a congada de alguma forma está estruturado na promessa que seus pais fizeram para ele quando era criança. O prometido à santa foi que se ele ficasse curado dançava reinado enquanto vida tivesse. Segundo Mauss (2003), trata-se de um pacto que o obriga a retribuir eternamente a dádiva recebida. No caso do capitão ela se renova a cada edição do reinado, quando dança para agradecer à santa por ter restabelecido sua saúde.

Fotografia 108: Mantenedores da Congada Chico de Paula



Legenda: Desiree e o capitão Nícolás responsáveis por manter em atividade a congada criada pelo patriarca da família - Fonte: Fotografia do autor (2019).

Observa-se, portanto, que tanto a Congada do Dote como a Congada Chico de Paula, que possuem uma sólida trajetória na história do reinado araujense, por ocasião das perdas de seus capitães nos últimos anos, estão passando por estágios semelhantes, ou seja, ambas estão sendo conduzidas por sucessores sem um expressivo conhecimento consolidado. Eles seguem aprendendo à medida que as situações inusitadas vão se apresentando para eles, seja durante as improvisações dos versos e adestramento dos ouvidos que captam os compassos fora de ritmo, seja o traquejo de saber lidar com seus dançadores que, por vezes, desobedecem às regras.

Pelo que percebi durante o período que acompanhei algumas congadas no reinado em Santo Antônio do Monte, a transmissão dos conhecimentos na e da congada aos membros dos ternos como danças, cantigas, posturas, batidas dos instrumentos, os tempos musicais, acontecem com o terno nas ruas. Ou seja, o capitão não vai parar suas atividades para dar orientações sobre os passos das danças nem encaixar as vozes nas cantorias. Foi então que comecei a observar que alguns dançadores (geralmente crianças) olhavam fixamente para os pés dos companheiros mais experientes ou para os movimentos dos lábios, na tentativa de imitá-los. Aqui reside algo que a maioria das pessoas não percebe, ou seja, a existência de um processo de aprendizagem próprio das congadas, que difere da técnica usada nas academias de danças ou em escolas formais.

Nesse sentido, Jésu também ressaltou uma situação comum nos ternos de congadas, que diz respeito às hierarquias que envolvem os congadeiros experientes e os iniciantes (crianças). Esses, por não terem assimilados os códigos partilhados pelos adultos, são posicionadas no *rabo das filas* dos ternos. Mas, à medida que vão se apropriando dos saberes, passam a integrar a linha de frente. Por ter se iniciado nessa posição, o congadeiro disse o seguinte: “Quanto mais pouco treino tem o menino, mais ele vai ficando pra trás [no rabo da fila]. Conforme eles vão aprendendo, vão passando pra frente. Os dançadores mais treinados têm que andar na frente (Jésu, depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes). Nesse sentido, brincar na linha de frente, voltado para o público ou devotos, é um dos objetivos a ser alcançado pelos congadeiros novatos. Essa possibilidade de ascender no grupo faz com que os iniciantes se empenhem em aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a congada. Geralmente, todo o processo de acompanhamento e triagem é centralizado na figura do capitão, uma espécie de olheiro, que fica atento a tudo que acontece no seu grupo seja através de um olhar ou de uma escuta. A lógica interna dos ternos reforça que se trata de uma pedagogia cujos saberes são transmitidos organicamente, talvez até de forma lúdica, de modo que se aprende literalmente brincando.

Por enquanto foram essas as análises que a fotografia antiga do Congada do Dote permitiu que fossem realizadas. Deter-me-ei, a seguir, a analisar as possíveis interconexões que

a imagem do grupo do capitão Luiz Carolina e seus congadeiros possibilita refletir sobre os ternos atuais do reinado em Santo Antônio do Monte.

5.2 Diálogos possíveis: rompimentos e interconexões entre os capitães e capitãs de congadas

Passados aproximadamente seis anos que a fotografia da congada foi tirada, o capitão Luiz Carolina faleceu⁷⁹. No entanto, o 2º capitão, Zé Alexandre, juntamente com os demais congadeiros deram continuidade ao brinquedo. Nessa época, Luizinho e seus irmão começaram a brincar no grupo comandado pela família Alexandre. Porém, em meados da década de 1970, Zé Alexandre resolveu criar seu próprio terno de congada dando por encerrada o legado do ex-capitão Luiz Carolina. Nesse momento, seus netos, Luizinho, Otaviano e Toninho, já envolvidos com o reinado decidiram formar um grupo denominado “Congada dos Meninos⁸⁰.” A respeito desse contexto de transição e mudanças, Luizinho teceu o seguinte comentário:

A gente falava Congada dos Meninos. Era só menino mesmo! Aí, eu brincava na guia, dançava bem. Então, meu irmão falou: “vai me ajudar lá, que a gente forma a congada do meu avô”. Aí, nós pegou e tornou a reerguer a congada e foi crescendo. Aí, a gente pôs o nome, “Congada Luiz Carolina, em homenagem a meu avô. E ficou. Meu irmão morreu, aí já ficou eu e os meninos [os outros irmãos e primos] por dar continuidade ao terno (Luizinho, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

Segundo Luizinho, seu tio avô, Zé Carolina, que não está na fotografia, também era envolvido com reinado e tinha um terno de moçambique, no qual era capitão. A trajetória do grupo foi narrada em detalhes por Luizinho, citando inclusive os nomes dos moçambiqueiros que estiveram no seu comando: “quando Zé Carolina, meu tio, faleceu quem ficou com o corte foi Sabará, que era irmão de Piriá. Aí, Sabará mudou-se pra Divinópolis, e deixou pro Piriá. Quando o Piriá faleceu, ficou pro filho dele, Guel”. O terno, que passou por vários comandos após o falecimento de seu primeiro dono, é conhecido hoje por Moçambique Otaviano Piriá, cujo capitão é João Paulo, seu neto.

Inicialmente, com base nos ex-congadeiros que posam para a fotografia ao lado do ex-capitão, é possível afirmar que eles foram alguns dos precusores do reinado em Santo Antônio do Monte, cujos legados podem ser evidenciados através das congadas que levam seus nomes. No entanto, não se pode afirmar que eles sejam os primeiros a brincar ou introduzir o reinado

⁷⁹ Luizinho Carolina não soube dizer ao certo o ano do falecimento de seu pai, se foi em 1966 ou 1967.

⁸⁰ O terno recebeu esse nome justamente porque os dançadores eram compostos apenas por jovens. O terno também era conhecido por Congada dos Marimbondos por apresentar ritmo acelerado.

no município, já que, conforme averigui, há outros grupos bem mais antigos, como é o caso da Congada do Peão, que se encontra em atividade atualmente. Os irmãos congadeiros Marin (um dos capitães do terno) e Laudelina (dançadora), informaram que o congo foi criado no antigo quilombo localizado às margens do rio Diamante, no município:

a primeira geração de congadeiro tem mais de cem anos que começou. Veio do pai do meu avô, veio vindo... Meu avô não foi escravo não, mas o pai dele foi. Inclusive a Guarda do Peão, antes o nome dela era Guarda do Engenho. Depois dessa proibição, que começou outra vez, é que passou a ser Guarda do Peão. Antes no tempo do meu avô, do pai do meu pai, era Corte do Engenho. Aí depois passou para esse nome Congo do Peão (Marin, depoimento oral, 2019).

Embora não se trate aqui de estabelecer qual grupo veio primeiro, é relevante mencionar a trajetória dessa congada, porque ajuda a compreender a abrangência histórica, temporal e espacial do reinado em Santo Antônio do Monte. Além disso, permite perceber as contribuições, rompimentos e continuidades ao longo da existência dos grupos. Nesse sentido, Luizinho descreve as redes de relações de parentesco em torno das congadas que foram influenciadas pela herança cultural deixada pelo seu avô. A esse respeito relatou o congadeiro:

a Congada Luiz Carolina é a que mais tem congadeiro hoje, que descendeu dela. Tem a nossa que é a original, tem a Congada As Meninas do Rosário, da capitã Lucélia, que é neta do meu avô. Tem a Congada Santa Efigênia, do Chico de Nininha, que também é neto do meu avô. É tudo família, né. Tem mais, o Moçambique São Miguel Arcanjo, do capitão Miquinho, que a mulher dele é neta de meu avô. E tem a Congada Soldados de Maria, do capitão Toninho, neto também. Então, é tudo é Carolina, é de raça (Luizinho, depoimento oral, 2019).

Durante a pesquisa de campo, principalmente nas fases de construção dos dados empíricos e de análises acerca das fotografias acima, observei que muitos grupos de congadas que atuam hoje nos reinados de Santo Antônio do Monte e de Araújo são herdeiros ou subprodutos de formação de dançadores que existiram no passado. A título de comprovação é possível citar várias que foram criadas por parentes e com o passar dos anos se desmembraram.

A Congada de Tostão, que é produto do desmembramento da Congada do Pedrinho (seu irmão); e as congadas Soldados de Maria e Santa Efigênia, respectivamente, sob o comando dos capitães Hélio e Chico de Nininha, são alguns dos exemplos. Porém, antes da criação dessas duas últimas, seus idealizadores integraram a Congada dos Meninos (assim chamada porque seus membros eram formados por crianças e jovens). Apesar de não existir mais, percebe-se nos discursos a importância que o grupo teve para a formação de alguns congadeiros. Muitos daqueles que participam do reinado em Santo Antônio do Monte hoje, seja como capitão seja como dançador, passaram ou estabeleceram algum vínculo com esse “centro de aprendizagem”.

De acordo com o capitão Luizinho, passaram por ela vários capitães, inclusive ele e o pai da capitã Lucélia, que comanda com Janaína a Congada As Meninas do Rosário.

Continuando os relatos sobre atualização do surgimento de alguns ternos, Luizinho também mencionou o caso da capitã Gracielle, que comanda a Congada Filhas de Maria. Porém, antes de criar seu próprio grupo, ela brincava no terno de seu pai, a Congada do Nego, que a incentivou a criar um grupo formado com as mulheres que eram dançadoras dele. Na verdade, a capitã não apenas confirmou essa informação como acrescentou outras, como a insegurança diante de tamanha responsabilidade e a idade precoce:

na verdade, foi ideia de meu pai. Havia muitas mulheres na congada dele, e ele resolveu montar uma congada de mulheres para eu tomar conta. Na época, em 2004, eu tinha uns desesseis anos e achava que não ia dar conta. Mas desde pequena que eu sou de dentro do reinado. Eu nasci na congada. Foi onde surgiu minha paixão pelo reinado, e estou até hoje (Gracielle, depoimento oral, 2017).

A trajetória de Tida, capitã da Congada Rosário de Maria, quando comparada às vivências de reinado das outras capitãs não apresenta diferenças expressivas. Apesar de ser a mais velha das quatro líderes que atualmente comandam os ternos durante a Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte, em alguns momentos seus percursos se cruzam. Antes de estar à frente de seu grupo ela dançou em várias congadas da cidade. Teve o próprio pai como exemplo, com qual pegou gosto pelo reinado. Em algumas, inclusive, atuou como fiscal das crianças. Cuidava das crianças para não deixá-las se dispersarem do grupo.

Toda vida eu gostei de dançar, aqui meu pai dançava. A gente sempre ficava pedindo pra dançar. Eu tinha doze anos quando comecei dançar reinado com meu pai no terno de Luiz Carolina. Depois fiquei quatro anos na congada do Jorge, em seguida fui pra congada do Pontinelle durante dez anos, onde conheci e comecei a namorar o meu ex-marido, pais dos meus filhos. Hoje ele é capitão da congada do Josué, juntamente com seu irmão André. Agora Nossa Senhora concedeu esta graça, que pedi pra formar esta congada há três anos. Ano passado, em 2016, Nossa Senhora do Rosário tocou no Dinho e ele me ligou, dando a confiança de ter a congada (Tida, depoimento oral, 2017).

Essa relação de parentesco presente nas congadas ora iniciada com familiares brincando no mesmo terno, ora se apartando e formando seu próprio grupo, também é recorrente em outros tipos de folguedos. É o caso das folias de reis estudadas por Chaves (2013). Ele observou que “é uma prática recorrente na região uma pessoa, em geral sem laços de parentesco com o *mestre folião*, sair um ano em uma folia e no ano seguinte ir para outra” (CHAVES, 2013, p. 37-38).

Isso vai ao encontro do pensamento de Latour (2012) a respeito das dinâmicas dos grupos. Segundo o autor, ao invés de seguir uma postura classificatória, é fundamental ouvir os

atores que os integram, que expõem sob seu ponto de vista os diversos arranjos que se estabelecem nos processos de criação, manutenção e transformação das congadas. Há no interior dessas agremiações interesses, tensões e reivindicações que são intercambiados constantemente. Nesse sentido “os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele” (LATOURE, 2012, p. 56). Durante os trabalhos de campo não demorei para observar as tensões, acusações e rupturas entre dançadores, capitães e diretoria. Somente quando comecei a participar das reuniões da irmandade, conforme expus no terceiro capítulo, é que me dei conta dos pontos de tensões que existiam entre os congadeiros e os representantes da entidade.

Apesar da diretoria ser rigorosa e transparente nas prestações de contas dos recursos movimentados pela irmandade, alguns congadeiros tendem a desconfiar dos números. Porém, a maioria aprova e confia nos trabalhos. O fato é que os poucos congadeiros que não aprovam, quando questionados sobre o porquê de não se candidatarem para assumir a diretoria afirmaram que não tinham interesse. Alguns deles inclusive não participam das reuniões que acontecem, principalmente as reuniões de pós-reinado, quando é realizada a prestação de contas perante os associados. No entanto, embora as tensões façam parte da dinâmica interna dos ternos de congada, há também interações solidárias entre os brincadores. O capitão Hélio, por exemplo, disse que constantemente realiza reparos nas caixas de outros ternos. Algo semelhante também observei na conduta dos capitães Antônio Alves e Luzinho, que compartilham as músicas que compõem com outros capitães para possam também cantá-las durante o reinado. Essa realidade vivida pelos sujeitos evidencia que os grupos não são homogêneos nem estáticos, eles vivem rupturas e disputas internas constantemente.

Durante as entrevistas com alguns capitães foi possível perceber, seja através do discurso seja amparado por objeto (a fotografia é um exemplo), a necessidade de reivindicar para o seu grupo maior longevidade, equivalente à ideia de *mais tradicional*. Isso aconteceu com o capitão Luizinho, quando defendeu que sua congada é uma das mais antigas a participar do reinado, para isso, usou a fotografia como prova factual, e também com Antônio Alves, capitão da Congada Antônio Alves e Vidal, pois segundo ele:

o primeiro dono da congada foi Antônio Vidal, que faleceu. Depois veio João Antônio, que tocou ela por muitos anos. O Tostão passou nessa congada, mas depois foi para congada do irmão dele, o Pedrinho. Também Rafael Camilo e João Camilo. Inclusive eu sou sucessor do Rafael. Essa congada minha é a mais velha de Santo Antônio do Monte. Ela nasceu na Ponte Nova [distrito], que era a base da família do Vidal. Hoje chama congada do Antônio Alves. Era congada do Vidal, mas como todos os filhos

dele foram falecendo, acharam melhor passar a congada pro meu nome (Antônio Alves, depoimento oral, 2018).

Durante a pesquisa de campo tive acesso a algumas fotografias antigas que se relacionam diretamente com as festas de reinado antigas e com os capitães já falecidos. Elas evidentemente são testemunhos históricos que permitem estabelecer pontes entre o passado e o presente. Porém, elas também foram fundamentais na confecção/produção desse capítulo, pois foi a partir de uma delas que as reflexões foram adquirindo novos contornos para compreender os processos de interação e formação das congadas.

Fotografia 109: Congada de João Antônio – primeira e segunda gerações



Legenda: A congada do capitão João Antonio existiu até o final da década de 70, quando ele faleceu. Fonte: Biga/Acervo pessoal (2019).



Legenda: De acordo com Biga, a Congada de Antonio Alves e Vidal, seria uma continuidade da congada de seu pai, o capitão João Antonio. Fonte: Dinho/Acervo pessoal (2019).

Segundo Latour (2012, p. 56), “embora os grupos pareçam plenamente equipados, não há nenhum sem um longo séquito de formadores de grupos, porta-vozes de grupos e defensores de grupos”. Porém, não se trata apenas de dizer que os grupos mudam sua composição e se segmentam. É imprescindível pensar os processos de diferenciação de ternos de congada, conforme o próprio discurso dos congadeiros. Nesse sentido, deve-se ficar alerta ao que dizem os integrantes dos grupos sobre suas características distintivas.

No caso dos ternos de congadas muitos elementos são manejados com o intuito de diferenciá-los. Eles aparecem evidenciando a relação com seus ancestrais, reivindicando um tradicionalismo ou através de um tipo de postura moral que visa o enaltecimento da festa devocional em detrimento da festa lazer. Ainda é possível observar outros agentes diferenciadores, como a musicalidade, a categorização das vozes dos cantadores em seis níveis (1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª vozes), o modelo das fardas e os bailados. O senhor Luiz do Tutu, cozinheiro, que acompanhei durante a preparação do tutu de feijão no período da Festa de Reinado de 2017 em Santo Antônio do Monte, falou que a musicalidade do terno Congo Sereno,

do capitão Satiro, hoje sob o comando de seu neto, Mozair, era única. Seu toque era ouvido de longe e lembrava, de verdade, um sereno de chuva.

Todo esse conjunto de vozes e atitudes mostra que a todo instante os grupos estão se refazendo, se organizando e renascendo a cada edição dos festejos que integram. Alguns exemplos podem ser percebidos quando se observa as dinâmicas que acontecem em torno do reinado, mas precisamente nos eventos que não apresentam características festivas. É o caso do processo eleitoral que elege, a cada quatro anos, os membros da Diretoria da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santo Antônio do Monte. Outra característica que dá indícios de que o movimento interno das congadas é processual e constante, foi descrita pelas capitãs Janaína e Gracielle. Segundo elas, há uma rotatividade nos seus grupos, que diz respeito principalmente às dançadoras. Isso ocorre quando as congadeiras *namoram firme* ou se casam, e abandonam os ternos de congadas porque os maridos/companheiros as proíbem ou porque passam a desempenhar atividades domésticas inerentes aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Contudo, esse fenômeno não acontece somente com as mulheres, pois Luizinho também o observa na sua congada, porém, com o público masculino adolescente. Em Araújo, esse fenômeno também foi observado pelo capitão Nicolás, que tem dificuldade de manter um número fixo de dançadores. E o motivo parecer ser o mesmo: quando começam a namorar abandonam a congada, retornando depois de casados, e já com o filho.

Se o namoro é uma possível causa de evasão de dançadores, como relataram alguns capitães e capitãs, ele também pode ser motivo de trazer dançadores para os ternos de congadas. Isso aconteceu com a própria capitã Janaína, que começou a dançar por influência do namorado à época, hoje marido da congadeira.

Quando eu me aproximei mesmo e tive vontade de dançar, foi quando conheci o meu marido. Minha mãe foi pagar uma promessa de café, e a congada dele que foi pra lá, a Congada do “Pontinele”. Então eu o conheci. Já tinha vontade, mas nunca tive aquela ambição. Aí, a gente começou a namorar, e eu comecei a dançar na congada dele. Eu dancei uns três ou quatro anos, depois eu dancei um ano na “Congada de Zé Alexandre”, e no ano seguinte foi formada a nossa. A congada foi formada em 23 de fevereiro de 2003 e eu ganhei meu filho dia 24 (Janaína, depoimento oral, 2017).

Recentemente a Congada São Benedito, comandada por dona Aparecida (presidente), 68 anos, viúva e aposentada, e sua filha, capitã Viviane, de 25 anos e solteira, passou a integrar os grupos dissidentes de Santo Antônio do Monte. Antes de ter seu próprio terno Aparecida ajudava na Congada do Nego, comandada por seu irmão. No entanto, o fato de observar algumas situações que a incomodavam como o consumo de bebidas entre os dançadores, sem

poder reclamar, resolveu deixar de segui-la. Desde nova, quando trabalhava de doméstica, a congadeira ajudava suas patroas, que davam comida no reinado.

Quando comecei no reinado eu era menina, mas não dançava. Não podia mulher nos cortes, só tirei esmola. Era só homem. As mulheres, as vez, carregava a bandeira. O trabalho era mais interno, era arrumar a roupa pro dançador, fazer a comida, lavar as louças (Aparecida, depoimento oral, 2019).

A rainha conga Maria Geralda, ao relembrar do reinado dos tempos passados, quando era criança, expôs relatos semelhantes, ou seja, a inexistência de mulheres atuando como dançadoras nas congadas. Porém, talvez por ser criança, tinha mais liberdade para acompanhar os ternos, que eram poucos, pelas ruas da cidade. Suas lembranças movimentam-se entre o passado e presente, pontuando alguns processos de transformação pelos quais passou o reinado.

Hoje tem muitos cortes de mulheres. Antigamente não podia, né. Mas, eu lembro da gente andando atrás dos cortes de reinado o dia inteiro. Hoje, apesar de ter muitos cortes, as pessoas só vão de noite e fica ali assistindo eles [em frente à igreja durante os agradecimentos]. Andar atrás, já não anda mais, né (Maria Geralda, depoimento oral, 2018. Observação minha entre colchetes).

De fato, o relato da congadeira condiz com os tipos de controles que haviam no reinado em relação à participação de mulheres nos ternos de congadas. O primeiro Estatuto da Irmandade, manuscrito, foi votado no 20 de julho de 1974 (Ver Anexo F), e entrou em vigor ainda na festa de reinado daquele ano. Composto por apenas quatro itens, o último proibia justamente a presença de mulheres atuando como dançadoras. Dizia o 4º item:

Ficou também definitivamente vedado aos srs. capitães de todos os cortes que a participarem de nossa festa, a inclusão de moças em suas fileiras na qualidade de brincadoras mesmo com o propósito de pagar promessas haja visto o regulamento não permitir sob qualquer pretexto, o qual não haverá justificativa para o não cumprimento do que se estabelece (ESTATUTO, 1974)⁸¹.

Mesmo não podendo dançar nem muito menos ter seu próprio grupo, Aparecida relatou que sua trajetória no reinado é de família, já que seu avô e o padrinho eram reinadeiros. Ela também afirmou que o ex-rei congo, Valdetário, era seu parente. Em 2018, concretizou um sonho antigo de ter sua própria congada, quando recebeu a aprovação da diretoria da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Pelo que relatou a capitã do terno, a congada foi formada com a participação de sobrinhos e vizinhos, não foi preciso trazer os dançadores e dançadoras da congada de seu tio. Mesmo porque para disciplinar a criação de novas congadas a diretoria

⁸¹ Essa restrição desaparece do texto do Estatuto social criado em 1977.

instituiu o Regimento Interno (2017). Uma das cláusulas proíbe os congadeiros que já brincam em determinado terno saíam para integrar grupos recém-formados. Para isso, seus criadores devem apresentar a lista de seus membros, para ser avaliada em reunião. Também para evitar o trânsito desordenado de pessoas entre grupos, a diretoria estabeleceu que a saída de congadeiros de uma congada para outra deve ser comunicada com antecedência para que sejam tomadas as providências cabíveis. Porém, na prática talvez não haja um rígido controle do número de dançadores e o trânsito destes entre uma congada e outra, porque quando perguntava aos capitães se havia um controle através de fichas cadastrais, muitos afirmaram que não existia.

Esse tipo de controle não foi percebido em Araújos. Até porque lá os membros da diretoria da irmandade informaram não haver interesse da população em criar novas congadas. Aliás, chega a ser uma questão que os preocupa, pois para que o reinado aconteça é necessário convidar e fornecer uma ajuda de custo aos ternos dos municípios vizinhos para participarem da festa. No entanto, mesmo que se trate de um número reduzido de grupos, apenas três atualmente⁸², observei que há um empenho de seus capitães em dar continuidade ao legado deixado por seus familiares congadeiros. O Moçambique Nossa Senhora do Rosário está sob o comando do capitão Vicente, filho do primeiro capitão, João Jacó, patrono do terno. A Congada do Dote, por sua vez, está na terceira geração da família, sob o comando do neto de seu criador. A mesma dinâmica se constatou com a Congada Chico de Paula, a mais recente das três, que está na segunda geração sob o comando do filho do idealizador.

Os vinte e três ternos de congadas existentes atualmente em Santo Antônio do Monte, e os três de Araújos mantêm na sua constituição interna uma característica semelhante: as relações de parentesco (família extensa). A maioria dos dançadores estabelece algum vínculo afetivo seja através de laços consanguíneos (avós, pais, filhos, netos, primos, sobrinhos) seja por afinidade (vizinhança e compadrio). A seguir apresento todos os ternos de congada que compõem os festejos de reinados nas duas localidades. Em Santo Antônio do Monte, no domingo de reiando, a diretoria da irmandade faz uma fotografia oficial de todos os grupos nas escadarias da Casa de Padrinho Viagário. Elas integram o memorial da entidade. Em Araújos, apesar de não existir algo nesse sentido, que visa à manutenção da memória dos ternos através do arquivo de imagens, foi possível obter as fotos diretamente de seus capitães.

⁸² Quando entrevistei o moçambiqueiro Vicente Jacó, na ocasião ele relatou que estava planejando criar uma congada só de mulheres com ajuda de uma congadeira de Perdígão (MG). Seu propósito, caso obtivesse sucesso, era estreá-la durante o reinado em 2020. Porém, não houve festa devido à pandemia (COVID-19).

Fotografia 110: Ternos de Congadas de Santo Antônio do Monte



a) Congada do Peão



b) Congada Luiz Carolina



c) Congada José Alexandre



d) Congada Josué Alexandre



e) Moçambique Otaviano Piriá



f) Congada Antônio Alves e Vidal



g) Congada do Tostão



h) Congada do Pedrinho



i) Congada do Satiro



j) Congada do Vilão



k) Congada do Pontinelli



l) Congada do Nego



m) Congada Nossa Senhora do Rosário



n) Congada Sodados de Maria



o) Moçambique Messias Alexandre



p) Moçambique São Benedito



q) Congada da Tereza



r) Congada Santa Efigênia



s) Congada Meninas do Rásário



t) Congada Filhas de Maria



u) Congada Rosário de Maria



v) Congada São Benedito



w) Moçambique São Miguel Arcanjo

Fonte: Dinho/Art-vídeo digital (Facebook Festa Reinado S. A. Monte)/Acervo pessoal (2019).

Fotografia 111: Ternos de Congadas de Araújo



a) Congada Osvaldo do Dote. Fonte: Congadeiro Ramon/Acervo pessoal (2019)



b) Congada Chico de Paula. Fonte: Capitão Nicolás/Acervo pessoal (2019)



c) Moçambique Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Facebook Reinado de Araújo (2019).

Fora do período das festas de reinado é praticamente impossível fazer essas imagens. Isso porque além do fato dos ternos só se apresetarem nesse período, muitos dançadores trabalham e até residem fora da cidade, como é o caso das congadas em Araújos. Em Santo Antonio do Monte, os congadeiros cujos parentes residiram na cidade no passado, mas que com o passar dos anos se mudaram para outros municípios, costumam retornar na época de reinado para dançar no terno de sua família. Esse tipo de arranjo foi mencionado por Luizinho, referindo-se a seus parentes que residem em Belo Horizonte. Essa característica, ao contrário do reinado da cidade vizinha, não chega a ser um problema. Lá, os capitães precisam contar com a participação de dançadores que residem nas cidades vizinhas, para pô suas congadas na rua.

Se por um lado a quantidade de grupos de congadas atuando no reinado mostra a vivacidade dos festejos em Santo Antônio do Monte, por outro evidencia um intenso processo de criação e desmembramentos internos. O movimento próprio dos ternos ora se fazendo ora se desfazendo, transformando-se em outros, conforme observei nos relatos dos capitães, está presente na trajetória de boa parte das congadas da cidade. Nesse sentido, é crucial não definir de antemão as fronteiras dos ternos de congadas e outros que integram os festejos de reinado com a corte real, a diretoria da irmandade etc., pois, de acordo com Latour (2012), as incertezas são as únicas constâncias que perpassam a existência dos agregados sociais.

A busca por classificar os limites de um grupo pode levar o pesquisador equivocadamente a definir “os outros agrupamentos como vazios, arcaicos, perigosos, obsoletos” (LATOUR, 2012, p. 56). Por mais que alguns capitães relatem que resgataram ou deram continuidade aos ternos de congadas criados por parentes, esses agrupamentos não são de forma alguma compostos pelos mesmos dançadores de antigamente, seja porque os dançadores são outros, obviamente, seja pelas transformações internas e externas que atuaram e continuam incidindo sobre os grupos. Por exemplo, o Congo do Peão, apesar de ser classificado (delimitado) pela comunidade reinadeira como o terno mais antigo do reinado da cidade, atualmente a maioria de seus membros (capitães e dançadores) reside na cidade vizinha de Divinópolis. O mesmo acontece com a Congada do Satiro, que está radicada em Lagoa da Prata. Seus membros só participam do ritual de levantamento dos mastros e da festa de reinado, dos demais eventos promovidos pela diretoria da irmandade (reuniões ordinárias e extraordinárias, almoços beneficentes, torneio de truco etc), que acontecem durante o ano, eles não participam. Como afirma Latour (2012), o “social é antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro” (LATOUR, 2012, p. 99).

Da mesma forma pode ser temerário tentar classificar determinado grupo como moderno ou conservador na tentativa de estabelecer uma classificação, pois ao mesmo tempo que se observa elementos que remetem a uma prática antiga, executada por algum dos membros já falecidos, nota-se a existência de práticas incorporadas recentemente. Se observarmos com cuidado, há um pouco das duas situações em cada terno de congada, que podem ser percebidas nas cores das fardas (ora mais vivas e chamativas, ora mais sóbrias), nos enfeites (com mais ou com menos brilho), nas danças e movimentos dos corpos (lento ou apressado), nas cantigas (antigas ou atuais), enfim, a todo o instante são intercambiados inúmeras possibilidades de atuação dos grupos.

Ao realizar uma breve observação sobre as fotografias antigas dos ternos de congadas de Santo Antônio do Monte e Araújos, nota-se logo o quão heterogêneos são os grupos. Isso inviabiliza a tentativa de estabelecer fronteiras, sem mencionar que há outras peculiaridades como ritmo, cantigas, hierarquias internas (quem brinca na linha de cantiga, na linha de frente etc.), nuances que somente são percebidas através de um trabalho de convivência mais intenso, semelhante ao que descrevi no capítulo anterior. Além da diversidade de performances, arranjos e formas narrativas proferidas pelos congadeiros, com intuito de estabelecer parâmetros em relação a outros grupos, não se pode perder de vista outros elementos que integram o universo das congadas: os objetos.

É difícil refletir sobre os ternos de congadas sem incluir os objetos que, por sinal, também são diversos. As reflexões apresentadas por Latour (2012) mostram que a definição de social que contempla apenas os humanos, excluindo os não-humanos, não dão conta de abarcar a complexa rede de relações e vozes que são apresentadas em campo. Pois, como afirma Clifford (2002, p. 49) “a cultura é um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não-membros, de diversas facções”. Nesse sentido, “além de “determinar” e servir de “pano de fundo” para a ação humana, as coisas precisam autorizar, permitir, conceder, estimular ensinar, sugerir, influenciar, interromper, possibilitar, proibir etc” (LATOURE, 2012, p. 109).

No reinado, os objetos tanto aqueles que produzem a musicalidade característica do festejo como os que os adorna, são protagonistas. Os instrumentos musicais não emitem apenas sonoridades sob o comando dos tocadores, eles marcam o início das marchas, dão o tom das batidas, indicam a direção do grupo, as cantigas e também dizem quando os dançadores devem parar de cantar e dançar. As caixas através de suas batidas, nos ternos de catupé e nos moçambiques, dão o compasso das danças; os tipos de batidas no tamborim substituem em alguns momentos as falas dos capitães. Por exemplo, duas batidas significam que o terno vai partir, três é pedir para parar. O apito, utilizado por alguns líderes de congadas, também é usado

como forma de comunicação entre este e seus dançadores. Para além desses objetos sonoros de importância singular para os grupos, há entre os moçambiques uma infinidade de objetos como vestes, túnicas, colares e rosários, gungas etc., que desempenham um papel crucial na composição do social. Nesse caso, humanos e não-humanos estão em intenso e constante diálogo na composição desse fenômeno complexo que é a vida social.

Porém, gostaria de me demorar sobre o bastão usado por alguns capitães de moçambique. Geralmente nos outros ternos seus capitães se diferenciam dos demais dançadores através das cores das fardas e por tocarem tamborins, cujas batidas funcionam como sinais de comando. No caso dos moçambiqueiros, que as vestimentas são de uma mesma cor, geralmente branca, o que distingue o capitão dos demais dançadores é o bastão conduzido por ele. Tal objeto não apenas é carregado de significados simbólicos, ele também é a personificação dos ancestrais, conforme disse o capitão:

Meu bastão foi de Zé Carolino, que passou pro meu tio avô, pro meu avô, que passou pra mim. Tem mais de cento anos. É o bastão mais velho do rosário. Foi o bastão que levantou a festa daqui. O bastão é o mandamento do negro. Mandamento do negro é um mandamento de oração. O padre abençoou ele. Ele é como se fosse um poder que o negro adquiriu. Ai, você vai rezar um pai nosso, uma ave maria e o bastão é cada ponto do um santo, de um santo de origem. O que a gente passou, os antepassados da gente, a história que foi, como você viveu. Se você tá nesse mundo agora e não sabe porquê, se vai passar pra outro, ninguém sabe. Tem pessoas que ficam com bastão e acha que ele é um brinquedo, né. Depois vou passar o bastão para meu filho, minha mãe, meus irmãos, meus sobrinhos vão passando esse bastão passa pra frente, então a festa não vai acabar vai progredir pra frente (João Paulo, depoimento oral, 2019).

Como dito acima, o bastão não é mero símbolo carregado de significados. Ele é isso, mas também amalgama na sua composição a herança ancestral, que é repassado pelos que se foram às gerações vindouras, conforme os códigos de conduta dos moçambiqueiros; é ainda instrumento de proteção e possui vários outros sentidos.

Fotografia 112: Capitão João Paulo segurando o bastão



Legenda: Capitão João Paulo segurando seu bastão, símbolo de poder e sabedoria dos ancestrais. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Outros grupos que compõem o reinado, embora em menor número que as congadas, são compostos pelos membros da corte real, integrada pelos reis e rainhas perpétuos, congos e morenos, e reis e rainhas festeiros. Na sequência, o tópico abordará a formação dos cortes, suas trajetórias nos reinados das duas localidades, bem como as especificidades e a centralidade da coroa que valida os postos de atuação no reinado.

5.3 As congadas, a realeza do reinado e outros grupos

O grupo que compõem a corte real do reinado vivencia situações instáveis tanto quanto as congadas. Sua existência é marcada por rupturas, mudanças de nomenclaturas, sucessões e repasses de coroas que pertenceram a várias pessoas ligadas ao reinado. Durante as conversas que tive com os congadeiros mais antigos e com os membros da diretoria da irmandade em Santo Antônio do Monte, observei que a Festa de Nossa Senhora do Rosário, após seu reinício em 1961, coleciona uma extensa relação de rainhas perpétuas que tiveram seus dias de reinado. Analisando as atas de reuniões que registram a retomada da festa, é recorrente a presença da senhora Adosina da Silva, rainha⁸³, por sinal, a única mulher que aparece entre participantes homens que integravam a diretoria. Também apareceu nos registros a figura do rei congo, representado pelo senhor Francisco Benedito dos Santos. Supostamente, o reinado quando retornou contava apenas com esse casal real. O termo “rainha perpétua” só é mencionado nas atas a partir de 1966. Somente no ano de 1967 é que o rei congo Geraldo Leite da Costa, pai de Betinho, atual rei perpétuo, é mencionado pela primeira vez nos documentos escritos da irmandade. Aqui se localiza talvez o primeiro arranjo ou adaptação, que foi sendo ajustada ao longo dos anos. O fato é que não consegui obter o momento da mudança por meio dos entrevistados Dinho e Betinho. Betinho apenas disse já ter sido coroado no final da década de 1980 como rei perpétuo. Nesse caso, importa menos saber em que momento houve a mudança de nomenclatura e mais como seus integrantes se organizam e se percebem.

José Maria, filho da ex-rainha perpétua Janete, falecida em janeiro de 2016, e tio de Ana Flávia, coroada durante da Festa de Reinado daquele ano, relatou com detalhes cronológicos o trânsito da coroa, que passou por várias guardiãs, até chegar de fato à sua família. Uma característica presente no processo de sucessão da coroa, que também está no modo como as congadas se definem e são definidas por seus criadores, é a questão da relação de parentesco que contempla a ideia de família alargada ou extensa. Isso porque, como se observa a seguir, a

⁸³ O documento não especifica se era rainha “perpétua” ou “conga”, denomina apenas de rainha.

posse do objeto que hoje encontra-se na família do entrevistado não obedeceu apenas a linhagem familiar pautada pela consanguinidade, mas também os vínculos de amizades entre as rainhas.

No período que a festa foi interrompida a dona Dosina manteve a guarda da coroa. Quando a festa voltou, ela continuou. Quando ela faleceu em 1973, a coroa ficou para uma negra, chamada Inã, que também era conhecida por Maria Vermelha, que morava com minha avó Sinhá. Ela recebeu essa coroa das mãos de dona Dosina, a rainha perpétua do reinado. Ela morava na mesma rua que morou minha avó Sinhá. Elas duas não eram parentes, mas tinham uma proximidade afetiva imensa. Por sua vez, quando Inã, se viu com idade avançada e que não dava conta de acompanhar as procissões, nomeia a minha tia Laura, conhecida como Iaiá. Depois minha tia mudou pra Arcos (MG), então ela ficou impossibilitada de ser a rainha porque não residia no local da festa. É quando ela passa a coroa pra minha mãe Janete. Com mamãe a coroa deve ter ficado, no mínimo, uns 25 anos. Quando mamãe ficou doente, durante algum período a gente ia com ela. A irmandade concordou dela só acompanhar o cortejo. Quando era na levantação dos mastros a gente levava ela direto pra frente do santuário de Nossa Senhora do Rosário. E muitas das vezes a Ana Flávia acompanhava o cortejo levando a coroa (José Maria, depoimento oral, 2019).

É instigante observar na narrativa do entrevistado como os próprios membros que integravam a corte real, em temporalidades distintas, se encarregaram de manter a continuidade da festa através do uso da coroa. Esse objeto sagrado, central nos festejos de reinado, permitiu que diferentes pessoas, independente do grau de parentesco, estabelecem elos afetivos, que através de constante (im)permanência do grupo composto pela corte real. Esse processo de formação nos leva a refletir que “o delineamento de grupos não é apenas uma das ocupações dos cientistas sociais, mas também a tarefa constante dos próprios atores” (LATOURET, 2012, p. 56). Para evidenciar o quanto os limites do grupo formado pela realeza são inconstantes, lembro-me de presenciar no ano de 2016, o velório da ex-rainha perpétua Janete e o ritual de coroação de Ana Flávia, sua sucessora, num intervalo de poucos meses de um para o outro. Num intervalo de seis meses a irmandade coroa a nova rainha perpétua, jovem, sem uma trajetória reconhecida no reinado e pouco conhecida pelos congadeiras. Ou seja, a corte real estava vivendo outro momento. A própria Ana Flávia relatou suas inseguranças em relação a assumir o cargo, inclusive chegando a cogitar não aceitá-lo:

olhe, foi muito difícil pra mim, porque eu fiquei noiva no dia 23 janeiro de 2016 e minha avó faleceu no dia 24, um dia depois. Após dois meses meu pai também faleceu. Então, aquele período foi muito conturbado. Eu fiquei um tempo revoltada, magoada. Foi tudo misturado, e no meio disso eu tinha que decidir: ou eu queria a coroa ou eu abria mão da coroa. Eu fiquei sem saber o quê fazer. E o padre Adelzire me ajudou demais. Eu falo que, se hoje eu estou com a coroa eu devo a ele, porque sentou comigo e falou: ‘olhe, a missão é sua! A coroa é sua! Não foi Nossa Senhora do Rosário que levou seu pai, não foi Ela que tirou sua avó. Um dia você vai entender tudo isso. Essa é a tua missão! Pegue essa graça, aceita, e bola pra frente!’ Nosso eu relutei: Não, padre, não sei se dou conta porque, tá tudo muito recente. Ao mesmo tempo eu queria,

mas me via insegura, porque eu era muito nova, eu tinha medo de pegar a coroa, por não saber de tudo da tradição, de como me comportar (Ana Flávia, depoimento oral, 2019).

A coroação da atual rainha perpétua aconteceu durante no sábado de reinado, quando acontece o tradicional rito de coroação dos integrantes da corte real. No entanto, para a diretoria e para a comunidade reinadeira teve um diferencial a mais: há mais de 20 anos que não ocorria o coroamento e condução ao cargo de uma rainha. Muitos congadeiros ainda não haviam presenciado esse rito.

Nunca houve na história do reinado de Santo Antônio do Monte, desde quando reiniciou na década de 1960, a posse de uma rainha perpétua. A única posse que aconteceu foi do rei perpétuo Betinho⁸⁴. Na época ele ainda era menor de idade quando assumiu. Então, virou que todo mundo foi pesquisar para procurar saber como era a realização da posse de uma rainha, porque o estatuto não diz nada sobre isso. A diretoria me chamava para comunicar o que ia acontecer durante minha posse e se eu estava de acordo. E assim foi indo. Aí no dia da posse, acho que de tanto que rezei, e o padre Adelzire ter conversado tanto comigo, foi muito tranquilo. Todos que estavam presentes acharam muito bonito. Ninguém nunca tinha visto uma rainha perpetua tomar posse (Ana Flávia, depoimento oral, 2019).

Parece-me que após receber a “missão” para dar continuidade ao legado da avó, Ana Flávia, assumiu com afinco o posto de rainha perpétua, uma autoridade da comunidade reinadeira bastante respeitada pelos congadeiros. Ela mesma se define como “uma representação de Nossa Senhora do Rosário para os congadeiros diante do que eles buscam, pedem ou querem receber de graças” (Ana Flávia, depoimento oral, 2019).

Fotografia 113: Coroação da Rainha Perpétua em 2016



Fonte: Fotografia de Dênia Santos/Arquivo pessoal de Ana Flávia (2016).

⁸⁴ Ela certamente refere-se ao rito de coroação de posse de uma rainha perpétua, pois Tipaca tinha sido coroado rei congo durante a Festa de Reinado de 2008, após ter ocupado o cargo interinamente até o falecimento de seu tio Valdetário, titular do cargo.

Durante a pesquisa de campo realizada entre os anos de 2017 e 2019 observei que ela estivera presente em vários eventos da diretoria da irmandade como reuniões ordinárias e ajudando nos almoços beneficentes. Certamente transitar por esses espaços foi uma das maneiras que ela encontrou para “aprender as coisas da tradição”, com relatou acima, e também de conviver com a comunidade reinadeira. Pelo que me relataram alguns cogadeiros, Dona Janete foi uma rainha perpétua “de primeira”, pois sempre os acolhia com alegria e simpatia durante as visitas. Alguns disseram que mesmo quando não era época de reinado, quando ela os avistavam na rua, fazia questão de cumprimentá-los com um “Salve Maria!⁸⁵”. Nessa questão que envolve vivência e popularidade, elementos conquistados com o passar dos anos, a atual rainha perpétua disse:

na verdade, é muita gente que participa do reinado. Tem vez que eu tô andando na rua, eles me cumprimentam com um salve Maria!, então eu já sei que é algum brincador. Muitos eu já conheço, sei do nome, a gente já conversa na rua. Outros, a gente identifica por esta forma de cumprimentar: Salve, Maria. Eu respondo: Salve, Maria. E nisso a gente vai se conhecendo. Agora com os capitães é mais fácil gravar as feições porque quando eles cantam para agradecer no reinado eles ficam perto da gente. Isso facilita. Mas aí eu ainda brinco: ainda bem que eles me cumprimentam na rua, aí eu já sei que é brincador (Ana Flávia, depoimento oral, 2019).

Apesar de ter consciência que há muito o que aprender sobre o reinado e a importância do cargo, a rainha perpétua viu os momentos que substituiu sua avó nos cortejos quando ela já estava impossibilitada de acompanhar o reinado como uma espécie de preparação para o desafio que lhe aguardava alguns anos mais tarde. Ela também disse contar com o apoio dos demais membros da realeza do reinado que já estão há mais tempo no cargo como Tipaca e Dona Maria, reis congos, e Betinho, o rei perpétuo que faz par com ela. Inclusive segundo ela me relatou, ele foi um dos grandes incentivadores para que aceitasse o cargo.

Viu-se que o repasse da coroa entre as rainhas perpétuas não seguiu uma única regra. Em alguns momentos as herdeiras ora foram amigas próximas, como Dosina e Inã, ora parentes por consanguinidade como Janete e Ana Flávia (avó e neta).

⁸⁵ A saudação “Salve Maria!” é uma espécie de código difundido entre os congadeiros e congadeiras que reforça o sentido de *irmandados*.

Fotografia 114: Membros antigos da corte real do reinado



Legenda: Dona Janete, ex rainha perpétua, Valdetário, ex rei congo e a atual rainha conga, Maria Geralda (Da esquerda para direita). Fonte: Fotografia de Maria Geralda/Acervo pessoal (2019).

No caso da coroa da rainha conga, que atualmente está sob a guarda de dona Maria Geralda, filha do congadeiro Otaviano, chegou até ela através de um convite feito por Zé Saúde, general e organizador da festa de reinado até o final da década de 1990. Contou-me ela que:

eu estava aqui e Seu Zé Saúde chegou. Ele era presidente da irmandade. Isso foi em 1994. Aí ele chegou e falou assim: ‘eu vim cá, foi Nossa Senhora que me indicou você. Eu pedi a ela que iluminasse uma pessoa pra ser a rainha conga do reinado. Porque Eliene filha de Zé Alexandre não pode’. Aí eu falei: ‘nossa, mas eu não posso. Eu vou ganhar neném agora em junho, e o reinado já será em agosto. Ele vai estar só com dois meses’. Ele falou: ‘não, pode pegar que a gente dá um jeito. No dia que você não puder ir pode mandar outra pessoa no seu lugar’. Assim eu fiz. Deus ajudou que ganhei a menina, foi tudo bem. E no dia do reinado deu certo. minha mãe ficou com a menina e eu fui. Nessa época as congadas ainda levava a gente até o reinado e de pois trazia em casa. Aí, eu fui lá e recebi a coroa. E desde esse dia eu fiquei sendo a rainha do reinado. Depois quando ele estava doente fui fazer uma visita ele me fez um pedido: ‘não largue essa coroa!’ Então, já se vão vinte e quatro anos que tô com ela (Maria Geralda, depoimento oral, 2018).

Nesse caso, o convite foi a modalidade que a tornou sucessora da coroa. Segundo alguns congadeiros, essa personagem do reinado é a que mais detém poder. É ela que abre e fecha a festa, a quem todos os dançadores devem obediência. Dona Maria relatou que todas as congadas a visitam na época de reinado, e que apesar de gostar de todas, sente que os ternos de moçambiques e o congo do Peão, cujos dançadores em grande parte são negros, têm por ela um respeito diferenciado.

Eu acho que estou ali para representar aqueles anos passados da escravidão, o sofrimento dos negros. As pessoas que têm mais respeito por mim, que chega aqui e tudo, que sabe da minha importância no reinado é o congo dos Peão e cortes de moçambiques, o de Miquinho [Moçambique São Miguel Arcanjo] e o de João Paulo [Moçambique Otaviano Piriá]. Eles sabem o significado. A rainha conga é o ponto

maior da festa (Maria Geralda, depoimento oral, 2018. Observações minhas entre colchetes).

Se para o capitão de moçambique o bastão é instrumento sagrado que guarda os fundamentos de sua origem e conexão com os ancestrais, para a rainha conga é a coroa. Observa-se tanto nos discursos do capitão de moçambique João Paulo como na fala da rainha conga Maria Geralda narrativas que cruzam e remetem à memória de seus descendentes que foram escravizados. Embora outros capitães de congadas tenham mencionado esse fato histórico, o sentimento de pertencimento não era igual ao que foi expressado pelas personagens do reinado que representam seus ancestrais negros cativos.

Durante a pesquisa participante, quando acompanhei a Congada do Pedrinho, tive a oportunidade de presenciar a visita do grupo à residência de dona Maria. Foi a penúltima visita do grupo antes de seguir para a formação do cortejo. O momento causou-me comoção sobretudo porque ali diante do grupo não estavam apenas a rainha conga e o bandeireiro, mas duas gerações representadas, por tio e sobrinho, dedicadas em festejar e homenagear os santos reinadeiros. Em seguida, ela conduziu os dançadores até a garagem onde estava montado o altar com as imagens dos santos e a coroa.

Fotografia 115: Rainha conga recebendo visita do terno



Legenda: O encontro entre o tio e a sobrinha durante o reinado de 2018. Fonte: Fotografia do autor (2018).

Diferentemente da rainha conga que foi conduzida ao cargo a convite da diretoria da irmandade, o rei congo Tipaca recebeu sua coroa via linhagem de parentesco. Sua coroação ocorreu em 2005, após o falecimento de Valdetário, ex-rei congo. No entanto, afirmou que foi rei interino por três anos, quando seu tio adoeceu e ficou impossibilitado de acompanhar os festejos. Nesse aspecto, as trajetórias de Tipaca e Ana Flávia se assemelham, pois ambos representaram seus parentes nos compromissos do reinado antes de integrarem a corte real.

Fotografia 116: Membros de cargos vitalícios do reinado



Legenda: Príncipe⁸⁶, rainha conga, rei congo e rainha perpétua Fonte: Fotografia do autor (2017).

Apesar da presença das personagens que integram a corte real ser central nas duas festas de reinado, os percursos, sucessões e afetos que marcaram e ainda marcam suas vivências são distintos e assinalados por trajetórias singulares. O reinado em Araújo, assim como ocorreu na cidade vizinha, seguiu caminhos nada lineares.

Quando conheci o casal de reis morenos Solange e Miguel, após entrevistá-los, ele fez questão de me apresentar à ex-rainha perpétua Carla⁸⁷. Na ocasião, acompanhou-me até o estabelecimento comercial dela para que eu a conhecesse. No caminho relatou-me que durante o reinado a rainha recebia as congadas em casa, era atenciosa e carinhosa com os congadeiros. Disse ainda que as mesas de cafés da manhã e da tarde estavam sendo postas com muita variedade de comidas. Depois de conhecê-la fiquei me questionando o porquê dele ter me levado para conhecê-la, e não a atual rainha, que só conheci posteriormente. Somente depois, quando entrevistei dona Agostinha, que enfatizou só receber as congadas na tenda em frente à igreja, pois sua casa é muito pequena, foi que entendi o motivo de alguns congadeiros reclamarem de sua falta de atenção para com eles.

O espaço da casa exerce um significado importante nos festejos de reinado. Abrir a casa para receber as congadas que, por sua vez, realizam homenagens aos devotos e santos, é mais que uma visita, pois visa estabelecer laços afetivos e reforçar a crença coletiva nos santos reinadeiros. Em Santo Antônio do Monte a rainha conga e a rainha perpétua ficam de plantão em casa durante o reinado para receberem os ternos. Essa penitência é uma das obrigações

⁸⁶ Maurício era filho do congadeiro Fiím, portanto, primo de Maria Geralda, rainha conga.

⁸⁷ Por diversas vezes, tentei marcar entrevista com a ex-rainha perpétua, que não tinha horário. Porém, alguns dos capitães me disseram que ela entregou a coroa por questões pessoais. Antes dela, porém, a rainha perpétua era a senhora Tida, tia de Eduardo, ex-presidente da irmandade. Ela entregou cargo para cuidar de sua mãe que exigia, na época, cuidados intensivos.

impostas pela diretoria. Ana Flávia, que reside distante do centro da cidade, durante o reinado se muda para a casa dos familiares do marido, próxima ao salão da irmandade, para receber as visitas. Em Araújo, por sua vez, isso não acontece, já que a rainha perpétua e o rei congo recebem os agradecimentos na tenda armada em frente à Igreja Matriz. Tal postura é vista pelos capitães locais como algo que distancia os ternos da corte real. Nesse sentido, conforme enfatiza Heloisa Afonso Ariano, que pesquisou a Festa de Congos em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), sobretudo a relação dos festeiros com os grupos, “o abrir das portas remete a uma disposição de diálogo entre a família e a coletividade” (ARIANO, 2018, p. 122). No caso do reinado, as visitas, além de contribuírem para um contínuo diálogo entre a realeza e as congadas, funcionam como um gesto de respeito e amizade que é recíproco.

Seguindo a trajetória dos arranjos para compor a corte real do reinado araujense, remonto com a ajuda dos colaboradores os trâmites que as coroas percorreram desde o início dos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. De acordo com Araújo (2014), a primeira rainha conga do reinado foi a senhora Teodolina Almirinda de Jesus, conhecida por Teodora, esposa de Agostinho Francisco das Chagas, o Agostinho Israel. Trata-se do senhor que em 1931 levou dois ternos de dançadores de Santo Antônio do Monte, um congo e um moçambique, para se apresentarem em Araújo. Com o passar dos anos o cargo foi modificado para rainha perpétua, que existe até hoje. “As sucessoras de dona Teodora foram Ritinha do Raimundo Alonso, Lourdes Martins, Maria das Graças Sousa, Maria Neuza dos Santos, Célia Maia e desde 2000, Maria Aparecida Santos, a Tida” (BUENO NETTO, 2004, p. 7). De 2005 a 2008, Karla Maria dos Santos assumiu o cargo, entregando-o para Agostinha Aparecida de Sousa, a atual rainha perpétua, em 2009.

Desde essa época até os dias de hoje várias rainhas perpétuas já passaram pelo cargo. Porém, vou me ater ao processo de condução aos cargos de rei congo, ocupado por Bila, dos reis morenos Solange e Miguel, e da rainha perpétua, Agostinha. Pelo que consegui juntar de informação durante a pesquisa de campo, o cargo de rei congo do reinado em Araújo é o único que apresenta menos trânsito na passagem da coroa, permanecendo sob o poder apenas de dois guardiães: Geraldo Joaquim da Silva, já falecido, e seu neto Almir Antônio da Silva (Bila), que herdou o cargo do avô, através de procuração, quando era ainda menor de idade, no início da década de 1980, e segue até hoje com a guarda da coroa.

Fotografia 117: Presidente da irmandade e o rei congo



Fonte: Facebook Reinado Araújo (2019)

A partir desse processo que envolve uma relação de parentesco direta, gostaria de chamar a atenção para um fato interessante que perpassa o reinado na cidade. Trata-se da estreita aproximação entre o reinado e a esfera político-administrativa local, desde o início dos festejos. Assim, como o patrono da coroa conga exerceu o maior cargo político do poder executivo do município, seu neto, o atual rei congo, também foi vereador por dois mandatos. Mais adiante exponho resumidamente a relação de dependência entre a festa de reinado e a esfera política, principalmente no que tange aos recursos financeiros repassados para garantir sua continuidade, e que pode ter alguma relação com sua origem.

Entre as diversas situações que me chamaram atenção no reinado em Araújo quando o conheci pela primeira vez, tais como a dimensão da feira comercial ao ar livre e a quantidade de ternos de congadas de fora, talvez a sonoridade do termo “moreno” proferido pela locutora Tida ao convidar o casal de reis pretos ao palco, para serem coroados, tenha sido a mais marcante. Pois tanto na literatura antropológica que discute o reinado como nos contextos festivos locais só conhecia até então os ternos rei congo e rainha conga, geralmente representados por pessoas negras. Segundo o ex-presidente da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Eduardo, a escolha do termo “moreno”, teve como propósito evitar que o casal sofresse racismo, já que antes os representantes do cargo eram conhecidos por *rei e rainha pretos*.

A intenção foi pra não ser uma discriminação, né. Como ela [Solange] é negra... a gente fala rainha morena pra não discriminar ela. Pra não ter discriminação. Quem sugeriu o nome foi minha tia Tida [ex rainha perpétua]. Porque hoje em dia está tão complicado esse negócio de discriminar as pessoas (Eduardo, depoimento oral, 2018).

Porém, pelo que consegui averiguar, a mudança do termo *preto* para *moreno*, realizada pelos organizadores do reinado, foi consensuada com os legítimos e atuais ocupantes do cargo,

já de acordo com a rainha morena Solange, sua mãe, dona Lourdes, falecida em 2013, de quem herdou a coroa, não gostava que a chamassem por *rainha preta*.

Fotografia 118: Ex-reis morenos Vantuir e Lourdes



Fonte: Facebook Reinado Araújo (2020).

Para além dessa questão que envolve a mudança de nomenclatura, a coroa de rei e rainha pretos ou morenos sempre esteve nas mãos de seus familiares bem como dos familiares de Miguel. Indagada por mim sobre a trajetória das coroas que estão sob a guarda de sua família, a rainha morena Solange disse:

Vem da minha mãe. Ela era a rainha preta. Então. Ela adoeceu, e antes de falecer passou pra mim. Mas antes veio da minha prima Alzira mais o tio Gurinho, eles eram casados. Da minha época de criança, eles dois era rei. Deles passou pra minha mãe e pro meu cunhado [irmão do atual rei moreno Miguel]. Eu assumi o cargo tem 6 anos, em 2013 (Solange, depoimento oral, 2019. Observações minhas entre colchetes).

Apesar de não ter brincado reinado quando era jovem, Solange disse ter sido nascida e criada vendo seus familiares envolvidos com reinado. O senhor Miguel, que também conviveu como vários reinadeiros, disse que desde criança brincou reinado, tendo inclusive dançado na Congada do Dote, antes de seu patrono falecer. Porém, depois que recebeu o cargo de rei de seu irmão Vantuir Miguel da Costa, sua participação no reinado se restringiu a acompanhar sua esposa nos compromissos que a celebração exige como missas e cortejos.

Fotografia 119: Atuais reis morenos – Miguel e Solange



Legenda: A foto do casal de reis morenos foi tirada na sua residência, após entrevistá-los. Fonte: Fotografia do autor (2019).

Nesse sentido, Agostinha, que ocupa o cargo de rainha perpétua desde 2009, apresenta uma trajetória semelhante. Segundo ela relatou, desde criança, quando ainda residia na zona rural, sua família vinha para a cidade durante o reinado, onde permanecia por todo o período festivo. Esse movimento entre os espaços da cidade e a zona rural propiciado pelo reinado também foi relatado por vários reinadeiros da cidade vizinha. Depois, quando seus pais se mudaram para o núcleo urbano, ela ainda menina continuou acompanhando as congadas durante as visitas às casas dos devotos. Porém, não chegou a participar como dançadora de ternos, pois somente os homens podiam brincar nos ternos. No entanto, ela afirmou que “todo ano assistia à missa do ladinho do andor de Nossa Senhora do Rosário, e quando a missa acabava acompanhava a procissão ali do lado do andor” (Agostinha, depoimento oral, 2019). Era comum nessa época, após o encerramento da festa, elas irem para a casa do capitão Dote, vê-los dançarem até a meia noite.

Fotografia 120: Rainha perpétua do reinado de Araújo



Legenda: Agostinha posou para foto segurando a coroa que está sob sua guarda. Fonte: Fotografia do autor (2019).

O fato de estar sempre presente na festa todos os anos, assistindo de perto as apresentações das congadas, as missas e as procissões, pode ter despertado o interesse da diretoria da irmandade, nas pessoas de Bila e Osvaldo Teixeira, que a convidaram para assumir o cargo de rainha perpétua do reinado.

‘Nós viemos te fazer um convite.’ Eu falei: ‘uai, dependendo do convite eu aceito, né.’ ‘Nós queremos você pra ser rainha perpétua,’ disseram eles. Eu comecei a chorar. Assim, não caiu a ficha na hora. Aí, eu falei: ‘vocês me dão uma semana pra eu amadurecer a ideia?’ Eles falaram que eu podia pensar direitinho. Como na época a gente tinha um padre que era aqui de dentro de minha casa, padre Humberto, eu fui lá conversar com ele. Ele falou comigo assim: ‘como são as coisas, dona Agostinha, a coroa foi cair justamente na mão da pessoa certa!’ Eu falei: ‘mas padre, o senhor acha que eu dou conta desse cargo?’ Ele falou assim: ‘Nossa Senhora não podia ter escolhido melhor.’ Na hora eu parei e pensei, tá, é muito bom. Uai, se Nossa Senhora me escolheu, eu vou tentar. Se eu não der conta, eu devolvo a coroa. Bom, quando foi no fim de semana o Bila e o Osvaldo voltaram aqui e eu dei o aceite. Eles ficaram entusiasmado (Agostinha, depoimento oral, 2019).

Durante a reunião realizada na irmandade, com a presença dos membros da comunidade reinadeira, Agostinha agradeceu pelo oportunidade de ocupar o cargo máximo do reinado, e foi enfática ao dizer para todos que “agradecia pelo convite, e que iria arregañar as mangas e trabalhar em prol do reinado”. Deixou evidente que sua retribuição seria trabalhar em prol da

festa⁸⁸. Na ocasião, a recém-conduzida ao cargo de rainha fez questão de afirmar como seria sua participação, diferenciando inclusive do reinado de Carla, ex-rainha que acabara de entregar a coroa.

Ela [ex-rainha perpétua] era muito boa pra irmandade. O que pedissem ela não sabia dizer não. Dava carro pra resolver as coisas. Eles estavam acostumados com a mordomia. Então eu falei com eles: ‘ó, eu não consigo acompanhar o ritmo dela. Eu não tenho dinheiro pra isso. Mas vamos trabalhar juntos? Se Deus me der uma oportunidade eu posso tá ajudando no trabalho, na conversa.’ De início parece que eles ficaram um pouco ressabiado comigo. Eu entrei com a cara e a coragem, mas o que tivesse de errado eu queria consertar. Parece que tiveram um pouco de antipatia comigo. Depois eu andei conversando... às vezes há alguém que não goste de mim até hoje (Agostinha, depoimento oral, 2019. Observação minha entre colchetes].

A expressão “arregaçar as mangas”, lema da rainha quando assumiu o cargo, já deixava evidente sua contrapartida enquanto membro da corte real, o que talvez foi de encontro às expectativas de alguns congadeiros, que tinham como exemplo a participação da ex-rainha, conforme foi relatado anterior pelo rei moreno. No seu discurso, é possível que esteja implícito o compromisso de apenas recepcionar os ternos de congadas na praça, sob a tenda. Fato que até hoje, conforme ela mesma disse, pode ser motivo de sua não aprovação por alguns congadeiros, principalmente porque ela não os recebe em sua casa durante a festa.

De maneira inversa à participação das rainhas congas e perpétua do reinado em Santo Antônio do Monte, Agostinha atua junto à diretoria, principalmente nas questões que envolvem processos burocráticos e de mobilização local para viabilizar a festa. Ela é uma das pessoas que agiliza a compra dos tecidos e aviamentos para a confecção das fardas dos brincadores dos três ternos de congadas da cidade, cujos recursos financeiros são repassados pela prefeitura municipal para a irmandade⁸⁹.

Uma questão crucial que faz parte da organização das congadas diz respeito aos mecanismos de autogestão que os grupos nas duas cidades acessam para atuar nas festas de reinado e também para continuarem existindo. A origem dos recursos financeiros para as compras de instrumentos, visitas de pagas e fardamentos varia em ambos os contextos, e podem ser oriundos do poder público, das irmandades e também das próprias congadas.

⁸⁸ Agostinha é uma mulher que no dia a dia lida com várias atividades comerciais. Ela organiza excursões para vários centros de romarias como Aparecida do Norte (SP) e Trindade (GO). Além disso, é responsável por promover consórcios para compra de eletrodomésticos, o que demonstra que é uma mulher conhecedora de processos administrativos que envolvem recursos financeiros e mobilização de pessoas.

⁸⁹ Os recursos destinados a compra das fardas dos dançadores estão incluídos nos repasses que o poder público municipal repassa à irmandade, que em 2018, foi em torno de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). Para isso, a diretoria deve prestar contas dos gastos, após o reinado, através de notas fiscais.

Fotografia 121: Aviso de interesse dos congadeiros



Legenda: Liberação de recursos públicos para fardas dos congadeiros Fonte: Facebook Reinado de Araújos (2020)⁹⁰

Em Araújos, o compromisso de comprar o fardamento dos dançadores há alguns anos é de responsabilidade da prefeitura. Já a logística de promover a participação das congadas de outros municípios no reinado, fornecendo ajudas de custos para o transporte, é de responsabilidade da diretoria da irmandade⁹¹. Tais recursos são provenientes dos alugues dos terrenos ocupados na feira do reinado. A propósito, tanto a questão que envolve o financiamento do poder público como os recursos destinados para viabilizar a participação dos ternos de congadas de outras localidades no reinado em Araújos, não são praticados no reinado vizinho. Lá, as congadas, até certo ponto, buscam se autogerirem no que tange principalmente à compra das fardas e instrumentos. Já em relação à participação de congadas de fora, não é comum a prática de convite, já que a quantidade de grupos locais reúne um número grande de dançadores. Assim, qualquer alteração no aumento irá interferir no planejamento e preparação das comidas que são oferecidas pelos reis e rainhas festeiros. Grande parte dos recursos financeiros para gerir a festa advém de eventos que ocorrem durante o ano, como já descrito no capítulo 3. Segundo Dinho, embora a prefeitura ajude com algum recurso financeiro, a comissão organizadora não fica esperando apenas por esse repasse, busca outras estratégias como parcerias, patrocínios de empresas locais, bingos, almoços beneficentes etc; de tal forma “que o dinheiro e sua manipulação são uma presença previsível” (CHIANCA, 2018, p. 134).

⁹⁰ Como deixa transparecer o próprio anúncio é possível que em anos anteriores tenha ocorrido atrasos nos repasses dos recursos públicos destinados à compra dos fardamentos.

⁹¹ Os dirigentes da diretoria da irmandade entrevistados mencionaram uma ajuda de custo em torno de R\$ 150,00 para cada congada.

Contudo, não consegui averiguar, pela ausência de informação, se o apoio financeiro institucional que ocorre em Araújo tem relação com o fato da Festa de Reinado ser Registrada a nível municipal como patrimônio cultural imaterial, o que caracteriza a transferência de recursos financeiros como uma ação de sustentabilidade da prática cultural. No entanto, esse incentivo público levou-me ao seguinte questionamento: se os congadeiros reclamam da falta de interesse principalmente por parte dos jovens de criarem novos ternos, será que é de interesse do poder público fomentar a criação de novas congadas, já que isso aumentaria o repasse de recursos para a compra das fardas e instrumentos?

As festas de reinado são contínuas, e tão logo se encerra a edição atual seus organizadores já estão pensando na seguinte, com intuito de mobilizar recursos (humanos, financeiros etc.) e assim manter o fluxo dos processos. Assegurar que a prefeitura municipal continue patrocinando a festa é uma das prioridades da diretoria da irmandade. Contudo, comentaram seus dirigentes, que a tendência é que ano após anos essa “ajuda” diminua, sob a alegação de que a receita do município está cada vez mais escassa. Segundo eles, gasta-se muito tempo dialogando com os agentes públicos para garantir o apoio financeiro⁹².

Como descrito anteriormente, a participação do poder público municipal no reinado de Santo Antônio do Monte acontece de forma menos determinista, já que a diretoria da irmandade não depende desse tipo de recurso. Para isso as equipes encarregadas pela organização do reinado realiza inúmeros eventos durante o ano com o intuito de levantar fundos para custear a festa. Outro fato que diverge do reinado araujense é que as congadas na medida do possível buscam se autossustentar.

É fato que para pôr, ano após ano, o reinado na rua os organizadores e brincadores carecem trabalhar arduamente para tornar essa realidade possível. O sacrifício parece nortear toda a comunidade reinadeira, de modo que arcar com as compras das fardas e adereços é, sem dúvida, para alguns integrantes dos ternos de congadas um desafio constante a ser enfrentado. Essa realidade não parecer ser exclusiva dos grupos de congadas, mas também de outros grupos que vivenciam os contextos festivos populares. Na maioria das vezes “são pessoas com muita dificuldade para executar financeiramente este projeto, até na parte que cabe a cada dançarino, ou seja: sua própria vestimenta e acessórios” (CHIANCA, 2018, p. 131).

⁹² De acordo com Bila e Orlando, organizadores do reinado, em festas passadas a Prefeitura Municipal de Araújo chegou a repassar para a Irmandade o valor de R\$ 70.000,00. Porém, ultimamente o repasse não tem ultrapassado R\$ 40.000,00. Mesmo assim ainda é maior que o valor repassado pela prefeitura à irmandade em Santo Antônio do Monte, que em 2018 foi de R\$ 12.000,00.

O capitão Hélio, por exemplo, que participa de várias festas de reinado na região, com o dinheiro arrecado das esmolas ofertadas pelos devotos, costuma investir na compra de instrumentos e fardas para os dançadores que não têm condições financeiras. Os capitães e as capitãs dos ternos definem comissões internas que escolhem os tecidos, as cores das fardas e os modelos, negociam os valores com os lojistas, em seguida, os dançadores vão comprar e levam para as costureiras. Em média, dependendo do tipo de tecido, se mais caro ou mais barato, uma farda (calça e camisa) sai pelo custo total de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais).

Todo esse movimento envolvendo afetos e trocas entre devotos, membros da corte real e congadeiros retrata a multiplicidade de ações que é engendrada pela economia das festas. Conforme se observa ao longo das discussões, uma forma de garantir a manutenção dos festejos e também os grupos reinadeiros é o acionamento de algumas estratégias que abarcam bens materiais e simbólicos. Estes certamente põem em constante circulação objetos (coroas, bastões, instrumentos etc), pessoas, intenções, espaços, santos, promessas, performances e comidas necessários à promoção das celebrações. As tensões, que resultam em mudanças como a criação de novos grupos parecem ter um papel preponderante na continuidade dos festejos e de tudo que gira em sua volta. Os recursos materiais necessários à realização das festas de reinado, principalmente no que diz respeito ao pagamento das promessas (patrocínio das comidas aos congadeiros), assumem uma plasticidade que ultrapassa o sentido estrito do dinheiro monetarizado. Como se observou, sua ausência necessariamente não implica em impeditivo para quem quer *fazer a festa*. As ajudas ofertadas por familiares e o acionamento das redes de amizades são frequentes e possibilita que devotos, com poucos recursos financeiros possam também contribuir ativamente para o reinado. Esse fator evidencia, pois, uma característica dos festejos populares que é o envolvimento da própria comunidade. Entender alguns aspectos da pluralidade de conexões em torno dos festejos nas duas cidades permite não somente ampliar o olhar acerca desses arranjos, mas perceber que a centralidade do reinado hoje gira em torno de transformações e adaptações. A festa, portanto, é plural e perpassa todos os espaços e ritos do reinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese pretendi discutir a respeito das festas de reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia que acontecem nas cidades mineiras de Santo Antônio do Monte e Araújos, tomando como referência os processos de elaboração, reprodução, circulação e trocas de bens simbólicos e materiais entre seus atores e as transformações aí ocorridas, sob uma perspectiva comparada e relacional. As inquietações iniciais em torno do tema avolumaram-se no decorrer da pesquisa, na medida em que, gradativamente, aproximava-me da pluralidade de eventos, vozes e atores que circundam os festejos de reinados nas duas cidades. Os primeiros questionamentos foram a respeito do reinado santo-antoniense, cidade onde eu residia e acompanhava os festejos desde quando lá cheguei, em 2014. Diga-se de passagem, foi quando conheci, pela primeira vez, os festejos em homenagem a santos reinadeiros. Somente com o passar dos anos e conhecendo outras festas na região é que surgiu o interesse em ampliar as reflexões e incluir à festa da cidade vizinha, Araújos. Inicialmente, houve uma certa preocupação, talvez por se tratar de dois contextos distintos, alargando o espectro do campo de estudo. Mas foi desafiador pensá-los a partir do prisma da comparação, conforme sugerido por Sartori (1981).

O fato da pesquisa de campo ter como ponto de partida as investigações na primeira localidade, justificada por eu ter maior vivência e aproximação com os grupos, ritos e atores envolvidos com a festa de reinado de lá, levou a que houvesse maior investimento nos trabalhos de campo, em detrimento do segundo contexto. Porém, não foi motivo de empecilho e, principalmente, de pensar os dois contextos festivos a partir de uma visão comparativa e relacional. Tal estratégia foi fundamental e permeou todo o processo de pesquisa, permitindo ainda que as descobertas encontradas em um contexto fossem contrapostas e colocadas em relação ao outro, conseqüentemente, abrindo novas possibilidades para outros questionamentos.

Embora as pesquisas de campo tenham sido realizadas em dois municípios geograficamente próximos, cujos territórios são conjugados, isso não foi decisivo para desenhar seus caminhos. Os discursos dos moradores e congadeiros de Santo Antônio do Monte, que inseriam a festa da outra cidade como contraste, permitiram observar evidências de que havia relações entre os grupos e pessoas envolvidos com as festas. Conseqüentemente, em termos sociológicos, essas observações foram cruciais para problematizar as festas de reinado.

O primeiro discurso proferido por alguns congadeiros santo-antonienses, que guardo na lembrança, foi o de que eles requeriam para si o status de autenticidade em relação aos festejos vizinhos, fato que foi decisivo para ampliação do contexto empírico de pesquisa. Eles

defendiam que o reinado local era mais religioso e tradicional no sentido de manter intactos os costumes introduzidos pelos reinadeiros antigos enquanto que o reinado vizinho tinha se modificado a ponto de suprimir os ritos religiosos e se tornado uma festa com foco puramente na parte de lazer. Até esse momento a única informação que conectava os dois reinados, e que, conseqüentemente, possibilitava pensá-las sob uma perspectiva comparada, era o fato do festejo araujense ter sua origem com a visita de três ternos de congadas de Santo Antônio do Monte. Porém, no transcorrer do trabalho de campo, novas evidências foram sendo descortinadas, de modo que havia outros elementos semelhantes e diferentes que se complementavam quando foram comparados. Entre eles, a dependência de participação ativa dos ternos de congadas da cidade e de outras localidades no reinado em Araújos. Como contrapartida, a diretoria oferecia ajuda de custo para o transporte das congadas, demonstrando a existência de diálogos iniciados no passado, e que permanecem até os dias atuais.

Com o aprofundamento das investigações observei que o reinado em Araújos, apesar de ter estabelecido parcerias com o poder público local a ponto de depender em grande parte de recursos financeiros oriundos da prefeitura municipal para custeio das fardas dos congadeiros dos três ternos que há atualmente na cidade, mantém alguns ritos considerados “antigos”, que em Santo Antônio do Monte já foram abolidos. É o caso do oferecimento das *comidas reinadeiras* aos dançadores que acontece nas residências dos reis e rainhas festeiros, que em Santo Antônio do Monte é centralizado no salão da irmandade desde meados da década de 1970, bem como o rigoroso controle do tempo destinado aos agradecimentos, visitas de cafês, horários de almoço e jantar e concentração para formação dos cortejos.

Não pretendo aqui retomar conceitos e questões já abordados nos capítulos que compõem a tese, pois a forma com que eles foram escritos permitem pensar conclusões. Porém, ressalta-se, que no primeiro capítulo foi realizada uma atualização teórico-conceitual sobre festas e festejos de reinado tomando como parâmetros os dados etnográficos construídos durante as observações participantes.

O segundo capítulo, por seu turno, teve como foco as transformações ocorridas nas festas de reinado, a partir das narrativas e lembranças de congadeiros mais antigose que ainda hoje participam ativamente do reinado. À medida em que as reflexões avançavam, alguns arranjos e supressões sobre os ritos das festas de reinado se avivavam num movimento constante entre o passado e o presente, na tentativa de garantir sua continuidade.

No terceiro capítulo, o objetivo foi mostrar os bastidores do reinado com ênfase nos processos de planejamento e preparação dos festejos, sobretudo no que tange à mobilização de pessoas e recursos materiais necessários à sua realização. É interessante perceber que algumas

etapas da edição da festa seguinte já começam a ser consolidadas durante os festejos em curso como, por exemplo, a coroação dos reis e rainhas festeiros, patrocinadores das comidas vindouras. O capítulo quatro é uma complementação do anterior, pois, além de focar os resultados de uma maior vivência do pesquisador junto aos ternos de congadas, proporcionou refletir sobre as diversas espacialidades do território abrangido pelos festejos de reinado, bem como as novas formas de mobilidade urbana acionadas pelos brincadores para cumprirem as obrigações impostas pelas diretorias das irmandades nas duas cidades.

Por último, o quinto capítulo, o mais desafiador de todos, consistiu numa discussão acerca da formação, desfazimento e relações que se estabelecem entre os diversos grupos que compõem os festejos de reinado tanto internamente, entre os membros, como entre os grupos nas duas cidades. O ponto de partida das reflexões foram fotografias antigas que permitiram argumentar como os grupos de congadas estão em constante processo de formação.

Apesar do breve resumo dos capítulos, o objetivo aqui é mais apresentar algumas proposições acerca das festas de reinado nas duas cidades ao invés de realizar um apanhado dos temas já abordados anteriormente. Assim, apresento algumas situações centrais como aquelas que dialogam diretamente com a economia da festa e os arranjos associados ao dinheiro que possibilitam aos reinadeiros renovarem, ano após ano, a edição da festa.

O dinheiro está presente, talvez, em todos os momentos das festividades, de múltiplas maneiras. Ele aparece circulando e “aquecendo o mercado local”, onde são vendidos os panos para a confecção das fardas dos dançadores de ternos de congadas; nas padarias que produzem *quitandas* para serem servidas durante as visitas de cafés da manhã; nos patrocínios que os comerciantes fazem para a festa. Estes são na verdade os lugares por excelência do dinheiro, digamos assim. Mas ele também está presente em outras instâncias que não somente aquelas reconhecidas pela “racionalidade moderna” (WEBER, 1999), como nos pagamentos de promessas e nas esmolas dadas aos santos pelos devotos.

Considero por economia das festas a dinâmica do reinado que engendra, articula e movimenta uma infinidade de trocas, diálogos, trabalho voluntário, intenções, afetos tensões, acusações, e recursos materiais, mais frequentemente o uso de dinheiro. É fato que para garantir a manutenção dos festejos de reinado o dinheiro monetarizado é um vetor fundamental, que contribui para perpetuação do brinqueado. No entanto, ele não reina soberano e de forma decisiva. Há outras esferas da vida social que são acessadas com o objetivo de ressignificar “os sentidos do dinheiro” (ZELIZER, 2011).

Inicialmente, quando comecei a compreender a dinâmica da festa de reinado em Santo Antônio do Monte, e nas conversas como amigos, o assunto de maior pauta circulava em torno

dos altos custos gastos pelos pagantes de promessas (reis e rainhas festeiros) destinados a patrocinar as comidas. Segundo eles, era impossível que um devoto assalariado, operário de fábricas de fogos ou de poucos recursos tivesse condições materiais de patrocinar as despesas da festa que o cargo impõe e que somente as pessoas mais abastardas da cidade seriam capazes de integrar a fila de espera para pegar as coroas. Por algum tempo, até aprofundar o trabalho de campo, pactuei dessa opinião, reproduzindo à ideia de que “não era rei e rainha festeiro quem queria, mas quem podia!”.

A partir do momento que iniciei as entrevistas com os membros da comunidade reinadeira foi que essa hipótese começou a ser problematizada. A fala de padre Adelzire foi fundamental como ponto de partida para ampliar os sentidos em torno das condições materiais necessárias para a realização dos festejos. Quando questionado se todos os devotos, independente das condições financeiras, seriam capazes de fazer uma promessa aos santos do reinado e pagá-la patrocinando as comidas aos congadeiros, ele foi enfático: “Sim, pois, basta ter fé!” Seu argumento foi justificado pelo mito de multiplicação dos pães, repetido por São Benedito.

Prossigui as entrevistas com alguns festeiros, mas atento às suas falas, no que dizia respeito aos recursos materiais e simbólicos acessados para viabilizar o pagamento das promessas aos santos. Foi quando conversei com a congadeira e devota, cuja família frequentemente participava do reinado na condição de festeira. Ao contrário de alguns festeiros da cidade que dispõem de condições financeiras, como é o caso de alguns empresários locais e famílias abastardas, a entrevistada era manicure e dona de casa. Na ocasião, vale destacar, ela afirmou que já foi festeira por mais de uma vez e que para conseguir os recursos materiais necessários para cumprir as obrigações com os santos ela mobilizou e articulou sua rede de amizades e clientela, que ajudaram doando gêneros alimentícios, amigos que trabalharam de voluntários na cozinha, bem como um tipo de arranjo para arrecadar recursos relacionados ao dinheiro, cuja forma de obtenção foge do convencional: o consórcio de dinheiro.

Essa estratégia consistia em reunir um grupo de pessoas amigas, geralmente da família, que se compromete a investir uma quantia em dinheiro, por um período determinado, sem que haja grande dispêndio. Obviamente tais arranjos não deixam de ser uma forma de sacrifício mas, por outro lado, conforme observei, ele faz parte dos contextos onde os pagamentos de promessas estão presentes. Cada integrante do grupo, quando é sorteado, pode usar como quiser o dinheiro investido, porém, deve continuar pagando as parcelas restantes até que a última pessoa seja contemplada. Nesse sentido, “o dinheiro às vezes cumpre funções econômicas ao servir como meio de troca, mas também funciona com um ‘indicador’ social e religioso, utilizado para adquirir ou alterar costumes de status ou para celebrar acontecimentos rituais”

(ZELIZER, 2019, p. 39). No caso da festa, ao ser beneficiada os recursos tinham destinação certa: custear a preparação e oferecimento de comidas aos congadeiros de Nossa Senhora do Rosário, condição essencial para o pagamento de sua promessa, ou seja, para cumprir as obrigações pelas possíveis dádivas recebidas pelos santos reinadeiros.

Conforme observei nas festas de reinado de Santo Antônio do Monte e de Araújo, onde há várias atividades, entre elas os pagamentos das promessas, que requerem a mobilização de recursos materiais, o uso do dinheiro como agente propiciador das compras de alimentos não é a única possibilidade existente de fazer a festa. Os reinadeiros acessam outros arranjos materiais que não apenas a monetarização do dinheiro para patrocinarem os eventos e, portanto, cumprirem com seu papel de devotos e promesseiros. Há inclusive relatos de festeiros que contrataram os serviços de empresa de buffet responsável pelo preparo e oferecimento das comidas aos congadeiros, na intenção de minimizar os custos financeiros com trabalho e compra de alimentos e se arrependem. Segundo eles, ao realizarem um exame de consciência sentiram que a promessa não havia sido quitada, pois não houve sacrifício. Após tal constatação e conscientes de que carecia de reparar o erro, procuraram a diretoria da irmandade e se inscreveram na lista de espera para pegar novamente a coroa.

É interessante ainda destacar que o reinado nas duas cidades, embora seja a maior festividade religiosa, dialoga com outras festas que acontecem durante o ano. É o caso das festas dos padroeiros Santo Antônio, em Santo Antônio do Monte, e São Sebastião, em Araújo, cujos ternos dançam para homenageá-los. Especificamente na festa de Santo Antônio, o rito de levantamento do mastro da bandeira do santo é obrigação das congadas que estão cumprindo estágio probatório. Já os demais ternos, apesar de também participarem, não encaram como um rito obrigatório.

Para finalizar, por enquanto, as contribuições acerca das festas de reinado ressaltam o quanto assertivo foi o método comparativo para compreender as dinâmicas festivas nos contextos escolhidos. Foi satisfatório perceber o descortinamento de semelhanças e assimetrias à medida em que os questionamentos avançavam. Acredito que, para os futuros pesquisadores interessados em dar continuidade aos estudos sobre os festejos na região, ou até mesmo nas duas cidades, minhas contribuições poderão lhes servir de direção, ou talvez não. Porém, há mais a se investigar sobre os dois contextos, que renderia outra tese.

GLOSSÁRIO

A

Alfeire de bandeira ou bandeireiro: A pessoa responsável por conduzir a bandeira de Nossa Senhora do Rosário à frente dos ternos.

B

Bandeiras: São quadros contendo os desenhos de cada santo homenageado, que são fixados nas extremidades dos mastros. Esses ícones anunciam para os devotos e a comunidade reinadeira que a cidade está em festa.

Brincador: É o mesmo que dançador e congadeiro.

C

Cabeça do cortejo: É o segmento da procissão onde se localizam os membros da corte real e as imagens dos santos reinadeiros.

Caixas: São os tambores, instrumentos de percussão confeccionados em madeira e couro de boi utilizados pelos congadeiros e moçambiqueiros.

Caetano e Catirina: Nomes dados aos palhaços das Folias de Reis.

Capitães e capitãs: Personagens responsáveis pelo comando e liderança dos ternos de congadas. Detém os saberes relacionados às cantigas, as danças e as rezas, e disciplinam seus soldados (dançadores e dançadoras) quando às regras e compromissos do reinado.

Capitão mor: Membro do reinado responsável pelo coroamento dos reis e rainhas.

Coroa grande: Símbolo maior do reinado que representa Nossa Senhora do Rosário. Pegar a coroa grande implica no pagamento de promessa à santa.

D

De fasto: É o mesmo que andar de costas. Durante o cortejo os moçambiqueiros se posicionam de frente para as imagens dos santos e os membros da corte real, enquanto seguem o trajeto de costas para os demais integrantes da procissão.

E

Entrega de coroas: É o momento que os festeiros que estão fazendo a festa/dando comida as congadas, devolvem as coroas para serem transferidas para os festeiros do ano seguinte.

F

Fardas: Vestimentas usadas pelos congadeiros/as nos dias de reinado.

Fiscal: É a pessoa encarregada por dar conhecimento à autoridade superior sobre as falhas encontradas para a devida punição.

Folieiros ou sebastiãozeiros: Nomes dados aos participantes da folia de reis.

Formação dos estados: é a organização do cortejo, integrado pelos membros da corte real (rei e rainha congos, rei e rainha perpétuos, e reis e rainhas festeiros) e os ternos de congadas (moçambique, vilão e congos).

G

General: responsável por distribuir as licenças para o major e outros membros das congadas.

Guarda: membro cuja função é ajudar e manter o controle de entrada e saída de pessoas não autorizadas durante as refeições aos ternos em locais previamente determinados, inclusive nas residências das rainhas e reis festeiros.

Gunga: Uma correia afivelada nas canelas dos congadeiros dançadores na qual são presos alguns guizos. Esse tipo de instrumento é uma característica observada entre os moçambiqueiros.

L

Linha de frente de cantiga: Grupo formado por cantadores experientes encarregados pelas cantorias durante os momentos de agradecimentos.

Linha de frente da congada: Grupo formado por dançadores experientes encarregados pela percussão.

M

Meia-lua: Instrumento de percussão contendo pedrinhas no seu interior, que ao ser chacoalhado emite som.

Meirinho: É responsável por acompanhar e manter a disciplina no terno e não permitir a distribuição de bebidas alcoólicas aos congadeiros.

Mordomos de bandeiras: São assim denominados os reis festeiros que pegam as bandeiras para dar comidas aos congadeiros na abertura do reinado (Levantamento dos mastros).

P

Pegas de coroas: É o momento que os futuros reis e rainhas festeiros são coroados, tornando-se guardiões da coroa pelo período de um ano.

Pé do cortejo: É a parte do cortejo onde está posicionado o terno de Vilão, responsável por puxar todo o cortejo. Ele abre os caminhos para as outras congadas.

Pelotas de carne: São bolinhos de carne moída temperada, enrolados e servidos fritos.

Promesseiros ou pagantes de promessas: São os devotos, que se valem dos santos para resolver um tipo de problemas, e em troca oferecem comidas aos congadeiros. Essas pessoas são geralmente conhecidas como reis e rainhas festeiros e festeiras.

Puxar as Coroas: significa conduzir o cortejo de reinado.

R

Rei e rainha Congos: Personagens do reinado que representam os negros escravizados.

Rei e rainha perpétuos: Personagens do reinado, geralmente brancos, que representam a figura do fazendeiro, dono de escravos.

Rei e rainha morenos: Termo dado ao casal de reis congos no reinado em Araújo.

Rifa: A rifa é um tipo de atividade econômica que consiste na comercialização dos mais variados tipos de mercadorias, que pode ser bijuterias, roupas de cama, peças íntimas, cosméticos, vestuários, utensílios domésticos entre outros. Os rifeiros deixam os produtos sob consignação para que as pessoas comercializem na comunidade, em contrapartida oferecem comissões ou kits de mercadorias.

S

Santos reinadeiros: Santos homenageados durante as festas do ciclo do Rosário.

T

Terno de Moçambique: Grupo formado por dançadores que se intitulam detentores dos fundamentos do reinado. Os elementos estéticos que o caracteriza são: calças, camisas ou túnicas, lenço amarrado na cabeça, todos na cor branca. A musicalidade é composta instrumentos de percussão como caixas (tambores), gungas e meia-luas. As cantigas e versos versam sobre o sofrimento dos negros escravizados e sua relação com Nossa Senhora do Rosário.

Terno de congada tipo Vilão: Grupo de congada formado por homens que usam trajes de marinheiros e dançam com auxílio de varinhas cujas extremidades são enfeitadas com fitas coloridas.

Terno de congada tipo Catupé: Terno de congada cujos dançadores dançam com os corpos curvados voltados para o chão, ao mesmo tempo que sincroniza o movimento de um lado para o outro.

Trempes: Espécie de fogão a lenha de chão.

Tutu de feijão: Mistura de feijão carioca cozido e triturado com farinha de mandioca e temperos. Um bom tutu deve ser cozido de modo a eliminar o gosto de cru da farinha.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998a.

AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. **Revista Mediações**, Londrina, v.3, n. 1, p. 13-22, jan./jun. 1998b. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9314/8008>. Acesso em: 5 out. 2020.

AMARAL, Rita. Cidade em festa: o povo-de-santo (e outros povos) comemora em São Paulo. *In*: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 2008. 253-298.

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. *In*: APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. p. 15-88.

ARAÚJOS. **Lei Municipal n. 683 de 31 de dezembro de 1992**. Reconhece de Utilidade Pública a Folia de Congado da Festa de Reinado, cidade de Araújos. Araújos: Câmara Municipal, [1992]. Disponível em: <http://www.araujos.cam.mg.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/Lei-n%C2%BA-683-1992-Reconhece-de-Utilidade-P%C3%BAblica-a-Folia-de-Congado-da-Festa-de-Reinado-cidade-de-Ara%C3%BAjos..pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

ARAÚJOS. Prefeitura Municipal. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. *In*: ARAÚJOS. Prefeitura Municipal. **Bom mesmo é ser daqui**. Araújos: Prefeitura Municipal, 2014.

ARIANO, Heloisa Afonso. Festança de Vila Bela da Santíssima Trindade: ‘eu posso com mais alguém’. **Tessituras**, Pelotas, v. 6, n.1, p. 122-167, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/13369/9036>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ATA DE REUNIÃO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. Santo Antônio do Monte: Santuário de Nossa Senhora de Fátima, ago, p. 5. 1961.

ATA DE REUNIÃO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. Santo Antônio do Monte: Santuário de Nossa Senhora de Fátima, jul, 1965.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUVITEC; Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. **Mana**, Rio de Janeiro, ano 13, v. 1, p. 07-40, abr, 2007.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuições a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Editora USP, 1971. v. 1.

BENTO, Éles Pereira de Souza. Uma vida entre caixas, tamborim e apito: a história de um capitão na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão. *In*: CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (orgs.). **As congadas de Catalão**: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, 2008. p. 159-191.

BIRMAN, Patrícia. Males e malefícios no discurso neopentecostal. *In*: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (orgs.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1997, p. 62-80.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**: a circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 Letras; Iphan/CNFCP, 2010.

BOAS, Franz. As limitações do método comparativo da antropologia. 2 ed. *In*: CATRO, Celso (org.). **Franz Boas**. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 25-39.

BORNHEIM, Gerd. O conceito de tradição. *In*: BORNHEIM, Gerd. et al. **Cultura brasileira**: tradição e contradição. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1997. p.113-129.

BORGES, Eloisa. **Os devotos do Rosário**: devoção e promessa na Festa do Rosário de Santo Antônio do Monte. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1997.

BOSCHI, Caio C. **Os leigos no poder**. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. *In*: BORNHEIM, Gerd et al. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1987. p. 32-58.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Editor, 1979.

BOURDIEU, Pierre. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 07-20, out, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a01.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Festim dos bruxos**: estudos sobre a Religião no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ícone, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus Editores, 1989.

BRANDÃO, Théo. **Folgedos natalinos**. Maceió: UFAL, 2003.

BUENO NETTO, Mariana. **Tudo de bom**: reinado e a mais tradicional festa e a melhor festa da cidade. *In*: Araújos 50 anos. Araújos: Prefeitura Municipal, 2004, p. 7-8.

CANEDO, Eduardo. Festa de Reinado de Araújos vira patrimônio cultural. **Folha da Gente**, Perdigoão (MG), 15 jan, 2016. (Jornal impresso).

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, [(1954) 2010].

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CARNEIRO, Edson. **Ladinos e Crioulos**: estudos sobre o negro no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do folclore**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

CARVALHO, José Jorge de. Espetacularização e canibalização das culturas populares na América latina. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 14. v. 21, 2012. p. 39-76.

CAVALCANTI, Bruno César. Novos lugares da festa: tradições e mercados. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 10-20, 2013. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/revista-observatorio-ic-n-14>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27148/28920>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CHIANCA, luciana. Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra. **Revista Mundaú**, Maceió, n.5, p. 126-141, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/5371>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CHAVES, Wagner Diniz. **Na jornada de santos seis**: conhecimento, ritual e poder na Folia do Tachico. Maceió: EDUFAL, 2013.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: Antropologia e Literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CONGADO DA IRMANDADE DOS DEVOTOS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. **Regimento Interno**. Santo Antônio do Monte: Diretoria da Irmandade, 2017.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada**: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário. Curitiba: Appris, 2012.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: mobilities in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIOCESE DE LUZ. **Pastoral da Sobriedade**. Disponível em: <https://diocesedeluz.org.br/pastoral-da-sobriedade/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

DIOCESE DE DIVINÓPOLIS. **Matriz de São Sebastião**. Disponível em: https://diocesedivinopolis.org.br/c/comunidades/matriz-de-sao-sebastiao_2242. Acesso em: 25 jun. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUVUGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

EMPRESA BRASIL. **Reinado de Araújos**. 2015. Disponível em: <https://empresasdobrasil.com/empresa/reinado-de-araujos-20940029000160>. Acesso em: 24 jun. 2020.

ESTATUTO da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. **Ata de reunião extraordinária**, de 20 de julho de 1974. (Cedido pelo presidente da Irmandade do Rosário José Aparecido da Silva/Dinho, em 2019).

ESTATUTO do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio do Monte (MG). Aprovado em 20.07.1977 e registrado em 20.08.1977. (Cedido pelo presidente da Irmandade do Rosário José Aparecido da Silva/Dinho, em 2019).

ESTATUTO Social do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário, de Santo Antônio do Monte (MG). Aprovado em 23.03.2017. (Cedido pelo presidente da Irmandade do Rosário José Aparecido da Silva/Dinho, em 2019).

FALA AÍ, ARAÚJOS. **A história do Reinado de Araújos**. Araújos, 2020. Facebook: Fala aí Araújos. Disponível em: (<https://www.facebook.com/falaaiaaraujos/videos/483091338714646/>). Acesso em: 24 jun. 2020.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Show pirotécnico encantou Santo Antônio do Monte. Belo Horizonte: FIEMG, 2019. Disponível em: <https://www7.fiemg.com.br/noticias/detalhe/show-pirotecnico-encantou-santo-antonio-do-monte>. Acesso em: 30 mar, 2020.

FERREIRA, Geralda Normandia. **Matando saudades**. Santo Antonio do Monte: Esferográfica/Estação Cultura, 2005.

FLEISCHER, Soraya. Introdução. In: FLEISCHER, Soraya; LIMA, Flávia (orgs.). **Micro: contribuições da antropologia**. Brasília: Athalaia, 2020. p. 17-38. Disponível em:

http://www.dan.unb.br/images/E-Books/2020_FLEISCHER_LIMA_Micro.pdf. Acesso em: 24 jul. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GELL, Alfred. **A antropologia do tempo**: construções culturais de mapas e imagens temporais. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Juiz de Fora: MinC/EDUFJF, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Márcia. A escassez e a fartura: categorias cosmológicas e subjetividade nas festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. *In*: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (orgs.). **As festas e os dias**: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2008. p. 11-35.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

HUBERT, HENRI; MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. *In*: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 141-227.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. Introdução. *In*: **A invenção das tradições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 09-23.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 abr. 2020.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. **Portaria nº 01**, de 13 de junho de 1961. Livro de Ata Santo Antônio do Monte, p. 3. (Cedido pelo presidente da Irmandade do Rosário José Aparecido da Silva/Dinho, em 2019).

JIRÓN, Paola. Mobile borders in urban daily mobility practices in Santiago do Chile. **International Political Sociology**, Santiago, v. 4, p. 66-79, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uchile.cl/handle/2250/117838>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012.

LEAL, João. **As festas do espírito santo nos Açores**: um estudo de Antropologia Social. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994.

LE GOFF, Jacques. O valor da memória. *In*: **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 2003. p. 419-477.

LEONEL, Guilherme Guimarães. **Entre a cruz e os tambores: conflitos e tensões nas Festas do Reinado** (Divinópolis - MG.). 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MG), Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_LeonelGG_1.pdf. Acesso em: 11 nov. 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 5 ed. Rio de Janeiro, 1996.

LOPES, José Rogério. **A cultura como crença**. Taubaté: Cabral editora, 1995.

LYRA, Ana Claudia. Da fazenda à cidade: territorialização da Dádiva na Formação de Poço Fundo (MG). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 137-150, mai. 2011. Disponível em: <file:///Users/francimariovitor dossantos/Downloads/289-568-3-PB.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica: 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2 ed. São Paulo: Abril cultural, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARTINS, José de Souza. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 16, n. 45, p. 223-260, 2002. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9879/11451>. Acesso em: 10 fev. 2020.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *In: Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MESQUITA, Araci. **E ficou na lembrança**. Belo Horizonte, 1996.

MEYER, Birgit. Religião material: como as coisas importam. *In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (orgs.). Como as coisas importam: uma abordagem material da religião* (Textos de Birgit Meyer). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019. p. 81-113.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. **Lei n. 20.179, de 8 de maio de 2012**. Declara de utilidade pública a Folia de Congado e da Festa do Reinado da Cidade de Araújos - Asrei -, com sede no Município de Araújos. Minas Gerais: Belo Horizonte, 9 mai. 2012. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=20179&comp=&ano=2012>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MONAGHAN, John. Fiesta finance in Mesoamerica and the origins of a gift exchange system. **JSTOR - The Journal of the Royal Anthropological Institute, United Kingdom**, v. 2, n. 3, pp. 499-516, sep. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3034900>. Acesso em: 18 fev. 2020.

MONTERO, Paula. **Magia e pensamento mágico**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MOREIRA, Guilherme Eugênio. **Andar com fé eu também vou**: mobilidades de um grupo de folia de reis na cidade de Belo Horizonte (MG). 2017. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MORAES, Dilma. **Santo Antônio do Monte**: doces namoradas, políticos famosos. Minas Gráfica Editora: Belo Horizonte, 1983.

NEIBURG, Federico. Os sentidos sociais da economia. *In*: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. (orgs.). **Antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história**: as práticas mágicas no Ocidente cristão. Bauru: EDUSC, 2004.

NUNES, José. **História da Paróquia de Santo Antônio do Monte (MG)**, 1994.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

OSÓRIO, Patrícia Silva. Os festivais de cururu e siriri: mudanças de cenário e contextos na cultura popular. **Anuário Antropológico**, Brasília. v. 1, jul, 2012.

PASSARELI, Ulisses. **Vilão, um congado de corte**. 2018. Disponível em: <http://folclorevertentes.blogspot.com.br/2015/07/vilao-um-congado-de-corte.html>. Acesso em: 03 mar. 2018.

PEÇANHA, Vinícius. **Missa Conga**. Fundação Municipal de Cultura; Comissão de Organização do Reinado no Largo do Rosário, Fundação Jaime Martins: Divinópolis, 1990. Encarte do disco de vinil.

PEREIRA, Luzimar Paulo. **Os giros dos sangrado**: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuaia, MG. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011.

PEREZ, Léa Freitas. **Festas, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PEREZ, Léa Freitas et al. (orgs.). **Variações sobre o Reinado**: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Ed. Medianiz, 2014.

PEREZ, Léa Freitas. Da literatura de viagem e do viajante. *In*: PEREZ, Léa Freitas (coord.); BELONE, Ana Paula Lessa; MARTINS, Marcos da Costa; GOMES, Rafael Barros (orgs.) **Festas e viajantes em Minas Gerais no século XIX**: compêndio de citações. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. p. 30-73.

PORTO, Liliana. **A ameaça do outro**: magia e religiosidade no Vale do Jequetinhonha (MG). São Paulo: Attar, 2007.

POEL, Francisco van der (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In*: POUPART, Jean et al (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. p. 215-253.

PRADO, Patrícia. Congada: Cultura Popular e dança na festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão – GO. *In*: CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (orgs.). **As congadas de Catalão: as relações, os sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, 2008. p. 159-191.

PROCISSÃO. Interprete: Gilberto Gil. Compositores: Gilberto Gil e Edir Star. *In*: GILBERTO Gil. [S. l.]: Philips, 1968. Disco de vinil.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976. Coleção Folclore.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940 (v.1).

RAMOS, Arthur. **O Folclore negro do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

REINADO DE ARAÚJOS. **Festa de Reinado 2019**. Araújos, 2019. Facebook: Reinado de Araújos. Disponível em: <https://www.facebook.com/reinado.araujos>. Acesso em: 24 jun. 2020.

RIBEIRO, Andréia; SOUZA, Rildo César (orgs.). **Narrativas sobre Nossa Senhora do Rosário**. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2018.

RIVÈRE, Claude. **Socioantropologia das religiões**. São Paulo: Ideias e Letras, 2013.

HOBSBAWM, Eric John Ernest; RANGER, Terence Osborn. Introdução. *In*: **A invenção das tradições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 09-23.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Espetáculo, política e mídia. *In*: FRANÇA, V.; WEBER, M. H.; SOVIK, L. (orgs.). **Livro do XI Compós 2002: estudos de comunicação, ensaios de complexidade 2**. Porto alegre: Sulina, 2003. p. 85-103.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

SANTO ANTONIO DO MONTE (MG). **Lei Municipal n. 891 de 10 de dezembro de 1980**. Santo Antônio do Monte: Câmara Municipal, [1980]. Disponível em: https://www.camarasam.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2714:2016-12-12-15-16-18&catid=178:leis-municipais-1980&Itemid=218. Acesso em: 29 jun. 2020.

SANTO ANTONIO DO MONTE (MG). **Lei Municipal n. 1.305 de 22 de outubro de 1993**. Santo Antônio do Monte: Câmara Municipal, [1993]. Disponível em: https://www.camarasam.mg.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2314:2016-07-22-19-34-49&catid=163:leis-municipais-1993&Itemid=199. Acesso em: 26 jun. 2020.

SANTOS, Alexandre. *Jogo de truco: o blefe na existência cotidiana no trabalho*. In: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, 3., 2011, João Pessoa, PB. **Anais [...]**. João Pessoa: ANPAD, 2011. Disponível em: http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=16&cod_edicao_subsecao=757&cod_evento_edicao=59&cod_edicao_trabalho=13913. Acesso em: 2 ago. 2020.

SANTOS, Elisângela Maria Melo. **O trabalhador pirotécnico de Santo Antônio do Monte e seu convívio diário com o risco de acidente súbito**. 2007. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Francimário Vito dos. *Mulheres capitãs de ternos de congadas: breve reflexão sobre as relações de gênero em Santo Antonio do Monte (MG)*. In: 31ª RBA – REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 12, 2018, Brasília. **Anais da 31ª: Direitos Humanos e antropologia em ação**. Brasília: UnB, 2018. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541433436_ARQUIVO_Mulherescapitasedeternosdecongadas-FrancimarioVitadosSantos-converted.pdf. Acesso em: 10 fev. 2019.

SARTORI, Giovanni. **A Política: lógica e método nas ciências sociais**. 2ed. Brasília: Editora da UnB, 1981. p. 203-225.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Rubens Alves da. *Chico Rei Congo do Brasil*. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Imaginário, cotidiano e poder**. São paulo: Selo Negro, 2007. p. 43-85.

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou catolicismo negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Os recados das festas: representações e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988.

TURNER, W. Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Introdução ao estudo do congado**. Belo Horizonte: Editora Litera Maciel LTDA, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis: Ed. Vozes. 2011.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. In: **Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 121-132.

VIANA, Talita; RIOS, Sebastião. **Angola tem**: moçambique do Tonho Pretinho. Tubarão: Copiart; Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais/UFG, 2016.


WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ZELIZER, Viviana A. **El significado social del dinero**. Bueno Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Compromissos das congadas - Reinado de 2016



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
CNPJ: 19.208.859/0001-19
Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967
Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
Santo Antônio do Monte - MG.

SALVE MARIA!
ESCALA DE HORÁRIOS DOS FISCAIS NO PALANQUE: (Por favor, senhores capitães de Congadas e Moçambique, cumprir e obedecer o horário marcado para o bom andamento da Festa, não queira para os outros o que você não quer para você, lembre-se que amanhã o prejudicado poderá ser você. Na hora da sua assinatura confira o seu tempo marcado e o local onde você estará assinando.)
Obs.: Cada Congada estará recebendo dos Senhores Reis e Rainhas os convites para que você possa distribuí-los com seus convidados, lembre-se que este número é limitado, e não queira forçar a barra com os porteiros e seguranças para colocar alguém para dentro do Salão que não esteja com o convite, pois você não tem autoridade para isso, caso você necessite de mais algum convite converse com o Rei Festeiro ou seu representante no Salão. Nós da diretoria e congadeiros, estamos aqui para ajudar a cumprir uma promessa, não para ser causa de preocupação para os Festelros.
ESTA ORIENTAÇÃO É PARA TODOS, DIRETORIA E CONGADAS, NÓS NÃO TEMOS O DIREITO DE PASSAR NINGUÉM QUE NÃO ESTEJA COM CONVITE.

ALMOÇOS: (Fiscais dos horários para todos os dias).
11:00 HORAS: JURISTEU.
11:40 HORAS: JURISTEU.
12:20 HORAS: NANO.
13:00 HORAS: NANO.
13:40 HORAS: GERALDINHO.
14:20 HORAS: BATISTA.

JANTAR: (Fiscais dos horários para todos os dias).
19:00 HORAS: DIRLEI.
19:40 HORAS: DIRLEI.
20:20 HORAS: FUSCÃO.
21:00 HORAS: BATISTA.
21:40 HORAS: ALEX.
22:20 HORAS: ALEX.

COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS NA PORTARIA DO SALÃO, PARA TODOS OS DIAS, NO ALMOÇO E JANTAR:
ANTERÓ E TOQUINHO.
(OS OUTROS MEMBROS AUXILIANDO NAQUILO FOR NECESSÁRIO).

Conceição Aparecida Santos Silva (Nena).
Presidente.

Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco
Santo Antônio do Monte - MG.

FESTA DE REINADO 2016

**SORTEIO DOS MOÇAMBIQUES PARA PARTICIPAR DOS ESTADOS DURANTE A FESTA.
ESCALA DE FORMAÇÃO DE ESTADOS, MOÇAMBIQUES RESPONSÁVEIS PELO ESTADO
PRINCIPAL ATÉ O PONTO FINAL:**

DIA 18/08/2016: PROCISSÃO COM AS IMAGENS DE SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA, E TODOS OS REIS FESTEIROS SAINDO DA CASA DO DINHO, ENCONTRANDO COM A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SEGUINDO PARA A IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO E DEPOIS MISSA CONGA.
RESPONSÁVEL PELO ESTADO: MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE

DIA 18/08/2016: PROCISSÃO COM A IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SAINDO DA CASA DO EMERSON LORO, ATE ENCONTRAR COM A PROCISSÃO PRINCIPAL: **MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.**

DIA 19/08/2016: PROCISSÃO SAINDO DO CENTRO SOCIAL SÃO LUCAS PARÓQUIA SÃO JOSÉ, COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS REIS FESTEIROS QUE VÃO ENTREGAR COROAS ESTE ANO, PASSANDO NA CASA DO REI CONGO E REI PERPÉTUO ATE A IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO.
RESPONSÁVEL PELO ESTADO: MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.

DIA 19/08/2016: SAINDO DA CASA DA RAINHA CONGA E ENCONTRANDO COM A RAINHA PERPÉTUA SEGUINDO ATE A IGREJA MATRIZ. **MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE;**

DIA 19/08/2016: SAINDO DA CASA DA RAINHA PERPÉTUA E ENCONTRANDO COM O ESTADO DA RAINHA CONGA. **MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.**

DIA 20/08/2016: PROCISSÃO SAINDO DA PARÓQUIA SÃO JOÃO BOSCO COM PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS REIS FESTEIROS QUE VÃO PEGAR COROAS ESTE ANO, PARA A IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO.
RESPONSÁVEL PELO ESTADO: MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.

DIA 20/08/2016: SAINDO DA CASA DA RAINHA CONGA E ENCONTRANDO COM O ESTADO PRINCIPAL, AO MESMO TEMPO SAINDO DA CASA DA RAINHA PERPÉTUA COM CONGADAS, ENCONTRANDO TAMBÉM COM O ESTADO PRINCIPAL. **MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.**

DIA 20/08/2016: SAINDO DA CASA DO REI CONGO, PASSANDO NA CASA DO REI PERPÉTUO, E ENCONTRANDO COM O ESTADO PRINCIPAL. **MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.**

DIA 21/08/2016: MISSA DE ENCERRAMENTO DA FESTA NA PARÓQUIA SÃO JOSÉ, CENTRO SOCIAL SÃO LUCAS, SEGUINDO COM AS IMAGENS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, SÃO BENEDITO E SANTA EFIGÊNIA, ATE O SANTUARIO PARA O DESCIMENTO DOS MASTROS, SEGUINDO DE PROCISSÃO ATÉ A IGREJA MATRIZ DE SANTO ANTÔNIO, PARA O ENCERRAMENTO DA FESTA.
RESPONSÁVEL PELO ESTADO: MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.

**Conceição Aparecida Santos Silva (Nena).
Presidente.**



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte - MG.

FESTA DE REINADO 2016.

Quinta-feira dia 18 de agosto de 2016.

Procissões das Imagens.

Nossa Senhora do Rosário.

Saindo da casa do Emerson Loro.

Rua: Otaviano José Lacerda 81. Bairro Mangabeiras
 Saída as 17:30 horas. (visitas antes da Procissão).

Santa Efigênia.

Saindo da Casa do Dinho e Nena.

Rua José Maria Tavares 231. Bairro Mangabeiras.
 Saída as 17:00 horas. (visitas antes da Procissão)

São Benedito.

Saindo da Casa do Dinho e Nena.

Rua José Maria Tavares 231. Bairro Mangabeiras.
 Saída as 17:00 horas. (visitas antes da Procissão)

Conceição Aparecida Santos Silva. (Nena)
 Presidente



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
CNPJ: 19.208.859/0001-19

Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967

Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
Santo Antônio do Monte - MG.

SALVE MARIA!

Reis e Rainhas Congo e Perpétuo.
LOCAL DE VISITAS. (Endereços para as visitas aos Reis.)

REI PERPÉTUO: Paulo Roberto Ant. Costa.

Rua João Rodrigues dos Santos, 35. Senhora Fátima.

RAINHA PERPÉTUA: Ana Flávia Mesquita Oliveira. Rua José Mateus dos Santos, 38. Bairro Monsenhor Otaviano. (Perto do Galpão do Reinado).

REI CONGO: José Eustáquio.

Rua Paraná, 22. Bairro Nossa Senhora de Fátima.

RAINHA CONGA: Maria Geralda da Silva.

Rua Agostinho Martins Borges. Atrás do Posto Foguetão.

Conceição Aparecida Santos Silva
Presidente.



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
CNPJ: 19.208.859/0001-19

Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967

Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
Santo Antônio do Monte-MG.

FESTA DE REINADO 2016.

ESCALA DE HORÁRIOS DO ALMOÇO – DIA 18/08/2016. QUINTA FEIRA =
PRIMEIRO DIA DA FESTA.

11:00 HORAS:

CONGADA LUIZ CAROLINA
CONGADA SOLDADOS DE MARIA
CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

11:40 HORAS:

CONGADA DO NEGÓ.
CONGADA DO PEDRINHO
CONGADA ROSÁRIO DE MARIA.

12:20 HORAS:

CONGADA DO PONTENELLI.
CONGADA JOSÉ ALEXANDRE.
MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.

13:00 HORAS:

CONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
CONGADA VIDAL.
CONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.
CONGADA VILÃO.

13:40 HORAS:

CONGADA FILHAS DE MARIA.
CONGADA SANTA EFIGÊNIA.
CONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.
MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.

14:20 HORAS:



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte - MG.

FESTA DE REINADO 2016.

ESCALA DE HORÁRIOS DO ALMOÇO – DIA 19/08/2016. SEXTA-FEIRA =
 SEGUNDO DIA DA FESTA.

11:00 HORAS:

CONGADA SOLDADOS DE MARIA
 CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.
 CONGADA FILHAS DE MARIA.

11:40 HORAS:

CONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.
 CONGADA LUIZ CAROLINA
 CONGADA JOSÉ ALEXANDRE.

12:20 HORAS:

CONGADA VIDAL.
 CONGADA DO VILÃO.
 MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.
 CONGADA DO PEÃO.

13:00 HORAS:

CONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
 MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.
 CONGADA DO NEGO.
 CONGADA ROSÁRIO DE MARIA.

13:40 HORAS:

CONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.
 CONGADA SANTA EFIGÊNIA.
 CONGADA DO PONTENELLI.
 CONGADA DO PEDRINHO

14:20 HORAS:



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte - MG.

FESTA DE REINADO 2016.

ESCALA DE HORÁRIOS DO JANTAR – DIA 19/08/2016. SEXTA-FEIRA=
 SEGUNDO DIA DA FESTA.

19:00 HORAS:

CONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.
 MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.
 CONGADA LUIZ CAROLINA.

19:40 HORAS:

CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.
 CONGADA FILHAS DE MARIA.
 CONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.
 CONGADA DO PONTENELLI.

20:20 HORAS:

CONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
 CONGADA DO VILÃO.
 CONGADA DO PEDRINHO
 CONGADA ROSÁRIO DE MARIA.

21:00 HORAS:

CONGADA DO NEGO.
 CONGADA SOLDADOS DE MARIA
 CONGADA JOSÉ ALEXANDRE.
 MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.

21:40 HORAS:

CONGADA VIDAL.
 MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.
 CONGADA SANTA EFIGÊNIA.
 CONGADA DO PEÃO.

22:20 HORAS:



Congado de Imenidade das Devotas de Nossa Senhora do Rosário
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Vitorino - 177 - Bairro: Mucambo (Maricá)
 Telefones: (17) 3281-9538/3984-1967
 Paróquias Santa Antônia, São José e São João Bosco,
 Santo Antônio do Monte - RJ.

FESTA DE REINADO 2016

ESCALA DE HORÁRIOS DO ALMOÇO – DIA 20/08/2016. SABADO=
TERCEIRO DIA DA FESTA.

1:00 HORAS:

ONGADA FILHAS DE MARIA.
 ONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.
 ONGADA SANTA EFIGÊNIA.

1:30 HORAS:

ONGADA LUIZ CAROLINA
 ONGADA SOLDADOS DE MARIA
 ONGADA DO VILÃO.

2:00 HORAS:

ONGADA DA TEREZA.
 OÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.
 ONGADA JOSÉ ALEXANDRE.

2:30 HORAS:

ONGADA DO NEGO.
 ONGADA ROSÁRIO DE MARIA.
 ONGADA DO PEDRINHO
 ONGADA DO PEÃO.

3:00 HORAS:

ONGADA DO PONTENELLI.
 ONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
 ONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

3:30 HORAS:

OÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.
 ONGADA VIDAL.
 OÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.
 ONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte -MG.

FESTA DE REINADO 2016.

ESCALA DE HORÁRIOS DO JANTAR – DIA 20/08/2016. SABADO=
 TERCEIRO DIA DA FESTA.

19:00 HORAS:

CONGADA SOLDADOS DE MARIA
 CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.
 CONGADA DO PEÃO.

19:40 HORAS:

CONGADA VIDAL.
 CONGADA SANTA EFIGÊNIA.
 CONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.

20:20 HORAS:

MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.
 CONGADA ROSÁRIO DE MARIA.
 CONGADA DA TEREZA.

21:00 HORAS:

CONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
 CONGADA DO PEDRINHO
 CONGADA JOSÉ ALEXANDRE.
 MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.

21:40 HORAS:

CONGADA DO NEGO.
 CONGADA DO PONTENELLI.
 MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.
 CONGADA FILHAS DE MARIA.

22:20 HORAS:

CONGADA LUIZ CAROLINA.
 CONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.
 CONGADA DO VILÃO.



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
CNPJ: 19.208.859/0001-19

Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
Telefones: (37) 3281-3536/9984-1967

Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
Santo Antônio do Monte - MG.

FESTA DE REINADO 2016.

ESCALA DE HORÁRIOS DO ALMOÇO – DIA 21/08/2016. DOMINGO=
ULTIMO DIA DA FESTA.

11:00 HORAS:

- CONGADA JOSÉ ALEXANDRE.
- CONGADA MENINAS DO ROSÁRIO.
- CONGADA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.

11:40 HORAS:

- CONGADA LUIZ CAROLINA.
- CONGADA DO PEDRINHO.
- CONGADA JOSUÉ ALEXANDRE.

12:20 HORAS:

- CONGADA VILÃO.
- CONGADA SANTA EFIGÊNIA.
- MOÇAMBIQUE MESSIAS ALEXANDRE.

13:00 HORAS:

- CONGADA VIDAL.
- MOÇAMBIQUE SÃO BENEDITO.
- CONGADA CONGADEIROS DE MARIA.
- CONGADA DO NEGO.

13:40 HORAS:

- CONGADA FILHAS DE MARIA.
- CONGADA DO PEÃO.
- CONGADA ROSÁRIO DE MARIA.
- CONGADA SOLDADOS DE MARIA.

14:20 HORAS:

- MOÇAMBIQUE OTAVIANO PIRIÁ.
- CONGADA DA TEREZA.
- CONGADA DO PONTENELLI.
- CONGADA DO SATIRO.

ANEXO B – Portaria nº 1 (Ato normativo) da Festa de Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Santo Antônio do Monte

3

Santo Antônio do Monte, 13 de Junho 1961
 Portaria nº 1

A mandado de Nossa Senhora do Rosário Com seus membros tem a satisfação de avisar a Todos os interessados a fazer ciente o teor seguinte

Portaria nº 1

Tela presente portaria não por mim assinada orando ao Major Geral que cumpra e faça as suas determinações como nela se declara

- 1º Todos os Capitães de Cortes deverão comparecer com seus soldados as missas no dia da festa
- 2º Fica expressamente proibido a Todos Cortes que de Congada, que de massambique fazer visitas particulares nos dias de festa, podendo intertante ^{interferir} nas missas e acionamento do mastro ^{de decisão} este.
- 3º Para o bom andamento dos serviços do Reinado, sea sustetuido o seguinte horario que sera observado rigorosamente.
 O almoço devera comecar 9 horas e o jantar as 6 horas.
- 4º Todos devera chegar impreterivelmente a Igreja as 2 horas da tarde sendo punido o Congador de qualquer atraso.
- 5º Para bem da disciplina do Reinado fica limitado o numero 30 homens para cada Corte, sendo proibido o ingresso nos membros de Evangelos de menos 16 anos de idade.
- 6º Para não atrasar as refeições fica proibido a Capitães ou outra qualquer autoridade, sem participar relacionados a mesa
 Cumpra e faça cumprir fielmente

Continuado

Tive obrigado todo estado, causar e
cumprir em respeito da festa.

Francisco Benedito dos Santos
Achimot de Oliveira
Miguel de Almeida

~~Thomaz Felício Barros~~

Sebastião Luiz da Silva

Francisco Angelica

Por José Flávio dos Santos Rafael Braga

João Regenera Gontijo

Cláudio Guo

ANEXO C – Regimento Interno do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte - MG.

REGIMENTO INTERNO.

ART 1º- Para a criação de uma nova Congada e filia-la á Irmandade, o requerente deverá oficializar com um documento a Diretoria da Entidade; constando neste documento o nome da nova Congada, o nome do Capitão responsável pela mesma e também à Diretoria formada.

§ PRIMEIRO- O requerimento será avaliado pela Diretoria e pela Equipe de coordenação dos trabalhos das Festas, e depois de aprovado por todos, o Presidente, Capitão-Mor e os Gerais da Entidade, darão a autorização por escrito para a criação da Congada.

§ SEGUNDO- A Congada recém-criada terá que participar de todas as atividades que a Irmandade promover, e por um período de 02 anos passará por uma avaliação da Diretoria e da Equipe de coordenação dos trabalhos das Festas, para depois ser definitivamente efetivada na Entidade.

§ TERCEIRO- As Congadas recém-criadas deverão ter no máximo 60 dançarinos, e deverão obedecer as determinações da Diretoria executiva e da Equipe de coordenação dos trabalhos das Festas, no decorrer das Festividades realizadas pela Irmandade.

§ QUARTO- Para as Congadas já filiadas na Irmandade ficará limitado o número de no máximo 80 dançarinos para cada grupo, facilitando assim o trabalho de todos.

ART 2º- Todas as Congadas filiadas a Irmandade deverão anualmente atualizar o seus cadastros de dançarinos, constando neste cadastro a Diretoria constituída da Congada, sendo que uma cópia deste cadastro deverá ser entregue na Entidade no máximo até o dia do Levantamento dos Mastros, para arquivamento da mesma.

ART 3º- Toda Congada que for convidada a estar participando de Festas em outras localidades, deverão comunicar ao Presidente ou a Secretária da Irmandade, para que seja providenciado guia de autorização para o cumprimento do seu compromisso.

ART 4º- Quando convocadas pela Diretoria da Irmandade, as Congadas deverão comparecer aos eventos assumidos e organizados por ela, ou a convite de outras Irmandades ou Paróquias.

ART 5º- A Congada que por ventura deixar de participar das festividades realizadas pela Irmandade durante um ano, estará automaticamente suspensa da Festa, salvo por uma justificativa aceitável.



Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário.
 CNPJ: 19.208.859/0001-19
 Praça Dom Viçoso- 127- Bairro: Monsenhor Otaviano.
 Paróquias Santo Antônio, São José e São João Bosco.
 Santo Antônio do Monte - MG.

ART 6º- Todas as Congadas tem que cumprir fielmente suas obrigações com a Irmandade nos dias de Festas, deverão visitar os Reis Festeiros, os Reis e Rainhas Congos e Perpétuos, os Mordomos das Bandeiras e tomar somente os cafés previamente agendados pela diretoria.

ART 7º- Os horários das suas refeições deverão ser observados com atenção, para que você não seja prejudicado e nem prejudique outra Congada. Lembrem-se, os almoços começam a serem servidos as 11:00 horas, e o jantar as 19:00 horas.

ART 8º- Durante os dias de Festas; os Reis Festeiros, Reis e Rainhas Congos e Perpétuos, e Congadas deverão comparecer nos locais e horários preestabelecidos pela Irmandade, para a saída das procissões em direção a Igreja Matriz de Santo Antônio, para a entrega das Coroas.

ART 9º- O Desrespeito com o próximo, desacato com as normas da Irmandade e o não cumprimento das tarefas repassadas, seja pelas Congadas ou por qualquer membro da Entidade, implicará em penalidades para o autor ou a Congada em questão, conforme a gravidade da falta cometida, e a juízo da Diretoria poderá haver suspensão da Festa por no mínimo um ano.

ART 10º- Todos os membros da Diretoria executiva, Equipe de coordenação dos trabalhos das Festas, Conselho Fiscal, Conselheiros, Capitães de Congadas e Congadeiros, são voluntários da Irmandade do Rosário, como também aquelas pessoas envolvidas nos eventos organizados pela entidade, e não tem direito a remuneração, vantagens ou benefícios, direta ou indiretamente por qualquer forma ou título, em razão das competências, funções ou atividades que lhe sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos.

ART 11º- A Irmandade do Rosário poderá também organizar o trabalho voluntário de não associados, para o atendimento de suas finalidades institucionais.

ART 12º- O presente Regimento Interno reformulado e aprovado pela Irmandade entrará em vigor a partir desta data, e revoga as disposições em contrário.

Santo Antônio do Monte, 23 de março de 2017.

Conceição Aparecida Santos Silva.
 Presidente.

ANEXO E - Programação da Festa de Reinado em Araújos 2018



Luca Santos

CENTRO DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES

Auto Moto Escola
Fone: 3288-2143

**RODRIGO
da Aninha**
(37) 99143-4238

Dra. Rose Oliveira Damasceno
Cirurgia Dentista
CRO MG - 38331

A festa de Reinado está em vários estados do nosso país. O ciclo do Rosário vai de agosto até o início de outubro, embora em muitos lugares a festa aconteça em outros meses.

A dança é uma linguagem corporal e para o dançador é a via de comunicação e integração com o seu criador, Céu e Terra. O dançador reza dançando e cantando.

As lendas de Nossa Senhora do Rosário são várias e a mensagem, evidente, na minha opinião, é que a Virgem do Rosário aceitou os dançadores com eles são: com sua maneira de orar, dançando, cantando, tocando tambor sem mudar o modo de manifestar sua fé.

Para os dançadores a festa é um momento sublime, sagrado, de fé. Fé na Mãe do Rosário, Fé neles mesmo, na capacidade de resistir, ir em frente, não desfalecer ante as dificuldades.

Texto: Alci Maria Duarte



PRODUTOS
Rainha
PRODUTOS CARACOL



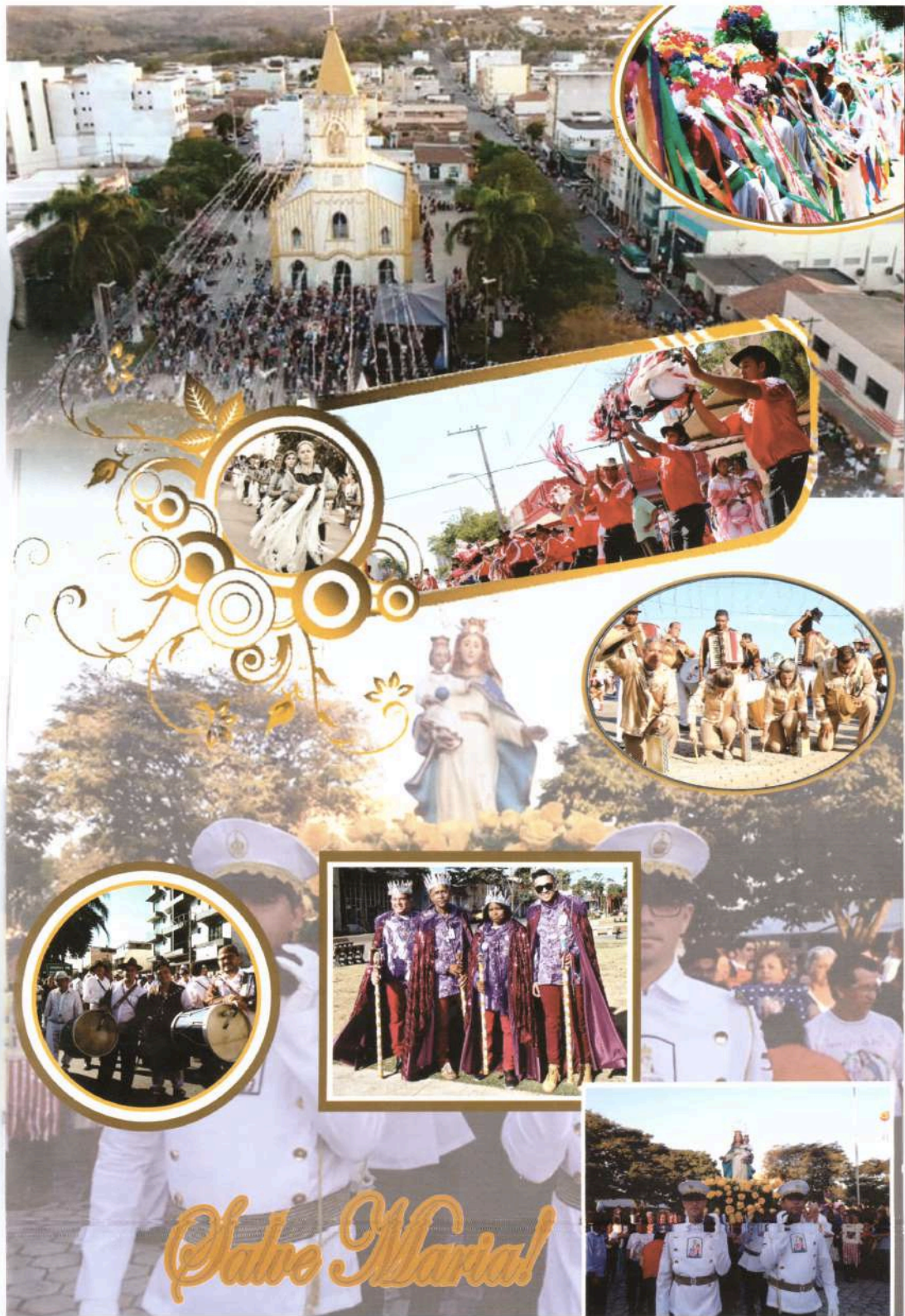
(37) 3288-1331

Preto Véio
(José Antônio)
(37)99991-6670



Pelos e Patas
PET SHOP

Tel: (37) 3288-1823



FESTA DE REINADO EM ARAÚJOS

Em Jesus, com Nossa Senhora do Rosário, restauramos a Vida!!!

Programação

Tríduo em Preparação para a grande Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário

Dias: 22, 23, 24 de agosto - Igreja Nossa Senhora do Rosário

Dia 22 - quarta-feira: 19h, Celebração da Santa Missa e Oração do Tríduo, presidida por Pe. Geraldo Gabriel da Paróquia Santo Antônio, cidade de Para de Minas.

Dia 23 - quinta-feira: 19h, Celebração da Santa Missa e Oração do Tríduo, presidida por Pe. José Martinho Pereira da Paróquia São Sebastião, cidade de Araújos.

Dia 24 - sexta-feira: 19h, Celebração da Santa Missa e Oração do Tríduo, presidida por Pe. José Martinho Pereira da Paróquia São Sebastião, cidade de Araújos. Logo após a missa sairemos em procissão conduzindo o andor de Nossa Senhora do Rosário para Matriz São Sebastião.

Sábado: dia 25 de agosto

Maria, ao ouvir a voz do Anjo Gabriel, vós dispuseste em tudo a cumprir a vontade de Deus. Nos ajude Maria, a ser como exemplo seu em nossa caminhada!!

07h- Alvorada festiva com queima de fogos em honra a Nossa Senhora do Rosário.

08h- Formação das Congadas.

12h- Almoço oferecido as Congadas pelos Festeiros;
 Maria Aparecida da Paz e Família
 Enéas Viana
 Beatriz Elias Campos e Luciano Beirigo
 Ari Lucas Vaz Melo Lacerda
 Wesley Gonçalves da Silva e Janaina Aparecida Ferreira Gonçalves
 Renato Cabral Mesquita e Cristiane Maria dos Santos Mesquita

17h- Celebração da Santa Missa na Igreja Matriz São Sebastião, presidida por Pe. João Paulo Mesquita Ferreira, da Paróquia Santo Antônio, Diocese de Luz, cidade Arcos, com a presença de todas as Congadas e Festeiros.

19h- Jantar oferecido as Congadas pelos Festeiros;
 Maria Márcia Bento e Antônio Bento
 Carmen Auta de Oliveira e Família
 Vítor Libério Martins Silva
 Ana Paula da Conceição Santos Silva e
 Rogério Adriano da Silva
 Renato Agostinho das Chagas
 Vandeir Manoel Felício e Leandro Martins Felício



Domingo: dia 26 de agosto

***“Não, não basta ter inspiração. Não basta fazer uma linda canção.
Pra cantar e dançar é preciso muito mais!”***

07h30min - Celebração da Santa Missa na Igreja Matriz São Sebastião, presidida por Pe. José Martinho Pereira, da Paróquia São Sebastião.

09h- Recepção e credenciamento das Congadas das cidades vizinhas na Praça da Matriz.

12h- Almoço oferecido às Congadas pelos Festeiros;

Felipe de Oliveira Nunes e Família, Expedito Joaquim Nunes e Família, Rosa Maria Rodrigues Ribeiro e Geraldo Henrique Rodrigues, Tânia Maria Ferreira e Batista Lucas, Márcio Antônio Martins e Raquel Ferreira da Costa Martins, Leandro Percília Santos, Maria das Graças Israel Viana e Maria Júlia Israel Viana, Raimundo Alonzo da Silva Neto e Rivia Márcia Ferreira, Moacir Cândido Duarte e Marli Rabelo Duarte (Bom Despacho), Lorenzo Fillipe Rodrigues Santo, Euzébio Calixto dos Santos e Taise Aparecida Rodrigues Ferreira, Tiago Alexandre Resende Gomes e Amanda Cistina de Freitas Gomes, Suelma Cristina Resende e Sulimar Aparecida Resende, Maria Cristina Nunes Santos, Gilcélvio José dos Santos e Luana Aparecida Nunes Martins, Iris Maria Amaral Cabral e João Cabral, Mirta Vidal Nunes e Nilson Nunes, Geralda Vitória dos Santos, Marta Maria da Silva e Leri Ribeiro, Carlos Eduardo de Melo e Leila Vieira de Aquino Melo (Patos de Minas), Flávia Cristina Araújo Silva e Maria Ângela Ferreira Gonçalves, Lucas Libério Pereira Silva (Ridan e Bebel), Paulo Sérgio, Luana Luiza e Antônio Marcos (Família Sousa), Maria José Duarte Silva, Olinta Rodrigues dos Santos, Alaide Silva (in memoriam), Pedro José de Araujo, Maria de Lourdes Resende de Freitas (Pará de Minas).

15h30min- Organização dos estados para a Entrega das Coroas dos Festeiros de 2019. Encontro dos Festeiros no Salão Vicentino, em seguida procissão para Praça da Matriz.

17h- Trasladação das Coroas, momento culminante na Praça da Matriz, grande encontro de todas as Congadas, visitantes, Festeiros, Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas.

Em seguida Celebração da Santa Missa, presidida Pe. Antônio Carlos Couto e Concelebrada por Pe. José Martinho Pereira.

19h- Jantar oferecido às Congadas pelos Festeiros;

Maria Aparecida da Paz e José Francisco da Paz, Irani Maia e Família, Alice Maria da Silva, Márcia Aparecida Martins, Ideal de Paula Silva e Família, Pedro Henrique Andrade de Aguiar, Carla Bandeira Barros, Francisco Adailton Guimarães e Raquel Ferreira de Melo Guimarães, Ana Paula da Costa Rodrigues, Odair Gonçalves e Marli Helena da Silva Gonçalves, Sabrina Lara Ferreira Resende e Anna Lara Ferreira Resende, Maria Cristina Martins, André Guimarães e Maila Amaral Teles Gontijo Guimarães, Antônio Salvador da Silva e Ronara Cristina Alves Silva, Humberto Geraldo das Chagas e Nilce Percília Cardoso Silva Chagas, Marta Maria da Silva e Família, Daniel Geraldo de Sousa e Luciana da Costa Ferreira, Mariana Aparecida Ferreira Oliveira, Maria Aparecida da Silva, Ana Carolina de Souza (Janaina).



SICOOB

Credibom



Segunda-feira: dia 27 de agosto

Encerramento da Nossa Festa

09h- Momento de oração; convidamos a todos para rezar o Terço na Matriz São Sebastião. Vamos unir neste momento, pedindo a Nossa Senhora que nos abençoe dando a todos muita paz e saúde.

Tema: *Maria, vós que acolhestes santamente o Filho de Deus em vosso seio materno, confirmai-nos na vivência da fé e no compromisso fraterno.*

Responsável: Terço dos Homens da Paróquia São Sebastião de Araújos.

12h- Almoço oferecido as Congadas pelos Festeiros;
Alexandre Miguel da Costa, Elisângela Aparecida de Oliveira Costa e Miguel Ângelo Oliveira da Costa, Divino Arcísio Lucas e Arlene Aparecida Lucas, Clécio Deleon Duarte e Maria da Conceição Silva, Júlio Maria da Silva e Maria Zélia Bento da Silva, Marcos Vinícius Bento da Silva e Rafaela Alves dos Santos.

16h- Encontro dos Festeiros no Salão Vicentino em seguida procissão com Imagem de Nossa Senhora do Rosário, Festeiros da Bandeira, Cortes e Fiéis para Praça da Matriz.

Celebração da Santa Missa de encerramento, Presidida por Pe. Amarildo José de Melo da Paróquia de São Joaquim de Bicas e Pe. José Martinho Pereira da Paróquia São Sebastião.

Descimento das Bandeiras e entrega para Festeiros de 2019.

19h- Jantar oferecido as cortes pelos Festeiros;
Rafael José da Silva e Sirlene Pereira Soares
Marlene de Fátima da Silva e Izalci Antônio



Av. Belo Horizonte, 1595
Centro - Araújos - MG

(37) 3288-1262

<p>PÃOZÍSSIMO (37) 3288-1098 R. Bom Despacho, 1.626 - Centro - Araújos/MG</p> <p>KI-PÃO (37) 3288-1098 Av. Brasil, 1.250 - Centro - Araújos/MG</p>	<p>SANARJ Concessionária de Saneamento Básico Ltda</p>	<p>BAR DO NELSON O BAR DA TRADIÇÃO É AQUI O MELHOR TORRESMO! (37) 99115-7890</p> 
<p> NOVA UNIÃO INDÚSTRIA DE ALIMENTOS LTDA</p>	<p> Trevo Veículos Qualidade e Satisfação</p>	<p> LANCHONETE DA VANDA</p>

Agradecimentos:

A Paróquia São Sebastião, ao Padre José Martinho Pereira, aos Padres visitantes, os Festeiros, os Capitães, os Dançadores, a Prefeitura Municipal, a Polícia Militar, a Polícia Civil, a Câmara de Vereadores, as Indústrias Patrocinadoras, o Comércio de Araújos, os Devotos Anônimos, e a todos os participantes desta grande Festa de Cultura Popular em Devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Homenagem póstuma a todos os companheiros que já partiram desta vida, em agradecimentos pelos trabalhos prestados à Irmandade Nossa Senhora do Rosário.

- + José Osvaldo dos Santos
- + Francisco de Paula Couto
- + Alvaír Aparecido dos Santos
- + José Afonso Cabral
- + Severo Avelino



PREFEITURA ARAÚJOS



POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS
Nossa profissão, sua vida.

Realização
Paróquia São Sebastião
Pe. José Martinho Pereira
Irmandade Nossa S^a. do Rosário de Araújos
Apoio-Prefeitura Municipal de Araújos

<p>mix Kids / Teen / Adulto (37) 3288-1990 Av. 1^o de Janeiro 1578 - Centro - Araújos/MG</p>	<p>GUINHO (37) 99969-4478</p>	<p>Kiosque Bar "Fazemos o melhor pensando em você". (37) 99912-1538 99193-1539</p>
<p> Com você em todos os momentos! Av. Brasil, 1088 - Centro - Araújos - MG (37) 3288-2011 aquarelapapelaria@gmail.com</p>	<p>Elithi Calçados Araújos - MG</p>	<p>Sacolas Rodrigues  (37) 99824-9661 / 98822-2623</p>

ANEXO F – Primeiro Estatuto do Congado da Irmandade dos Devotos de Nossa Senhora do Rosário – Santo Antônio do Monte

ata da Reunião Extraordi-
nária da Festa de N. S. do Rosário

Atos vinte e um dias do mês de julho de 1974,
reuniu-se toda a Junta, capitães de todos os
cortes e grande número de brincadores da fe-
sta do rosário de N. S. do Rosário, para tratar-se
de assuntos de competência da Junta. Pelo
Sr. Presidente Aguiar Faria de Oliveira, foi
aberto a sessão com uma bela oração a mãe
de Zacarias. Iniciados os trabalhos, com a apre-
sentação de um estatuto, que depois de lido e
aceite, foi assinado pela Junta e todos os
capitães. O referido estatuto estabelece os seguin-
tes atos que terá de ser cumprido a partir, como
se segue:

- 1º) - Será vedado firmemente a todos os com-
ponentes de cortes fechados, a se transferir pa-
ra outros cortes, sem autorização por escrito
do capitão de corte a que pertence;
- 2º) - Que o número de brincadores de cada corte não
seja superior ao nº de 33, sendo o máximo per-
mitido;
- 3º) - O horário estabelecido para início dos cortes
brincarem foi as 8:00hs, cabendo a punição
de 1 (um) dia a quem que desobedecer o horário
pre-fixado;
- 4º) - Ficou também definitivamente vedado aos
capitães de todos os cortes que participa-
rem de nossa festa, a inclusão de moças
em suas filarias na qualidades de brin-
cadoras, mesmo com o propósito de pagar

promessas, haja visto o regulamento não per-
mitir sob qualquer pretexto, o qual não ha-
verá justificativa para o não cumprimento
do que se estabelece.

Os senhores capitães tomaram conhecimento
do teor dos assuntos aqui tratados, como
também, que com os capitães são responsá-
veis quanto ao uso desagravado e em exes-
so de bebidas alcoólicas, serradas e absurdas
pelos seus brancos; pois a embriaguez dos
componentes dos cortes mercaria rigorosa
particular imposta pela diretoria, que a apli-
cari dentro dos moldes que o caso estiver su-
jeito podendo atingir limites não previstos.

Foram distribuídas 225 corças pequenas, 6
grandes, 1 corça n.º de honra; e 200 de
prata especial, e mais 17 vayas simples.

Aguarda Fel Ferreira Afonso.

Para o senhor de honra

José Maria de Oliveira

Sei Rosa da Silva

Para o senhor de honra

Alquimedes Cruz de Almeida

José Maria de Sousa

Teófilo Lopes